This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

MEMORIAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÕES DE MINHAS VIAGENS

POR

JOSEPHINA NEUVILLE

DEDICADAS A MINHAS FILHAS

OFFERECIDAS A***

Charité envers les autres;
Dignité envers soi-même;
Sincérité devant Dieu.

Telle est l'epigraphe du livre que j'entreprends.

GEORGE SAND

VOLUME II.

19

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO PANORAMA
TRAVESSA DA VICTORIA, 73

1864

M.Y.

Digitized by Google

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
256484A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1926 L

Digitized by Google

CAPITULO I

Sr. J. L. Lassence—Sr. Alfredo Martin mettido n'um hospital de doidos—Rilhafolles—Sr. Lassence parte—Sr. Martin volta para casa—M.me Levaillant está doente—Duas lagrimas por ultima despedida—Presentimento—Um relogio parado—Ultimo passeio—Henrique está doente—Ultimas palavras de um adeus eterno—Fatal relogio—Morreu!

Estava Henrique na ilha da Madeira, e minha tia sabendo que o soffrimento d'essa ausencia me fazia quasi phthysica, mirrando-me a dôr de tal separação, que talvez me teria arrastado ao tumulo, n'este momento de tanto desespero para mim, ao qual se juntavam os embaraços para fazer as despezas da casa, porque cheguei a vender cada semana uma joia; foi n'essa epoca de afflicção e angustia que minha tia mandou a minha casa o sr.*** que me disse querer comprar um lindo relogio de esmalte que eu tinha comprado ao sr. Seixas na rua do Ouro. Este cavalheiro combinou comigo a compra d'esse relogio por nove libras, dando-me tres de signal, e dizendo que no dia seguinte me mandaria as outras seis. Até hoje!!

Seriam essas seis libras entregues a minha tia para me serem remettidas?

Não creio.

Seria esquecimento da parte do sr.***?

Não penso tal.

Seria abuso de algum criado?

Não.

Não julgo senão que a pessoa que foi portadora

Digitized by Google

d'essa quantia a perdeu, e não tinha meio de a poder restituir.

Sei, porém, que infames accusações teem sido levantadas a esse respeito. Mas eu que aprendi no *Sacré-Coeur* a verdadeira religião, perdôo, e esqueço-me, não podendo todavia deixar de notar que ha homens que se não pejam de levar as mais infames acções ao mais alto grau de aviltamento.

Pois eu escrevendo ao sr. *** para pedir o resto de esse dinheiro, escrevendo-lhe com a maior delicadeza como se fosse um obsequio que me fazia e não o dever, serviram essas mesmas cartas para se mostrarem aos amigos com miseravel orgulho, por que dizia:

—Ella é tanto minha, que me manda pedir dinheiro.

Ha procedimentos tão baixos e tão repugnantes, que por isso mesmo escapam a toda a critica, e merecem o mais profundo desprezo

Se eu tivesse ao meu lado um irmão, e que esse fosse um homem de brio e sentimentos, seguramente me saberia fazer respeitar.

Mas Deus recusou-me essa felicidade, e por tanto, não posso a qualquer calumnia e maledicencia senão dar o meu perdão, levantar os hombros com dó d'esses pequenos espiritos, e erguer a fronte, embora me custem essas calumnias o peso da cruz.

. . . . . .

. . . . . .

Um dia disse-nos M.me Levaillant, que estando a chegar seu irmão, ella se via obrigada durante a sua persistencia em Lisboa a mandar o sr. Martin para fora de casa, porque sendo o sr. Lassence muito scismatico, podia a presença de um homem que soffria fazer-lhe mal.

Que desculpa!!

Como se n'aquella casa com dois andares não houvesse um quarto retirado.

Digitized by Google

Enfim, com este pretexto pediu-nos para acompanharmos com ella, no dia seguinte, o sr. Alfredo Martin para Rilhafolles.

Um homem que soffria, e que tinha uma negra melancolia conduzido para um hospital de doidos!!

As ultimas palavras acertadas que elle disse, foi fazendo esforços para o não tirarem do trem:

—Josephina, Henrique, exclamava; que ambos sabem tudo, sejam testemunhas.

—E' uma barbaridade trazer este homem para um hospital de doidos; disse Henrique para M.me Levaillant.

—Se meu irmão o achasse em casa, seria capaz de tudo, respondia aquella creatura desalmada; mas eu farei com que o sr. Martin volte para casa, assim que o sr. Lassence partir para Paris, dizia ella enxugando duas fingidas lagrimas.

Tudo n'este mundo é movido por um interesse qualquer: amor com interesse d'amor; amizade com interesse d'amizade; ambição com interesse d'ambição.

O sr. Lassence não gostava do sr. Martin, porque receiava que elle estorvasse os seus interesses fraternaes.

M.me Levaillant podia ser duas ou tres vezes milionaria; e o que tem ella? Não sei. Toda a vida tem sido escrava, para remetter tudo a seu irmão. E este como bom irmão tem sabido bem desfrutar.

M.me Levaillant tem sido uma boa *California* para o sr. J. L. Lassence Com essa mina elle dá fabulosos dotes a suas filhas, e ás suas *maitresses!* oh! isso é que é fabuloso!!! não fallo das *institutrices*!!! isso passava dos contos das mil e uma noites.

Se eu tivesse paciencia sufficiente, muitas comedias podia escrever servindo me da originalidade d'este *pequeno sultão;* mas não tenho paciencia, e estas minhas memorias escrevo-as para minhas filhas poderem aprender a resignação e a confiança que sempre se deve ter

Digitized by Google

em quem nunca desampara nem abandona quem verdadeiramente n'elle tem esperança.

O pobre sr. Martin debatia-se, chorava, e até se deitou aos pés de M.me Levaillant para o não deixar ficar n'aquella prisão (como elle chamava a Rilhafolles). Mas nem peditorios nem lagrimas poderam mover aquelle coração, que toda a sua vida tem sido de marmore.

Os enfermeiros tomaram os choros e os gritos da desesperação por verdadeira loucura, e trouxeram a camisó'lá de força

O pobre sr. Martin ergueu-se! a victima conheceu que o sacrificio devia concluir-se, e resignou-se!

Quantas victimas terão entrado em Rilhafolles, como o sr. Alfredo Martin, e quantas não estarão agora furiosas rolando sobre palha?!!!

Leva-se uma pessoa, que estorva a ambição, para este hospital. Os que a não conhecem tomam o desespero d'um soffrimento por doidice; e quando a querem fazer sair, uma completa loucura lh'o não permitte.

O veneno conhece se. O silencio do hospital compra-se.

Oh! atrocidade infame! n'um momento de desesperação exaltada pode commetter-se um crime, e por essa allucinação pode haver perdão. Mas um calculo de sangue frio, um calculo para desorganisar uma obra que Deus fez completa, não pode tão negro crime obter perdão nem na terra, nem no ceo.

Cinco dias depois do sr. Martin ter entrado em Rilhafolles, Henrique e eu fomos visital-o, mas elle então já não nos conhecia!

O governo d'este paiz devia vigiar e ser rigoroso com os abusos que se commettem n'aquelle estabelecimento. Que de mysterios se encontram ali!!... a torpe ambição faz commetter todos os crimes; e o oiro compra o silencio.

Durante a persistencia de Mr. Lassence em Lisboa, não fui a casa de M.me Levaillant.

Digitized by Google

Um dia mandou-me ella dizer por um dos seus caixeiros, que Mr. Lassence me havia de castigar.

Castigar de que? ! Não era o abandono em que minha familia me havia posto que me obrigara a acceitar a protecção que Deus me concedia? E de mais, esse homem eu amava-o, e a isto não podia haver replica.

Não temi os castigos do meu tio, e muito menos as suas ameaças. Para eu estar forte, bastava lembrar-me Paris, a casa de Mr. Lassence, e a celebre phantasma que lá me appareceu!...

N'esse tempo eu era uma creança; em Lisboa tudo estava mudado, e se a phantasma me apparecesse, não havia senão fazer-me rir de desprezo.

Um homem nunca gosta de cair no ridiculo, por isso estava certa que o *croquemitaine* Lassence não me havia de apparecer.

Henrique sabia essa historia da phantasma, por isso rindo-se disse ao caixeiro:

—Se Mr. Lassence pozer cá os pés, eu lhe farei uma explendida recepção.

Parece que isto foi tão bem repetido, que a phantasma não se dignou apparecer em formas de papão.

Quando Mr. Lassence partiu para França, M.me Levaillant mandou-nos pedir que fossemos a sua casa. Nós não desejavamos ir mais visitar M.me Levaillant, apezar das comedias e scenas burlescas que diariamente ali se passavam; mas como tinhamos promettido ao sr. Martin, fomos.

Apezar da sua loucura ella tinha momentos de bom tino, e n'um d'estes é que apertando-nos as mãos, nos disse: Venham sempre, que são a minha unica consolação.

Todos os dias o viamos peiorar; chegámos um dia á nossa hora do costume, e ao entrar disseram-nos: M.me Levaillant está muito mal. Fomos para o seu quarto, e effectivamente, ella estava rodeada de medicos, e de todas as suas *grisettes*, transformadas em enfermeiras;

NYPL
Digitized by Google

mas até n'esse officio de seriedade estavam preparadas como para o theatro, e deitando cada olhadella para os medicos, capaz de fazer perder a cabeça ao mais habil dos esculapios, transtornando-lhe os miolos n'um volcão ameaçado de uma tremenda explosão.

Coitados dos esculapios, em que martyrios se viam.

M.me Levaillant estava n'um triste estado, e ficámos com grande receio pela sua existencia, da qual os medicos davam bem pequenas esperanças.

Quando subimos ao segundo andar, um espectaculo mais triste nos aguardava. O pobre sr. Martin, que na vespera ainda fallava, estava immovel, e sem uso da palavra. Só os olhos mexendo pareciam dizer o que os labios não podiam expressar. Ao ver-nos, duas lagrimas brilharam n'esses olhos! esta foi a ultima prova de reconhecimento pelas nossas constantes visitas... foi o seu ultimo adeus!!!

Na sua bondade infinita, recebeu Deus sem duvida no seu seio um ente tão martyrisado.

. . . . . .

. . . . . .

Estava sentada em minha casa, ao pé de uma janella da sala, com Henrique ao meu lado, que me segurava na mão direita, e tendo na esquerda um livro que tinha estado a ler-lhe, quando vieram de casa de M.me Levaillant trazer a Henrique uma carta de convite para elle assistir ao enterro do sr. Martin.

Não sei porque, mas aquella carta gelou-nos.

Sentimos as nossas mãos esfriarem e tremerem; olhando um para o outro assustou-nos a nossa reciproca pallidez: deitámo-nos nos braços um do outro, pronunciando ao mesmo tempo: Henrique! Josephina!

Depois de um momento de silencio elle abraçou-me dizendo:

— Devemos ser fortes; a nessa separação hade chegar; contra a morte não se pode nada.....

— Cala-te! cala-te, Henrique; exclamei eu.

Digitized by Google

—Não, continuou elle, devemos ao contrario fallar.

Elle sentou-se de novo, e passando um braço á roda da minha cintura, fez-me estar no seu collo.

—Tu não vês, creança, disse elle, com a sua meiga voz, escurecer o dia, e depois surgir breve o alvorecer do outro? Porventura o passado tornará a raiar? Tu não sabes a rapidez com que o tempo nos foge, e nos conduz da vida para a morte? Quando eu já não existir, promettes-me que sempre me guardarás na tua lembrança? Tu choras? eu não quero lagrimas, quero que me faças esta promessa. Tu és joven, não sou exigente, só te peço a tua lembrança.

—Se tu morresses, Henrique, lhe disse, eu quereria morrer comtigo.

—Não, Josephina; tu és mãe, tu deves-te a tuas filhas, e tu és tão boa, minha querida Josephina, que Deus te hade fazer muito feliz. Eu não te peço senão lembrança, ouves? lembrança, promettes-m'a?

—Oh! sim, Henrique, lhe disse, apertando-o nos meus braços; se Deus te levar antes de mim, guardarei no coração lembranças e saudades que me pungirão eternamente. Tu serás o meu anjo no ceo, como Deus permittiu que fosses meu unico verdadeiro amor na terra.

Entraram n'esse momento as minhas duas filhas com a criada que vinham do jardim, d'onde nos tinham colhido raminhos de flores; foi feliz esta interrupção porque eu já não podia com a sensação que me causavam as tristes palavras do meu querido Henrique.

Cheguei-me para o relogio para ver que horas eram, e não pude deixar de soltar um pequeno grito vendo que estava parado.

Henrique correu para mim, e ficou como uma estatua, vendo pelos meus olhos, que conservava fixos no relogio, o motivo do grito que eu dera.

—Que creancisse, Josephina! tu far-me-hias supersticioso, exclamou Henrique.

Digitized by Google

—Tu é que tens a culpa, respondi eu.

E n'isto demos um abraço, que nos fez esquecer presentimentos, e superstições.

Promettemos mutuamente não dizer uma palavra do que se tinha passado, e nunca mais fallámos d essa occorrencia senão quasi um anno depois, quando Henrique caiu doente.

Que eu tenha força sufficiente para continuar estas tristes memorias, porque soffro, soffro tanto quanto é possivel a uma creatura, que ama ainda um ente que já não existe; ente por quem eu daria a minha vida, para o ver uma hora só que fosse. Quem passasse por uma dôr como a minha, é que poderá avaliar bem os meus soffrimentos, e os martyrios do meu coração; é que poderá comprehender que depois da morte se pode continuar a amar, e a amar como nunca se amou, com uma paixão que devora, com frenesi incessante, com uma firmeza que não morre!

É o que se passou em mim. Quando descobria o seu rosto, que banhava de minhas lagrimas, beijava-o, e seus labios não sorriam... seus olhos não se moviam!!! Oh! meu Deus, meu Deus! dae-me forças para eu viver, e para não succumbir á dôr que ainda hoje me espedaça o coração!!!...

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

D'essa epoca em diante, não podiamos viver um minuto separados; fomos sempre felizes!

Eu fui feliz como nunca o tornarei a ser! Essa felicidade era grande de mais para poder continuar. Por isso, quando eu sentia o fatal presentimento de Henrique suffocar-me o coração, dizia-lhe sem saber porque: *J ai peur de mon bonheur.*

Elle ria-se e eu realmente tinha medo.

Um sabbado fomos passar o dia na tapada d'Ajuda; ali recordámo-nos de todos os dias passados depois do

Digitized by Google

nosso conhecimento; ali lembrámo-nos dos nossos ciumes infundados; ali, meu Deus, fui tão feliz! A voz de Henrique chegava ao meu coração, mais meiga que a brisa ligeira, que soprava as flores do prado, que nos cercava!

Henrique já havia dias que se andava queixando. Receei que o ar da noite lhe fizesse mal, e aconselhei-lhe a voltarmos a Lisboa. Elle pegou-me na mão e disse-me:

—É talvez o nosso ultimo passeio, Josephina! demoremo-nos mais alguns minutos.

Estas palavras cortaram-me a alma, e sem poder articular um som, fiquei chorando a olhar para o horisonte que se escurecia, sem eu poder levantar para o ceo um pensamento, um desejo, um pedido!!!

Quando chegámos a casa, vi a tristeza ainda pintada no rosto de Henrique.

—Tu estás triste? perguntei-lhe, para o fazer sair das suas meditações.

—Sim, respondeu, e não sei porque.

Estas simples palavras gelaram-me o coração, e senti minh'alma succumbir com o pezar do triste presentimento que a veiu abraçar.

No dia seguinte deviamos ir jantar a casa de minha tia; de manhã, porém, vi Henrique tão pallido, que lhe disse que era melhor não irmos.

—Vamos, disse elle, é a minha despedida.

Pedi-lhe a explicação d'essas palavras; elle só me respondeu apertando-me nos seus braços.

Quando chegámos a casa de M.me Levaillant, todos se admiraram da pallidez de Henrique. Elle nada comeu ao jantar; seus olhos constantemente estavam fitos em mim, e eu, desgraçada, tinha que esconder debaixo de um sorriso as lagrimas do meu coração, tinha que esconder a tristeza da minh'alma para não entristecer mais o ente que eu amava mais que a vida!

Ao voltar para casa senti-o tremer. Quando chegámos,

Digitized by Google

disse-lhe que ia tratar de mandar chamar o medico. Elle não quiz.

No outro dia, pouco tempo depois de sair, mandou-me dizer que quando chegou a casa de seu pae foi obrigado a deitar-se com tonturas que lhe tinham dado. Que á noitinha me mandaria um criado para acompanhar-me, afim de eu o ir ver.

Quando o criado veiu, perguntei-lhe:

—Como vae o sr. Pires?

—Muito mal, respondeu elle.

Foi para mim um instante pôr um chale e um chapeo, vencer as ruas, subir as escadas de sua casa, e entrar no seu quarto.

—Oh! como tu és boa, Josephina, me disse Henrique dando-me a mão. De repente largou m'a dizendo:

—Tenho febre e podes apanhal-a.

—Que me importa a febre, disse eu abraçando-o. Não mandaste dizer nada a tua familia?

—Para que? disse elle; estão no campo, e se minha mãe, que eu amo tanto, soubesse que eu estou tão incommodado, soffria

—Mas aqui não tens ninguem que cuide de ti, disse eu.

—Tenho um dos criados.

Dizendo isto, teve um desmaio; assustei-me tanto que abri a porta e principiei a gritar, mas ninguem me respondia.

Voltei para o quarto, peguei n'uma cadeira, e bati com quanta força tive sobre o sobrado; emfim appareceu um criado.

Vendo seu amo em tão triste estado, saiu correndo para chamar um medico

Eu e mais outro criado fizemos uns sinapismos, que puzemos nos pés de Henrique. Elle com um olhar que me ficou gravado na memoria, disse-me com voz meia suffocada:

—Tu és minha enfermeira, Josephina.

Digitized by Google

—Quereria ser tua mãe, para te não largar um instante, lhe respondi.

Quando o medico veiu, (era o doutor Burnay), approvou os sinapismos, e fez uma receita.

—Vem ámanhã, sr. doutor? perguntei eu.

—Não sei se poderei, porque estou convidado a jantar fora de casa, e é no campo.

Revoltei-me em presença d'aquella indifferença egoista e disse lhe:

—Mas um medico, sr. Burnay, tem graves responsabilidades sobre si, e deve deixar um jantar para velar um doente que precisa d'elle e da sua sciencia.

O sr. doutor Burnay lançou-me uns olhos de fera, e disse simplesmente:

—Virei.

Estive até á uma hora da noite a tratar do meu querido doente, e vim para casa unicamente para não contrariar Henrique, que não queria que eu ficasse fóra da minha casa.

O sr. Joaquim Pires veiu do campo e sempre procurava consolar-me dizendo que Henrique em breve estaria restabelecido; mas essas esperanças não faziam renascer o descanço de meu espirito.

Quem haverá que não comprehenda o estado da minha alma? que não avalie as dôres do meu coração?! Elle soffria! e eu não podia estar sempre ao seu lado, prodigalisando lhe os meus cuidados, empregando todos os meus extremos!!! Eu já não podia com esse martyrio; e combinei com Henrique passar os dias ao pé d'elle.

Dizia o medico que eu me arriscava, que a doença era contagiosa; mas eu amava Henrique com toda a minha alma, e por isso não me importavam esses receios. Queria apertar a sua mão entre as minhas, beijar a sua testa escaldante pela febre, e julgava, louca que eu era, que perto d'elle Deus, deitando sobre mim um olhar de piedade, conservar-me-hia uma existencia que me era tão cara, e que eu estava prompta a pagar com a minha propria vida.

Digitized by Google

Mas Deus não o quiz assim; e determinou dar-lhe perto do seu throno a recompensa da sua bondade e das suas virtudes.

O dia 1 º de agosto, passei-o todo em casa de Henrique, escondendo-me quando seu pae ou alguem de sua familia subia Escondia-me para evitar alguma scena desagradavel. Eu conhecia o meu genio, sabia que a sua mãe, ao seu proprio pae, eu teria dito o que pensava sobre o indifferentismo que tinham mostrado durante toda a doença de seu filho. A uma das suas irmãs teria dito, que não é quando uma pessoa está quasi agonisante sobre um leito de dôres, que se entra no seu quarto, como um furacão, trazendo flores, e empestando a casa com almiscar... sem abaixar a voz para fallar ao doente dizendo-lhe no meio de estrondosas gargalhadas: Divertimo nos hoje muito e bebemos Champanhe á tua saude... Agora vou á sala, e já volto com o papá... E saiu aquella estouvada.

—Só tu me amas verdadeiramente, disse-me Henrique com os olhos arrasados de lagrimas.

—Eu amo-te, sim, Henrique, amo-te; mas a tua familia tambem te ama, disse-lhe eu para o consolar. Teu pae vae subir, eu devo partir; manda-me ámanhã o criado mais cedo, porque quero estar perto de ti sempre, sempre, percebes?

—Não te vás ainda, Josephina, disse elle abrindo os olhos para mim, e continuando: o teu olhar cheio de bondade consola-me; tu não sabes o que se soffre quando se ama, como eu te amo a ti, e que se sente a vida apagar-se lentamente!!!

Meu coração estava n'uma tortura, mas devia fazer-me corajosa para animar o meu adorado Henrique; por isso, disse-lhe:

—Tu estás doente; mas tu és forte, e os medicos dizem que quando fores para o campo te restabelecerás.

—Creança! disse elle, eu sei que morro.

Digitized by Google

Apertei meu peito com quanta força pude para lhe occultar as lagrimas e a dôr que me causaram aquellas palavras.

—Eu sei que morro, repetiu Henrique; mas morro amado, porque tu sabes amar, minha Josephina. Se eu te dissesse que te matasses quando eu desse o ultimo suspiro, estou certo que o farias. Mas não, escuta-me bem: quero que vivas, tens as tuas filhas, e ainda serás feliz. És a mulher mais dedicada possivel. Eu sei que o sr. Manuel Pinto da Fonseca, sabendo o estado da nossa posição, te offereceu cem contos de réis para te renderem aqui no banco de Portugal, dizendo-te que podia proteger uma senhora com suas filhinhas, mas não uma senhora que tivesse relações como as nossas, e tu recusaste, nobre creatura!

— Quem te disse isso? perguntei.

—Foi o proprio sr. Fonseca; e disse mais, que tu lhe responderas que me amavas, e que nada te faria abandonar-me. Eu nunca te quiz dizer isto, porque prometti segredo ao sr. Manuel Pinto; mas agora devo contar-t'o, porque devo agradecer-te, e não é com palavras, é de joelhos!

E Henrique, abatido como estava tentou pôr-se de joelhos, se eu não lh'o impedisse, agarrando-o e apertando-o nos meus braços.

—Tu és joven, Josephina, tens uma imaginação romantica, não quero que sejas perjura, por isso não te digo—não ames mais ninguem...

Não pôde continuar; um desmaio acabava de atacal-o. Eu estava suffocada que parecia arrebentar, minhas unhas já tinham algumas manchas do sangue, tanta era a força com que apertava o meu peito para reter os soluços.

Tornando a si, continuou:

—Se algum dia chegares a amar alguem, vê que elle te ame verdadeiramente, que elle comprehenda a tua bondade de anjo, e o teu coração dedicado e fiel. Primeiro que

Digitized by Google

tudo, Josephina, vê que elle seja um homem de honra, porque tu não conheces o mundo, creança. Eu não te peço, minha Josephina, senão uma lembrança! uma saudade, para eu ser feliz na eternidade! não te digo, Josephina, que não ames mais ninguem, isso seria uma loucura; mas peço-te que .. e abaixando ainda mais a voz, disse me quasi ao ouvido em segredo .....

.....

..... Juras?

—Oh! sim, Henrique, juro-te, juro-te sobre a campa de minha mãe!

Não pude mais. As lagrimas suffocaram-me; soltando o primeiro soluço, senti-me tão falta de respiração que pensei ver meu peito despedaçar-se.

Haverá alguem no mundo que não comprehenda e que não tenha dó do que eu soffri?!!! Vêl-o n'aquelle estado... não poder allivial-o... ouvir palavras que me quebravam o coração, e ter de mostrar lhe uma cara serena... soffrer todas as dôres de um coração que amava, sentir esse coração resfriar com o peso das tristes palavras que ouvia pronunciar... e ter de esconder as minhas lagrimas, e ter de lhe dar coragem! coragem! quando d'ella tanto precisava para mim!...

Oh! sim, soffri! soffri muito! e ainda hoje, só de me recordar não posso senão dizer: piedade meu Deus! piedade de mim! .....

.....

.....

O criado já tinha vindo dizer que era muito tarde; mas cada vez que me levantava, Henrique fazia-me assentar de novo; uma força extraordinaria me prendia ao seu lado; e quando eu puz o chale e o chapeo, vendo os olhos de Henrique fixos em mim, tirei o chale e o chapeo e disse para o criado:

—Eu fico.

—D'aqui a um instante vem o pae e a mãe do sr.

Digitized by Google

Pires, me respondeu aquelle pobre homem com os olhos arrasados de lagrimas.

Voltei-me para o meu pobre doente, dizendo-lhe:

—*Adieu, Henri, à demain.*

Elle abriu os olhos, e com o dedo apontou-me para o ar, como o anjo do Senhor apontaria o caminho do ceo!

—*Oui, à demain, mon Henri*, repeti eu, abraçando-o com todo o amor e extremo do meu coração.

Subia gente a escada, e tive que sair com pressa; mas ainda o abracei duas ou tres vezes... e elle murmurou: *Je t'aime.*

Dizer como eu pude descer aquellas escadas e subir as de minha casa, seria impossivel. Eu ia n'um estado que me obrigava a parar umas poucas de vezes na rua, e só a voz do criado que me dizia: não desanime, porque em breve elle estará restabelecido, é que me fazia continuar o caminho, olhando para o ceo para ver se no centro da sua escuridão, só interrompida pelo brilho de uma ou outra estrella mais scintillante, podia descobrir uma estrada que pela claridade do seu brilhantismo fizesse renascer a esperança quasi extincta no meu peito! Cheguei a casa, caí sobre a cadeira que estava ao lado da minha cama, e fiquei tão suffocada pela dôr que minha alma resentia como pelo soffrimento e esforço que empregara, afim de não desanimar o ente que eu tanto amava. Ahi, achando-se meu coração em liberdade, a minha dôr foi tão violenta, que tive um terrivel ataque nervoso. As criadas assustadas tocaram logo a campainha para o sr. Veiga, que tinha uma botica por baixo da minha casa.

Elle já tinha subido para sua casa, mas assim que lhe disseram que estava doente, levantou-se e veiu com toda a sua bondade prestar os serviços necessarios.

Achando-me mais aliviada revoltei aos meus soffri-

Digitized by Google

mentos e principiei á chorar e a pedir a Deus a conservação de uma existencia que era tão necessaria para a felicidade do meu coração.

No outro dia o criado veiu dizer-me que eu não podia ir visitar Henrique, porque toda a sua familia estava ao pé d'elle; e se eu fosse, o sr. Pires (pae) seria capaz de me fazer todas as desfeitas, visto elle resistir ás lagrimas e aos rogos do seu filho, quasi agonisante, que lhe pedia em nome de Deus, que me deixasse ir vêl-o; mas aquelle coração de bronze a nada se movia!

Não podendo resistir á minha desesperação, escrevi.

Veiu o sr. Joaquim Pires, e disse-me:

—Não se desespere; Henrique vae melhor; estamos todos ao pé d'elle, e em breve estará restabelecido.

—Promette-me, sr. Joaquim, que o não desampara um minuto? disse eu.

—Eu lh'o juro, Madame, respondeu elle, apertando-me as mãos e com as lagrimas nos olhos.

Saiu, e nunca mais voltou a minha casa.

O sr. Joaquim Pires, quando me disse que Henrique estava melhor, mentia; elle sabia que os medicos já desesperavam de o salvar. Eu perdôo-lhe essa mentira, que seguramente foi para me livrar de commetter algum acto de desesperação; se essa foi a sua idéa é desculpavel.

No outro dia disseram que Henrique estava muito melhor; depois de ouvir essas palavras que deviam consolar-me, voltei para a sala, olhei para o relogio, e vi que estava parado.

Recordei-me logo do signal que aquelle relogio me tinha dado, das palavras que Henrique me dissera n'aquella occasião; recordei-me que o relogio tinha corda, e senti como uma mão de ferro apertar-me o coração; meu sangue gelou-se e eu dando um grito... disse: Henrique, Henrique morreu!!!

Digitized by Google

Caí como morta no chão, as criadas levaram-me para a cama, e quando tornei a mim disse:

—Quero ver Henrique, quero vêl-o! não o deixem morrer sem eu o abraçar ainda!!! deixem-me sair, quero ir ao pé de Henrique.

As pessoas que me rodeavam estavam todas banhadas em lagrimas; seguravam-me para eu não me levantar, pois todo o meu desejo era ir deitar-me aos pés do pae de Henrique; esse homem barbaro, esse homem desalmado, teria tido compaixão da minha dôr.

Se me tivessem deixado ir, tel-o-hia abraçado antes d'elle exhalar o derradeiro suspiro; seu pae não teria ficado insensivel ás lagrimas de uma mulher, que vencia o seu orgulho, e lhe pedia de joelhos piedade, piedade por seu amor!

O odio contra a bella Ignez de Castro era grande; mas o pae do seu amante, do seu rei, rendeu-se, mas já tarde, ás supplicas ardentes d'aquella dama sublime!

Oh! quanto me enganava, porque emquanto empregavam todos os meios para me não deixarem sair, Henrique, apezar dos seus graves e ultimos padecimentos, teve ainda a força de se pôr de joelhos sobre a cama, com as mãos supplicantes, dizendo a seu pae:

—Deixem entrar Josephina, quero dizer-lhe adeus, quero abraçal-a pela ultima vez; não me recuse, ó meu pae, não me recuse esta ultima vontade, sem a qual não posso morrer tranquillo!

—Tu estás doido, lhe respondeu seu pae com voz aspera; prefiro ver-te já morrer!...

Não pôde continuar porque seu filho, soltando um doloroso suspiro, com a sua ultima esperança, caira sobre as almofadas sem sentidos; e no dia seguinte estava morto... não sei se pronunciando uma palavra de perdão, se um anathema doloroso!!! . . . . .

. . . . . .

Aqui o mais profundo silencio deve supprir o que a minha penna não pode descrever!

Digitized by Google

O ente mais insensivel, o coração mais duro, deve comprehender o que eu soffria!... ter dó do que hoje ainda soffro... e não exigir que eu, com simples palavras, pinte as tristes recordações de um coração agonisante pelas dôres que experimentou.....

.....

No outro dia, quando senti bater á porta, ouvi fallar devagarinho, e de repente a criada exclamar:

—Oh! meu Deus!

Fui para ver quem era, e ella fechou repentinamente a porta, e escondeu um objecto debaixo do seu avental.

—Quem era? perguntei eu.

—Um pobre, minha senhora. E as lagrimas a cairem-lhe.

—Mente! bradei eu na maior exaltação.

E abrindo a porta quiz chamar pelo criado da casa do sr. Pires; a pobre rapariga perdeu a cabeça, deixou e cair o que, com tanto cuidado, escondera debaixo do avental; reconheci um chale que Henrique tinha levado da ultima vez que saira de minha casa.

—Morreu! morreu! exclamei eu pegando n'aquelle chale que o havia agasalhado, e que me descobrira a triste verdade.

Estive por tres horas no meio das mais horriveis convulsões, escapando d'ellas só por um milagre de Deus!

Quando recuperei os sentidos, as lagrimas seccaram-se... a minha energica natureza estava vencida!!!

.....

Oh! quem acredita que as muitas lagrimas e os muitos gritos denotam a paixão?! a saudade, a dôr, a paixão, suffocam; seccando nos olhos as lagrimas, saem dos labios suspiros; mas toda a violencia do golpe fatal é no coração; esse geme, e estala!!

As lagrimas caem á primeira impressão do golpe; mas depois que elle profundou n'alma, tudo é substituido por uma dôr mais cruel, mais penetrante, e que só acaba com a morte!

Digitized by Google

Depois da desesperação exaltada, vem a dôr da alma, e essa fere mais agùdamente! Depois... vem a saudade, esse sentimento sublime do coração!!! «Saüdade, gosto amargo de infelizes!» como dizia o illustre poeta Garrett.

Tres dias estive no meu quarto, deitada sobre o meu leito, pedindo a Deus que nos seus braços recebesse o ente que eu tanto amava!!!

Foi n'este estado que senti passar as carruagens que iam acompanhar o corpo do meu adorado Henrique á sua derradeira morada. Cada trem que sentia rodar era uma angustia! cada dobre que o bronze da torre da egreja fazia eccoar era mais um golpe que vinha ferir meu coração! nem uma lagrima eu podia verter! todas haviam já corrido! Não podia chorar, mas quanto eu soffria, meu Deus!!!

CAPITULO II

M.elle Malvina — Sr. Manuel Pinto da Fonseca — As flores em redor de um tumulo — Vou ao theatro — Sr. Fonseca e um beijaflor — Juram-me vingança — Annunciam-me uma belleza, e vejo uma pulga industriosa — Portugal refugio ás seducções — Oitocentos mil réis — Sr. Fonseca vae a Paris — Apuros — Sr. João Caetano de Oliveira Bastos — O meu retrato — Estou doente — O sr. Fonseca no Lazareto — Sr. José Candido de Assumpção — M.me Levaillant — Cartas anonymas — As grisettes em alvoroto — Agostinha Saignard — Sr. Veigas — Sr. doutor Antonio Bernardino Gomes — Meu confessor o dignissimo sr. prior dos Martyres — Presentes para mim que nunca me vieram á mão — Os brilhantes — Engano de um passeio.

No dia seguinte ao do fallecimento de Henrique, veiu a minha casa M.elle Malvina, da casa de M.me Le-

Digitized by Google

vaillant. Sentando-se á minha cabeceira, pegou-me na mão, e em breve senti os seus choros. Oh! essas lagrimas, fizeram-me perdoar-lhe o que eu podia ter contra ella.

Procurou consolar-me, não como se usa, que é conversar para mudar as idéas. Não, ella não usou d'esse meio estupido. Fallou me sempre de Henrique, notando as suas boas qualidades e o amor que sempre me conservou; e prometteu-me que iria á egreja onde elle estava depositado, e que me traria um pouco dos seus cabellos.

Effectivamente ella saiu, e voltou d'ahi a uma hora, entregando-me esses cabellos que eu cobri dos meus beijos, jurando que nunca os largaria de mim, e que seriam enterrados comigo.

Quando comecei de novo a viver, mandei buscar uma medalha, onde introduzi esses cabellos, ultima recordação de Henrique, e precioso thesouro para a infeliz Josephina.

Dezesete dias depois d'esse fatal 4 de agosto, o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca veiu a minha casa.

Elle estava em Cintra, quando teve a noticia d'esse triste acontecimento, e veiu immediatamente para Lisboa.

No dia 8 tinha elle vindo a minha casa, mas como lhe disseram que eu estava muito mal e que não podia fallar a ninguem, entregou o seu bilhete de visita e retirou-se.

Nove dias depois voltou; ao ver-me entrar na sala levantou-se, chegou-se para mim, e com os olhos cheios de lagrimas, dando me a mão, disse:

—E' preciso ter coragem, deve tel-a; é mãe, deve ser forte.

—Vivo, é signal que o sou, respondi eu.

—Que tenciona fazer?

—Não pude ainda pensar, nem tomar resolução alguma.

Digitized by Google

—Havemos de pensar. No entanto, hade ter falta de dinheiro. Deixo-lhe aqui trezentos mil réis. Quando estiver melhor, havemos de fallar pausadamente.

—Agradeço, disse eu. Offerece-me esse dinheiro com tanta generosidade, que acceito.

—Adeus, disse elle levantando-se; repito-lhe, tenha coragem, seja forte, que ainda hade ser feliz; eu lh'o juro.

Não lhe podendo responder, apertei aquella mão bemfazeja que Deus me enviava, para me mostrar que queria aliviar os embaraços da minha existencia, dando-me no sr. Fonseca um protector.

Passados uns dias, estava eu assentada n'uma poltrona, cobrindo o retrato do meu Henrique de beijos e de lagrimas, quando entrou o sr. Fonseca.

—Então que é isso? sempre, sempre a chorar, me disse elle. Se continuar assim, infallivelmente adoece. E' boa christã, deve ter resignação, e lembrar-se que uma mãe deve olhar para quem precisa d'ella. Diga-me com franqueza, que tenciona fazer?

—Nem eu sei, sr. Fonseca. Mas parece-me que se eu podesse pagar o que devo, depois com lições de spiano, poderei talvez viver.

—Isso é uma creancisse! Como poderá viver e educar suas filhas?! Deve olhar-me como o seu mais verdadeiro amigo. Prometti ao sr. Pires de olhar para si como se fosse minha filha; heide-a proteger. Eu estabeleço dar-lhe cem mil reis todos os mezes; com isso pode viver; se não chegar peça-me mais, porque em quanto merecer a minha estima, terá toda a minha protecção.

Por um movimento espontaneo caí a seus pés, dizendo-lhe:

—Só Deus o recompensará!

Não pude continuar, tantas eram as minhas lagrimas.

—Ora vamos, exclamou o sr. Fonseca, é boa crea-

Digitized by Google

tura, tenha juizo, não quero que chore mais, porque não quero que adoeça. Lembre se d'elle... sim... mas não chore.

Quando o sr. Fonseca saiu, peguei em minhas filhas, levando uma de cada lado, e conduzi-as ao vão de uma escada, onde eu tinha mandado arranjar um oratorio, e ali, ajoelhando com ellas, agradeci a Deus, com o mais profundo reconhecimento, a protecção que elle nos concedia.

O sr. Manuel Pinto da Fonseca tinha feito um acto de grande christianismo protegendo uma senhora que se achava só no mundo, sem fortuna, e sem parentes.

Quantos homens haverá ahi pelo mundo, que dirão ao ler estas paginas: grande admiração, um homem dez vezes millionario!... Elles dirão isso, mas se similhante caso se desse com elles, esses mesmos homens, que não querem confessar a acção do sr. Fonseca, como uma nobre generosidade, viriam com palavras traiçoeiras illudir a confiança de uma pobre mulher, para depois rirem das suas lagrimas, e zombarem dos seus remorsos!!!

Oh! ha entes tão vis, que não mereceriam o titulo de homens, mas sim de selvagens; e por isso não comprehendem nunca, nem querem confessar, o que é nobre e grande.

Oh! quanto dó merece uma mulher que tenha sentimentos elevados, e que caia no dominio de uma d'essas feras! a essa creatura hade se dizer com verdade: E' uma victima!

Dois mezes depois de eu estar na protecção do sr. Fonseca, deu-me elle o dinheiro necessario para pagar as minhas dividas; satisfiz todas; excepto uma que eu me tinha visto obrigada a contrahir durante a ausencia do sr. Pires na ilha da Madeira.

Esse credor, que tinha a figura de um *écureuil*, ninguem dava por elle; uns diziam que estava no Por-

Digitized by Google

to; outros que tinha ido para a *California*, para depenar quem para lá ia empenhar-se.

O sr. Sousa não se comportou para comigo como um agiota; mas sim como uma pessoa que me quiz valer na desesperada posição em que eu me achava.

Contentou-se em me levar um por cento.

Quando eu lhe quiz pagar, não o encontraram. Esperei que elle me appareçesse.

O sr. Fonseca gostava muito que eu saisse para me distrahir, por isso eu ia quasi todos os dias a Belem, ou ao Campo Grande, mas sempre antes ia rezar primeiro sobre o tumulo do meu infeliz Henrique.

Eu havia mandado cercar o jazigo de varios vasos com flores, porque Henrique me dissera: Josephina, vou morrer, promettes-me de conservar algumas flores em redor do meu tumulo? Em quanto tu me amares e te lembrares de mim, terás essas flores sempre em vida.

Fiz-lhe essa promessa, promessa sagrada; mas que não respeitaram porque pouco tempo depois, disse-me o homem a quem eu tinha encarregado do trato das flores, que a familia de Henrique quizera mandal-as tirar.

Houve muitos ditos, e muitas maldades.

Desprezei tudo, e só respondia— que era a ultima vontade de Henrique.

Nada attenderam!! isto não era de admirar, porque ha gente que ignora os sentimentos mais sublimes, e por consequencia não comprehendiam que o amor que me ligava a Henrique vivesse além do tumulo, que as nossas almas pertenciam uma á outra .. e que elle morto, e eu viva. nada desligava. Não comprehendiam que o meu direito sobre esse tumulo era dos mais sagrados... visto eu tel-o comprado com o sacrificio da minha reputação!...

Quem tinha mais direito de lamentar aquelle finado, de lhe collocar flores em roda da sepultura, de

Digitized by Google

banhar com lagrimas as lages que o encobriam?

Chorei muito por causa d'essas flores, e pedi a Deus perdão de não poder satisfazer o ultimo desejo de Henrique.

Fui ter com o administrador do cemiterio a sua casa, e elle com a bondade que se lhe desenhava no rosto condoeu-se de mim.

Elle comprehendeu-me; e prometteu-me fazer tudo para que a vontade de Henrique fosse respeitada.

Porém trabalharam tanto, e tantas astucias empregaram, que vi que as flores iam ser tiradas. Não querendo eu que profanassem um tumulo, vindo sobre elle satisfazer vinganças e odios, fui, e mandei tirar todos os vasos; —depois ajoelhando-me, pedi perdão de não ter a força necessaria para cumprir a minha promessa.

Assim é que fui forçada a commetter um perjurio.

Que Deus perdôe aos culpados.

. . . . . .

O sr Fonseca mostrou me desejos de que eu fosse ao theatro. Coitado! julgava que o theatro para mim era uma distração.

Eu não podia testemunhar o meu reconhecimento ao sr. Manuel Pinto, senão cumprindo as suas vontades.

Soffria as maiores torturas nas noites que ia ao theatro.

Lembrava-me que Henrique quando existia e que nós iamos ao theatro, estava sempre ao meu lado, que as nossas mãos não se largavam, porque ali em publico não podiamos estar conversando; mas a pressão das nossas mãos elevava as nossas almas n'um gozo supremo, ouvindo a meiga e sympathica voz de M.me Clara Novello.

Tudo estava mudado; agora no theatro eu estava ricamente vestida, tinha um protector millionario, mas como sentia eu o meu coração?

Com lagrimas e saudades, e para as occultar eu

Digitized by Google

sorria... para não ver enrugadas as sobrancelhas do meu bemfeitor, para lhe dar o que elle tanto desejava—a consolação de me julgar feliz!!!...

Um dia mostrou o sr. Fonseca o desejo que eu fosse ao theatro; elle via-me triste, e dizia que isso me distrahiria. Eu não pude confessar-lhe que n'esse dia ser-me-hia uma coisa impossivel, porque de manhã tinha ido rezar sobre o jazigo do meu amado Henrique. Mas como confessar-lhe isto se elle me tinha já dito que eu não devia ir tantas vezes ao Alto de S. João?

O sr. Fonseca mostrou tanta vontade que eu fosse ao theatro, que não pude deixar de lhe prometter que iria. Mas como se elle duvidasse da minha palavra, voltou á noitinha a saber se eu sempre estava na mesma resolução.

Eu já estava penteada; mas sentia-me tão aborrecida, que não me vestira ainda para o theatro; estava pois assentada n'um fauteuil, com o cotovello encostado sobre uma mesa, e á claridade do carcele, estava lendo as: *Mélodies Hébraïques* de lord Byron.

Entrou o sr. Fonseca; e vendo o meu descanço disse-me:

— Então não vae?

— Irei, mas muito mais tarde, quero ver se me passam as dôres de cabeça que tenho, respondi eu.

— Está muito bem penteada, e tem uns lindos brincos, me disse elle.

— Parece-lhe? respondi eu sorrindo.

— Não sabia que tinha brilhantes, tornou elle.

— Era impossivel sabel-o, se ainda hontem é que os comprei.

— Então tem muito dinheiro?

—Tem a bondade de me dar todos os mezes cem mil réis, disse-lhe eu estendendo a minha mão e apertando a d'elle. Ha muito que eu desejava comprar estes brincos. Fiz algumas economias em casa, e com as doze libras que me restam das despezas dos ultimos dias que

Digitized by Google

estive em Cintra, não me foi sensivel esse capricho, e por isso fui hontem comprar estes brincos ao Seixas.

—Se desejava uns brincos por que não m'o disse?

—Porque não quero abusar da sua generosidade. Quando me prometteu cem mil réis de mezada, eu jurei a mim mesma de nunca lhe pedir coisa alguma.

—Soberba!... disse elle sorrindo levemente.

—Soberba, não, lhe repliquei, sómente não quero abusar da sua amizade.

—Pois ainda hade pedir-me muitas coisas, tornou elle.

—Pois eu juro lhe que nunca lhe pedirei nada, disse eu.

—Tudo que me pedir, afianço-lhe que obterá de mim, dou-lhe a minha palavra de honra, disse o sr. Fonseca; mas desejo quebrar esse orgulho.

—Isso nunca, respondi, indo para o piano.

Quando o sr. Fonseca se foi embora, ao despedir-se ainda me disse:

—Caprichosa!

Dias depois fomos para Cintra.

Eu, minhas filhas, e minha criada estavamos no hotel Durand. O sr. Fonseca vinha buscar-me todos os dias para irmos passear, e quasi sempre iamos primeiro ver as obras que se andavam fazendo n'uma propriedade que elle havia comprado.

A's vezes, depois do nosso passeio, iamos para uma janella do hotel, d'onde se viam perfeitamente os homens a trabalhar.

Dizia-me então o sr. Fonseca:

—Não acha que quando esta obra estiver concluida, ficará uma linda vivenda? gostava que fosse sua?

— Quem não havia de gostar? respondia eu.

—Então porque não m'a pede?! Lembre-se que lhe dei a minha palavra, que nunca lhe recusaria coisa alguma.

—É verdade, respondia eu, mais lembre-se, que eu tambem lhe jurei de nunca lhe pedir nada.

Digitized by Google

—Que creatura caprichosa, exclamava elle; sabe que é capaz de fazer desesperar um homem?

—Sim, se esse para satisfazer o seu orgulho quizer quebrar o que v. ex.ª chama a minha soberba, e que não é mais do que um brio que toda a mulher de sentimentos deve ter.

—Eu que tenho vencido tantas difficuldades na minha vida, não heide vencer esse seu genio?

— Peça tudo que quizer; mas não exija que eu seja pedinchona, lhe respondia eu rindo ás gargalhadas.

Assim terminavam sempre essas conversas.

Graças a Deus, pude sempre conservar o que o meu bemfeitor chamava o meu capricho. Nunca lhe pedi nada Essa é hoje uma das consolações que minh'alma sente, e que serve de compensação a tudo que eu soffri por causa da protecção do sr. *Monte Christo*.

Quando foi divulgada em Lisboa essa protecção algumas senhoras que tinham andado comigo no collegio inglez da rua da Emenda, antes de minha tia me levar para o *Sacré-Coeur*, em Paris, vieram visitar-me. Eu sorria-me e não pagava essas visitas

N'essa epoca aconteceu um caso galante.

É verdade que não foi com uma senhora, mas sim com uma grisette franceza.

Um dia, estava eu bastante constipada, veiu M.elle M... da casa de M.me Levaillant, para me provar um vestido; porém eu disse-lhe que no outro dia o provaria. Ella annuiu e ficou conversando comigo.

Veiu o sr. Fonseca, e como elle já me tinha dito que não queria ver em minha casa similhante mulher, pedi-lhe que se retirasse um momento para o gabinete.

Ella levantou-se deitando-me uns olhos furibundos.

Quando o sr. Fonseca entrou perguntou-me:

—Quem estava agora aqui?

—M.lle M... disse eu.

Digitized by Google

—Pois ella ainda cá vem, disse elle, encaminhando-se para a porta por onde ella saira.

—Veiu para me provar este vestido, repliquei mostrando-lhe o corpo que tinha ficado sobre uma mesa.

— É um bom disfarce, disse elle rindo-se.

Eu qué sabia o genio d'aquella mulher, percebi, e ri-me.

Como vi que o sr. Fonseca absolutamente não a queria mandar entrar, toquei a campainha para á criada, e ordenei-lhe que fosse dizer a M.elle M... que voltasse no dia seguinte.

D'ahi a um instante ouvimos bater com as portas de uma maneira espantosa; tornei a chamar a criada, e perguntei-lhe o que significava aquelle barulho; ella respondeu com a ingenuidade da estupidez: Foi M.elle M.. que saiu correndo, e dizendo, Eu me vingarei.

Quando esse *pica-flor*, chamado M.elle M..., chegou a casa de M.me Levaillant, estava com a cabeça tão perdida, por ver que lhe era impossivel agarrar um passaro que ha tanto tempo ella andava a caçar; que jurou anathema.

Dias depois, indo eu a casa de M.me Levaillant, disse-me esta em muito segredo: tome sentido, a M... jurou que o sr. Fonseca havia de ser seu amante, e por consequencia abandonal-a a si.

Soltei uma das melhores gargalhadas, que tenho dado em minha vida.

—Então não tem receio?! tornou M.me Levaillant.

—Nenhum, porque a protecção que o sr. Fonseca me concede é devida á bondade do seu coração, e tem um fim de tanta religião, que coisa alguma que possa acontecer me fará duvidar d'essa protecção.

M.me Levaillant olhou para mim com vista espantada, de quem nada comprehendia.

D'ahi por diante, ficou sendo M.elle M..., minha inimiga figadal.

Digitized by Google

Eu perdôo-lhe, porque não me esqueço que a ella devo os cabellos que estão dentro da medalha que trago sobre o meu peito.

Passado algum tempo, disse me M.me Levaillant que lhe tinha chegado de França uma das primeiras costureiras de Paris, e que trabalhava divinamente. Tive curiosidade, escolhi um vestido, e disse que lh'o dessem para fazer.

No outro dia veiu a dita belleza a minha casa para me provar o vestido. Vendo-a entrar, não pude deixar de rir, tal era a caricatura!! Parecia uma pulga industriosa a saltar. Qualquer movimento d'aquella creatura excitava o riso.

Tudo n'ella mexia. Seus cabellos encaracolados, que trazia caidos pelo pescoço, iam de um lado ao outro; a bocca parecia sempre a'de um coelho a mastigar; emfim os olhos, o nariz, tudo, tudo mexia.

Arrependi-me da gargalhada que eu não tive força para disfarçar, e querendo de algum modo castigar-me, e fazer esquecer aquelle meu riso de pouca religião, principiei a pergunta-lhe: se se dava bem em Lisboa, e se gostava da casa de M.me Levaillant.

—Oh! não, Madame, exclamou a pobre rapariga, sou ali muito infeliz, todas (les demoiselles) mofam continuamente de mim.

Olhei para ella, e já não me parecia uma caricatura; vi só uma rapariga infeliz, a quem disse.

—Venha por cá ás vezes. eu talvez me resolva a tomal-a para minha casa; fará os vestidos das minhas filhas, e os meus.

—Bem me tinham dito, que M.me Josephina era muito boa, disse M.elle Agostinha, abraçando minhas mãos. Sim, virei muitas vezes, muitas vezes.

Gostei d'ella. Pensei que apezar da sua figura caricata, havia no seu coração alguns sentimentos.

—Vou dar-lhe alguns conselhos, lhe disse eu.

Digitized by Google

—Faz-me um grande serviço porque não sei nada, respondeu ella.

—Então está ainda muito innocente, repliquei olhando-lhe para a physionomia, que indicava suas trinta, a trinta e cinco primaveras.

—Oh! Madame! exclamou abaixando os olhos, vim para Lisboa para fugir aos amores de um homem que me queria seduzir!

—Então teve que atravessar o mar para se guardar; disse-lhe olhando fixamente para ella.

Esta mulher ou é muito tola, ou é uma grandissima sonsa e velhaca, pensei eu.

—Pois se quiz salvar a sua innocencia vindo para Lisboa, e escolhendo a casa de M.me Levaillant, fez mal, disse eu. Ali estará muito exposta a seducções, e terá constantemente maus exemplos sob os olhos.

—Oh! é verdade, respondeu ella, quasi soluçando; todas lá tem tres ou quatro amantes; aquellas que não podem sair, vão fallar na escada.

Podes ser boa, disse eu comigo, mas já vejo que tens má lingua.

—Pois deve tomar muito cuidado em si, disse eu em alta voz; e não ter fugido de França para salvar o que poderá perder em Portugal.

—E de mais, replicou ella, em Lisboa todos os homens *são pelintras e mesquinhos*.

Pouco depois vieram buscal-a e saiu aquella donzella.

Quando fiquei só, pensando sobre esta conversa, achei as respostas que M.elle Agostinha me dava muito deliberadas para uma virgem.

Emfim, podia ser verdade tudo que ella dissera, e antes queria enganar-me, do que deixar de fazer o que estivesse ao meu alcance para valer á desgraça de uma mulher.

Disse lhe outro dia, que não saisse com as outras francezes de casa de M.me Levaillant, e que viesse passar os domingos e dias santos em minha casa.

Digitized by Google

Ella com grande contentamento acceitou; e apezar de eu não gostar de sair aos dias santos, levava-a sempre a passear no caleche, ora a uma parte, ora a outra, para lhe fazer assim ter algumas distracções.

Fiquei duas ou tres semanas em casa, por estar doente; ella vinha sempre, mas em logar de estar comigo, ia para a janella *derriçar*, como diziam as criadas, com todos que passavam.

— Gosta muito de estar á janella? perguntei eu um dia a M.elle Agostinha.

Respondeu-me que Mr..., lhe fazia a côrte, e que parecia gostar immenso d'ella.

— Então já está disposta a perder a sua innocencia? lhe perguntei.

— Dizem que elle é muito rico; sabe se isso é verdade?

Vi que a tal virgem fugida das seducções de Paris havia tirado a mascara. Respondi-lhe:

—Não, M.elle, não conheço quasi ninguem, e por isso não lhe posso dar informações de quanto Mr... tem nos seus cofres.

Conheci que era uma creatura que se queria vender, uma creatura que fechava seu coração ao amor sincero e desinteressado, para entregar seu corpo a quem mais lançava!!!

Duvidava ainda dos sentimentos d'essa creatura, quiz crer que seu coração estava cercado de sangue, e elle não estava senão involvido em lama!!

Esta mulher chamava-se Agostinha Saignard. No dia em que a conheci, deixei de a receber.

Mais adiante fallarei d'ella em scenas muito interessantes.

. . . . . .

. . . . . .

Estava em Cintra, no hotel Bragança, quando o sr. Fonseca me deu a noticia de que tencionava ir para França.

Digitized by Google

Meu peito opprimiu se logo. Elle conheceu na minha physionomia a impressão que eu experimentava, e disse-me:

—Que tem?

—Que tenho, sr. Fonseca?... Vae viajar, a sua protecção adquiriu-me odios; vou ficar cercada de maldosas intrigas, e eu, sr. Fonseca, tenho medo!

—Deve lembrar-se, disse elle, que eu nunca me esqueci da recusa que fez quando o sr. Pires ainda vivia. A confiança que tenho no seu caracter é illimitada; e tudo que poderão fazer, nada lhe fará perder a minha estima. Aqui lhe dou uma prova, disse elle tirando um papel da algibeira. Esta carta anonyma recebi-a hoje, e para lhe mostrar a minha confiança aqui lh'a trazia para a ler.

Abri a carta, e fiquei espantada, á vista de tanta maldade calculada... e de tão negras infamias!!!

—Covardes! que não teem coragem de se assignarem, exclamei.

—Socegue, disse-me o sr. Fonseca Aqui está o caso que faço, tornou elle, rasgando a carta em mil pedaços.

—Agradeço, sr. Fonseca; serei sempre digna d'essa confiança; e juro que qualquer coisa que possa acontecer, eu serei sempre a primeira em lhe dar a noticia.

No outro dia voltavamos para Lisboa.

Passados mais alguns dias, veiu o sr. Fonseca a minha casa entregar-me oitocentos mil réis; dizendo que fazia tenção de estar fora de Lisboa oito mezes.

—Hade por força ter contrahido algumas dividas, continuou o sr. Fonseca; no Lombré, hade dever, tome o que quizer mais d'aqui, disse elle abrindo uma carteira recheada de notas.

—Agradeço-lhe, mas é-me sufficiente o dinheiro que acabou de me entregar, disse-lhe eu, comprimindo a vontade de lhe confessar toda a verdade.

Digitized by Google

Oh! juro que a tentação de dizer toda a verdade foi bem forte; mas o dever da delicadeza teve mais poder, por isso guardei silencio.

Uns dias atrazados, tinha vindo a minha casa um homem reclamar a divida do sr. Francisco de Sousa; eu não tinha dinheiro n'essa occasião, mas logo que recebi as minhas mezadas, mandei chamar esse agiota e paguei-lhe á minha conta na importancia de 365$000
Levei a M.me Levaillant, a quem pedi um recibo 100$000
Dei por conta á casa Lombré. . . . . 100$000
De varias continhas.. . . . . 150$000

Paguei um total de réis. . . . 715$000

O sr. Fonseca deu-me para as minhas mezadas 800$000
Depois de fazer os pagamentos supramencionados, restavam-me réis. . . . . 85$000

Eis com o que eu fiquei para esperar oito mezes que voltasse para Lisboa o meu protector.

Vivia com a maior economia possivel; mas um mez depois do sr. Fonseca ter partido, achava-me com dez tostões em minha casa.

Para poder supprir as despezas diarias, achei-me forçada a mandar empenhar, hoje uns brincos, amanhã uma pulseira; quando se acabaram as joias, foram indo vestidos, chales etc. etc, assim continuei até que achei os meus armarios, as minhas commodas, os meus bahús, tudo, tudo vasio; e quando já não achava mais nada, tinha a ausencia do sr. Fonseca de durar ainda cinco mezes!!!

Os embaraços e os apuros em que me achei foram terriveis, e era quasi chegado o anniversario da morte do meu Henrique! Esse desgosto d'alma, junto aos tristes embaraços materiaes da vida, causaram-me uma negra melancolia.

Eu não tinha uma parenta, uma amiga, a quem pe-

Digitized by Google

desse confiar os meus dissabores; as confidencias desabafam o coração, e eu não tinha essa consolação!!!

Quando por um objecto de vinte moedas, eu via que me mandavam duas, e que tinha de pagar os juros de cruzado por moeda, cada mez, tremia ... tremia do abysmo que eu antevia. Mas como podia recuar? Quebrar o meu infeliz capricho, ser uma mulher sem palavra, isso nunca. Resignei-me.

O sr. João Caetano de Oliveira Bastos, official, que tinha sido, e que era julgo ainda, da guarda municipal e protegido predilecto do exm.º sr D. Carlos Mascarenhas, tinha ficado, como elle m'o disse, espantado da maneira como eu lhe paguei a minha conta, que elle havia comprado ao sr. Francisco de Sousa.

Tinha-me elle offerecido de lhe pagar em prestações, mas eu tinha dinheiro, e por isso lhe paguei de uma só vez.

Como esse sr. me tinha dito que emprestava dinheiro, vendo os embaraços em que eu me achava, mandei-o chamar, e contei-lhe toda a minha difficil posição. Elle principiou a emprestar-me algumas pequenas quantias, que me custou bem caro, porque as suas *cantillenas* fizeram-me decidir a encommendar-lhe uma nova mobilia para a minha sala, sendo o nosso accordo de eu lhe pagar tudo que lhe devesse até á epoca do regresso do sr. Fonseca, com a prestação de seis moedas mensaes.

Eu não conhecia o sr. Bastos, julguei-o um homem de boa fé, e incapaz de commetter tratantices.

Mandou-me o sr. Bastos um retratista para tirar o meu retrato; como eu já me sentia doente, queria se morresse deixar-me representada aos olhos de minhas filhas. Legava-lhe a mesma consolação que eu gozo, quando considero o de minha mãe.

Por essa mobilia, que o sr. Bastos metteu em minha casa, é que tenho soffrido desgostos e vexames.

Digitized by Google

Poucas semanas faltavam para o anniversario de uma morte, que mortalmente ferira meu coração; esse era o meu soffrimento moral; o physico tambem soffria de uma constipação que havia apanhado na quinta do marquez de Pombal, em Oeiras. Resultou em pouco tempo chegar a estar em perigo de morte.

Assim que o sr. Fonseca teve essa noticia voltou para Lisboa; mas não podendo desembarcar, e sendo obrigado a estar de quarentena no Lazareto, o meu bom protector escreveu logo ao sr. José Candido d'Assumpção para lhe ir fallar ao Lazareto; ahi foi encarregado pelo sr. Fonseca de ir a minha casa, vigiar tudo, e cuidar nos meus dias.

No dia seguinte a este, veiu o sr. Assumpção a minha casa, e achou tudo (como elle me disse depois) n'uma verdadeira republica.

Uma rapariga, que eu havia tomado para minha casa por dó, e que se chamava Jesuina Rosa, para me recompensar levava todos os dias para fóra da minha casa troúxas de roupas.

Já havia algum tempo que esta criada tinha intimos segredos com M.me Levaillant, e era uma tal amizade da parte d'esta ultima para aquella rapariga, que lhe dava um dia um vestido, outro dia um chapeo, etc. etc.

M.me Levaillant, genio sumitico e mesquinho, fazer presentes!!! Não pode deixar de haver mysterios..... Quem conhecia aquelle caracter avarento, podia dizer afoitamente: Ha mysterio!!

Pincipiaram a chover cartas anonymas em minha casa. Todos os dias era uma nova maldade que me vinha escripta. As primeiras cartas que recebi fui superior a ellas; porém sentindo-me já adoentada, não tendo a quem podesse confiar os meus desgostos, soffria profundamente, e por mais que eu procurasse na minha consciencia o que podesse motivar aquella guerra, não achava motivo algum.

Digitized by Google

Assim que o sr. José Candido d'Assumpção tomou o governo da minha casa, poz logo um termo áquella republica de criados; e tratou, com o boticario que morava por baixo da minha casa, tratou, digo com o sr. Anselmo Gregorio da Veiga, de vigiar tudo nas horas que elle Assumpção estivesse na sua repartição; elle era empregado na junta do credito publico.

Em quanto o sr. Assumpção não entrou em minha casa, eu estava no maior abandono possivel. Minhas criadas, vendo-me doente de cama, estavam sempre á janella, ou iam passear, ou davam jantares ás pessoas de sua familia e aos seus conhecimentos, e no meio dos seus divertimentos, não se incommodavam muito comigo.

O desmazelo em que deixavam minhas filhas, punha-me n'um triste estado de desesperação. Mas quando o sr. José Candido d'Assumpção tomou o governo de tudo, e que da casa de M.me Levaillant viram que elle era um *janota*, toda a ninhada de *grisettes* principiou a visitar-me, para verem se agarravam esse pobre meiro.

M elle Agostinha Saignard foi a escolhida por M.me Levaillant para ficar de todo em minha casa.

Dirão: porque foi que M.me Levaillant fez a escolha d'essa rapariga?

É porque essa grisette fazia-lhe menos falta no seu estabelecimento, visto que nenhuma senhora queria vestidos feitos por ella, e que lhe chamavam a *cozinheira*, alcunha que sempre lhe ficou, apezar dos esforços que fazia para se tornar sylphide.

Quando o sr. Fonseca desembarcou, e que veiu verme, achando-me muito doente ficou tão penalisado que, não podendo resistir ás suas lagrimas, saiu do quarto e foi sentar-se na sala, sobre o canapé que estava defronte do meu retrato, que se tinha acabado de tirar poucos dias antes de eu cair doente. Ali, com a mão encostada á face, com os olhos fixos n'elle, e as lagri-

Digitized by Google

mas banhando-lhe o rosto, ficou n'um morno silencio.

A enfermeira que me contou isto disse que fazia dó vêl-o no estado de magoa em que estava. Afinal levantou-se, voltou para perto de mim, pegou-me na mão, e disse-me:

—Coragem, está muito doente, mas hade pôr-se boa depressa.

Eu sorria tristemente.

— Sim, coragem! repetia elle, hade pôr-se depressa boa, muito depressa. E as lagrimas caíam-lhe pelas faces.

—Se eu morrer, dizia eu, seja sempre o protector das minhas filhas, sim?

—Não hade morrer, não; mas se isso acontecer suas filhas seriam as minhas.

Não pude senão dizer obrigado, e desmaiei.....

A sensação que experimentei com a idéa da morte, com a idéa deque iam ficar orphãs as minhas queridas filhas, esses dois thesouros da minh'alma, causou-me um terrivel abalo.

O sr. Fonseca e a enfermeira, vendo-me n'aquelle estado, julgaram que eu ia morrer, chamaram logo o vizinho boticario o sr. Veiga, e mandaram recado ao meu bom doutor, o sr. Bernardino Antonio Gomes. Quando elle chegou, ralhou muito dizendo que não tinham cuidado em mim; prohibiu ao sr. Fonseca de fallar tanto comigo, fazendo-lhe conhecer que mesmo para elle não era conveniente, visto elle já soffrer tanto do coração.

Dias depois principiou o sr. Manuel Pinto a queixar-se muito das suas suffocações; na minha convalescença, dizia-me elle:

—Em breve vou morrer, e é devido á terrivel impressão que eu resenti de a achar tão mal.

Se essa impressão abreviou os dias do meu protetor, oh! perdoae-me, meu Deus, perdoae-me!

Digitized by Google

verdade? Mas desengane-se, porque eu não morro ainda.

M.elle Agostinha estava tão admirada de ver que eu sabia tudo, que fula de colera levantou-se e saiu do meu quarto.

D'esse dia em diante dizia ella a toda a gente que eu estava doida.

Os ultimos desgostos que eu tinha experimentado, os planos que eu ouvia combinar sobre a minha morte, todas as maldades que me tinham feito soffrer, podiam ter-me enlouquecido, é verdade; mas a bondade de Deus que se não esquecia que eu era a sua protegida do *Sacré-Coeur* venceu tudo, e em pouco tempo os medicos declararam que estava salva.

Via-se brilhar a alegria nos olhos do sr. Fonseca; querendo alegrar-me dizia:

—Em breve estará restabelecida, e então lhe darei as prendas que lhe trouxe de França.

—Que prendas? perguntei eu.

—Pois não se lembra que eu antes da minha partida prometti de lhe trazer lembranças de Paris? Pois trouxe-lhe um adereço de brilhantes, alguns cortes de vestido, e um lindo chale de cachemira da India, de que hade gostar immenso.

Tive curiosidade, e por isso disse-lhe que só acreditaria vendo.

— Pois esteja bem socegada, disse elle, durma, tome bem os remedios, e amanhã lhe trarei tudo para ver.

Quando o sr. Assumpção veiu, perguntei-lhe se elle tinha visto o que o sr. Fonseca tinha trazido de França.

—Vi tudo, respondeu-me elle, e tive na minha mão um lindo adereço, que me disse elle, ser uma prenda que lhe trazia de Paris.

Fiquei muito contente, e disse-o a Agostinha; mas

Digitized by Google

ella parecendo que a serpente da inveja a mordera replicou me:

—Sim, mas não é tudo de brilhantes, tem muitas pedras d'agua.

—O sr. Manuel Pinto, homem dez ou vinte vezes millionario, mesmo por seu orgulho não havia de trazer de Paris, á sua protegida, um presente de pedras falsas; respondi eu.

No dia seguinte, veiu o sr. Fonseca e disse para a enfermeira, que assim que o seu criado chegasse, me viesse trazer o que elle lhe entregasse.

Pouco depois voltou ella com uma caixa encarnada, e depois de ella aberta pude ver um adereço completo.

—Oh! como é bonito! exclamei que brincos tão exquisitos...

—São do feitio mais moderno, me respondeu elle, tirando um da caixa. Depois mostrou-me a pulseira e provou-m'a, dizendo, que tinha receio que estivesse apertada.

Pelo pequeno exame que fiz, vi que tudo era lindo, brincos, alfinete, pulseiras, tudo era com umas chapas redondas, cravejadas de brilhantes. As pulceiras mereceram a minha admiração por as chapas serem presas por uns fios de oiro que formavam a pulseira. Esses fios eram a obra mais delicada possivel.

Eu estava tão fatigada dos movimentos que fizera, que deixei cair o braço, e os olhos cerraram-se-me.

O sr. Fonseca tornou a collocar tudo na caixa, e disse-me no fim:

—Não gosta?

—Gosto, mas não sou eu que heide usar d'este adereço!

—E porque?! perguntou elle admirado.

Não quiz revelar-lhe os pensamentos que me passavam pela cabeça, e só lhe respondi.

—Não sei.

Digitized by Google

— Isso é uma cleancisse; olhe como é bonito, continuou elle, voltando de um lado para outro a caixa para me mostrar como reluziam aquelles brilhantes.

— Mas, sr. Fonseca, se isto ficar em minha casa, vae tambem desapparecer, disse-lhe eu.

— E' verdade, eu o levo pois, e quando estiver melhor, entregar-lh'o-hei. Acha-me bom depositario?

Eu estava tão cançada, que só lhe dei a minha mão. Esse signal era a resposta a tudo.

Passaram-se dias, em que eu estive entre a vida e a morte.

Entrei na convalescença, e o sr doutor Bernardino Gomes ordenou que eu fosse para o campo.

Levaram-me para Bellas.

Começaram para mim os enganos e as traições, logo ao sair a porta de minha casa, porque me disseram: Vamos dar um pequeno passeio a Belem, e eu de boa fé subi para o caleche, e só no meio do caminho é que me disseram: Vamos passar algumas semanas para Bellas.

Principiei a chorar, e perguntando-me Agostinha o que eu tinha, disse-lhe:

— E' mal feito levarem-me para o campo dizendo que eu ia passear, porque tenho compromissos, e não posso ir assim quasi de fugida.

O sr. Assumpção ia assentado na almofada fumando.

— Quaes são esses compromissos? Diga-me, que eu farei sciente d'elles ao sr. Assumpção.

Notei a maneira de ella dizer — Assumpção, como dias antes tinha notado a familiaridade d'essa donzella com o tal janota.

As criadas e a enfermeira já me tinham contado o que se passava Aquella virtude.... que tinha atravessado as ondas do oceano, para escapar aos perigos dos amores de França, vinha naufragar sobre os rochedos de Portugal!... E ao entrar a barra, não ter appa-

Digitized by Google

recido uma alma bemfazeja que lhe dissesse: Fuja... fuja... vá para a *China*, longe d esta terra de perdição!! Nada appareceu!.. nenhum aviso teve,.. Coitada!!!

CAPITULO III.

Chegamos a Bellas. — Sei o mysterio de uma historieta. — Agostinha não me convem. — Franca explicação com o sr. Assumpção. — Quinta do conde de Pombeiro. — Entramos em Lisboa á hora da missa do gallo. — O sr. Fonseca está doente. — Celebre livros dos recibos. — Os passaros fazem barulho. — Um regedor em resultado de umas argoladas. — Decisão do sr. José Lino Alves Chaves. — O sr. Assumpção perde a cabeça. — Terceira penultima carta do sr. Fonseca. — O sr. Chaves promette-me a sua amizade. — O sr. Chaves exclama: Victoria.

Chegámos a Bellas.

Parece que foi no silencio da noite que Agostinha repetiu as minhas palavras ao sr. Assumpção, porque antes de voltar para Lisboa, elle disse-me:

—Sei tudo, esteja descançada, eu arranjarei tudo, para que o sr. Fonseca não saiba nada.

Assim que o sr. Assumpção saiu, as duas mulheres do hotel entraram no meu quarto, e principiaram a conversar muito comigo.

Disseram-me que conheciam M.elle Agostinha, porque já lá tinha ido com outra senhora e dois cavalheiros, que foram passear á quinta, que jantaram, e que depois para não estorvar a digestão pediram dois quartos.

Recordei me logo do que me tinham contado de uma *celebre partida*, que duas grisettes de casa de M.me Levaillant tinham feito com dois *attachés da em-*

Digitized by Google

traidada de Hollanda. Em Bellas soube que M.elle Agostinha tinha sido uma das heroinas.

Li com o titulo de *Conversa ao luar* um conto que um jornal intitulado *Rigoletto* publicou, apresentando esta scena disfarçadamente descripta.

Restava saber se era a Hollanda, ou Portugal que apanhara o que a França deixou escapar!!!

Fiquei sabendo que Agostinha era uma hypocrita.

Quando o sr. Fonseca foi a Bellas visitar-me, achei-o muito abatido; e não querendo desgostal-o, quando me perguntou como eu me dava com a Mademoiselle, respondi que estava contente, mas que esperava em breve poder voltar para Lisboa, porque não me agradava o conserval-a sempre em minha casa.

—Porque?! perguntou elle admirado.

—De maneira alguma me convem, disse lhe eu, e dei-lhe a entender o motivo.

No outro dia, quando o sr. Assumpção veiu de Lisboa, notei a sua pallidez, e os seus olhos espantados, signal infallivel (n'elle de grande raiva.

—Está doente? lhe perguntei.

—Não, M. me; mas estou triste.

—Eu bem sei porque, repliquei eu; provavelmente o sr. Fonseca repetiu-lhe o que hontem lhe contei, e o sr. Assumpção zangou-se comigo por isso. Mas deve considerar, continuei eu, que não me posso prestar aos amores de M elle Agostinha; e se aqui fosse a minha casa já a teria mandado embora. Mas n'um hotel não posso senão fechar os olhos, por isso ella abusa, e faz-se tão descarada que não a posso tolerar. Se M.elle Agostinha tivesse sido outra qualidade de mulher, eu a teria sempre conservado em minha casa, em recompensa dos serviços que ella prestou durante a minha enfermidade. Porém como ella me illudiu, e a sua hypocrisia não pode esconder o que ella é (a mais descarada das grisettes) tenho a pedir-lhe, sr.

Digitized by Google

Assumpção, que a leve, para onde quizer, mas eu não a quero comigo.

—Considerando, M.me, que a Agostinha a tratou na sua doença, peço-lhe que a deixe ficar em sua companhia em quanto estiver no campo, e dou-lhe a minha palavra de honra que voltando para Lisboa ella tomará outro rumo.

—Que fique pois. Mas peço-lhe de evitar escandalos, disse eu.

—Comprometto a minha palavra, respondeu elle. Fiei-me n'essa palavra, e esperei.

Dias depois principiou Mlle Agostinha a ter todos os dias tres e quatro desmaios.

Perguntei-lhe o motivo d'essa doença, e ella confessou-me que estava gravida.

—Como é possivel isso, Luiza, disse eu para a criada que tinha vindo comigo de Lisboa.

—A Agostinha hade estar gravida de tres mezes, respondeu ella, porque é pouco mais ou menos a epoca da entrada do sr. Assumpção em casa da Madame.

Foi-se chamar um medico que a não quiz sangrar, conforme era o desejo d'ella.

Porém no dia seguinte, depois de elle conferenciar duas horas, resolveu-se, e sangrou a doente, que ficou tomando d'esse dia em diante umas pilulas, que lhe traziam de Lisboa.

A segunda vez que o sr. Fonseca foi visitar-me, achou-nos todos reunidos na quinta do conde de Pombeiro. N'esse dia estava eu bastante incommodada; tinha-me sentado debaixo de uma grande arvore, sobre um banco de cortiça. Ali, encostada e triste, meus olhos seguiam os movimentos de minhas filhinhas que estavam brincando com a sua criada.

Eu estava melancolica, recordava-me do *Sacré-Coeur de Conflans*, que tinha na quinta grandes arvores, como aquellas que me rodeavam! recordava-me que então era uma creança quasi tão feliz como aquellas duas que

Digitized by Google

eu via saltar contentes diante dos meus olhos. Eu então como ellas não me importava senão de flores e de borboletas! E agora... via-me ali abatida, salva de uma perigosissima doença, e meu coração tão isolado!! esse coração, que pedia affeição, que pedia amor, que pedia dedicação, achava-se só no mundo!!!

A razão obrigava-me a calar a voz da paixão que eu ouvia eccoar no meu peito!

Tendo nascido debaixo de um sol ardente como o do Brazil, eu era uma mulher exaltada, phrenetica, e apaixonada de mais para viver feliz no estado em que me achava.

A morte do meu Henrique foi para mim um golpe forte de mais; fiquei como uma pobre arvore sem força e quasi sem vida; mas havia passado um anno; e a fraca arvore queria reviver.

O reconhecimento que eu devia ao meu bemfeitor obrigava-me a estar alegre, e eu alegre parecia, mas o que eu soffrera para mostrar essa alegria, que tão longe estava do meu coração, causou-me a terrivel doença que supportei.

Esse tempo foi uma lenta morte para mim! Resuscitei, e abraçando minhas filhas senti a esperança nascer de novo; uma nova existencia começava a alvorocer para mim.

Queria amar, amar um ente que me correspondesse com o mesmo amor, com a mesma vehemencia, com a mesma firmeza! um ente que me comprehendesse, e que fosse merecedor da amizade que eu lhe consagrasse.

Era uma illusão! Eu tremia de a ver correr como as nuvens!

N'esses sonhos da imaginação, eu não tinha ouvido o rodar de um trem que passou em frente da grade da quinta; e só alguns instantes depois quando me dirigiram a palavra, o que tive um sobresalto, e que voltei à vida real deste mundo.

Digitized by Google

A reacção foi tão forte, que encostei a cabeça, e as lagrimas banharam-me as faces.

—Que tem? perguntou o sr. Fonseca, pegando-me nas mãos; como está fria!

— E' verdade, tenho frio; respondi eu.

Elle tirou o seu ponche, poz-m o nos hombros, e disse, dando-me o braço:

— Vamos andar um boccadinho; faz-lhe bem.

Principiámos então a andar, e elle com o maior desvelo ia arredando com a sua bengala as pedras que podiam estorvar os meus pés.

Quando chegámos ao caramachão, perto do rio que atravessa a quinta, perguntou me o sr. Fonseca.

—Que tem? está triste? receia o futuro?... Bem sabe que nada deve receiar; eu prometti-lhe a minha protecção, e apezar de tudo quanto me dizem, hade tel-a. Eu conheço-a bem, e por isso nunca mudarei.

— Eu não receio de perder a sua affeição nem a sua protecção, me apressei a responder; mas é verdade, estou triste, e não sei porque!

—Voltando para Lisboa, tornou elle, quero que se divirta. quero que tenha muitas distracções, quero que seja feliz! Hade-me dar uma relação das dividas que tem; eu sei que fora a do sr. Bastos, para a qual já dei setecentos e sessenta e cinco mil réis, para ser paga, tem outras mais. Zanguei-me muito quando soube que tinha dividas, porque conheci que não tinha confiança em mim, e que se não lembrava do que eu lhe tinha dito: que eu lhe daria tudo quanto me pedisse!

— Mas deve tambem recordar-se disse, eu, que lhe jurei de nunca lhe pedir coisa alguma.

—Orgulhosa! exclamou elle; pois pensa que o meu orgulho não havia de ficar ferido quando soubesse das suas dividas? E que dirá o mundo? que eu lhe não dava sequer o necessario.

Digitized by Google

—Não, sr. Fonseca, ninguem dirá tal; accusar-me-hão de extravagante; porque o mundo será sempre o mesmo, tomando o partido do mais forte.

Elle riu-se; conheceu talvez a verdade do que eu disse.

—Mas agora, por exemplo, não tem dinheiro; sei que pediu á Agostinha dinheiro emprestado; porque não me escreveu? Aqui não lhe falta nada... O sr. Assumpção deve trazer-lhe de Lisboa tudo que deseja... todos os mezes elle me apresenta a conta; porque não lhe pediu o que queria?

—Era para mandar dizer uma missa n'esta capella, respondi eu, apontando para o alto do monte.

Creança! não sabe que eu sou o seu banco? disse elle rindo muito, puxando pela sua carteira e querendo dar-me as notas que dentro estavam.

—Que quer que eu faça com tanto dinheiro? perguntei-lhe rindo-me.

—Não quero, disse elle, que quando desejar mandar dizer uma missa, ou desejar qualquer outra coisa, peça emprestado nada a ninguem.

—Agradeço, mas para isso não preciso tanto dinheiro; respondi eu, acceitando unicamente as libras.

Deus sabe os cuidados que me cercavam! Olhando para aquellas notas, disse comigo: Com essas notas. ver-me-hia livre de dois ou tres crédores!... O meu capricho porém, e a promessa que fizera ao sr. Fonseca em Cintra alguns mezes antes, foram mais fortes que os cuidados que eu tinha dos meus credores, e tive bastante coragem para não me abater nem me abaixar.

Voltámos com minhas filhas e Agostinha para o hotel. N'esse dia estava o sr. Manuel Pinto muito triste, porém não deixou de brincar com a *Titi*, como elle chamava á minha Clementina.

Que tem, M.me? perguntou-me M.elle Agostinha,

Digitized by Google

quando o sr. Fonseca se metteu no trem para voltar para Lisboa.

—Estou triste, disse eu.

—No seu logar, eu estaria bem contente, respondeu.

—Porque? perguntei simplesmente.

— Ora, porque! replicou ella, se eu tivesse um homem como este sr. *Monte-Christo*, considerava-me feliz por toda a minha vida, e havia de o depennar muito bem. Antes de um anno os seus milhões sentiriam um grande *abalo*, e eu seria então mais ditosa do que uma segunda Haydeé. Ah! quem me dera um homem assim! E Agostinha soltou um profundo e longo suspiro.

—Então não gosta do sr. Assumpção? perguntei-lhe.

—E' bom rapaz, é verdade, disse ella; mas coitado, não tem nada.

—Então pelo que vejo não gosta senão de dinheiro? disse eu.

—E de certo Madame, o dinheiro é a alma de tudo, e por isso se amanhã me apparecesse uma pessoa que me desse bastante, deixava immediatamente o Assumpção.

—Então o seu amor é ao peso! se o sr. Assumpção ouvisse isto, de certo não havia de estar *tres flaté*.

—Ora!... eu negava, disse ella rindo e cantarolando.

Em presença d'aquelle descarado egoismo, d'aquelles calculos faltos de todo o sentimento; d'aquella mulher que punha o seu amor n'uma balança, senti meu coração revoltar-se a tal ponto, que tive desejos de me levantar e de lhe puxar as orelhas, para ver se d'esta maneira lhe faria subir o sangue á cabeça, e corar as faces de vergonha.

D'esse dia fiquei conhecendo Agostinha como uma perfeita *grisette*; tinha um tal nojo d'ella que não lhe dirigia a palavra senão quando era absolutamente necessario.

Digitized by Google

O sr. Assumpção perguntava-me muitas vezes o que eu tinha, e se Agostinha me fizera alguma coisa.

A tudo lhe dizia que não.

Tinha dó d'elle, e não queria, revelando-lhe a verdade, fazer cair aquelle *amoureux* das nuvens do ceo na lama da rua, d'onde saía M.elle Agostinha.

Passados alguns dias, disse positivamente ao sr. Assumpção que eu queria voltar para Lisboa.

Fora do seu costume, esteve tres dias sem apparecer em Bellas.

Seriam dez horas da noite do quarto dia, quando todos já estavam deitados; excepto as duas mulheres do hotel, e eu, que ainda estava a ler, quando ouvimos o rodar de um trem.

—E' alguem que vae para Cintra; disse eu fechando o livro.

—Não, porque parou; disseram ellas.

Bateram na porta, todos os cães da casa, como verdadeiros cães de fila, principiaram a ladrar. Depois principiaram as fallacias, as corridas, as exclamações, até que appareceu o sr. Assumpção.

—O que aconteceu? perguntei eu assustada; o sr. Fonseca.....

—Socegue, socegue, respondeu elle tomando as minhas mãos geladas; nunca vi pessoa mais nervosa, já está toda tremula! digo-lhe que socegue, não ha nada de extraordinario; sou eu que venho buscar a todos, pois que amanhã é o dia de natal, e o sr. Fonseca disse que estimava muito passar esse dia em sua casa; esse motivo é que me fez vir a esta mesma hora. Arranje bem tudo, Luiza, e abafe bem as meninas, disse elle para a minha criada. Façam-me a conta, continuou elle, voltando se para as mulheres; e eu, vou ver Agostinha para que se levante, disse saindo.

Em breves minutos todos se apromptaram. Pagou-se tudo, e partimos para Lisboa.

Entrando as portas, da primeira egreja que avistámos

Digitized by Google

já estava saindo gente da *missa do gallo*, como se diz popularmente.

Achei aquella volta repentina para Lisboa, e a similhante hora, tão extraordinaria, como tinha achado celebre o fingido passeio a Belem, que nos conduziu para Bellas

—O cocheiro vae enganado, adverti eu ao sr. Assumpção.

—Já não mora ao correio; respondeu elle.

—Porque?! apressei-me a perguntar.

—O sr. Fonseca achava a casa pequena, disse elle.

—Isso é impossivel, exclamei, porque o sr. Fonseca sabe quanto eu desejava viver e morrer n'aquella casa!

Encostei-me no canto do caleche, e nada mais disse.

Chegámos emfim. Minhas filhas atordoadas pelo somno, e eu constrangida por ver que se dispunha da minha vontade sem me consultarem.

Ousámos apenas dar um passo n'aquella casa que era nossa, e na qual entrámos como estranhas.

Depois de ver toda a casa, entrámos n'um quarto, e disse o sr. Assumpção para Agostinha:

—Este é o seu quarto, Mademoiselle.

Fiquei espantada de ver o *sans façon* com que o sr. Assumpção faltava á palavra que me havia dado.

No outro dia quiz pôr em ordem os meus papeis, e como o sr. Assumpção já havia saido, disse a M.elle Agostinha que tivesse a bondade quando elle voltasse de lhe pedir em meu nome o livro em que eu costumava estampar os recibos de tudo que comprava.

M.elle Agostinha, pondo as mãos na cintura, (costume muito seu, e que a fazia de uma varina parecer-se com uma regateira.) disse-me:

—Está doida! esta casa é toda minha; quando esteve doente, o sr. Fonseca não quiz pagar-lhe as suas dividas, por isso o sr. Assumpção mandou avaliar toda a sua

Digitized by Google

mobilia, e o dinheiro porque a avaliaram entregou elle para pagamento das suas dividas, percebe agora?

—Veremos, disse eu voltando-lhe as costas e andando para a sala, aonde me fui assentar ao piano.

Os dias passavam-se, e de dia para dia o escandalo ia-se tornando indecentissimo.

Que podia eu dizer ao sr. Fonseca? elle estava doente, e eu não devia augmentar os seus soffrimentos com as minhas queixas.

Resignava-me a ter paciencia.

Não appareceu o sr. Fonseca durante tres dias, e quando depois d'essa ausencia elle veiu visitar-me, achei-o tão abatido e tão mudado, que apenas podia respirar quando fallava.

Senti meu peito opprimido com um triste presentimento, mas nada disse, nem dei a conhecer.

N'esse dia o sr. Assumpção não jantou em minha casa, e M,elle Agostinha furiosa de eu a não mandar entrar na sala, estava *desapointée* como tinha ficado a celebre M... e para se vingar entornou vinho na mesa; saltou sobre as conservas; queimou a lingua; e ia espetando um olho com o garfo.

Vendo porém que todos os seus movimentos convulsos não alcançavam de mim sequer um sorriso de desprezo, levantou-se sem esperar a sobremesa, e retirou-se para o seu quarto.

Vinte minutos depois de me levantar da mesa, estava ainda encostada a uma das janellas da casa de jantar, vendo as minhas filhinhas que no jardim andavam a apanhar umas flores, quando entrou o sr. Assumpção dizendo-me que sabia que o sr. Fonseca tinha estado em minha casa, e que elle Assumpção queria ser informado do que se tinha passado.

—O sr. Fonseca estava muito doente, e por isso nada lhe contei, respondi eu seccamente.

—Mas aonde está Agostinha? perguntou elle admirado.

Digitized by Google

— No seu quarto; respondeu uma das creadas.

Para lá se encaminhou o sr. Assumpção, para ouvir as confidencias de quem elle esperava os remedios raspalhistas.

O sr. Assumpção não se resolvia a trazer o meu livro dos recibos; por isso mandei vir um trem, e fui buscal-o a casa d'elle; porém como encontrei o sr. Assumpção algumas portas antes de lá chegar, mandei parar o caleche, e disse para o dito Assumpção que se tinha chegado perto do trem:

Ha dois mezes que sempre se esquece do meu livro, por isso venho buscal-o.

—Eu lh'o levo esta tarde; respondeu elle.

Effectivamente, n'esse mesmo dia elle m'o entregou.

Por esse lado estava eu descançada; restava-me acabar com o escandalo que causava M.elle Agostinha.

Alguns dias depois de eu ter os recibos em minha mão, disse á noite á creada do meu quarto, que me trouxesse as chaves de todas as portas: ao que ella obedeceu fielmente.

Deitei-me descançada; porém não tinha ainda bem pegado no somno, quando tive um sobresalto pelas argoladas na porta da rua, e pelo alvoroto que faziam á porta do meu quarto.

Eram os passaros que faziam aquelle desatino, um por se achar fechado na gaiola, e outro por querer entrar n'ella.

Com o despontar da aurora desappareceu o sr. Assumpção, e durante o dia não vi M.elle Agostinha.

Ao chá, disse-lhe positivamente, que d'esse dia em diante ainda que ella repetisse o escandalo de alvoroçar toda a vizinhança, eu não lhe mandaria entregar as chaves.

Não me deu resposta; e eu tive a satisfação de dormir tranquillamente toda a noite. De manhã, quando a criada me acordou para eu tomar o meu banho, vejo a pallida e tremula dizendo:

Digitized by Google

—Está cá! está cá!!

—Quem? perguntei eu admirada.

—O sr. Assumpção; exclamou ella.

—Está sonhando, lhe disse eu; e para a fazer voltar do susto, fui á minha cama e tirei debaixo do travesseiro as chaves.

Ella abriu muito os olhos, fitou as chaves, e depois tornou a repetir:

—Elle está cá! elle está cá!

Quiz acabar com a duvida, vesti-me á pressa, mandei pôr o almoço na mesa, e entrei na casa de jantar.

Fiquei passada, dando com os olhos n'um homem pallido, que me disse com voz quasi sepulchral:

—O que me fez hade custar-lhe caro, porque me heide vingar.

—Isso é uma ameaça, sr. Assumpção? lhe perguntei.

—Não sei o que é, tornou elle com o mesmo tom; mas juro-lhe que serei sempre seu inimigo.

N'isto appareceu Agostinha, dizendo ao seu *chevalier:*

—Sempre és muito tolo em dares satisfações a esta *mijaurée;* eu heide pôl-a fora da minha casa.

—Isso é o que nós veremos; disse eu.

—Sim, sim; respondeu ella, voltando me as costas, e atirando com a porta do seu quarto.

Provavelmente na solidão ia traçar seus planos de batalha, no que havia de ser forte, porque o sr. Assumpção não fazia senão fallar em *Sebastopol* e nos combates do *mar Negro.*

Já o sr. Assumpção não estava em casa, quando entrou o sr. José Lino Alves Chaves, regedor da freguezia de S. Mamede), a quem eu tinha pedido que viesse a minha casa, para, na qualidade de autoridade, lhe contar o barulho da noite, e para lhe pedir que desse as providencias para similhantes factos não se renovarem.

—Vejo um meio muito facil, disse o sr. Chaves, é o de pôr fóra essa mulher.

Digitized by Google

—Receio escandalisar o sr. Fonseca; respondi.

—Quando o sr. Manuel Pinto souber os motivos que a levaram a esta deliberação, não hade senão louvar o seu procedimento.

—Mas eu não recebo cartas d'elle, nem lhe remettem as que eu lhe dirijo; disse eu.

—E está bem certa d'isso? me perguntou o sr. Chaves, com o maior interesse.

—Tenho toda a certeza.

Ficou o sr. Chaves a pensar alguns instantes, depois levantando a cabeça disse:

—Em tudo isto parece haver uma intriga; mas eu prometto-lhe que o sr. Fonseca hade ser informado do que se tem passado. Agora vamos ao que é mais urgente; esta Agostinha deve sair hoje mesmo da sua casa, e para isso preciso fallar-lhe.

Toquei a campainha, e disse á criada que appareceu, que fosse prevenir M.elle Agostinha que o sr. Chaves precisava fallar-lhe, e que a esperavamos na sala.

D'ahi a poucos instantes voltou a criada dizendo que M.elle Agostinha não queria fallar a ninguem.

Vendo que o segundo recado obtinha a mesma resposta, disse ao sr. Chaves:

—O verdadeiro é lá irmos.

Elle concordou, e para lá nos encaminhámos.

Ao ver-nos entrar, M.elle Agostinha deixou-se ficar defronte do toucador, aonde estava penteando o seu cabello, que usava curto e apartado ao lado como os homens.

O sr. Chaves, com a maior bondade e delicadeza, fez-lhe conhecer que a sua conducta era muito reprehensivel, e por consequencia que eu não a podia ter mais tempo em minha casa.

Eu servi de interprete, por que um não fallava francez, e outro não comprehendia o portuguez.

—Pois diga ao senhor, respondeu aquella menina fugida dos precipicios da França, voltando-se para mim,

Digitized by Google

com olhos furibundos, e apontando para o sr. Chaves como se fosse um cão, que esta casa é minha, e que d'ella não saio.

—O caso está mais serio do que eu pensava, disse o sr. Chaves levantando-se. Eu voltarei logo quando estiver o sr. Assumpção.

D'ahi a algumas horas entrou o sr. Assumpção, e eu mandei recado ao sr. Chaves, conforme elle me havia recommendado.

Eu estava no meu quarto pensando nos resultados que podiam succeder d'aquelles acontecimentos, quando o sr. Assumpção entrou como um relampago ameaçador.

—Então mandou chamar a autoridade? o que eu desejava agora era matal-a, disse elle correndo para mim com os braços alçados!

—Aqui estou, disse eu socegadamente; mas previno-o que em poucos minutos a autoridade está aqui.

— Oh! não heide morrer sem me vingar, exclamou elle.

Felizmente, a criada veiu dizer que o regedor estava na sala.

.. Oh! sim; exclamou o sr. Assumpção ssindo como um foguete incendiado; e entrando na sala bradou: O que vem o senhor cá fazer? eu não o chamei.. .....

—Fui chamado como autoridade, respondeu com toda a paz de espirito o sr. Chaves. M.me Josephina deseja que M.elle Agostinha saia hoje d'aqui.

—Se eu quizer; replicou o sr. Assumpção fóra de si.

Aqui não ha querer, disse o regedor já bastante zangado; e se as coisas não forem por bem, tenho á porta dois soldados.

Quando o sr. Assumpção viu que as coisas estavam tão adiantadas, achou que o mais prudente era ceder, mas ainda exclamou:

—Esta senhora hade-me pagar tudo.

—Ora, não diga essas palavras de ameaças; isso não é proprio de um cavalheiro, disse o sr. Chaves.

Digitized by Google

—Juro que heide fazer-lhe quanto mal eu puder; exclamou ainda o pobre despeitado, que representava o papel de uma creança que levando um castigo se punha com amuos, e com projectos de quebrar tudo.

O sr. Chaves com a maior paciencia ainda lhe disse:

—V. s.ª não hade fazer nada contra esta senhora, sou um homem com cabellos brancos, posso dar-lhe conselhos, e peço-lhe que seja comedido.

Achei que se me demorasse pareceria estar rogando mercê a uma pessoa que se havia declarado minha inimiga, e como não sou mulher de pedir misericordia em frente de um perigo, retirei-me.

Ainda ficaram muito tempo a fallar, até que finalmente saiu o sr. Chaves.

D'ahi a pouco tempo saiu o sr. Assumpção, e M.elle Agostinha.

Levavam atraz de si um gallego que ia carregado com um cesto da casa, aonde se guardava a roupa suja. Era aonde M.elle Agostinha levava o seu enxoval.

Foi d'essa maneira que eu me livrei de prestar minha casa a uma *grisette*, que teve a habilidade de fazer com que um homem delicado se esquecesse de todos os deveres de honra e dignidade.

Parece incrivel o poder que certas mulheres teem sobre o animo pusilamine de alguns homens, a ponto de os fazerem commetter acções que interiormente elles regeitam e accusam.

Esse poder, conhecia eu que tinha a desatinada Agostinha sobre o sr. José Candido de Assumpção, que, apezar de tudo, é uma pessoa cheia de delicadeza e de uma esmerada educação.

Conversando em tudo, se é em francez, elle responde na mais apurada linguagem; se o dialogo se trava em inglez, brilha ainda mais, porque se desinvolve n'esse idioma com a maior perfeição.

De genio fogoso e arrebatado, os seus repentes são impetuosos, mas o seu coração possue um fundo excellente.

Digitized by Google

Não digo isto por dever talvez a minha vida aos cuidados que o sr. Assumpção empregou no primeiro periodo da minha doença; digo-o porque é a verdade; por isso eu tributarei sempre ao sr. Assumpção o mais grato reconhecimento, e a mais sincera affeição.

Cheguei a ter na sua amizade um extremo de irmão e o patrocinio de um excellente conselheiro; mas a Agostinha fez-lhe perder a cabeça.

Nunca lhe tive odio pelo que me fez; sem duvida elle terá já conhecido a minha justiça, e os grandes erros que lhe fizeram commetter.

O sr. José Candido d'Assumpção é um empregado da junta do credito publico, onde tem merecido sempre a estima e a amizade de todos os seus collegas e superiores.

Pelas ameaças que o sr. Assumpção me fazia, a instigações de Agostinha, percebi que não perderia tempo para indispôr o sr. Fonseca.

Mandei ordem para vir um trem, e fui á rua do Calhariz.

Não me apeei, mandei chamar o guarda-portão a quem perguntei quem estava no palacio.

—Ha poucos instantes que entrou o sr. Assumpção, respondeu elle.

Vi que os projectos da vingança promettida começavam a estar em exercicio. Como tinha esse presentimento quando saí da minha casa, por isso já trazia uma carta que dei ao guarda-portão, para elle a entregar pessoalmente ao sr. Fonseca, que estava já doente de cama.

No dia seguinte recebi a resposta toda escripta pelo sr. Manuel Pinto da Fonseca.

Eil-a aqui.

«Eu recebi a sua carta, mas o meu mau estado de saude não me permitte responder nem apparecer.

«Tenho que ir viajar uma vez que escape ao muito que soffro.

Digitized by Google

«Tenha sempre confiança em mim.

«Não posso formar juizo com o occorrido com o sr. Assumpção; se eu me podesse de tudo capacitar era mais que bastante para nenhuma consideração me merecer desde já; mas por ora espero a verdade.

«Tenho provas mais que sufficientes, de que não é possivel governar-se, e é por isso que nada lhe parará em casa.

«O sr. Assumpção não deve mais tratar dos seus negocios, e eu vejo-me obrigado a mandar o procurador o sr. Lobato.

«Fallou no M. D. B. e R. Se assim foi conheço que é falta de juizo; e que sem este, tem com effeito de ser desgraçada; se assim fôr aconselho-lhe que vá visitar seu pae durante a ausencia que tenho de fazer d'esta terra.

«Eu faço esta com o maior sacrificio porque estou muito doente.

«A 15 mandarei preencher a mezada, e esteja descançada, porque eu continuarei.

«Meus padecimentos são grandes.

«Adeus! adeus.

Manuel Pinto da Fonseca.

Conhecendo o caracter do sr. Manuel Pinto, como eu o conhecia, sabendo que não era homem que fizesse uma promessa voluntaria para depois faltar a ella, fiquei descançada a respeito das minhas mezadas, não guardando no coração senão o cuidado que me dava a sua vida, que perigava com aquella doença tão fatal, que lhe causava tantos soffrimentos.

Chegou o dia 15 e effectivamente recebi uma carta com a minha mezada.

Mas nem a carta era do sr. Fonseca, nem a assignatura, que bem quizeram imitar, se parecia com a d'elle. Affirmei-me, examinando-a com mais de cem

Digitized by Google

cartas que eu tinha do sr. Manuel Pinto; e esse exame confirmou a minha duvida.

Mandei chamar o sr. Chaves, que tinha tido varias vezes a bondade de mandar algumas cartas minhas ao meu protector.

Quando elle veiu, contei-lhe os meus receios, e dei-lhe as cartas todas para elle comparar. Depois de bem examinar disse:

—Vejo que em tudo isto ha uma trama infame contra si, facil é conhecer que ha *machiavelismo*.

Com paciencia esperei o dia primeiro do mez seguinte, mas n'esse dia não recebi nem carta, nem mezada.

Vi que havia *complot*. Fortifiquei-me de coragem para affrontar tudo.

Pedi ao sr. Francisco Ferreira Serra, irmão do meu procurador, para ir pessoalmente entregar uma carta ao sr. Fonseca.

Fizeram lhe muitas interrogações, e não o deixaram entrar no quarto.

Desesperada porque já não sabia que meio empregasse, disse ao sr. Chaves que ia mudar-me para o Loreto, que assim eu estaria mais perto do sr. Fonseca, e poderia mais facilmente tomar uma resolução; elle achou que eu tinha razão, e aconselhou-me que fosse pessoalmente ao Calhariz.

—Não me deixariam entrar; respondi.

—Pois eu me comprometto a fazel-a ter uma entrevista com o sr. Manuel Pinto; me disse o sr. Chaves, com o maior interesse possivel.

Pensei alguns instantes... depois levantei-me sacudindo a cabeça como quem quer deitar fora uma idéa que importuna, e como quem toma uma resolução irrevogavel, disse:

—Não irei.

O sr. Chaves, que esperava outra decisão, olhou pasmado para mim perguntando-me o motivo.

Digitized by Google

—Eu lh'o digo, respondi assentando-me. Se o sr. Fonseca fosse para mim mais do que um protector e um bom amigo, eu não teria incommodado v. ex.ª porque no mesmo dia em que precisasse uma explicação, eu a teria. Elle estava doente, não podia cá vir, eu teria lá ido. Não me quereriam deixar entrar; mas eu lhe afianço que havia de entrar.

—É uma senhora singular, disse o sr. Chaves levantando-se; eu prometti que farei tudo que estiver ao meu alcance, para não deixar concluir a vingança que lhe juraram.

—E eu descanço no seu paterno auxilio, para que esta carta seja entregue em mãos proprias, disse eu dando-lhe uma carta para o sr. Fonseca.

Dois dias depois voltou o sr. Chaves com a physionomia alegre, exclamando:

—Victoria! victoria! A sua carta foi entregue, lida com prazer, e as lagrimas nos olhos, dizendo-me depois: nunca acreditei no que inventaram, porque a conheço. Ella que descance; o que está feito não será desmanchado; pelo contrario, se Deus me der vida, ella será muito feliz.

—E' pois a v. ex.ª a quem devo essas palavras de consolação, a v. ex.ª que me não conhecia, e que tão cavalheiramente acaba de me fazer um tão importante serviço! Depois do que tenho soffrido, as palavras que v. ex.ª acaba de pronunciar reanimam minha coragem, e obrigam-me a dizer-lhe do coração: obrigada! mil vezes obrigada! e peço-lhe que seja sempre para mim o mesmo: bom conselheiro, e bom amigo.

—Juro que serei sempre o mesmo, disse o sr. Chaves, porque lhe tenho sincera amizade, e profunda estima. Em qualquer caso que precisar de mim, sempre me achará.

Digitized by Google

CAPITULO IV

O sr. Bastos principia a mostrar os seus dentes. — O sr. Chaves salva-me de um lobo. — Venho morar para a rua do Loreto n.º 72. — Quero que uma carta seja entregue. — Embaraços — Marquez de ... não. — O sr. Serra apresenta-me o sr. Sant'Anna. — D. Antonia Gertrudes Pusich. — O sr. José Maria Dias Torres. — Primeira explicação. — Carta anonyma — Mysterios das Ave-Marias, revelados pela sombra de Belzebuth. — Já tarde me recordo da buenadicha, que me leram na Bohemia. — Ultimas palavras sobre M.me Levaillant. — Primeiro desengano.

Foi no dia seguinte ao d'esta conversação, que tive um embargo feito pelo sr. João Caetano de Oliveira Bastos, que tinha sido tenente da guarda municipal, e a quem alcunhavam o *Pancada*.

Este senhor, a quem eu tinha entregado a antiga mobilia de minha sala, vendendo me elle outra moderna, sabendo que o sr. Fonseca estava doente, receou que eu mandasse vender os moveis á *feira da lidra*.

Uma coisa que sempre me tem admirado, é a propensão que existe em muitas pessoas d'esta terra, para julgarem todos de má fé. Provavelmente por causa da maxima: *O bom julgador por si se julga*.

Vi entrar os officiaes de justiça seguidos de beleguins e de carrascos, que por a mobilia da sala que o sr. Bastos me havia vendido queriam levar tudo que estava em minha casa

Eu não tinha dinheiro, e não podia prevenir o sr. Fonseca, porque o meu dever era evitar-lhe desgostos, e não lhe augmentar os soffrimentos.

Era um abuso que o sr. Bastos commettia abuso que as leis quasi coadjuvavam, porque muitas vezes as leis são para quem as compra.

Digitized by Google

Aqui estarão fechados nos negros muros do Limoeiro os ladrões de mãos sujas e de sapatos rotos. Mas os ladrões que teem muito oiro; oiro para os theatros e dançarinas; oiro para jantares e partidas; oiro para as amantes encobertas pelos proprios paes, que se vendem por essa vilania, oh! esses ladrões então, de luvas brancas e botas de polimento, serão recebidos nas salas, e convidados nos bailes! Oh! miserias do mundo! miserias!.....

.....

.....

Não quiz deixar commetter aquelle roubo sem oppôr ao menos alguma resistencia; mandei chamar o sr. Chaves; a sua bondade havia de me salvar d'aquella afflicção.

Elle veiu immediatamente, e depois de algumas palavras que eu lhe disse, comprehendeu logo tudo.

O sr. Chaves conferenciou com os officiaes, e como elles recusaram receber a quantia que o sr. Chaves offereceu para pagamento e liquidação, ficou elle por depositario de tudo.

D'esse dia em diante, tratou o sr. José Lino Alves Chaves d'alguns negocios meus que estavam bem atrapalhados, e tratou-os com o maior cavalheirismo e desinteresse possivel.

Fez me egualmente o favor de retirar do poder de M.me L... um bahú com penhores, que eu tinha empenhado em casa de uma creatura na rua da Rosa. Durante a minha doença, julgando M me L... que eu morria, foi buscar todos esses penhores; porém quando os entregou ao sr. Chaves, faltava metade.

Isso não admirava M.me L... aproveitando se da minha doença, esperou que eu estivesse quasi á morte para arrombar a minha secretaria, e d'ella tirar todos os recibos das coisas compradas na casa d ella.

O que eu soffri durante o pouco tempo que mo-

Digitized by Google

rei na travessa de S. Mamede n.º 8 não foi nada, em comparação do que mais tarde tive de soffrer!!

N'essa casa da travessa de S. Mamede tive que batalhar para ser vencedora; não era a ambição que me guiava Queria, fosse ao preço de que sacrificios fosse, que minhas queridas e adoradas filhas não soubessem um dia quanto se soffre quando uma pessoa se acha só no mundo, sem fortuna, sem abrigo, sem amparo!!

Todas as desventuras que cairam sobre mim, eu vol-as agradeço, meu Deus, se com ellas puder ganhar a felicidade para minhas filhas. Abatida por tantos desgostos, ponho-me de joelhos, curvo a cabeça e levanto os olhos para vós, meu Deus! peço-vos que me deis coragem.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Encarreguei o meu procurador de allugar-me uma casa na rua do Loreto. Não achou senão a do n.º 72, aonde morava o consul hespanhol, que tendo já passado dois ou tres mezes do semestre, fez-me pagar os seis mezes por inteiro, e dar mais cinco libras de indemnisação do despejo.

Um consul, parece incrivel!!!

Impaciente de me achar n'essa casa, fiz transportar minha mobilia, apezar da chuva que caía a cantaros.

No dia seguinte mandei dar parte ao sr. commendor Manuel Pinto da Fonseca.

Dois dias depois veiu uma pessoa a minha casa, que me fez dar o juramento de nunca revelar o seu nome, porque, dizia elle, não queria tambem que o intrigassem.

—O sr. Fonseca confiou-me tudo, disse elle, encarregou-me de vigiar que nada lhe faltasse durante a ausencia que elle tem de fazer de Portugal.

Fiz-lhe esse juramento, e aqui lhe remetto a mezada do primeiro mez.

Digitized by Google

Por um movimento irreflectido levantei-me e disse:

—Agradeço muito essa prova de interesse que v. ex.ª tem por mim, porém vejo-me obrigada a não acceitar os seus offerecimentos.

—Pois que! disse elle olhando para mim espantado; quer ficar sem receber as suas mezadas?

—Paciencia, respondi eu; mas d'esse modo não as acceito.

Quando fiquei só é que reflecti na minha puerilidade.

E' verdade que esse individuo tinha procurado por todos os meios fazer-me a côrte; era um cavalheiro estimado por todos que o conheciam; mas devia eu, não querendo acceitar a sua côrte, receber d'elle obsequios, que tinham em vista mover o sentimento da minha gratidão? Não.

Devia recusar; foi o que eu fiz.

—Reflicta bem, tornou elle a dizer, porque jámais tornará a receber as suas mezadas.

Desde esse dia, nunca mais tive noticias do sr. Fonseca; por mais diligencias que eu fizesse tudo ficou surdo e mudo.

O sr. Manuel Pinto da Fonseca não era homem para faltar ás promessas escriptas e assignadas por elle; e a prova é a contemplação que por sua morte me deixou no seu téstamento.

Houve um grande mysterio, é verdade; porém o seu autor terá de responder a Deus pelas lagrimas e desgostos que desde então soffri.

Que elle obtenha o perdão de Deus; porque eu de ha muito que lhe perdoei.

Ainda convalescente de uma tão grande doença, como foi a que me poz ás portas da morte, achava-me tão abatida que vivia como um automato; levantava-me e deitava-me sem ter tomado uma resolução.

A's vezes, querendo sacudir aquelle estado de somnolencia, dizia comigo: Coragem, energia, Josephina,

Digitized by Google

tu que tens sempre lutado, deixas-te abater?! Vamos, coragem! coragem!!!

Então formava os mais extravagantes planos; ora ia ter com meu pae ao Rio de Janeiro; ora queria retirar-me para um convento.

Vinha a reacção. E minhas filhinhas, pensava eu! Ellas precisam de mim, meu amor materno me dará forças para tudo!!!

Um dia estava sentada ao piano, deixando correr os dedos sem saber o que tocava, quando as melodias de Verdi poderiam talvez inspirar-me. Mas eu estava ali toda attenta esperando os resultados de uma tentativa, que o irmão do meu procurador fizera n'aquelle dia para fallar ao sr. Fonseca.

Entrou elle, e disse-me:

—E' preciso renunciar a esta carta ser entregue, não ha meio algum.

—Ah! está brincando, respondi eu rindo desesperadamente; não sabe que penso um pouco como Napoleão, que dizia que a palavra *impossivel* não devia existir?!!

—E' verdade, disse elle, mas Napoleão tinha o poder da força; e ainda assim esse homem que se julgava invencivel, duvidou do bom exito dos vapores, e tratou de resto o seu inventor.

—Porém mais tarde, do alto de um rochedo, elle viu cortar velozmente as aguas do mar por esses barcos fumegantes; mas já era tarde!.. tarde para se salvar!!!

—Ora, como a Madame não tem o partido da força, e pelo contrario tem contra si fortalezas muito fortes, que hade fazer?

—Em eu querendo uma coisa, respondi em seguida, hade fazer-se. Diz-me que essa carta não pode ser entregue, pois eu digo lhe que hade sel-o. Porém preciso que me faça um favor. Procure o marquez de *** No principio de eu estar em Lisboa, julgou elle, que eu era uma mulher que me vendia; veiu a minha casa

Digitized by Google

e fez-me propostas infames Ouvi tudo com sangue frio, depois levantei-me, e disse-lhe que lhe perdoava, mas que se retirasse. Este marquez, homem distincto e muito cavalheiro, conheceu o seu erro; deu-me desculpas, e disse-me que se algum dia eu me achasse em qualquer embaraço, podia contar que sempre elle estaria ás minhas ordens. Passou-se isto ha dois annos; hoje preciso da protecção de um cavalheiro, não receio pois de me dirigir a elle; apezar de haver quem me tenha contado que elle dissera que não continuara a fazer-me a côrte, por eu lhe ter exigido uma *contribuição* exorbitante. E' de tanta miseria esta indigna desforra, que nunca me persuadi que similhantes palavras viessem de uma pessoa de tanta educação. Passou-se isto ha dois annos, hoje preciso da protecção de um cavalheiro, não receio, pois, de me dirigir a elle.

—Mas esse passo dará direito a esse homem de lhe renovar os protestos d'outr'ora; disse o sr. Serra.

—Então, repliquei eu logo, não acredita no cavalheirismo de um homem, (para elle deixar de abusar da confiança de uma pobre senhora que se confia na sua honra, pedindo o cumprimento d'uma offerta espontanea ?!

—Acredito, respondeu elle, mas não d'um homem que já lhe fez uma declaração.

—Tem talvez razão exclamei, eu. Mas, não sei então o que heide fazer.

—Dirigir-se a outra pessoa, tão audaz como esse fidalgo.

—Quem então, repliquei eu, e que não abuse da minha situação?

—Ainda ha homens cavalheiros, disse o sr. Serra muito seriamente.

—Essas palavras estão em contradicção com o que acaba de proferir respeito ao marquez de...

—Ha uma differença: essa já lhe declarou os seus sentimentos; e outro pode não lembrar-se de fallar em

Digitized by Google

amor; seria um egoismo, quando uma senhora está n'uma afflicção.

—Acabemos com isto; disse eu, tocando nervosamente sobre as teclas do piano, que tão innocentes estavam do que se passava.

—Uma pessoa que não receie nada, disse o sr. Serra, uma pessoa que chega ao pé do sr. Fonseca, apezar de tudo, é o sr. Sant'Anna.

Cessei de tocar, voltando-me repentinamente.

Vendo elle este meu movimento, disse:

—Sim, o sr. Sant'Anna.

—Sabe quem é essa pessoa? perguntei eu.

—Sei, e por isso é que lh'a nomeei.

—Ha um anno pouco mais ou menos, disse eu, morava então defronte do eorreio geral; estava um dia na janella, vejo passar uma pessoa e entrar na escada da casa que ficava ao lado da minha. N'essa casa diziam que se passavam grandes mysterios. Existia ali uma typographia Immediatamente essa pessoa veiu pôr-se á janella, fixando-me muito Retirar-me logo, era dar importancia; deixei-me ficar. Quando julguei que podia retirar-me sem essa dita pessoa pensar que o fazia por causa d'ella, metti-me para dentro, e fui assentar-me n'um gabinete, aonde estava lendo quando o sr. Fonseca entrou. —Porque se tirou da janella quando eu vinha? perguntou-me elle dando me a mão. —Não o vi, respondi eu, porque tinha a cabeça voltada para os Paulistas. — Eu já lhe tinha pedido que não olhasse tanto para esse lado; chora e faz-lhe mal; continuando ficará doente.—É verdade que soffro, sr. Fonseca, dirigindo a vista para ali, figura-se-me ás vezes que vejo apparecer alguem; então são recordações... e dolorosas saudades!

Depois, depois vejo passar um enterro, oh! então são soffrimentos e lagrimas!! Oh! perdão, perdão, lhe disse eu, pegando-lhe nas mãos humidas das lagrimas que lhe caiam dos olhos; perdão, mas não me prive de

Digitized by Google

lhe fallar n'uma paixão que acabará com a minha existencia O pranto não me deixou continuar.—Deve mudar de casa. disse o sr. Fonseca, aqui está sempre com essas idéas tristes, e isso pode fazer-lhe mal. —Mudar-me! oh! não! estas paredes que seus olhos fixaram; estas portas que sua mão abria, são uma triste consolação para o meu dilacerado coração. O sr. Fonseca vendo que as minhas lagrimas nao cessavam, disse-me para mudar de conversa: — Conhece aquella pessoa que estava quando eu entrei, á janella que fica pegada a esta casa?—De vista parece-me que sim, mas não sei quem é. —Pois não conhece o Sant'Anna, o Achilles da cidade de Lisboa? – Esse é que é o sr. Sant'Anna? perguntei eu muito admirada.—E' elle mesmo Conheço o do Rio de Janeiro, e por isso lhe digo: tome sentido. E' nova de mais, para dizer que nunca hade ter amor a ninguem. Eu prevejo tudo, e por isso lhe repito: tome sentido. — E' escusado, disse eu, porque não heide tornar a ter amor! — E' uma creança, e pensa que na sua edade pode viver-se sem paixão? perguntou elle sorrindo-se. — Todo o meu amor é para as minhas filhinhas, respondi.

—Isso é muito bonito, mas é muito nova para deixar o seu coração sempre calado. Eu não posso offerecer esse sentimento exaltado que sua alma deseja, mas certificaram-me que seu marido morrera; se acaso é verdade, então iriamos viver para França; quereria? —O meu reconhecimento sr. Fonseca, deve servir-lhe de resposta ás suas vontades.

Elle levantou-se, deu duas voltas na sala, passando a mão pela testa; depois parando defronte de mim disse me: — Não sei porque, vejo que é uma tolice, mas por si, que eu quereria ver socegada e feliz, receio este homem! —Que homem? perguntei eu não me recordando de quem vira na janella.— O sr. Sant'Anna, disse com mais tristeza o sr. Fonseca; é um presentimento sem

Digitized by Google

fundamento, mas digo-lhe: -tome sentido, tome sentido.

Depois de ter ficado mais alguns instantes a conversar, e a ouvir-me tocar o *Rigoletto*, peça que elle muito gostava, despediu-se e saiu.

Quando eu senti fechar a porta da rua, empurrei com raiva a cadeira em que estava sentada; dei umas poucas de voltas á roda da sala, pensando d'este modo: Realmente este sr. Fonseca não pensou no que disse; julgar que eu possa amar este homem, é uma loucura. O que eu tenho ouvido contar d'elle não é certamente para encantar um coração como o meu, que suspira por idealismo!!!

Tornei a pôr me machinalmente ao piano, toquei um bocado pensando ainda em tudo que tinha ouvido; depois quando principiei a cantar esqueci-me de tudo.

Nunca mais o sr. Fonseca me fallou, nem eu me lembrei do sr. Sant'Anna.

Passados muitos mezes, tornava a ouvir pronunciar esse nome; e então propondo-me para elle me fazer um obsequio, para com o meu protector, que me tinha dito: Tome sentido!!

Ninguem foge á fatalidade, quando ella está escripta no livro do destino.

Em poucas palavras disse á pessoa que me fallava do sr. Sant'Anna o motivo que me fazia receiar de me dirigir a elle.

—Não deve tratar de reflexões, respondeu o meu interlocutor, deve olhar para o seu futuro, e das suas filhinhas.

A palavra filhas foi sobre os meus receios um toque electrico.

— Pois bem, disse eu sem mais hesitação; peço que lhe diga que desejo fallar-lhe.

A voz com que pronunciei estas palavras foi a mesma que a de uma pessoa que vê um abysmo de um lado, e uma fornalha do outro, e exclama: Pois seja o abysmo!

Digitized by Google

Dezoito mezes curvei a cabeça ao peso dos desgostos e do arrependimento; que sejam elles, meu Deus, a expiação de todos os meus peccados!!!

Dizer o que eu senti quando vi entrar o sr. Santa Anna na minha sala, não é possivel descrever-se.

Oh! como todas as palavras, todos os movimentos d'este homem eram estudados! como lhe faltava a naturalidade, e a simplicidade!

O sr. Serra expoz-lhe o motivo que me obrigara a importunal-o; e eu confirmando todas as suas palavras, pedi-lhe o obsequio de remetter uma carta ao sr. Manuel Pinto da Fonseca.

—Hoje já é tarde para lá ir, me respondeu; mas amanhã ás dez horas virei, se me der licença, buscar a sua carta.

Fiz-lhe signal affirmativo, ao qual me correspondeu comprimentando-me e saindo.

—Então ainda tem receios? perguntou o sr. Serra, quando ficámos sós; não lhe disse eu, que era um perfeito cavalheiro?

Olhei o meu interlocutor sem lhe responder nada. Elle pensando que aquelle olhar ainda tinha signal de duvida continuou:

—Apezar de tudo o sr. Sant'Anna é um cavalheiro, e nunca hade abusar da afflicta posição, e das lagrimas de uma senhora.

A entrada do meu procurador poz termo a uma conversa, que principiava a ser-me desagradavel.

No dia seguinte ás dez horas recebia o sr. Santa Anna da minha mão a carta para o sr. Fonseca. Tirando uma carta da sua carteira, disse-me elle:

—Para a não comprometter aos olhos do sr. Manuel Pinto, *fiz* escrever esta carta a uma senhora; assim apresentar-me-hei a elle, como se esta senhora me tivesse pedido de me interessar por v. ex.ª

—O meu pedido era um facto tão simples, disse eu, que não julgava necessario um manto.

Digitized by Google

—O sr. Fonseca, recebendo uma carta de v. ex.ª por mim, poderia julgar que eu lhe faço a côrte, respondeu-me o sr. Sant'Anna, olhando fixamente para mim.

Senti o rubor subir-me ás faces; nada lhe respondi, e só pude comprimental-o, quando elle tomando o seu chapeo, me saudou e saiu.

Havia oito dias que me tinham apresentado em minha casa a ex.ma sr.ª D. Antonia Pusich, filha do general d'este nome.

Na amizade d'esta achei o amor de uma carinhosa mãe, e os conselhos de uma verdadeira amiga.

Ella por mim interessou o irmão do arcebispo de Palmyra, que apezar dos seus esforços nunca pôde remetter uma carta ao sr. Fonseca, de quem era intimo amigo.

As cordas estavam bem torcidas, e os cordoeiros não as largavam.

Os corvos esperavam a occasião opportuna de se lançarem sobre um pobre cadaver!

Oh! quantas miserias se passaram n'aquelle sumptuoso palacio!!!

D. Antonia Pusich estava incommodada, quando aconteceu o sr. Sant'Anna vir a minha casa. Porém immediatamente ella soube tudo, correu a meus braços com as lagrimas nos olhos, e disse-me:

—Coitada! oh! coitada! quereria a custo de annos da minha vida poder evitar o que este homem lhe hade fazer soffrer; agora já não ha remedio, mas se elle a comprehender, e a souber conhecer, talvez esse coração insensivel e egoista mude e possa então sentir alguma coisa.

—Estou arrependida, amiga! disse eu; mas que heide fazer agora? O mundo hade accusar-me, bem sei, mas eu responderei com estas palavras de Victor Hugo:

«Oh! n'insultez jàmais une femme qui tombe!

«Dieu sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe!

Digitized by Google

—A minha Josephina é romantica de mais para este nosso seculo, respondeu ella abraçando-me.

—Tambem é poetica de mais, redargui eu rindo e beijando-a.

Esta senhora não me desamparou com o peso dos meus remorsos, e a sua bondade me dava força para poder resignar-me a supportar a minha culpa.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

A minha carta tinha emfim sido entregue, e lida. Oh! perdoe-me, perdoe-me sr. Fonseca, o desgosto que lhe causei recebendo uma carta minha pela mão do sr Sant'Anna.

Não julgue que eu não fiz caso dos seus conselhos, e dos avisos que me deu; oh! não me accuse, pois que tudo foi a fatalidade.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Poucos dias depois vieram fazer um embargo na minha mobilia; por esse motivo achei-me então obrigada a aproveitar os offerecimentos de um delegado (então) da 6ª vara. O sr. José Maria Dias Torres, o sobredito delegado, ficou por depositario. Quando elle soube que o sr. Sant'Anna vinha a minha casa, repetia-me todos os dias: Se a Madame não toma uma decisão fica perdida...

De nada me importei, não podia pensar eu, alma franca e sincera, nem em fingimentos, nem em hypocrisias.

Acreditei em tudo que o sr. Sant'Anna me dizia; acreditei em tudo que elle me jurava.

Passados dias disseram-me que elle estava para se casar.

Tive uma franca explicação com elle, e disse-lhe tudo que me haviam contado.

Digitized by Google

—Tu não sabes o que são as coisas do mundo, me respondeu elle. Esse casamento é arranjado por minha familia; essa rapariga morre de amor por mim, está louca de paixão; eu já não lhe tenho amor, mas sou grato pelo sentimento que *ella ainda* me conserva. E de mais ella está phtysica!

—Mas quem é? perguntei eu.

—Oh! é de uma das primeiras familias aqui de Portugal; é a casa com a fidalguia das mais antigas e mais nobres. Mas elles não querem usar dos seus titulos de nobreza porque não precisam d'isso para se tornarem respeitados por todos.

—Então não quero rivalisar com a primeira nobreza de Portugal, atalhei eu; e acho que se deve consagrar todo a essa tão illustre familia.

—Mas eu amo-te, Josephina, tu és a mulher que eu sonhava; tirando as tuas exaltações tu és um anjo, és a mulher que eu toda a vida heide amar.

—E a sua noiva... disse eu, sorrindo com intenção.

—Não te disse já que não tinha amor por ella? ha coisas na vida!!!... Meu amor é todo teu; tem confiança em mim; por ella tenho simplesmente amizade; prenderam me! eu te contarei tudo; tem confiança, e deixa correr o tempo.

—Mas dá-me a sua palavra de honra, que não tem por ella amor algum?

—Oh! que creança que és, me disse elle, eu te juro que não tenho por ella amor nenhum, conheço-a ha muito tempo; e de mais Josephina, essa rapariga está phtysica; e juro-te que nunca casarei com ella, excepto se tu me abandonares

—Isso julgo impossivel, respondi eu, porque te amo e espero que nunca me darás desgostos para eu despedaçar meu coração, separando-me de ti.

Assim se passou essa primeira e ultima explicação.

Com o tempo vim a ter conhecimento de coisas,

Digitized by Google

que não podiam de modo algum ferir o meu orgulho, por isso tranquilla deixei sempre correr o tempo.

Era raro o dia em que eu não recebesse cartas anonymas; mas essas cartas e os mexericos deitava tudo ao desprezo.

Um dia disse-me uma das minhas criadas, que vendo ella todos os dias ás *Ave-Marias* entrar uma mulher na escada, isto a fizera scismar, e que escondendo se no dia antecedente atraz da cancella, a ouviu estar a resmungar; fôra depois á janella e a vira sair sacudindo muito o capote, e dar tres *patadas* com o pé.

—Então o que vem a ser isso? perguntei eu.

—O que vem a ser!... exclamou ella tremendo. Vem a ser que aquella mulher veiu salgar a porta; credo! vou já queimar alecrim.

—Mas o que vem a ser salgar a porta?! perguntei admirada do espanto supersticioso da criada.

—E' uma grande infelicidade, disse ella; é a desgraça da sua casa.

—Que historia é essa? perguntei eu rindo-me.

—Oh! não se ria, minha senhora, disse ella quasi com as lagrimas nos olhos

O serio com que a mulher pronunciou estas palavras fez-me dar uma gargalhada; olhando depois para ella, disse:

—Pois bem, quando vier ámanhã a bruxa, digam-m'o.

No dia seguinte estava acabando um bordado, quando fui interrompida pela mesma criada, que veiu muito afflicta dizer-me:

—Ella entrou agora mesmo, minha senhora.

—Ella quem?! perguntei eu.

—A mulher que lhe salga a escada.

—Então vamos vêl-a, disse eu encaminhando-me para a escada.

Perto da porta puz o ouvido á escuta, e senti realmente cair o que quer que fosse no chão, como se al-

Digitized by Google

guem estivesse areando os degraus; e ao mesmo tempo uma voz que parecia o zumbir das abelhas.

—Vá-me buscar uma luz, disse eu para a criada, e não faça barulho.

Quando me appareceu com o castiçal, abri repentinamente a porta, e deitei a mão ao capote da mulher que fazia esforços para fugir; na luta deixou cair uma panella de barro, que se fez em mil cacos.

Por fim, conhecendo que meu pulso não a deixaria escapar, disse-me com voz humilde:

— Eu entro e darei a v. ex.ª todas as explicações.

Effectivamente um instante depois estavamos no gabinete de costura, aonde a fiz sentar dizendo-lhe com bom modo:

—O que é que estava espalhando na escada? se me fallar com sinceridade, deixo-a ir; do contrario mando chamar dois soldados, e nos Paulistas então se explicará.

—Eu digo tudo, minha senhora murmurou ella chorando, mas digo o só em particular.

Mandei retirar a criada, e quando ia a fechar a porta, ella voltou-se toda assustada para mim e disse:

—Oh! minha senhora, tome sentido!!!

Ri-me e fechei a porta.

—Pode começar, disse eu para a *mulher-bruxa*.

E assentei-me ao pé da secretaria.

—Mas eu jurei segredo, respondeu ella.

—Pois eu tambem lhe juro, que tudo que me contar não passa d'aqui, disse eu, ardendo n'uma grande curiosidade.

—Ha uma rapariga, começou ella, que tinha amizade com o velho F*** A***, depois inclinou-se para o B*** A*** porém esse B*** A*** era casado, e só lhe serviu para amante algum tempo, até que afinal ella principiou a namorar o S*** Como a mãe d'essa rapariga foi uma das mulheres mais levianas de Lisboa, o seu marido não se quiz importar com os filhos di-

Digitized by Google

zendo que não sabia quem eram os paes. Vive elle pois no primeiro andar, e ella e os filhos no segundo.

Por esse modo elle evitou escandalo, e reservou-se a sua liberdade, de que se tem bem aproveitado, sobre tudo com os *quadros vivos!* Continuou a sr.ª D. C*** a dar os seus celebres *soirées*, e bellas *partidas*... Essas partidas, e esses soirées deixavam para tudo! Amigas precisavam de quartos: ella lh'os emprestava... E' muito caridosa essa senhora D. C***!!!

O barão A... foi muito tempo o testa forte d'essa casa; visto que fazia ou dava para as despezas domesticas. Mas verdade seja dita que elle tinha juros... Mãe e filhas lhe provam o reconhecimento que teem no coração; ellas tinham razão porque o dito barão A... é um rapaz sympathico, *bonitote*, e merece tudo isso.

N'uma d'essas celebres partidas foi apresentado (ahi recebia-se tudo: uns para perderem dinheiro, outros para o deixarem com mais proveito), foi apresentado n'uma d'essas funcções um celebre maganão, que o cheiro do lucro attrahia, e que depois de um longo exame conheceu poder tirar um partido de tudo aquillo.

Julgou, para ter entrada franca na casa, que devia conquistar primeiro a sr.ª D. C*** e assim fez. Depois passou para a filha mais velha d'essa senhora; oito dias depois a rapariga não se importava com mais ninguem, e morria de amores por quem lhe promettera casamento, e lhe deu por essa promessa a esperança d'ella um dia ter um manto para o F*** A*** o barão A*** etc. etc.

«Se tu me amas, disse um dia o famoso maganão para a innocente donzella, basde me dar uma prova para eu confiar no teu amor.»

V. ex.ª verá, continuou a pertendida bruxa, como elle era mestre; queria atar um cordel á perna do passaro para puxal-o a si, quando a occasião opportuna chegasse.

A innocente menina, que possuia uma physionomia

Digitized by Google

virtuosa, baixou os olhos, e affectando um pudor de timida virgem, recusou se.

Elle era esperto, e não deixou escapar uma occasião que lhe podia tanto servir, para as suas fumaças d'ambição. Continuou pois a namorar a mãe, para poder agarrar a filha.

Uma das visitas d'esta familia era uma certa *fidalguinha*, especie de rata viva, que gostava de roer tudo... Esta deliciosa *marcó* dedicava á filha mais velha uma affeição muito particular, affeição que as fazia ter os mesmos gostos, e confiarem se tudo

Vendo um dia a dita *fidalguinha* a sua cara amiga muito triste e com ar de quem perdeu tres contos trezentos e trinta e tres mil trezentos e trinta e tres reis... perguntou-lhe o motivo de similhante tristeza.

—Ora, o que hade ser, querida amiga, exclamou a donzella dando um estreito abraço na sua meiga confidente... é elle que jura casar comigo, se eu lhe der uma prova evidente d'amor... tu bem sabes que isso é impossivel, porque elle conhecerá que o engano; mas se definitivamente me não decido, vae procurar outra, para ter casa. Eu bem o conheço, mas como tambem desejo receber quem eu quizer, sem minha mamã ter ciumes, desejo já estar casada. Ambos nos combinemos bem, porque cada qual tem o seu ponto de vista.

— Então dá-lhe a *prova*, respondeu a conselheira, rindo-se.

— Mas depois . . . elle . . . disse a innocente menina, sem se explicar mais.

—Qual depois, nem meio depois . . . Eu arranjarei *tudo*, disse a illustre *fidalguinha*.

Abraçaram-se, e deram muitos beijos uma na outra, jurando reciproca e eterna amizade.

Algumas semanas depois tudo estava prompto. Acceitou a donzella o ajuste, e *elle* foi obrigado a jurar casamento.

A rapariga soube que elle ama v. ex.ª tem uns ciu-

Digitized by Google

mes que a matam, e todos os dias augmenta a sua phtysica; v. ex.ª encontrou-me na sua escada, porque ella está apaixonada, desesperada e...

—Continue, disse eu, vendo que a mulher chorava.

—Oh! minha boa e excellente senhora, exclamou ella, eu não a conhecia senão não teria vindo á sua porta fazer-lhe aquella salgação.

—Explique o que vem a ser isso, disse eu.

Recebi as mesmas explicações que já me tinha dado a criada.

—Mas essa rapariga é doida! exclamei, rindo-me. Se ella pensasse bem, deveria primeiro saber como são estas amizades, quando os caracteres se não convem.

Abrindo a gaveta da secretaria, tirei meia libra que dei a essa mulher, dizendo lhe.

—Fique descançada, jurei lhe segredo, e heide guardal-o. Pode retirar se, continuei eu levantando-me; mas peço-lhe que não torne a vir deitar nada na minha escada.

—Oh! a senhora é um anjo... respondeu ella, com as lagrimas nos olhos; perdão, perdão!!!

—Anjo! repeti sorrindo... sim, anjo *déchu*, murmurei por entre dentes.

—Agora quero ensinar-lhe uma coisa, disse a bruxa, mande todos os dias de manhã pôr umas brazas n'um perfumador, e deite sobre ellas sete raminhos de alecrim, benzendo a casa com este fumo e dizendo assim:

«S. Marcos, S. Lucas, S. Matheus, S. João Evangelista, venho perfumar as minhas casas, para as desatravessar, e desamandingar Quem m'as atravessou que m'as torne a desatravessar, quem m'as mandingou que m'as torne a desamandingar. Em louvor do Santissimo Sacramento do altar, para Deus fortuna me dar. Todo o bem por minhas portas vir entrar; e todo o mal pelas minhas janellas sair. Amen, amen, amen.»

Digitized by Google

—Isto repete-se tres vezes, com tres Padre Nossos, e tres Ave-Marias. Em v. ex.ª fazendo isto todos os dias, ninguem lhe poderá fazer mal.

—Agradeço, respondi eu; se precisar algum dia de mim, procure-me que lhe heide fazer o que puder.

—Oh! a senhora é muito boa, e por isso terá sempre Deus a seu favor.

Enxugando nova torrente de lagrimas, saiu da minha casa aquella sombra de Belzebuth, e eu pedi a Deus que ella se não dignasse voltar.

Fui para o quarto onde estavam minhas filhas em quem dei mil beijos de amor.

Precisava de contemplar aquellas facesinhas rosadas e frescas, para me esquecer de um homem de quem todos me diziam: tome sentido! de um homem que jogava comigo uma comedia.

Minhas filhas, depois de receberem mil caricias, sentaram-se sobre um tapete, e brincando com as suas bonecas assim se deixaram ficar.

Eu pensava no que instantes antes tinha acabado de ouvir.

Oh! não me admiro! dizia eu comigo mesma; e qualquer procedimento da sua parte não deve mortificar-me! Pensando assim comecei a soluçar, e para não entristecer minhas filhas, nem a criada, sai do gabinete e fui fechar-me no meu quarto. Ahi, curvada diante de uma imagem do Redemptor, busquei a unica consolação dos afflictos: Rezar, e implorar a divina misericordia.

O meu anjo da guarda condoeu-se das minhas lagrimas, e do meu arrependimento, e trouxe-me, debaixo das suas assetinadas azas, a resignação, e a coragem!

Recordei-me da *Buenadicha*, que me leram na Bohemia, e tremi; mas confiei-me, com todo o fervor do meu coração, á guarda de Deus. Como a creança adormecida nos braços de sua mãe, que lhe canta uma doce

Digitized by Google

harmonia, assim descancei nos braços do meu anjo da guarda, pedindo-lhe que afugentasse o passado, e me protegesse o futuro.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Pouco tempo depois de eu conhecer o sr. Sant'Anna, deixei de ir ao alto de S. João rezar como costumava sobre o tumulo do meu Henrique.

Foi um sacrificio, mas era o meu dever. Oh! elle sabe de certo, elle tem visto quanto tenho soffrido, e sem duvida ter-me-ha perdoado. As orações que em minha casa dirijo a Deus não serão porventura tão ardentes e tão bem acceitas como aquellas que eu ia fazer ao cemiterio?

Devia eu, quando tive a fraqueza de me tornar indigna de Henrique, ir insultar o seu mausoleo, rezando pela sua alma?!!

Não devia eu receiar que elle deixasse de escutar as minhas fallas? Esta lembrança fez enxugar as minhas lagrimas, deixando-me entregue ao arrependimento e aos remorsos.

As lagrimas que vertia na solidão da minha casa elevavam-me a alma tranquilla ao ceo, pedindo um sincero perdão a Deus, e a elle!

Oh! essas lagrimas deviam ser a minha penitencia, e a expiação da grande culpa de ter faltado áquelle amor extremo, que, apezar de tudo, me acompanhará além da campa.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Havia pouco tempo que o sr. Sant'Anna vinha a mi-

Digitized by Google

nha casa; eu estava desesperada porque me achava sem recursos; tinha o meu fato e joias empenhadas, e toda a mobilia da minha casa hypothecada.

Um dia, eram sete horas da noite, ninguem tinha ainda jantado, porque nem para isso havia.

Tomei uma resolução desesperada, e mandei a casa da irmã de minha mãe, a casa de M.me Levaillant, pedir-lhe o obsequio de me emprestar meia libra.

M.me Levaillant recusou cruelmente.

—E' impossivel!... impossivel!! exclamei eu recebendo aquella resposta. Quero ter a certeza, porque ha acções tão baixas e miseraveis que custam a crer, e fogem até da censura.

Puz um chale e um chapeo, e com minha filha Clementina e uma criada, encaminhei-me para casa de minha tia.

Resoluta, subi a escada, e puxei o cordão da campainha.

—Quem é? perguntaram instantes depois por entre as grades da cancella.

—Sou eu; quero fallar a minha tia; respondi com firmeza.

Ouvi em seguida uns murmurios baixinhos, como quem está segredando ao ouvido d'alguem. e depois a voz de minha tia:

—Diga que lhe não posso fallar. E' melhor dizer que não estou em casa, não lhe quero fallar.

Vieram repetir-me á porta estas palavras, que me tinham já caido no coração com todo o peso do desengano.

Não repliquei coisa alguma; mas as lagrimas caiam-me pelas faces, e tornámos a descer aquella escada.

No ultimo degrau insensivelmente dobrei o joelho, e disse:

«Nunca mais tornarei a pôr aqui os meus pés; mas peço-vos meus Deus, que lhe perdoeis como eu lhe perdôo.

Digitized by Google

Saimos; meu coração estava opprimido, mas estava forte e resignado.

Essa tia que jurara ser para mim uma mãe, tinha-se tornado desde a minha saida do *Sacré-Coeur* o meu anjo mau!

Eu sempre lhe perdoei; assim o mandava a religião.

Porém agora, agora estava o calix cheio; agora já não podia ser perdão, mas só um completo esquecimento.

Sendo ella a irmã de minha mãe, tendo-me adoptado por sua filha, essa creatura, que pelas leis humanas e o laço do sangue me devia abrigo e protecção, foi quem espalhara sobre o meu caracter e o meu proceder as infamias que a minha dignidade e o respeito ao publico impedem que se repitam, devendo um silencio profundo substituir esta asquerosa recordação.

Deus pode perdoar lhe... eu esqueço!

Eu, porém, amei esta mulher. Perdendo em verde infancia minha mãe, que eu teria idolatrado, foi sobre sua irmã que eu desejava fazer recair o amor vehemente e puro, que meu coração sentia pelos affagos maternos, com toda a dedicação que pedia minh'alma! Ella porém nunca o comprehendeu; julgava o meu silencio um insulto! as minhas lagrimas uma hypocrisia! a minha tristeza uma falsidade! a minha indifferença um crime! e o meu desprezo para todas as suas maldades uma infamia!!!

Sobre mim, sua sobrinha, a filha querida de sua irmã, fez pois recair os peiores odios, as maiores villezas, as mais nojentas récriminações!

Uma tia! parece incrivel, exclamam. Sim, parece incrivel, e todavia não é, porque esse ente, caracter voluvel, espirito fraco, deixou se sempre dominar por seu irmão, por essa terrivel phantasma que se tem sempre conservado entre mim ella. Por esse irmão despre-

Digitized by Google

zou sempre os seus parentes, inclusivè aquella que só a tinha por mãe, e por unico amparo.

Que desculpas tinha de me votar ao abandono a que me expoz?

Que desculpa ou razão de negar até uma cama para eu e minha filhinha nos deitarmos depois d'uma viagem?

Desculpa não tinha nenhuma; razão tambem lh'a não conhecemos.

E além de tudo, restava o fazer-me passar por uma mulher infame vil e desprezivel aos olhos da sociedade! Por que ainda ambicionava por este meio o direito de a julgarem victima, e a mim criminosa!

Mas devia eu admirar-me d'isto? Quando em sua casa, diante de trinta pessôas, me fez a mais dolorosa accusação, a mim, pobre creança ainda então ha pouco saida do convento, e que ainda não tinha quinze annos! què ignorava se no mundo havia maldade, e infamia! Eu arguida de a ter querido envenenar!..!!

Oh! minha tia! minha tia a sua consciencia deve pesar-lhe muito, muito! mas lembrando-me de minha mãe, ainda no peito me fica um sentimento, que a defende, e é por elle que todos os dias rogo a Deus que lhe perdoe tudo, tudo como eu sei perdoar.

O remorso é duro, e se n'essa existencia cançada ainda a Providencia lh'o der, que seja breve.

Eu agora esqueço me de tudo, e se na eternidade se encontram as almas, se lá nos reunirmos, saberá então se a amei, e se não tive sempre dó!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

—Que tem? perguntou-me o sr. Sant'Anna que entrava de fóra n'aquelle instante, e que via as lagrimas deslisarem-se-me pèlas faces.

Digitized by Google

Em duas palavras contei-lhe tudo; e elle emprestou-me meia libra, com a qual mandei buscar o *jantarceia.*

—Mas essa posição é terrivel, exclamou elle; e se o sr. Fonseca não a contemplar no seu testamento, o que fará?

—Irei para a companhia de meu pae que está no Rio de Janeiro, disse eu.

—E terá coragem de me deixar? perguntou elle.

—Sim, respondi Mas é impossivel, oh! meu Deus! é impossivel que eu vá para o Rio, exclamei eu, recordando-me....

—Sim, é impossivel, disse o sr. Sant'Anna que não comprehendera o sentido d'aquellas minhas palavras; has-de ficar em Lisboa, mas o que te é indispensavel é um *protector.*

A esta palavra, olhei admirada para o meu interlocutor, e murmurei:

—Com as relações que existem entre nós, propôr-me um protector é uma infamia!

—Não, minha querida Josephina, tornou elle, é um sacrificio, mas a tua felicidade me é mais cara do que tudo. Devemos pois attender á necessidade.

Ouvindo estas palavras, senti o peito opprimido, e vieram-me repentinamente á memoria as ultimas palavras da primeira carta anonyma que sobre o sr. Sant'Anna recebi.

Eu nunca fiz caso de cartas anonymas, porque accusações que vem de quem receia assignar se, são filhas inquestionavelmente d'uma vilania traiçoeira.

Comtudo as cartas anonymas tem-me feito mal toda a vida.

É provavel que o autor das que eu recebi n'esta occasião fosse o autor das que se escreveram para o Rio de Janeiro, e das que tambem se escreviam aqui com tal similhança da lettra e do meu estylo, que um dia vendo uma d'essas cartas, pensei que era realmen-

Digitized by Google

te traçada por mim. Mas quando a li, quando examinei um pequeno defeito que outr'ora em muitas outras achava, reconheci que o autor d'ellas era o mesmo do tempo em que eu estava ainda solteira.

Agradeça-me pois de usar para com elle a generosidade de não pôr aqui o seu nome, e de lhe não tirar publicamente a mascara da cara.

E' verdade que o agradecimento seria pueril, porque se o não faço, creio que reconhecerá que é mais por minha dignidade, que por compaixão da miseria.

Desprezo as cartas anonymas, mas por esta que acabava de receber, o veo principiou a cair-me aos pés; por isso vi no horisonte immenso, irem no meio de espessas nuvens perder-se as idéas que eu formara até este desengano.

Hoje que estou de sangue frio, e que todos os dias aprofundo o caracter do sr. Sant'Anna, reconheço que fui muito louca em crer nas suas palavras.

Louca! sim. Louca por querer encontrar ideal onde tudo era só positivismo. Louca por soffrer os desgostos que ainda soffro! Louca por querer achar felicidade no amor que elle me jura! Elle! o homem egoista que não sabe o que é a gratidão.

Oh! o amor de um homem como o sr. Sant'Anna, leva ao tumulo uma creatura de sentimentos.

Quanto não é mais feliz a mulher que confia a sua vida, a sua felicidade a um homem serio, que se lhe não tem amor tem-lhe estima.

E' um ceo sempre sereno, é verdade! mas quanto não é mais preferivel esse ceo sempre azulado, aonde a alma em paz brilha, como uma estrella resplandecente, aos relampagos, que por um minuto alumiam uma noite de horrorosa tempestade!!

O mundo quando vê uma joven senhora confiar-se á protecção de um velho, exclama: Vendeu-se!

Vendeu-se, sim! mas o que é tudo n'este mundo, senão uma venda constante?

Digitized by Google

O que são esses casamentos ajustados?
Venda!
O que são essas amizades?
Venda!
O que são essas intimidades socialistas?
Venda!
O que são essas opiniões politicas?
Venda!
O que é pois tudo n'este mundo?
Venda, vendas, miseria, miserias.

. . . . . .

As difficuldades pecuniarias com que eu tinha a lutar obrigaram-me a acceitar duas letras, para obter algum dinheiro; mas que juros!! duzentos por cento!!

CAPITULO V

O sr. visconde de Thanneberg. — Era hotel, ou hospedaria? Vida d'alma n'um retrato. — Pensamentos no meio de uma insomnia. — Santa Cecilia está deshonrada. — Tirar a medalha, não. — Idas a Cintra. — O ques ão os ciumes. — Morte do sr. Manuel Pinto da Fonseca. — O sr. D. Francisco de Judicibus, e o seu amigo José Maria Dias Torres. — O sr. José Ferreira da Silva faz-me um embargo por elle, e por minha tia. — O official agiota, João Caetano de Oliveira Bastos, faz-me um embargo. — Vê-se as leis de um paiz. — Canto no meio das marteladas. — Cubiça que causa um legado. — O Achilles e o delegado. — O sr. doutor Barradas.

N'esta epoca o sr. Sant'Anna começou a apresentar-me alguns dos seus amigos.

Entre estes contava-se o sr. visconde de Thanneberg, cavalheiro francez e nobre; mas não d'esta nobreza como ha tanta em Lisboa a troco de meia duzia

Digitized by Google

de contos de réis conquistados por contrabando e moeda falsa.

O sr. visconde de Thanneberg é nobre não sómente pela sua gerarchia, como pela sua brilhante educação e delicadas maneiras

Todos que conheciam o sr. visconde de Thanneberg o estimavam, mas os seus verdadeiros amigos diziam que estavam com dó d'elle, por verem que na sua edade queria ainda exercitar se a fazer *piruettas*, e que para aprender o passo das *panderettas* achava-se disposto a pagar essas lições a custo da metade do seu titulo e corôa de visconde.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

O sr. Sant'Anna jogava! Eu não queria, nem podia dar conselhos a uma pessoa que no seu peito o sentimento mais poderoso era «o domino.»

Tinhamos um livro, em que estavam lançadas as nossas contas.

Este meio concorreu para a nossa posição sempre se conservar independente.

Principiou o sr. Sant'Anna a ir para Cintra, e quando elle queria voltar para Lisboa, mandavam-me esperal-o em S. Pedro.

Um dia, estando eu para sair, veiu a minha casa a sr.ª D. C*** G*** e vendo-me de chapeo na cabeça perguntou-me:

—Onde vae?

—A S. Pedro de Cintra, respondi.

—Sim, bem sei, replicou ella com meio sorriso; vae buscar um caçador que corre atraz de duas lebres.

—O que? perguntei eu.

—Quando tiver mais alguns annos, e experiencia não hade confiar tão sinceramente; me respondeu.

—Não me é possivel comprehendel-a, se não se ex-

Digitized by Google

plicá mais claramente, disse eu tirando o meu chapeo, e indo-me assentar ao pé d'ella.

—Mas quando elle vae a Cintra, aonde diz que fica? perguntou ella de novo.

—Diz que não tem hotel certo, respondi eu.

—Hotel certo! exclamou ella rindo ás gargalhadas; se elle não vae para hotel, mas sim para a hospedaria.....

.....

.....

—Palavra que a não comprehendo, exclamei eu soltando um riso amarello.

—Ora! pergunte quem são as... e não ha cão nem gato que não lhe conte historias e anecdotas d'essas creaturas.

—Se isso são ciumes que me quer fazer experimentar, perde o seu tempo, disse eu com a maior amabilidade possivel. Para um homem dar a sua palavra de honra, e abusar da confiança de uma senhora é preciso que seja um infame... e eu não creio o sr. Sant'Anna um infame Como fallamos agora de ciumes, continuei eu, vou contar-lhe o que em 1852 me aconteceu quando quizeram fazer-me acreditar que o sr. Pires amara a marqueza de...

Todos os dias vinham contar-me historias, e todos os dias me escreviam cartas anonymas; eu nada dizia a Henrique nem d'essas cartas anonymas, nem d'essas historias; mas procurei saber qual era o caracter e os sentimentos d'essa senhora, e ver qual era a sua physionomia.

Tive occasião de a admirar bem á minha vontade, e achei-a muito... Contaram-me coisas do seu caracter que m'a fizeram desprezar apezar de outros factos me provarem que possuia um excellente coração.

No entanto perguntei a Henrique a verdade, e elle confessou-m'a toda A' vista d'isso devia eu ter ciumes do que um homem commettera antes de me conhecer?

Digitized by Google

E devia eu por esse motivo não querer que elle frequentasse a casa d'essa mulher? Se Henrique não fosse em todos os seus actos um perfeito cavalheiro, eu não lhe teria consagrado a adoração exaltada e cega que sempre tive por elle.

Que opinião teria eu formado de um homem que não sabia ser amigo de uma mulher com quem tinha tido intimas relações?

Ella, coitada! bastante trabalhou para nos indispôr, julgando que se obtivesse esse resultado, alcançaria de novo um amor que nunca foi senão um capricho, como os homens podem ter cem mil! porém a tal marquezinha, vendo que os seus ardis, e planos de batalha não lhe davam a victoria, quiz fazer acreditar ás suas amigas, e aos seus novos e intimos amigos, que eu tinha abrazados ciumes seus, por isso fôra para a casa de campo aonde ella morava, *(era um rez de chaussé)* e que ao galope do cavallo, passava defronte da sua janella, sempre aberta, e que uma véz lhe atirara um tiro de pistola, não devendo a sua salvação senão á rapidez do seu movimento, que fizera inclinar o corpo indo a bala cravar-se na parede!

Realmente teria sido uma scena dramatica; para a completar deveria ella ter-me chamado ao tribunal da Boa Hora. Disseram-me que não tinha tomado essa galante resolução, provavelmente com receios de que os juizes, vendo apparecer aquella *figurasinha*, julgassem que vinha contar alguma historia que sonhara quando tinha os seus trinta annos de menos.

Contei lhe esta historia, continuei eu, para lhe mostrar que não é facil fazerem-me ter ciumes, pois que esse é o sentimento mais difficil para o meu coração.

. . . . . .

D'esse dia por diante todas as vezes que voltavamos de Cintra, perguntava eu ao sr. Sant'Anna em que hotel elle se tinha hospedado.

Elle dizia, ora n'um ora n'outro.

Digitized by Google

A confiança que n'elle depositava nunca me fez indagar, e mesmo porque acho que uma senhora perde da sua dignidade quando se abaixa ao vil papel de espião.

No amor, como na amizade, quando não ha confiança, não existe nem sincero amor; nem verdadeira amizade; pois que a base dos sentimentos elevados é a confiança.

Tendo-se ido para a sua terra o meu criado, tive que ajustar um chamado José.

Um dia estava eu acabando a minha toilette para me deitar, quando repentinamente, a criada me disse:

—A Madame não sabe, o José já esteve em casas das...

—Ah! sim? disse eu, continuando a pentear-me sem puxar mais conversa.

—Mas a Madame não sabe, tornou ella novamente, o sr. Sant'Anna foi o apaixonado da mãe d'aquellas raparigas, e quando elle vae a Cintra hospeda-se em casa d'essa gente.

—Que me importa isso? disse eu.

—A amizade que eu tenho a Madame, é que me faz querer-lhe mostrar ...

—Mas eu é que não gosto d'essas conversas, disse eu, sem lhe deixar acabar o que me ia contar.

Repentinamente vejo a pobre rapariga deitar-se me aos pés, chorando como se alguem lhe tivesse dado.

—Que é isso? lhe perguntei.

—Perdoe-me, perdoe-me, *minha Madame*, a amizade que lhe tenho, é que me faz desejar evitar-lhe lagrimas futuras, e para isso é necessario que a Madame não esteja enganada.

—Aqui não ha engano, minha pobre Conceição; eu não pertendo nada do sr. Sant'Anna, tudo hade acabar como principiou.

—Sim, disse-me a desconsolada rapariga com as lagrimas nos olhos; sim, mas eu bem ouvi os juramentos que elle lhe fez.

Digitized by Google

—Vá-se deitar, disse eu, vá-se deitar, e não me falle nunca mais em similhante assumpto.

Depois d'ella sair, fechei a porta do meu quarto, fui á gaveta da toilette onde tinha o retrato do meu Henrique, e pondo-me de joelhos diante d'elle, exclamei:

«Perdão Henrique, perdão; faltei aos juramentos que te fiz, é justo que Deus me dê o castigo; sou criminosa e na minha alma sinto que sou desculpavel, por isso tu deves perdoar-me.... eu que sou tão infeliz... infeliz por me ter esquecido da prophecia da bohemia de Prague, prophecia que me disse a verdade de tudo que me tem acontecido. Oh! Henrique, soffro, soffro muito por te ter sido perjura; por esses soffrimentos, perdoa-me, perdoa-me! Um só dia não se tem passado que ajoelhada defronte d'este teu retrato, não peça a Deus a tua felicidade no ceo!!

«Eu amava-te Henrique, amava-te mais que a vida!! e comtudo tenho vivido, estando tu sepultado!!! por esse soffrimento de todas as horas, de todos os instantes da minha existencia, peço por recompensa a Deus a tua felicidade no ceo; n'esse ceo, aonde tu imploras ao Ente Supremo piedade, piedade para a tua infeliz Josephina!

«Sobre as nuvens que divagam pelo espaço eu te envio de dentro d'alma as saudades que me ficaram do teu amor, e do teu extremo.

«Cercada de procuradores, de invejosos que me fizeram todas as maldades possiveis, achei-me tão só no mundo, que tive medo.

«E quem ha que não saiba que a mulher é forte com os sorrisos, mas fraca com as lagrimas!!!»

.....

.....

Oh! quantas vezes, contemplando o retrato de Henrique, pedia a Deus que fizesse mover aquelles olhos...

Digitized by Google

N'esse dia figurou-se-me ver um movimento... a impressão fez-me cair desfallecida no chão.

Correram á botica do Barreto que mandou um espirito para respirar.

O criado correu a chamar um medico.

Tornando a mim, vi as duas criadas banhadas em lagrimas, e disse-me a Conceição:

—Oh! querida Madame, que eu julgava que não abria mais os olhos.

—O retrato? disse eu.

—Aqui está, aqui está, mas esse retrato é que a hade matar; eu contarei tudo ao medico, disse ella com ar de quem ameaça uma creança.

—Não lhe diga nada, murmurei eu; um medico não pode comprehender o que eu soffro.

Tocaram á porta; poucos instantes depois vejo chegar perto da minha cama um homem que eu não conhecia. Tomou-me o pulso, e disse para a criada:

—Esta senhora é muito nervosa, e teve provavelmente algum desgosto?

—A senhora quer-se matar por quem está mor...

Um volver de olhos que lhe lancei, não a deixou continuar.

O medico comprehendeu que era o coração o enfermo, e receitou-me um calmante, dizendo-me algumas palavras de animação para que me fizesse forte.

Gostei d'esse medico que comprehendeu vir do moral todo o meu padecimento.

No dia seguinte continuou-se tudo como se nada tivesse havido.

Passado uma semana, recebi uma carta anonyma, em que me diziam ó costumado n'esta linguagem:

«Quando chegará o dia em que acredite que vive illudida? Não sabe que esse homem se deixa guiar pelas phantasias da ambição; elle ama-a, mas não lhe sacrifica... por *ellas*, elle alimenta a esperança de subir até certa altura social! O talento que ella herdou

Digitized by Google

de sua mãe fará alcançar para seu marido, o que elle só jámais seria capaz de obter.

«Tanto é assim que elle para não deixar fugir aquelle passaro, prendeu-a á uma corda elastica, contentando-a n'essa prisão, ora com um vestido... um chapelinho de sol, ora... finalmente até com rebuçadinhos de ovos!!!»

. . . . . .

Eu tinha recebido esta carta e quizera não lhe dar mais importancia do que a que eu dava á captiva sujeita aos presentinhos.

N'esse dia tinha eu uma grande zanga por causa dos juros de uma lettra. As lagrimas que eu chorara por me ter abaixado a algumas pessoas, fizeram-me olhar com bastante indifferença aquella carta.

Não acho nada mais vil do que uma pessoa que tem a coragem de fazer accusações, e não tem a de se assignar.

Nenhuma das pessoas a quem eu me dirigi quiz servir-me; e mandavam-me todas uma resposta que parecia combinada: «Mr. Sant'Anna que a livre.»

Afinal arranjei o dinheiro; mas todo o dia chorei tanto que ao jantar a custo podia engulir e comer.

O sr. Sant'Anna perguntou-me o que tinha, mas não lhe quiz dizer nada, para não o mortificar ou entristecer.

Pouco depois de nos levantarmos da mesa e d'elle ter saído, fiquei n'um estado tão nervoso que não sabia o que havia de fazer.

A's nove horas senti-me agoniada; deitei-me depois de tomar algumas colherinhas d'ether; conciliei o somno, porém ás onze horas comecei a voltar-me de um lado para outro; nada me socegava. Fiquei quieta, deixei correr meus pensamentos, e então disse comigo: Não me admira que Deus não venha á terra, aonde tudo é falsidade! Se elle cá viesse involver-se-hia no lamaçal, e quando voltasse para o seu reino

Digitized by Google

celestial S. Pedro hesitaria em reconhecer o Senhor, que soltando a sua voz divina, faria chegar os anjos para lhe abrirem passagem; então rodeado do brilhantismo d'aquella poderosa morada, a sua omnipotencia encheria de graça todo o seu imperio.

Elle não vem á terra, porque nas regiões d'onde elle domina o mundo tudo é perfumes, flores, encantos, e alegria! e no mundo dos mortaes, (a bem aprofundar) tudo é aspero, negro, triste e horroroso!

Eis o motivo porque o Senhor deixa a satanaz o direito de girar na terra. «Vae, lhe diz o Senhor, porque tu és negro, pestifero, horrendo e miseravel; vae, que no mundo vive o maior numero dos teus eguaes, e como se dão bem as coisas que se parecem, vae... vae... por esse mundo!

Os anjos ajoelham-se, e levantam as mãos supplicantes ao Creador, implorando a sua misericordia para as almas ainda puras de corrupções. Descem rodeados de nuvens doiradas a cobrir com as suas candidas azas as creaturas que, um instante antes, estavam na alternativa da ruina ou salvação!!! De um cento salva-se uma, porque satanaz que é astucioso, semèia as tentações; e os fracos mortaes vão, sem olharem onde andam, nem o terrivel abysmo em que vão cair.

Depois de fazer todas essas reflexões, vendo que não podia de modo algum conciliar de novo o somno, levantei me, vesti um *robe de chambre*, calcei as chinellas, fui dar um beijo em cada uma das minhas filhas que dormiam, e fechando-lhes a porta do seu quarto, entrei para a sala; abri o piano e puz-me a tocar; meditando, ora como uma pessoa ferida de um ataque, ora como hesitando a tomar uma resolução.

Estava assim havia uma para duas horas, quando entrou o accusado no anonymo.

—Passei, vi claridade, julguei que tinha visitas, e acho-a só, que tem?

—Não podia dormir, e toco piano, respondi.

Digitized by Google

—A estas horas?

—Toda a hora é boa para a gente esquecer, e distrahir-se.

—Mas que extraordinario é esse hoje? tornou elle a perguntar, já meio impacientado.

Sem lhe dar resposta, perguntei-lhe tambem:

—A... toca piano?

—Tu que nunca me fallas d'ella, depois do que eu te disse; que idéa é essa hoje?

—Isto não é fallar d'ella, interrompi eu; é perguntar unicamente se ella toca piano.

—Não, não toca, respondeu o meu interlocutor.

—Pois é pena, porque em se casando com o senhor servir-lhe-hia isso de muito; é realmente pena.

Elle sem perceber o peso das minhas palavras, julgou que eu dizia — pena, como admirada.

—Eu já te disse que essa familia é uma das mais nobres de Portugal, e gente de tão alta aristocracia não manda ensinar certas prendas a suas filhas, porque as julga inuteis.

Ah! ah! ah! foi uma gargalhada, que soltei, e fechando o piano, disse:

—Pois essa tão illustre familia julgaria descer das suas altas dignidades se aprendesse a tocar piano?!! Ser *musicienne* seria uma deshonra para essa *tão* alta nobreza? E' uma deshonra essa. em que uma imperatriz acha prazer! em que os anjos encontraram a inspiração sublime, que levou Santa Cecilia á presença de Deus. Cecilia que apezar da deshonra de fazer gyrar os seus dedos sobre as teclas, mereceu as honras de santa!!! Mas é verdade, o que é uma imperatriz, uma rainha, uma santa, o que é o proprio ceo, para comparar-se com as delicadas e sublimes virtudes de uma familia, que ha tantos annos encaixotaram, ataram, e prégaram tão bem essas honras, virtudes e dignidades, que agora... já não são senhores de nada!!!

.....

Digitized by Google

Nunca mais fallámos sobre esse assumpto.

Um dia pediu-me o sr. Sant'Anna que eu tirasse do meu pescoço a medalha em que guardava os cabellos do meu Henrique.

— Tudo farei, respondi eu, mas nunca esse sacrificio.

Ha quem diga que a felicidade é a esperança! mas o verdadeiro amor deposita mais preço no passado. A memoria nos recorda as lembranças que nos são caras. Essas lembranças de um verdadeiro sentimento nunca se alteram.

Meu amor a Henrique tinha sido um amor elevado, sincero, eterno; por isso, essa medalha devia receber o ultimo suspiro da minha alma.

.....

As visitas a Cintra continuavam. Eu ia porém buscar o sr. Sant'Anna, como no passado; tinha a prova que elle estava em casa...

Devia eu ter ciumes?

Não.

Ciumes! sabem as mulheres o que são ciumes?

Ciumes, são o sentimento mais nobre ou o mais vil!

Uma mulher de tino, primeiro que deixe o seu coração abrazar-se n'esse inferno, deve fazer uma analyse conscienciosa; deve examinar-se a si propria, com a mesma sinceridade com que se examina a consciencia, na vespera de ir á confissão. Depois, se conhece que a parte contraria é mais digna, e que possue sentimentos mais elevados, deve abaixar a cabeça, sem dizer como no confessionario: *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa;* mas armar-se de uma nobre resignação que a torne superior.

Uma senhora que toma este partido, deixa de soffrer, e fica sempre o que deve ser: Digna, e orgulhosa!!!

Se, porém, sabe o contrario, o caso muda.

A lealdade vence mais do que a hypocrisia, e essa vantagem deve fazer sorrir uma mulher de espirito.

Já se vê, que se as mulheres pensassem um pouco,

2564841A

Digitized by Google

raras seriam aquellas que experimentariam as dôres d'esse inferno, a que se dá o nome de ciumes.

Voltaire teve ciumes do espirito *d'un roué* que foi admirado dois dias em Paris.

Uma duqueza pode tambem offender-se de um olhar lançado sobre a sua camarista. Mas uma senhora deve sempre saber distinguir no seu coração o resentimento dos ciumes.

. . . . . .

. . . . . .

Chegou a Lisboa a noticia da morte do sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca, a quem o mundo appellidava *O Monte Christo*.

Essa fatalidade parecia-me tão incrivel, que fiquei como assombrada de um raio.

Partindo para Cintra, apenas o sr. Sant'Anna me deu algumas palavras de animo e coragem.

Fiquei pois entregue, sem uma unica consolação, ao desespero que me causava a perda do melhor dos bemfeitores, e do meu mais verdadeiro amigo.

Quem conhecesse bem o sr. Manuel Pinto da Fonseca é que podia comprehender que a bondade do seu coração o arrastou a soffrer alguns desgostos por causa de alguns amigos, preferindo antes elle padecer graves dissabores, que perder pessoas que confiaram na sua amizade, a sua sorte e a sua vida.

O sr. Manuel Pinto com uma palavra podia ter esclarecido tudo; mas elle oppunha um nobre silencio a uma vil traição.

Talvez só duas pessoas tivessem conhecido com inteireza a magnanimidade do seu caracter: eu, e o sr. M*** a quem elle dedicava a mais sagrada affeição.

Se os factos eram contra o sr. Manuel Pinto, Deus só o podia condemnar se estivesse culpado. Mas o Senhor, Deus de toda a misericordia, de certo terá recompensado de quanto era capaz a sua corajosa amizade, e extremada bondade.

Digitized by Google

Havia já algum tempo que o sr. D. Francisco de Judicibus viera a minha casa offerecer-me os seus serviços para o Rio de Janeiro. Tinha-me elle apresentado o sr. José Maria Dias Torres, delegado da 6.ª vara, que obstou a dois embargos que pertenderam fazer-me; um, motivado pelo sr. José Ferreira da Silva, que n'esse tempo era meu procurador, mas que nem por isso recuou a desfeitiar a sua constituinte.

O sr. Torres pagou essa divida, e alguns dias depois comprou egualmente a conta do sr. Bastos na occasião do segundo embargo.

Confesso que me não assustou aquelle assedio á minha porta; eu não tinha faltado ao accordo do pagamento, por isso nada temia.

Em Lisboa, ha leis, e justiça, por isso quem tinha razão devia n'ella confiar. De mais, o caracter do sr. João Caetano de Oliveira Bastos era bem conhecido, para todos perceberem que n'aquelle embargo havia grande maroteira.

Por entre uma pequena abertura da janella vi a vizinhança nas varandas, como se fosse um dia de procissão; os gallegos estacionados em frente da minha porta, sentados nas padiolas; os soldados municipaes em redor da justiça (tão injusta) augmentavam a confusão d'aquelle labyrintho infernal.

O povo era immenso a observar aquella scena vergonhosa, vergonhosa para as leis de um paiz, que não sabe differençar a verdade da mentira.

Se as leis não ajudassem esses esfomeados agiotas, de certo elles não levantariam predios e palacios!!

N'essa occasião estava em minha casa o sr. Serra, que precisando fallar ao sr. Sant'Anna, o esperava n'um gabinete, aonde eu entrei para lhe contar o motivo do que se passava.

Foi n'este momento que as primeiras pancadas cairam na porta, e produziram um estampido rouco e sinistro.

Digitized by Google

Foi a este som estrondoso que cheguei á janella, e levantando ligeiramente a cortina, vi aquelle espectaculo amotinador.

O sr. Serra erguen-se da cadeira e chegou-se á janella; depois recuando dois passos, olhou fixamente para mim.

Não tive resposta para aquella interrogação; deixei-me cair no sophá levantando os hombros, e murmurando a canção: *Je suis bombardier du roi*, etc. etc.

Elle admirado, disse me com voz tremula:

—Confesso que esperava vel-a succumbida, e desejava podel-a reanimar.

—Tenho bastante coragem, respondi; outra qualquer coisa podia magoar-me, mas a tentativa de um lobo esfomeado que pertende lançar as garras á minha mobilia, para saciar a sua voracidade, não me succumbe, diverte-me.

E continuei a cantar outra romança ao som das martelladas que despedaçaram a porta.

A justiça entrou; e eu pude examinar todos aquelles negros corvos.

O sr Torres, a quem mandei logo chamar, pagou a minha divida áquelle novo Jacques Ferrand, e ficou sendo elle meu credor.

O que eu muito desejava era dever a uma unica pessoa; mas não tinha podido levar a effeito este meu intento, quando se soube da morte do sr. Fonseca.

Tempos depois, disse me o sr. Torres:

—A Madame está contemplada no testamento do commendador Manuel Pinto, deve tratar de receber o seu legado, porque desejo que satisfaça a minha conta.

—Muito depressa lhe veiu esse desejo, e não me apresentou ainda a sua conta disse eu.

—Ella aqui está, atalhou elle tirando um papel da carteira; assigne a Madame n'este logar.

—Isso é uma brincadeira, respondi eu; porque não heide assignar uma conta sem a ter examinado primeiro.

Digitized by Google

—A Madame desconfia de mim?

—Oh! não, sr. Torres, mas admiro-o, e não assigno. Deixe-me a sua conta, confrontal-a-hei com os meus apontamentos, e ámanhã eu lhe direi se assigno ou não.

—Tome sentido, Madame...

Foram as unicas palavras que pôde pronunciar.

Quando o sr. Sant'Anna me appareceu, contei-lhe tudo, e elle immediatamente deu ordem ao criado para o ir chamar assim que o sr. Torres chegasse a minha casa.

No dia seguinte, eram oito horas quando uma das criadas veiu accordar-me, dizendo que o sr. Torres queria fallar me.

Vesti-me á pressa e fui saber o que me queria o sr. delegado.

—Madame, hade assignar-me já a conta; foram as primeiras palavras que soltou apenas me viu.

—Eu já lhe disse hontem que não a assignava sem a examinar.

—Digo-lhe eu que hade assignar, gritou elle batendo com o pé no chão.

—Mas que é isso, sr. Torres? que modos são esses? Se aqui estivesse o sr. Sant'Anna v. s.ª não havia de gritar d'essa maneira.

—Ora!!!... quem é que o teme? Eu cá tenho tanto medo d'elle, como d'isto; disse elle dando com o bico do pé no chapeo que foi rolando até ao outro canto da casa.

N'este momento bateram á porta, e houve um verdadeiro *coup de theatre*, quando o sr. delegado da 6.ª vara viu entrar o sr. Sant'Anna e Vasconcellos.

Parecia um gato encrespado sobre o qual se deita um copo de agua. Assim se transformou o sr. Torres quando se abaixou para apanhar o seu chapeo.

—Que gritos eram estes? perguntou o recem-chegado.

—Ma... mai... mais, sr. San... Sant... An...na....

—Ainda ha pouco a gritar, e agora como se vê defron-

Digitized by Google

te de um homem já não pode fallar?! Entre para ahi; e apontou-lhe para um gabinete.

Apenas podendo segurar-se, foi o sr. Torres encaminhando-se para o logar indicado, provavelmente sentindo-se desfallecer, porque apenas entrou, deixou-se cair sobre o sophá, onde, pallido e tremulo, permanecia como o condemnado esperando pela sua sentença.

Entrou o sr. Sant'Anna no gabinete, e disse:

—Então vem aqui gritar e metter medo a uma senhora para ella assignar uma conta que v. s.ª não quer dar a exame?!

O sr. Torres principiou a querer dar resposta, mas a sua tremura era tal que mal podia balbuciar algumas palavras ininteligiveis.

Moveu-me dó a critica posição em que se achava aquelle pobre bacharel, sobre tudo por ser aquella scena presenceada por mim, a quem elle contara tantas vezes actos da sua coragem e bravura.

—Tem a bondade de chamar as criadas? disse o sr. Sant'Anna voltando-se para mim.

Puxei o cordão da campainha e appareceu a Alexandrina, que muitas vezes fôra testemunha dos contos *chevalaresques* do sr. Torres, contados por elle.

Ver a criada o estado do sr. delegado era a maior vingança que o sr. Sant'Anna podia tirar d'esse homem.

—Eu estou em pé, e o senhor conserva se sentado! levante-se, lhe disse com ar sombrio; levante-se! e confesse que é bem miseravel!

—Mas... mas... oh! sr. San... Sant... An...na...

—Vamos, repita o que lhe digo; sou um grande mariola!

O temor apoderou se a tal ponto do corajoso bacharel, que repetiu com voz tremula: sou um mariola!

—Diga, continuou o sr Sant'Anna que tomara n'este momento o logar de juiz sobre aquelle reo; diga, diga: um grande mariola!

Digitized by Google

—Sou um grande mariola! repetiu o outro suffocado.

—Agora, tornou o sr. Sant'Anna, ou antes o Achilles de Lisboa, diga: sou um patife, sou um lad...

—Mas... oh! sr. Sant'Anna!

—Não ha oh! nem ah! diga, diga que não offende a verdade; gritou o sr. Sant'Anna.

—Oh! isso não digo eu, murmurou o sr. Torres abatido.

—E eu ordeno-lhe que o repita immediatamente, bradou o sr. Sant'Anna, pondo-se em frente do delegado.

—*La leçon est trop cruelle, laisse-le, car il en est malade,* disse eu para o sr. Sant'Anna, que voltando-se logo, me respondeu:

—*Non; a une canaille, la leçon doit être complete;* e tornando a voltar se para o afflicto bacharel, continuou:

—Repita já: eu sou um patife, um ladrão es...

O sr. Torres fez se verde, mas pronunciou aquellas tremendas palavras:

—Sou um patife, um ladrão eu...

Tive um nojo tamanho de similhante covardia, que cuspi na pedra da janella, e sai do gabinete, não podendo presencear por mais tempo uma scena aonde um homem se mostrava tão fraco em presença d'um seu similhante.

Eu era mulher, mas teria preferido a morte a tanta baixeza e aviltamento.

Abri a porta, porém o sr. Sant'Anna chamando-me, fez com que eu voltasse.

—Então acaba de confessar que é um patife, e um ladrão? perguntou o severo juiz.

O reo acenou com a cabeça.

—Dê cá a conta que pertendia fazer assignar.

Tirou o sr. Torres da sua carteira a celebre conta, e entregou-a.

Depois de a examinar, exclamou o sr. Sant'Anna:

—Já se vê que eu tinha razão de lhe fazer confessar as suas miserias... Esta conta não está verdadeira, pegue,

Digitized by Google

continuou elle entregando-lhe o papel; pense, faça outra, mande-a ámanhã, e agora vá-se embora.

E o sr. delegado Torres saiu *sans demander son reste.*

—Cruel... disse eu para o sr. Sant'Anna.

—Com gente d'esta ordem não ha crueldade; quando um homem desce á infamia deve ser tratado assim.

No dia seguinte, ás nove horas, tinha logar em minha casa um embargo, a requerimento do sr. José Maria Dias Torres.

—Isto esperava eu, disse o sr. Sant'Anna, que ficou furioso quando viu que na relação, que o sr. Torres dera aos officiaes, vinha inscripto o berço e as camas das minhas filhas; isto mostra o homem! exclamou elle.

Mandou chamar um advogado seu amigo, o sr. doutor Barradas, que hoje está encartado tabellião.

Este cavalheiro não se poupou a incommodo algum para encontrar o juiz, que consentiu em tomal-o a elle, e ao sr. Sant'Anna por fiadores, e depositarios da minha mobilia.

CAPITULO VI

Penuria. — Celebres almofadas. — Uma senhora com fama de generosa. — Bella acção do sr. Fidié. — Grandes apuros — Rifa. — O sr. T*** Reflexões. — Recebo o meu legado. — Linda vivenda. — O sr. Manuel de Jesus Coelho. — O sr. Raymundo de Bulhão Pato. — O sr. L. A. Rebello da Silva. — O sr. doutor Thomaz de Carvalho. — O sr. Antonio Rodrigues Sampaio. — O sr. Latino Coelho. — O sr. José Maria do Casal Ribeiro. — O sr. Antonio de Serpa. — O sr. Mendes Leal. — O sr. Lopes de Mendonça. — O sr. José Estevão Coelho de Magalhães. — O sr. João Lobo.

Desde o momento em que o sr. Torres deixou de tratar dos meus negocios, achei-me na maior difficuldade para poder governar a minha casa.

Digitized by Google

Tinha umas lindas almofadas de moireé branco bordadas a matiz, trabalho feito por mim durante a viagem do meu protector a Paris, para lh'as offerecer quando estivesse de volta.

Achando-me com falta de dinheiro, e não tendo mais nada para mandar empenhar, a venda d'essas almofadas podia ajudar-me por algum tempo.

Ellas eram ricas e tentadoras; mas vendel-as, a quem?

—Ao rei, me disse um dia D. A. G.; elle é generoso e conhecendo a sua difficil posição hade ajudal-a.

—Mas como as mandarei? Quem quererá encarregar-se de lhe dizer tudo? perguntei eu.

—Deve ser a mesma dona das almofadas; em o sr. D. Fernando a ouvindo hade interessar-se, respondeu-me essa boa e excellente conselheira.

—Como eu?! não me conhece D. A.. Depois do que dizem do Regente... bem sei que lhe posso ser indifferente, mas quem soubesse d'esse passo, havia de dizer... que as almofadas eram o pretexto de outra venda! e com o meu genio não me agrada isso. Preciso que saiba que rei, regente, principe, duque, ou simples creaturas. vejo-as egualmente debaixo d'um ponto de vista: — Homens! homens, que embora sejam favorecidos, não teem merecimentos, quando não teem no coração verdadeiros e puros sentimentos. Eu, minha cara senhora, nunca ponho em duvida os titulos de nobreza, mas descreio muitas vezes da nobreza dos titulos...

Ha por ahi nobres de fresca data que eu não queria para guarda de uma quinta. Quem não teme falsiar para adquirir com o producto de traficancias um titulo e outras honras, é indigno do titulo de nobre... Examinando-se bem a origem de certos nobres, conhece-se, que é uma miseria, e.. Vejo que fugi da nossa conversa. Para terminar, pois dir-lhe-hei, que tudo farei, menos o que acaba de me aconselhar.

—Faça o que quizer; disse seccamente a minha interlocutora.

Digitized by Google

Poucos instantes depois despediu-se de mim, e ficou mal comigo.

Não procuro dar explicações d'esse rompimento; analysar seria querer abrir uma pagina que podemos pôr de parte, esquecendo esta senhora e os seus conselhos.

Essas almofadas que tinham sido bordadas com tanta amizade, deviam ter uma longa pagina nas minhas memorias.

Mandei-as a D.. de P... senhora que todos diziam boa e generosa.

Mas essa alma tão apregoada de philantropia, só offereceu metade do que eu desejava.

Estou certa que não foi por ella esta decidida escusa, mas quasi sempre estas altas dignidades de pura nobreza conservam á roda de si gente que tem medo de tudo, receiando que qualquer pessoa lhe faça perder a protecção obtida por quatro astucias Se acontece essa camaragem ter filhas ou sobrinhas, então estão sempre *sur le qui vive!*

Por meio das fingidas caricias d'uma dedicação hypocrita, essas fidalgas concedem um dote a essa filha ou sobrinha, e... casa com grandeza... e isso acontece successivamente, até que a fidalga é julgada prodiga, e fica sujeita a um administrador.

Muitas vezes tinha ouvido fallar do sr. Fidié, como sendo um perfeito cavalheiro; mandei offerecer essas historicas almofadas a esse senhor que veiu a minha casa, viu-as, achou as lindas e perguntou-me o preço, Eu, deixei essa decisão á sua disposição.

Metteu a mão na algibeira, tirou o que trazia comsigo, dizendo-me:

—E' o que tenho aqui; se quer, compro essas almofadas.

Eu que estava sem um pinto em casa, disse que sim, e agradecendo fiquei muito satisfeita.

—Agora que essas lindas almofadas são minhas, pelo

Digitized by Google

motivo de uma compra legal, hade prometter-me um favor.

—Com muito gosto, respondi.

— Permitta-me pois que lhe faça a offerta d'essas almofadas.

Fiquei pasmada de tanta delicadeza, e cavalheirismo; eu que depois de alguns mezes não via senão agiotas usurarios, ou cavalheiros que queriam aproveitar-se do meu infortunio para me reduzir como se reduz uma cidadella, por fogo ou por fome.

Recusar este generoso auxilio feito com tanta delicadeza e independencia, era um insulto a uma offerta tão espontanea e sincera. Agradecer com protestos banaes, era ridiculo.

Olhando para esse delicado cavalheiro, disse-lhe unicamente:

—*Merci*!

Conheci no seu olhar a bondade da sua alma.

Elle comprehendeu todo o agradecemento que o meu coração sentia, e que os meus labios não poderam exprimir.

Depois do que se passou, levantou-se promptamente, e comprimentando-me saiu.

Eis ahi um acto de verdadeiro cavalheirismo. Acto que se deve annunciar para servir de exemplo aos avaros que teem as suas burras fechadas a sete chaves.

Quantos ricaços ha por ahi, homens de fingidas virtudes, que se alguem lhe pedir uma ajuda pelo meio de um emprestimo, fazem a grosseria de reenviar a carta, sem uma unica palavra de desculpa.

Mas se lhes disserem: faça o que lhe pedem, porque o seu nome hade apparecer ámanhã em todos os jornaes...então de prompto se abrem os cofres para satisfazer a vaidade egoista.

Este meio hypocrita obtem quasi sempre, uma reputação de excellente caridade, áquelles que muitas vezes só teem a miseria no coração.

Digitized by Google

Se o sr. Fidié ler estas paginas considere a differença que Deus deve fazer d'elle a esses millionarios orgulhosos e cheios de presumpção.

Fiquei algum tempo descançada emquanto durou aquelle dinheiro. Porém elle acabou-se, e não me fallavam da entrega do meu legado, por isso os meus crédores tornavam se. como uns cães a ladrar-me todos os dias á porta.

Chegava o tempo de pagar a renda da casa, e não tendo já que empenhar, vi-me obrigada a acceitar uma lettra de quatrocentos mil réis, a seis mezes, pela assignatura da qual me deram só duzentos mil réis.

Quatrocentos mil réis ao anno de juros, pôr duzentos mil réis!!!

E que remedio, senão agradecer ainda o favor d'este emprestimo?!!

Ha gentè que se lança ao furor das vagas para salvar um naufragado, e ha tambem quem puxe mais depressa a corda para enforcar um infeliz!

Acabado o dinheiro d'esta lettra, surgiram novos embaraços que trouxeram novas lagrimas.

N'esta alternativa escrevi a uma pessoa, desejando propôr-lhe de me emprestar algum dinheiro sobre uma lettra. Mas, como eu por meio de cartas nunca gostei de explicar a maneira do negocio, pedia-lhe o obsequio de vir a minha casa. No dia seguinte recebi pelo correio um sobrescripto com o meu nome; abro-o, e pensando achar uma carta, vi boccados de papel rasgados, e reconhecendo n'elles a minha lettra, tirei-os para fora e examinando-os bem, vi com espanto que era a minha carta da vespera.

Que será isto?! pensei eu: o tempo m'o dirá. Não foram precisos muitos dias que não viesse ao meu conhecimento que o sr. F*** O*** depois da morte de sua mulher, que lhe levara uma bella fortuna, tinha tomado para casa uma creatura, com quem já existiam certas relações. Essa mulher era franceza, mas d'essas

Digitized by Google

francezas como a maior parte d'ellas são aqui em Lisboa... De mais diziam que desgraciosa e bastante feia, não tinha sequer ao menos a vantagem de uma sua irmã, que attrahira certo fidalgo pelo bem airoso do seu pésinho de silphyde. Isto não admira, porque ha homens que se elevam mais por uma unha do que por uma qualidade.

Essa franceza, que me disseram até tortasinha ser, vendo que o seu *galleguinho* recebia uma carta de uma senhora, taes ardores lhe subiram á cabeça, e da cabeça tal phrenesi lhe veiu ao animo, que levou o seu excesso a ponto de commetter uma acção que só a uma creatura da qualidade que ella era podia lembrar, julgando com isso desfeitiar-me. Coitadita, só me causou riso e dó!

Não conhecendo pois outro agiota que de prompto me fizesse um emprestimo, e achando-me sem recursos, resolvi-me, apezar da pena que me causava, a rifar aquellas duas almofadas, que eu tanto teria desejado conservar.

Postas em exposição em casa de M.elle Elisa (modista no Chiado), comecei a mandar pelo meu criado cartas circulares ás pessoas mais notaveis da capital. Com que alegria, meus Deus, vi-a hoje chegar meia libra, no outro dia uma, duas, ou tres! Com que prazer recebi a importancia dos doze bilhetes que escolhera o sr. Joaquim Pereira da Costa; eram seis libras! seis libras, meu Deus! como eu estava rica!!

Ha pessoas que em tudo revelam essa delicadeza de sentimentos que basta para ennobrecer um homem aos olhos da verdadeira sociedade. Mas tambem ha outros tão diversos, cujos actos de grosseria seriam bastantes para ennegrecer o brazão mais distincto.

Houve quem não sentisse o escrupulo de acceitar bilhetes, e de nunca até hoje os satisfazer.

Depois de passados os bilhetes, fez-se a rifa no es-

Digitized by Google

tabelecimento de M.elle Elisa, e quiz a sorte que o sr. Sant'Anna ganhasse.

O bilhete não lhe tinha custado nada, por isso com a maior generosidade possivel fez-me presente das almofadas.

Para acabar com a historia singular d'esses dois objectos, direi: Pensando aliviar as minhas acanhadas circunstancias, lembrei-me de escrever ao sr. Van Praet, ministro do rei em Bruxellas.

Effectivamente assim fiz, e como essa primeira carta era para saber apenas se esse senhor estava ainda vivo, e se recordava de mim, recebi pelo paquete seguinte esta resposta:

«Madame»

«Votre lettre est allée me trouver au fond de l'Ecosse que je viens de parcourir en voyageur. C'est ce qui a retardé ma reponse. Oui je me rappelle à merveille de vous, et j'aurais cru volontier qu'il y avait moins longtemps. Cela prouve pour la fraicheur du souvenir. Vous me demandez si je serais disposé a vous rendre service. Je ne saurais répondre qu' une chose, c'est qu'eu devenant plus vieux, je ne crois pas avoir changé de disposition.

«La reponse se resent un peu du *vague* de la demande.

«J'ai appris avec plaisir que votre position s'est ameliorée; veuillez croire que ce changement du sort est conforme a mes voeux.

«Je vous remercie des expressions bienveillantes de votre lettre et j'ai été charmé de ce bon souvenir de votre part.

«Veuillez agréez, Madame, mes sentiments les plus distingués.

Jules Van Praet.

«Bruxelles le 15 Septembre 1856.»

Mandei comprar duas caixas e metti dentro as duas historicas almofadas, recatadamente involtas em papel de seda, e unidas com fitas côr de rosa.

Digitized by Google

Remetti-as pelo paquete com uma carta, dizendo que visto o meu nome não estar esquecido, e ver boas disposições relativamente ao obsequio que eu queria pedir, esperava pois que me fizesse uma rifa d'aquelles dois objectos

Algum tempo depois, quando eu pensava já ter uma resposta favoravel, recebo uma carta do sr. A*** V*** em que me dizia que não tinham querido receber as caixas.

Que devia eu pensar d'este procedimento?

Escrevi mais duas cartas, e nada de resposta.

Andaria n'este negocio o olhar vigilante de alguma esposa ciosa? seriam informações que o sr. Van Praet recebesse aqui de Lisboa? ou teria elle morrido?! Não sei, nem o podia comprehender.

Naturalmente o sr Van Praet que me conhecera em Bruxellas, e que dizia que eu era dotada dos mais nobres sentimentos, admirava-se que fosse da mesma Josephina de Bruxellas que davam essas informações?!!

Não accusarei quem quer que fosse que se encarregou de me fazer taes ausencias, porque desgraçadamente as apparencias eram *todas, todas* contra mim. Rodeava-me muita gente de mascara no rosto, e eu tinha contra mim muitos inimigos embuçados.

Não accusarei ninguem, porque se não deve accusar sem provas.

Não quero mal ao sr. Van Praet, nem os meus sentimentos mudaram por me haver recusado um obsequio; sómente chorei!

Este extraordinario foi uma das amarguras da minha vida.

Para mandar vir outra vez as caixas, eram despezas inuteis, e eu nunca pude dispor do dinheiro para o sr. A*** V*** se pagar das despezas dos transportes, o qual mandando-lhe teria pedido que em Bruxellas desse ordem para vender aquellas almofadas, e distribuisse esse dinheiro em esmolas.

Digitized by Google

Até hoje que escrevo estas linhas ainda me não foi possivel embolsar a passagem; mas supponho que ao finalisar o tempo do deposito abrirão as caixas, venderão as almofadas, e com isso a minha consciencia ficará tranquilla

Tristemente acabou a historia d'essas duas prendas começadas a bordar com tanta satisfação, provando-se que, n'este mundo, quando se pede um obsequio, já se não conhece a pessoa e até se morre para ella!

Lembra-me agora uma pequena anecdota acontecida logo no começo da rifa d'essas celebres almofadas, com o sr. A*** T*** A*** a quem eu tinha mandado uns bilhetes.

Veiu a minha casa, e como já me tinha querido render homenagens, aconselhando-lhe eu de as guardar para sua esposa, aproveitou o motivo dos bilhetes para renovar os seus protestos.

—Pensei que já não se lembraria; disse eu.

—Sempre, porque a amo devéras; respondeu.

—E' uma loucura, respondi com frieza; v. ex.ª perde o seu tempo.

—Não, v. ex.ª é que perde o seu tempo com um homem, que bem mal a saberá comprehender, e que muito a fará soffrer.

—Esse agouro hade ir longe, atalhei eu levantando-me, para lhe dar a conhecer que desejava a sua retirada.

Ergueu-se, e entregando-me os bilhetes que lhe mandara, disse-me com placidez:

—*Tenha sempre cuidado com os ilheos*.....

.....

—V. ex.ª não é muito amavel, respondi eu, em me dar tão tristes agouros de uma pessoa que bem sabe quanto estimo.

Como devia eu tomar as ultimas palavras do sr. A*** T*** A***? como conselho, como aviso, ou como vingança?

Digitized by Google

Elle que se esquecia que uma senhora involvida em difficuldades, e em tristes embaraços recorria a um trabalho das suas mãos; e elle, elle vinha propôr-lhe uma compra! uma venda!!!

—V. ex.ª, disse eu, não vê senão as apparencias, e desconhece totalmente o fundo da minha historia, e do meu caracter. Um dia me conhecerá, e então hade fazer-me a justiça de acreditar que a sua proposta foi um insulto... que eu sinceramente desculpo e perdôo.

—Faz má opinião do meu caracter? perguntou elle.

—Não me ouviu dizer que o desculpava, e que lhe perdoava? disse eu sorrindo.

—E'verdade, exclamou elle, mas eu amava-a, e agora adoro-a!

—Essa adoração nasceu-lhe depressa, disse eu, e por isso é de crer que desapparecerá com a mesma brevidade.

—Então nem uma esperança sequer?

—Não. Mas dou-lhe a minha estima

—Oh! que caracter... que caracter extraordinario! disse o sr. A*** T*** A*** que pegou no chapeo, comprimentou-me cortezmente, sem dizer nem mais uma palavra, e saiu.

Oh! não devo desesperar, disse eu comigo, ao sentir as lagrimas cairem-me pelas faces, tudo me accusa... as apparencias são revoltantes contra mim, e quem julga por ellas é inflexivel contra mim. Isto faz-me soffrer, soffrer muito; mas, oh! meu Deus! acceitae esses soffrimentos moraes como expiação das minhas faltas.

Senti a tempestade do meu orgulho no coração acalmar-se como sempre me acontecia, quando me julgavam uma mulher infame, e que offerecia ao Creador essa humiliação, mais essa gotta de amargura no desventurado calix dos infortunios da minha vida.

Pedia-lhe que me desse coragem, e Deus parece que sempre me ouvia, porque nos momentos mais so-

Digitized by Google

lemnes da minha existencia nunca invoquei a sua clemencia, que um balsamo suave e consolador me não viesse dar animo e forças.

Recebi algumas declarações de Costa d'Africa: julgavam que eu era uma mulher que se vendia; porém em compensação recebia tambem algumas d'este modo:

Procuravam o sr. Sant'Anna, este já tinha saido; querendo usar de delicadeza, mandava entrar para a sala no caso de se resolverem a esperal-o.

Uma vez, com uma d'estas visitas, depois de termos conversado duas horas, e de minhas filhas se retirarem a brincar no jardim, foi em dois minutos se tanto, que eu vi cair diante de mim esse *personagem*, agarrando-me as mãos.

Aquella physionomia era realmente sympathica, e o seu coração tinha nobres qualidades.

Fiquei admirada d esta nova declaração à *brûle-pourpoint*, porém não perdi a cabeça.

Levantei-me, e agradecendo o affecto que dizia ter por mim, fiz comprehender-lhe que ligada a uma pessoa que amava com estima, jámais a atraiçoaria, porque era incapaz de uma infamia; esperando comtudo da sua delicadeza que esquecesse o impeto do seu affecto, sem mais outra tentativa.

Prometti-lhe segredo para o sr. Sant'Anna, porque nada achava mais ridiculo do que uma senhora confessar as declarações que recebe, para excitar ciumes no coração do homem que ama.

Casos ha, em que a mulher está forçada a usar d'esse modo; quando por exemplo um homem se esquece do respeito devido a uma senhora, e prosegue caprichoso sem reflexão no seu intento, aggravando o erro que a senhora teve a dignidade de lhe apontar, não ha remorsos de evitar de outra maneira homenagens que se tornam importunas.

Porem, este não estava n'esse caso, porque não renovaria o que eu então tomaria por offensa.

Digitized by Google

Comprehendeu tudo bem, ficou sendo meu amigo, não obstante ter deixado de voltar a minha casa. Eis ahi um nobre comportamento, que me deixou o direito de dizer que esse cavalheiro é digno de toda a estima e consideração.

Por estas linhas verá o sr. C*** que lhe conservo uma sincera amizade, de que sou avara, pois não a dou nem a sinto senão por quem a merece devéras.

Eu amava o sr. Sant'Anna; muita gente me achava criminosa, e portanto aos olhos do verdadeiro juizo do Creador todo poderoso, eu estava salva, pois que amava devéras.

Amar! ha tanta gente que falla n'esta palavra, sem comprehender este sentimento sublime!!!

Quantas pessoas ha que batalham com a realidade, sem quererem curvar-se ao dominio da sociedade, porque acham esse dominio pesado e hypocrita.

Esses corações teem sentimentos elevados e sublimes; mas a sociedade obriga a sepultal-os, e a esconder-os com uma hypocrita mascara! a sociedade quer ver as apparencias, mas não quer ver a alma!

Embora se commetta um crime... haja apparencia de virtude, de santidade, e tudo vae ás mil maravilhas.

Um dos sentimentos mais sublimes e mais ideal é seguramente o verdadeiro amor! Sim, é verdade. Mas o mundo exige uma mascara... e essa mascara é o casamento.

Por isso, como acaba a maior parte dos amores? da maneira mais prosaica: *pelo matrimonio!*

Un menage! creanças! etc. etc. Oh! ser Bélise e Henriqueta Chysole ao mesmo tempo é lá possivel!!

O matrimonio é o inferno dos corações que se amaram. E no fim de um anno, o marido por uma parte, a mulher por outra, lá vão uns apoz outros, caindo no foco dos maridos desgraçados, e das esposas infelizes ou .. que se consolam!!!

E' facil comprehender que dois homens presos

Digitized by Google

pela mesma cadeia ao pé, chegam a aborrecer-se e a desprezar um ao outro por se verem assim ligados. O odio ás vezes substitue esse desprezo, porque os dois fazem um obstaculo commum.

Deus concedeu ao mundo um espaço infinito para os passaros serem livres no seu vôo! e os mortaes hão-de encadear-se á similhança dos grilhetas, vivendo talvez sujeitos a uma condemnação eterna!

Por desejo, por livre vontade, é o ceo! sente-se um prazer supremo n'essa escravidão! mas por obrigação, não, não! Viva a liberdade!!

Muitas vezes acontece, quando duas creaturas se deixam ligar pelo divino laço da confiança sem se conhecerem bem primeiro, acontece a maior parte das vezes o contrario do sublime; porque a infelicidade em breve baterá á porta, em quanto que o raio de amor que inspirou essa alliança, foge ainda mais apressado pela janella.

Um homem que não tem na idéa senão o dominio, que só intenta subir, ainda que para isso tenha de passar sobre lagrimas, e atravez de sacrificios, depois de ter o pé no degrau da escada social, não attende senão a sua esperança ambiciosa, que hade saciar o seu orgulho.

Se a senhora é de sentimentos, não deve lançar no rosto de esse ente desnaturado a sua dedicação, e a fé que depositava nas suas palavras involver-se, sim no manto da frieza, e não olhar para esse ente senão com o mais profundo desprezo.

Então elle brama, encolerisa-se porque deseja ver a sua victima banhada em lagrimas; mas como a vê insensivel, faz soffrer essa dedicada creatura, até ao ponto de ella tomar uma resolução desesperada!

Deixemos pois aqui estas reflexões. e sigamos a minha existencia.

Achava-me sem mais recursos; foi por isto que o sr. Sant'Anna me fez o obsequio de ir pedir em meu

Digitized by Google

nome aos testamenteiros do sr. Fonseca, a entrega do meu legado, ao que elles de prompto annuiram.

Fui forçada a contrahir um novo emprestimo para pagar os direitos de transmissão, que sommaram perto de oitocentos mil réis; accrescentando os juros d'esse dinheiro, fez-me uma divida de um conto e tantos mil réis.

Recebi o meu legado das inscripções, e logo pelo sr. Sant'Anna, que fallou ao sr. Augusto Xavier da Silva, director do banco, se arranjou com esse estabelecimento uma transacção de um conto e duzentos mil réis, afim de pagar com essa quantia aos credores mais impertinentes.

Foi n'essa epoca que me fallaram n'uma casa como eu desejava; um pouco distante do centro da cidade. Casa independente com quinta e jardim.

Tratei logo de effectuar a mudança, e é n'essa linda vivenda que tanto me apraz onde escrevo estas memorias.

O meu quarto é excellente; tem duas janellas, deitando uma para a rua, e d'onde avisto as consideraveis eminencias de Lisboa.

E' bello ao pôr do sol ver os ultimos raios d'esse rei do universo reflectirem-se nas vidraças das casas brancas, que se distinguem ao longe por entre os altos cyprestes do cemiterio inglez que me fica defronte. A outra janella deita para o jardim, e as baunilhas e trepadeiras que a rodeiam, mais a embellezam e tornam agradavel, porque transpira por ella os aromas deliciosos que a mansa viração introduz no quarto, embalsamando as cortinas do meu leito. E' uma casa verdadeiramente poetica.

A's noites de estio, é sublime o encanto que cerca toda a propriedade. A lua erguendo-se magestosa na amplidão dos ceos, lá esparge seus reflexos de prata sobre as aguas do Tejo que gyra aos pés dos montes d'além.

Digitized by Google

Os rouxinoes veem-me saudar com as suas melancolicas canções, sobre os ramos das arvores, ao som da brisa que murmura de leve por entre os arbustos e as flores.

Que melhor vivenda podia eu ter que fallasse mais ao meu coração? Ao sul, o mar, o mar que nunca podia vêl-o sem deixar de sentir uma suave lembrança, que foi despedaçada por minha familia.

Tinha sido sobre o mar, n'uma embarcação que se estava apparelhando, para soltar as velas ao vento, que no Rio de Janeiro Mr J. G. Dupy... me fizera o solemne juramento de vir um anno depois a Lisboa receber-me E tinha sido o mar o elemento que nos separou, trazendo-me para uma familia que quatro mezes depois escrevia a Mr. J. G. Dupy... dizendo que eu tinha mudado de resolução; ao ponto de já me não lembrar d'elle, e de ir receber me com outro!!!

Quando me encosto na minha janella e lanço um olhar sobre as ondas, recordo-me do Rio; das noites passadas na sacada por baixo da qual elle vinha conversar á claridade das estrellas e da lua que nos allumiavam. Oh! aquelle amor era feliz, foi um amor sem remorsos!

Se volto ao outro lado da propriedade, vejo aquelles vultos alvejantes que se conservam de pé no espaço do cemiterio, e lá tão distante distinguir-se em miniatura os gigantescos cyprestes do Alto de S. João; sentinellas entre as quaes jazem os restos do meu sempre c' orado e amado Henrique. Amor que me fez vencer tudo, e que apezar de o julgarem extincto, cada vez desperta mais vivo e apaixonado no coração!

As saudosas lembranças que me restam d'elle só podem dizer o que se passa entre mim e ellas, quando o nome de Henrique me voa espontaneo dos labios, como sincero desafogo d'alma.

Foi n'esta casa, que o sr Sant'Anna me apresentou o sr. Manuel de Jesus Coelho, pessoa que eu

Digitized by Google

já conhecia de nome, e que depois de ter vindo algumas vezes a minha casa, me deu logar a conhecer o seu caracter honrado e brioso.

O sr. Manuel de Jesus Coelho desde que entrara na carreira politica, nunca seguiu senão um systema, uma unica opinião, o bem publico e a liberdade. Estas duas virtudes sublimes foram sempre inflexiveis desde o antigo redactor do *Patriota*, ao moderno redactor do *Portuguez*. N'estas duas phases nunca se viu o patriarcha da esphera politica d'este paiz, senão erguer com a mesma firmeza e acrisolado patriotismo o pendão que uma vez levantara, em valimento á felicidade da sua patria.

O sr. Manuel de Jesus Coelho não pertence ao enxame d'aquelles que se deitam á politica, como o experimentado nadador que separa as ondas de cabeça para baixo para conquistar as perolas e os coraes que habitam no fundo. Não era tambem poeta, e como esses não abdicara as musas para se fazer homem d'estado, porque a politica é um terreno amplo para os homens ambiciosos chegarem aos seus fins positivos

Não pertencia tambem ao genero d'aquelles que em vez de combaterem os governos còm razões importantes e plausiveis, preferem o insulto grosseiro, confundindo-se depois com o cão que ladra; com o gato que mia; com o burro que zurra, e que de nada mais se importam senão de *parvenir*.

O sr. Manuel de Jesus Coelho é finalmente um homem que se tem sacrificado á opinião de que jámais se afastou.

E' um d'esses honrados caracteres que podem servir de modelo pela sua probidade, e que rejeitam tudo para ficar com a sua reputação sem mancha, e a sua consciencia sem remorsos!

E' um verdadeiro e distincto portuguez que faz honra ao seu paiz.

Tenho gloria e prazer de contar um caracter tão nobre no rol dos meus poucos mas verdadeiros amigos.

Digitized by Google

Foi n'esta casa encantadora que habito, que o sr. Sant'Anna me apresentou tambem o sr. Raymundo de Bulhão Pato, distincto e admiravel poeta, e já conhecido autor da *Paquita*, apezar de a não ter dado ainda á luz.

E' um mancebo sympathico, porém algum tanto melancolico.

De todos os poetas é o mais estimado do sr. Alexandre Herculano, homem de lettras, que tanto honra o seu paiz. Debaixo dos auxilios e conselhos d'aquelle grande mestre, surgiu o futuro autor da *Paquita*, d'esse poema famoso e inspirado, que lhe hade formar brilhante reputação merecida.

Lembram-me algumas estrophes d'essa obra, e não sei ao certo o canto a que pertencem:

«Oh! timida innocencia! oh! flôr mimosa!
«Quantos perigos este mundo encerra!
«E tu encanta n'haste melindrosa
«Sorris alegre contemplando a terra!
«Ai! que não sabes como é breve a aurora
«Que aviventa no prado a casta rosa!
«E não sabes tambem quantas ciladas
«Te circumda a fragil existencia!
«Quantos projectos e tenções damnadas
«Forma o homem na sua omnipotencia!
«Contra ti, debil flor que basta um sopro
«Para mudar-te n'este mundo a essencia!

«Um erro apenas, uma falta leve,
«Um pensamento por fugaz que seja
«A fronte pura te desbota em breve!
«E' como o lirio que no prado alveja,
«Que ao sol abriu vicejante e bello,
«Mas que um só dia de existencia teve!

E' assim toda a poesia produzida d'aquella imagi-

Digitized by Google

nação. O sentimento, a doçura, a suavidade e a melancolia reunem-se em cada verso do joven poeta.

As suas obras não avultam; são poucas as novas que temos das suas composições, e de cada vez que se falla em apparecer alguma é logo festejada, mesmo antes de sair do prelo.

Não é uma censura que lhe fazemos proclamando a escassez das suas producções, porque n'este paiz infelizmente, aonde ha talentos capazes de grandes empresas, os escriptores são victimas do limitado commercio das lettras, e são obrigados para viverem a escrever folhetins das variedades que Lisboa não tem, e das novidades, um anno das quaes não chega a produzir uma duzia de linhas.

O distincto poeta, de quem acabamos de fallar, tem uma grande vantagem, porque aos vinte e cinco annos apresenta uma obra, um poema cheio de suaves perfumes *Byronianos, e Victor Hugistas.*

Tambem foi aqui que tive a honra de me ser apresentado o sr. L. A. Rebello da Silva, tendo immensa pena que não viesse a minha casa senão essa vez, porque um cavalheiro com maneiras e conversação tão delicada, espirituosa e interessante faz-se desejar pela sua agradavel presença.

Fallou-se em litteratura e gostei muito de ouvir aquelle espirito fino e agudo, cheio de vôos eminentes, exprimir em poucas palavras, idéas e opiniões sublimes.

Offereceu-me o sr. Rebello da Silva um exemplar da *Mocidade de D. João V*, obra que muito estimei por gabada que era.

Effectivamente no dia seguinte recebi dois lindos volumes.

Foi com immenso prazer que aquellas li paginas escriptas pelo punho robusto e experimentado d'um homem profundo.

Admirei especialmente a clareza e vivacidade com

Digitized by Google

que ali se faz a descripção e a analyse do caracter jesuita.

A obra é um primor que hade levar á posteridade o nome de Rebello da Silva; como *a menia e moça* nos trouxe o de Bernardim Ribeiro; *Palmeirim de Inglaterra*, o de Francisco de Moraes; como finalmente os *Lusiadas* nos trouxe o do immortal Camões!

Tive tambem o gosto de receber em minha casa, apresentado pelo sr. Sant'Anna, o illustre doutor Thomaz de Carvalho: digo illustre, porque na carreira medica lisbonense, o talento do sr. Thomaz de Carvalho tem um nome distincto.

Pena é, que tendo abraçado a politica, se esqueça e ponha de parte o mestre Esculapio.

Mas egualmente no caminho da politica, o sr. Thomaz de Carvalho goza dos mesmos fóros de superioridade.

Os artigos e verrinas que lhe saem dos bicos da penna, pelo fino sardonico da phrase, ou pelas bellas idéas grandiosas que apresentam, desinvolvem claramente a materia e vencem a polemica

O seu estylo algumas vezes pecca por demasiada ligeireza, e outras, tocando o extremo, faz da linguagem um completo de flores.

Em todos os seus escriptos admira se a profundidade de idéas, que demonstram terem sido concebidas, por uma das intelligencias mais robustas do parlamento, onde o sr. Thomaz de Carvalho tem hoje um logar de deputado.

Este digno representante da nação, nascido como foi do povo, não deixará nunca de defender os seus direitos, nem hade jámais lançar-lhe na fronte o escarneo, porque bom e fiel será sempre um honrado democrata, mas não como alguns que confessando o orgulho da mesma crença, são comtudo capazes, se um criado lhes trouxer por engano um *charuto* em vez de *cigar-*

Digitized by Google

ros, de lhe darem a reprehensão transformada n'uma sova de pancadas.

Estes democratas *ridiculos*, que, para imitarem o systema inflexivel de Victor Hugo, são capazes de despedaçar e calcar aos pés o busto de Napoleão n'uma sociedade pelo sentimento da verdadeira independencia que a indole vaidosa lhes inspirou, apresentar-se-hão de luvas brancas, mas hãode olhar de revez e com desprezo para os que não usam senão d'aquellas que a natureza lhes deu.

Estes caracteres que fallam, mas não sentem, são os maiores sabujos que tem um estado.

Se não põem em almoeda os sentimentos e o coração, é porque teem a certeza que o peso, a que podem chegar, não vale ainda a insignificancia rasteira do seu orgulho!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Tive realmente immensa pena que o sr. Sant'Anna tivesse, dois annos antes de o conhecer, um duello com o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, de que resultou este ultimo ferir o seu adversario.

Tive pena d'esse successo, repito, porque me impossibilitava de pedir ao sr Sant'Anna de m'o apresentar, eu que havia tanto tempo desejava conhecel-o pessoalmente.

Sempre fui assignante da *Revolução de Setembro*, pude admirar a dignidade com que este jornal, o primeiro do reino, tem sido redigido por este seu honrado redactor e responsavel

Os artigos do sr. Antonio Rodrigues Sampaio são todos serios e admiravelmente escriptos.

E' talvez o jornalista mais distincto em saber manejar a penna.

Como sophista é o primeiro. Os seus argumentos sempre baseados, a censura rispida sem ser escanda-

Digitized by Google

losa, cortante sem ser provocadora, sae tão aprimoradamente da sua penna, que os antagonistas voltam da liça vencidos em face d'aquella potencia da intelligencia.

O caracter do sr. Antonio Rodrigues Sampaio pertence ao numero dos mais honrados.

Quando o sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca me fallava d'este seu amigo, fazia-me d'elle os maiores elogios, e dizia-me sempre: Receio provar nó meu testamento a sincera amizade que tenho a este amigo, porque á independencia de caracter que lhe conheço temo que elle se offenda.

Isto é sufficiente para demonstrar o sr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Se em Lisboa ha algumas pessoas que pelo seu talento, pureza de sentimentos, e honradez de caracter merecem que se lhe confie a pasta de ministro do reino, o sr. Rodrigues Sampaio é sem duvida o primeiro na lista d'esses poucos e raros privilegiados.

O sr. Latino Coelho era amigo do sr. Sant'Anna; mas como este só trazia e convidava os amigos que bem queria, nunca lhe pedi que me apresentasse ninguem, e eis o motivo porque não tive o gosto de receber em minha casa o sr. Latino Coelho, esse brilhante e espirituoso critico, que a felicidade permitta não seja com maus olhos que se volte para esta primeira publicação.

A pouca indulgencia nas suas apreciações litterarias, é o seu defeito dominante. Onde cairem os desapiedados bicos d'aquella penna sempre molhada em fel, a morte é inevitavel. Mas a sua critica é sempre chistosa, embora pungente. Homem politico e de sciencia, é com jus que tem uma cadeira em S. Bento, onde os seus discursos eloquentes salvam ou castigam o ministerio.

Uma das pessoas que tambem teria desejado conhecer, era o sr. José Maria do Casal Ribeiro, poeta, homem politico, e melhor financeiro ainda.

Digitized by Google

A sua intelligencia solta ás vezes aquelles rasgos impetuosos, só permittidos ao genio dos estadistas privilegiados.

Actualmente deputado, ninguem melhor do que elle, depois do illustre ministro Fontes, pode exercer com mais utilidade ao paiz e ao governo o encargo de ministro da fazenda, cuja pasta tem infelizmente atravessado tantas mãos geladas pela impotencia e inactividade.

Depois de fallar n'estes homens illustres pelos seus brilhantes talentos, não deixarei de mencionar o sr. Antonio de Serpa, que o sr. Sant'Anna nunca quiz apresentar-me, apezar de eu o conhecer já como escriptor dramatico e politico, assim como por autor de muitas poesias, onde se encontra o transcendente perfume das mais engenhosas poesias de Almeida Garrett.

Tambem desejei muito conhecer o sr. Mendes Leal, pela admiração que tenho da sua intelligencia vasta e fecunda.

O autor da *Historia do Oriente*, o primeiro poeta dramatico portuguez, o autor dos *Homens de marmore*, dos *Homens de oiro*, e de tantas outras composições brilhantes; o talento escolhido para acabar as obras do visconde de Santarem, não podia deixar de me ser agradavel a sua apresentação.

Um domingo, era meio dia, veiu o sr. Sant'Anna a minha casa acompanhado do sr. Lopes de Mendonça.

Fiquei satisfeita com esta visita, porque estimo as pessoas de talento, e o sr. Lopes de Mendonça é sem questão um dos bons escriptores d'este paiz; devendo tudo a si, porque estudou sósinho, e apparecendo inesperado no mundo das lettras, desejou illustrar o seu nome n'essa carreira brilhante, até que o conseguiu, subindo com justiça a uma das cadeiras na *Academia das Sciencias*.

Como jornalista em economia politica, o seu talento

Digitized by Google

desinvolve-se com vantagem e superioridade; no folhetim a sua observação é sisuda e por vezes satyrica; modelando um estylo animado de muitas flores de poesia.

No drama, só lhe conhecemos a *Affronta por affronta*, uma quasi estreia do autor, que apezar de se lhe encontrar certa transcendencia do aroma e disposição litteraria, é das suas producções a menos valiosa.

Em compensação porém, o autor deu-nos depois as *Recordações da Italia*, volume caprichosamente escripto, e todo composto de bellezas litterarias Ahi revelou o sr. Lopes de Mendonça todo o valor da sua brilhante intelligencia, e pena é que se não entregue antes a produzir d'estas obras, que lhe podem assegurar um nome na posteridade, do que a entranhar-se no campo ephemero da politica, n'essas lutas tempestuosas que acabam por succumbir o animo, cançando a intelligencia.

Concluirei estas breves e pequenas analyses, com o nome distincto do illustre deputado José Estevão Coelho de Magalhães, cabeça loucamente exaltada, homem de um excellente coração, e de uma philosophia pouco vulgar.

Primeiro orador no paiz, capaz de fallar um dia inteiro sem que o fio do discurso se desvie do assumpto principal, sem que as mais poeticas imagens desappareçam das suas palavras, sem que as flores da rhetorica desamparem um instante a sua eloquente voz, obtem sempre, pela energia que o anima, vencer ou sophismar convenientemente a questão.

Já uma vez o distincto orador chegou a impressionar tanto o parlamento, que os seus collegas o levantaram nos braços ao ar, cheios de enthusiasmo, n'um impeto arrebatado.

O sr. José Estevão é tão querido de todos, e tão bem conceituado no povo, como o foi em Paris e nas camaras o distincto general Foy.

Foi n'este anno, e n'esta casa que tive o gosto de

Digitized by Google

receber algumas vezes a visita do sr. Lobo, que tinha sido secretario da embaixada portugueza em Bruxellas.

Com immenso prazer tornei a ver este cavalheiro, que é um perfeito *gentleman*, porque o sr. Lobo possue realmente os foros d'estes dois titulos que tão bem lhe quadram.

Com sinceridade tive saudades quando o sr. Lobo deixou Portugal para ir como addido para o Rio de Janeiro, essa capital de mais civilisação do que muitas antigas cidades.

No Brazil que é uma terra hospitaleira, onde se sabe fazer differença entre as educações; n'aquelle paiz que tanto teem querido vilipendiar e abater, pintando os seus naturaes como caracteres barbaros e ambiciosos, e até crueis e despoticos, no Rio de Janeiro, entre aquella gente a quem tão mal tem cabido tão injustas asserções e ataques, o sr. Lobo hade conquistar aquella estima e consideração, que elles nunca negam a quem a merece.

CAPITULO VII

Felicidade n'um retrato. — Triste mez de janeiro de 1857. — Duas lettras minhas no banco. — O sr. Augusto Xavier da Silva. — O sr. Thomaz da Costa Ramos. — D. Fernando Regente. — O sr. visconde de Rilvas. — Os archeiros. — A sr.ª viscondessa de Rilvas, e a sua interessante filha.

Por ultimo, na propriedade em que hoje vivo, reunindo estas memorias escriptas em estylo caseiro, para que me não alcunhem de pertenções, é que me foram apresentadas outras pessoas que muito estimei conhecer.

O sr. Sant'Anna não me dava aquella felicidade precisa para a minha alma estar satisfeita. Essa vida

Digitized by Google

sublime que eu sonhava, brilhando apenas um dia, apagava-se totalmente no outro.

Sentia meu peito como o mar batido pela tempestade.

Teria succumbido se me não tivesse agarrado a uma recordação. Essa recordação, esse sentimento, esse ideal, era o retrato do meu Henrique!

Esse retrato é que me consolava do *néant* em que jazia o meu coração! Esse retrato sustentava o alento da minha alma.

A' noite, depois de minhas filhas gozarem socegadas a tranquillidade fagueira do somno, depois de as beijar com aquelle amor só proprio das mães extremosas, fechava-me no meu quarto aonde ninguem me via: então n'essa solidão desabafava os soffrimentos do peito; chorava, e era a minha maior consolação!!!

Quantas vezes abrindo as janellas que dão sobre o cemiterio, encostando-me no parapeito, e com as faces humidas pelas lagrimas, dirigia as minhas fallas áquelles cyprestes! Os mortos não me respondiam; oh! se elles podessem contemplar a minha dôr e saudade, tinham dó de mim!

Tudo que se passava, era como o diaphano veo de um sonho.

Fallem a Henrique, dizia eu, e digam-lhe que n'este mundo sou uma viajante que espera com anciedade o *porto* que hade fazer-me unir a elle!

Levava horas e horas conversando com aquellas sombras da morte, que eu pensava irem repetir a Henrique o estado do meu coração.

Outras vezes era uma estrella, a qual baptisara com aquelle nome, que tinha o poder de tornar os meus olhos fitos por longos espaços no seu brilho lucido e agitado!

Soffria! oh! soffria muito! mas nos soluços que se arrancavam do peito e nas lagrimas que banhavam minhas faces, como o orvalho matutino vem regar as re-

Digitized by Google

sequidas flores, sentia as minhas forças e o coração quebrados!

Então encaminhava-me á gaveta do meu toucador, tirava o retrato de Henrique, e, cobrindo-o de mil beijos, entregava-me ao repouso.

Quando sentia as palpebras meias cerradas, erguia-me de repente, tornava a collocar o retrato no escaninho, e depois n'um sonho de instantes, encontrava de novo a mesma illusão.

Uma vez, não sei como foi, mas o somno prendeu-me tão depressa que não pude ir guardar o retrato, e só tive tempo de o esconder debaixo do travesseiro.

—Que tem? me disse á entrada o sr. Sant'Anna, vendo-me em sobresalto.

—Estou incommodada; respondi eu.

—Então tome soda. (Era o seu remedio favorito).

—Não, murmurei eu, em dormindo passa-me.

—Então dorme, meu anjo, respondeu elle, dando-me um beijo.

Oh! esse beijo queimou-me, e para esconder as lagrimas que me saltavam dos olhos, voltei-me e cobri a cabeça com a roupa.

Então escondidamente beijei o retrato, e disse comigo como quem reza uma prece: Perdão, Henrique, não pude ir guardar-te, se o fizesse agora, *elle* havia de interrogar-me, e eu respondendo offenderia esse orgulho exaltado.

Para uma mulher de sentimentos, é esta situação um verdadeiro martyrio.

Dando um osculo n'esse caro retrato, metti-o novamente debaixo do travesseiro.

Peguei no somno; mas algumas horas depois, acordei lembrando-me do retrato, e julguei ter commettido um sacrilegio. Essa idéa sobresaltou meu coração.

Abraçando esse querido objecto, pensava que as minhas lagrimas cessariam. Cobri-o dos meus ardentes beijos, e senti como uma nuvem cair sobre mi-

Digitized by Google

nhas palpebras. Um grande peso toldava-me a cabeça, e o coração parecia estalar-me! Era uma dôr tão aguda, que, soltei um grito estridente.

Quando abri os olhos senti o cheiro do ether, e vi n'uma cadeira ao pé de mim o sr. Sant'Anna, que, tendo as minhas mãos entre as suas, me disse com modo secco:

—Estás melhor?

—Sim, respondi eu; e puz-me a procurar o retrato que me veiu de repente á memoria.

—Que procura? perguntou elle.

Não respondi; olhei para elle, e comecei a chorar.

—Oh! Josephina! Josephina, murmurou elle, entregando-me o retrato; tu não me amas! Nunca me tiveste amor! e nunca hasde amar senão esse homem!

Dizendo isto, levou as mãos á cabeça.

—Escuta, respondi eu, escuta; tu sabes que sou incapaz de mentir. Amei Henrique com a paixão de uma creança; que queres? amei-o muito! elle adorava-me tanto!! A confiança d'este amor era immensa! e desde que Henrique morreu tenho sentido no meu peito desinvolver uma paixão, que morrerá só quando eu deixar de existir!

—Então eu?! eu! exclamou elle fitando seus olhos em mim.

—Tu! respondi sorrindo no meio das minhas lagrimas; tu... amo-te como póde amar uma mulher de coração como este meu! amo-te com o sentimento que nasceu debaixo de uma fraca luz, que esteve proximo a apagar-se, que durou tres mezes n'esta incerteza, e depois... a luz não estava senão amortecida, acendeu-se de novo, e com a força d'esse impulso tem-se augmentado. Elle é a saudade!!! tu... és a realidade!

—Tu dizes me isso para me consolares.

—Não, não digo. Uma consolação que nasce de uma mentira, é uma infamia!

—Diz, Josephina, diz que me amas devéras.

Digitized by Google

—Amo-te, sim, amo-te... tu sabes que um amor que foi victima de lutas... de soffrimentos... quando mesmo um sentimento d'esses desfallece deixa eterna a amizade!...

—Tu amar-me-has sempre? atalhou elle tomando novamente as minhas mãos entre as suas, que pareciam duas chammas ardentes.

—Sempre! sempre! lhe repliquei; mas escuta, não te quero enganar; o dia em que eu julgar a minha dignidade offendida... oh! d'esse dia em diante juro-te que tudo acabará entre nós. Sempre te disse que o meu defeito dominante é o orgulho.

—Então pode o teu orgulho mais do que o teu amor; disse elle meio offendido.

—Pode, sim, pode, porque o verdadeiro affecto é o mais orgulhoso de todos. O dia em que o meu orgulho fizer calar meu coração, tu julgarás que o amor morreu!

—Tu não me amas, Josephina, não me amas; porque o verdadeiro amor não morre assim!

—A minha vontade é mais forte do que tudo, respondi eu.

—Isso não é possivel murmurou elle apertando-me com violencia a mão.

—Eu já te disse, respondi, que penso um pouco como Napoléon que dizia: *Risco a palavra impossivel.*

—Tu és um anjo! e eu sou um tolo em estar com estas coisas; tu precisas descançar, e eu devo ter em ti toda a confiança.

—Em quanto... repliquei sorrindo-me.

—Pretinha... patetinha... interrompeu elle abraçando-me; amo-te, e posso jurar que toda a minha vida te heide amar.

—Olha o proverbio, disse eu rindo me, o proverbio francez que prohibe que se diga: *ni jamais, ni toujours.*

Assim se terminou aquella conversação, ficando nós mais amigos que nunca.

Digitized by Google

Sim! sim! mas depois! depois! oh! meu Deus! não tenho eu soffrido bastante?!!!!. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Uma consolação para mim era o possuir os cabellos e o retrato do meu infeliz Henrique, e poder ver das minhas janellas as arvores que lá tão distante rodeiam o seu mausoléo.

E não heide eu amar esta casa?!

Se fosse obrigada a mudar-me, parece-me que morreria.

E ha quem se admire de me não ver nos passeios, nos theatros, e nos divertimentos?!!

Porventura não estou eu cercada de todos os encantos? as minhas duas filhinhas, esses dois innocentes amores, consolação e balsamo de todas as minhas dôres!!! As minhas saudades! as minhas flores! que mais posso desejar, a não ser uma resurreição?!!!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

São hoje sete de janeiro de mil oitocentos e cincoenta e sete.

Este anno principiou bem triste para mim.

Ha tres mezes que intento arranjar os meus negocios; dou metade das minhas inscripções, desejando ter dinheiro para pagar a todos os meus credores, e não é possivel achar quem faça uma transacção.

Hoje vencia-se-me uma lettra, e quantas cartas foi preciso escrever para alcançar uma reforma!

Era a primeira que pedia, e custou-me tanto a obtel-a! Todo o dia tenho chorado e soffrido, sem uma pessoa que me dê uma palavra de força e consolação!

Fechei-me todo o dia no quarto, para minhas filhas se não entristecerem vendo as minhas lagrimas.

Digitized by Google

Alguem, a quem deveria doer-lhe meus pezares, é *egoista* de mais para os conhecer, e desde que não ha senão lagrimas aqui, fugiu a companhia!!! Escapou agora á minha penna este pequeno desafogo do coração; não é de admirar visto ser a ordem do mundo: *Dize-me quanto pesas, para saber quanto vales!*

No mundo, no seculo presente, podem contar-se as creaturas que não seguem este systema.

Era n'este mez de janeiro de 1857, que se venciam as lettras que acceitei do banco.

Eu não queria de modo algum que por mim se pedisse reforma das minhas lettras, e levava a capricho pagar sem ter de abaixar-me a este estabelecimento, aonde contava com a protecção do sr. Augusto Xavier da Silva, um dos seus directores, e pessoa que eu julgo incapaz de faltar a um promettimento.

Este cavalheiro comprehendia a minha difficil situação, e sabia quanto me seria vantajosa uma transacção pela qual podesse obter o descanço da minha vida, e um grande allivio para o embaraço das minhas finanças, pois que eu tinha que pagar apenas cinco por cento, quando por fóra essas aves de rapina chamados usurarios queriam cincoenta, cento, e duzentos por cento!...

O banco, por meio d'uma grande transacção sobre as inscripções que me tinham sido legadas, podia ser o meu salvamento, e o sr. Augusto Xavier a meu favor um excellente advogado n'essa causa

Mas nada se podia obter sem o voto do sr. José Lourenço da Luz, e eu não tinha o mais ligeiro conhecimento com este cavalheiro para lhe pedir a sua coadjuvação, mas confiava no seu caracter probo, para contar quasi, que se não negaria a auxiliar-me, se o genero da transacção não fosse contra os estatutos do estabelecimento.

Esta confiança tinha-a eu, pelo que diziam da extremada bondade e cavalheirismo com que o sr. José

Digitized by Google

Lourenço da Luz recebe qualquer pessoa, e o seu desejo sempre vivo de ser util.

A's diligencias e boa vontade do sr. Augusto Xavier da Silva devo a minha gratidão, que se não hade apagar nem escurecer.

Como eu não tinha nos meus cofres promptos para fazer frente ao pagamento de duas lettras no valor de um conto e duzentos mil réis que estavam no banco, disseram-me que pedisse este pequeno emprestimo ao sr. Thomaz da Costa Ramos.

Escrevi-lhe pois uma carta, dizendo que desejava fallar-lhe.

Elle veiu no dia seguinte, e o sr. Sant'Anna, que estava n'esta occasião em minha casa, expoz-lhe a transacção que eu desejava.

O sr. Ramos pediu dois dias para examinar o negocio e decidir se.

No fim do prazo veiu, como o sr. Sant'Anna estava n'esse dia doente, eu só é que o recebi na sala.

—Examinei o seu negocio e convem-me, disse-me elle, mas não posso agora fazel-o senão por dois contos de réis, e no fim do mez então veremos, para completar a quantia que pediu.

Eu, que me temia do meu compromisso para com o banco, acceitei.

—Não sei porque deseja estar em todos estes embaraços, continuou elle, olhando fixamente para mim.

—Então que hei de fazer? perguntei.

—Estes embaraços todos os dias hão de infelizmente complicar-se mais. No entanto havia um meio de elles acabarem.

— Só se eu entrasse nas lotorias, e me saisse a sorte grande, respondi eu.

—Não, mas em logar de estar com um homem que de nada lhe serve, deveria antes não se negar a acceitar a protecção de um homem de bem, e que só quizesse a sua felicidade; finalmente um homem *circumspecto*, e ..

Digitized by Google

N'este instante senti mexer a fechadura da porta do quarto que deita para a sala.

Temendo que o sr Sant'Anna, deixando de considerar a minha difficil posição, entrasse na sala, e fizesse algum escandalo, levantei me dizendo:

—Agradeço immenso os conselhos de v. ex.ª, conto com a transacção feita no fim do mez, e com os dois contos de réis dentro de quatro dias para pagar as minhas lettras que estão no banco.

—Vejo que é muito caprichosa, disse elle levantando-se e pegando no chapeo; esteja pois descançada que pagará ao banco.

Saiu.

Entrei no quarto, aonde o sr. Sant'Anna, pallido como a morte, e com os dentes cerrados, me disse:

— Que infamia! não percebeste que aquella pessoa *circumspecta* era elle mesmo?!

—Ora, tu estás enganado, disse eu, pelo máu conselho que elle me dava, mas não por seu interesse.

—Tu és ainda creança, Josephina! pois não comprehendeste que esse homem quer te comprar?

—Não, mas morrei, porque me custa sempre a acreditar as infamias...

O sr. Sant'Anna fez me então reparar em algumas das palavras que o sr. Ramos dissera, sobre tudo, na especialidade da pessoa circumspecta.

—O que elle merecia, era que eu abrisse a porta, e o fosse ensinar com um... mas considerando os teus apuros tive a força de me soster; mas não importa, esse homem fica-me debaixo do dente.

—Deves fazer o que eu faço, disse eu, que é deitar essas miserias ao desprezo.

—Elles! . esses homens . . esses ricassos julgam-te uma mulher de dinheiro, e tu, Josephina, és uma creatura toda de sentimentos, toda de coração, tu és um anjo!

—Ora ainda bem, disse eu rindo; passou a tempes-

Digitized by Google

tade; quando me chamas anjo, vejo desannuviar a tua fronte, e fico contente!

—E's uma mulher divina! exclamou elle apertando-me nos seus braços.

—Enganas-te, Jacinto, sou uma pobre creatura.

. . . . . .

. . . . . .

Apezar das transacções que eu fazia para escudar sempre a minha assignatura, vi os meus embaraços augmentarem todos os dias, e havia momentos em que a minha coragem se deixava apoderar do desespero; n'essas occasiões dizia eu ao sr. Sant'Anna: Se os irmãos do meu bemfeitor me dessem aquelle segundo legado, pagava as minhas dividas e ficava descançada; esse era o desejo do meu protector, visto elle deixar-me um legado que me collocava n'uma posição independente.

—Se fossem *outr s* homens, disse o sr. Sant'Anna, poderia fazer-se-lhe comprehender que era um dever para elles cumprir o segundo legado, mas.....

—Se elles soubessem os meus embaraços, respondi eu, e os desgostos e sacrificios que tive de soffrer para pagar os direitos de transmissão... Oh! talvez elles fossem bastante cavalheiros para cumprirem com a ultima vontade de seu irmão.

—Desengana-te, respondeu-me o sr. Sant'Anna, essa gente não é capaz de nada!

—Quem sabe?!... disse eu, talvez por *basofia* e por orgulho fizessem uma coisa contra o seu coração; sabes tu... tenho uma idéa. D. Fernando é bom, é amigo de valer aos que se acham em afflicção, estou certa, que para esse caso elle não recusaria as mim, e a minhas filhas, a sua real protecção; porque de certo, elle não havia de ficar insensivel ás lagrimas d'uma mãe, sendo elle pae!

Quando ha alguns mezes me decidi pelos conselhos de D. A. P. a ir ao paço, apenas alli fallei ao visconde de Rilvas, que me disse estar recebendo S. M.

Digitized by Google

a visita da imperatriz, mas que voltasse no dia seguinte para me apresentar ao sr. D. Fernando.

Não quiz ir, e não fui. Temi que dissessem .. que elle julgasse.....

O sr. D. Fernando tinha um pé sobre o throno, e eu era, e não queria ser senão a pobre Josephina Neuville!

E' bem triste conquistar um amor *real*, para n'um momento de mau humor, um acceno apontar a *barra*!...

A senhora que teria possuido esse *amor com tanta realeza*, achar-se-hía obrigada a seguir com a cabeça baixa o gesto do soberano, que leva o desprezo extremo á face do mundo.

Mas agora, eu penso que o sr. D. Fernando, quando vir uma senhora aos seus pés, que lhe pede protecção, terá bastante generosidade para attender ao meu pedido. E de mais, eu irei com uma das minhas filhinhas; a presença d'esse anjo infundirá no Regente os sentimentos de um verdadeiro rei! Não é verdade? perguntei eu ao sr. Sant'Anna.

—E's uma mulher admiravel, uma creatura extraordinaria, respondeu elle. Porque não me deu Deus uma fortuna para te livrar de todos os teus embaraços, e poder oppôr-me a esses passos?!!

Escrevi ao sr. visconde de Rilvas, pedindo-lhe uma audiencia ao Regente.

No dia seguinte respondeu-me destinando-a para sabbado ao meio dia.

Foi preciso revestir-me de muita coragem para ir atravessar os pavimentos, no meio de todas aquellas vistas.

Julgavam talvez que eu era mais uma fidalga que ia usar das faculdades permittidas aos seus diplomas, e pergaminhos...

Fidalguia não a tinha. Mas Deus tinha-me concedido uma alma independente, para olhar com dó aquelles que se esqueciam das suas dignidades ao ponto de

Digitized by Google

converterem em baixezas e miserias os titulos e as honras, que lhes tinham confiado.

Minha filha estava pasmada, e olhava para tudo como se fosse um espectaculo; perguntava-me ao ver os archeiros de perna esticada na sua meia branca, e amortalhados nas suas largas casacas encarnadas guarnecidas de franja amarella, se tudo aquillo era uma mascarada.

Nada lhe pude explicar, porque nos fizeram entrar para o quarto do meu apresentante, o visconde de Rilvas.

—Como está? disse elle apenas me viu, e estendendo-me a mão; pensei que não viesse.

—Pedindo uma audiencia, não faltava; respondi logo.

—A sr.ª viscondessa de Rilvas, e minha filha, exclamou o visconde apresentando aquellas duas pessoas da sua familia.

Abaixei a cabeça depois de ter proferido algumas palavras de ceremonia.

Poucos minutos depois as duas senhoras retiraram-se; perguntando me o visconde:

—Gostou de minha filha?

—Oh! muito, respondi eu, limpando com o lenço duas lagrimas que me caiam dos olhos.

—Que tem? exclamou elle admirado.

—Nada, sr. visconde, nada, murmurei eu soltando um suspiro, suspiro que foi bem longe! suspiro que voando ás nuvens foi ao impulso da brisa e atravessou o oceano para ir abraçar-se á minha cara Pilarcita Guido, a minha sempre adorada amiga.

Vendo a filha do visconde de Rilvas, um golpe de saudade atravessara meu coração. Pilarcita, e M.elle de Rilvas, pareciam duas irmãs gemeas. A mesma brancura de pelle, os mesmos olhos de candura, o mesmo adoravel sorriso lhe pairava nos labios de carmim! A mesma estatura, o mesmo talho de corpo, as mesmas maneiras delicadas, tudo, tudo se confundia! E para abrazar mais o fogo da minha saudade, a sr.ª viscondessa era o typo perfeito da mãe da minha boa Pi-

Digitized by Google

larcita) da esposa do sr. Guido, ministro de Buenos-Ayres no Rio de Janeiro.

Oh! quando eu senti essa recordação estender um triste veo de saudade sobre o meu pobre coração, só tive um desejo — deitar-me aos pés da sr.ª viscondessa de Rilvas, e dizer-lhe com as mãos erguidas: — Ella era uma mãe para mim, e eu, e Pilarita eramos como irmãs! Pois seja minha mãe! seja para mim uma segunda M.me Guido!!

Mas esse desejo intimo, esse desafogo da minha alma, essa doce illusão, que me surgia tão radiante e bella, tudo ficou sepultado com a frieza prosaica da razão.

— Pediu uma audiencia, disse-me o sr. visconde de Rilvas; S. M. está á sua espera; vou annuncial-a.

Foi d'este modo que o visconde me desviou d'aquella meditação, saindo, e deixando-me só com minha filha. Instantes depois, s. ex.ª voltou, e trazendo um papel com alguns bolos deu-os a Clementina, dizendo para mim:

— E' melhor deixal-a ficar comigo. —

— Obrigada, sr. visconde, mas eu não vou sem minha filha.

— Porque?!

— V. ex.ª sabe-o tão bem como eu.

— Mas isso é uma puerilidade, exclamou elle.

— Não, sr visconde: é o meu dever.

— Então, vamos, disse o ajudante de campo d'elrei.

Seguimos por um corredor, abriu-se uma porta, e fez-nos entrar n'uma sala, ou para melhor dizer n'um *boudoir*, todo forrado, e guarnecido de damasco côr de canna.

Minutos depois entrou o sr. D. Fernando, o sr. visconde de Rilvas apresentou-me e retirou-se.

Assentámo-nos; e El-Rei, depois de fazer algumas festas á minha *Titine* (Clementina) disse:

— Já conhecia a sua menina, é linda; e imprimiu-lhe um beijo na face.

Digitized by Google

Agradeci aquella fineza, feita ao meu amor materno, e entreguei-lhe uma carta, que já trazia prompta, expondo-lhe a minha pertenção, para lh'a dar no caso do acanhamento me vencer.

Depois de desdobrar a carta, e de a ler com a maior attenção, fechou-a, metteu-a na algibeira do peito, e voltando-se para mim, disse-me:

—Teria muito gosto em fazer o que me pede; mas facilmente comprehenderá que não depende da minha vontade. Se me pedisse alguma coisa, afiançava-lhe já que a satisfazia; mas n'este caso só posso prometter que heide fazer o que estiver ao meu alcance.

Se eu fosse uma mulher sem pejo e sem vergonha, teria acceitado logo a boa disposição do Regente, e pedia-lhe qualquer coisa, abusando das ultimas palavras que El-Rei acabava de pronunciar.

Mas eu não pude senão agradecer ao Regente a sua amabilidade, e digno cavalheirismo. Perguntou-me se eu gostava de Lisboa, e ficou admirado de me ouvir responder com enthusiasmo:—Gosto immenso.

—É para admirar, me respondeu o sr. D. Fernando, porque todos os estrangeiros não são d'esse mesmo voto.

—Pode ser, respondi eu sorrindo, mas é raro que alguem veja Cintra e a Pena, e deixe de ficar encantado.

—Então agradou-lhe a Pena?

—Quem não hade encantar se d'aquella poetica Cintra, que mereceu a contemplação de lord Byron? A gothica perspectiva d'aquelle edificio que se tem enriquecido com a munificencia de V. M. faz recordar os palacios das *mil e uma noites*. Aquellas flores, aquelles jardins, formam um leito de suaves encantos que attrahem e seduzem.

A entrada do sr. visconde de Rilvas, que veiu prevenir o Regente da chegada, não me lembro de quem, poz termo a uma conversa que toda a vida ficará na minha memoria.

Digitized by Google

S. M. abraçou segunda vez minha filha e sai com ella acompanhada do sr. visconde.

Acabando de fallar a S. M. não pude deixar de admirar o caracter franco d'este principe, e o seu modo affavel que o faz tão querido e estimado de todos.

No que dizia respeito aos negocios do Estado, o sr. D. Fernando era um regente sabio e discreto, que teve sempre as sympathias de toda a gente. Fora d'esse pesado encargo, o principe esquecia que tinha a corôa nas suas mãos, e era para todos que o buscavam um amigo, e um bom protector. Os orphãos pediam-lhe um abrigo, e achavam n'elle um agasalho; o pobre nunca retirava a mão descarnada, sem que a d'elle, generosa, a deixasse ir sem esmola. Enfim, El-Rei é como um pae desvelado, que não está satisfeito senão quando vê todos os filhos contentes e alegres É por isso que este povo portuguez lhe tributa uma affeição verdadeira, e tambem porque elle abandona a purpura real, e vem metter-se entre o povo n essas ruas, sem distincção nem mais companhia, mostrando a confiança que tem nos subditos de seu filho. O povo nem por isso deixa de respeitar o rei popular, e este tambem não é menos digno da consideração que se deve a um soberano.

—Então ainda tem receios? me perguntóu o sr. visconde de Rilvas, quando entrámos no seu quarto.

—Oh! não, respondi eu, e vejo que me enganaram muito a respeito de S. M., *que não é para se ter medo*, e que possue a maior delicadeza possivel.

—Isso é verdade, respondeu o ajudante de campo do Regente; e diga-me, continuou elle, foi bem succedida no que lhe pediu?

—Prometteu-me fazer toda a diligencia, e eu peço a v. ex.ª que o não deixe esquecer.

—É desnecessario, disse o sr. visconde, porque El-Rei não se esquece do que promette.

—Em todo o caso, lembre se v. ex.ª que o deixo meu

Digitized by Google

embaixador, disse eu comprimentando o ajudante de campo.

—E eu prometto que farei tudo para merecer a confiança que deposita em mim; respondeu elle apertando a mão que eu offerecera.

Assim nós despedimos o mais amigavelmente possivel.

Dias depois, recebi datada de Cintra uma carta do sr. visconde de Rilvas, mandando-me dizer que o sr. D. Fernando já tinha fallado a um dos irmãos do sr. commendador Manuel Pinto da Fonseca; e que qualquer dia, que elle visconde viesse a Lisboa contar-me-hia tudo.

Effectivamente alguns dias depois veiu o sr. visconde, e disse-me, que S. M dera expediente ao meu pedido; mas que aquelle *Bruto sem punhal* respondera que nada mais tinha a fazer; ficando El-Rei muito resentido de similhante resposta.

—Quanto eu sinto, meu Deus! mas S. M. deve desculpar-me, porque.....

.....

—Oh! elle bem sabe tudo, respondeu o sr. visconde. Mas que tem? continuou elle vendo as lagrimas cairem-me pelas faces.

—Eu esperava ter a minha vida descançada, e por essa recusa vejo que heide soffrer até á morte

—Pois seja minha amiga, que será feliz. porque o sr. D. Fernando a ajudará.

—Sou sua amiga, sr. visconde, e sou sinceramente grata ás bondades com que v. ex.ª se tem prestado n'estas circumstancias.

—Mas eu estimo-a! exclamou elle, e desejava que me soubesse imitar.

Comprehendi .. senti um grande calor subir me ás faces, e levantando-me disse:

—Agradeço todos os obsequios de v. ex.ª; calar-me era enganal-o, e talvez não seja inutil advertir que eu

Digitized by Google

não me costumo vender por dinheiro, nem por obsequios.

. . . . . .

. . . . . .

—Pois eu prophetiso-lhe uma coisa, é que se hade arrepender.

E o visconde saiu, comprimentando-me.

Ora esta!.. disse eu ouvindo fechar a porta e deixando-me cair sobre um fauteuil; tambem elle!! De que se compõe o mundo, meu Deus!! Uma senhora para ser obsequiada hade... Fortes miserias!!

. . . . . .

O sr. visconde de Rilvas é porém um perfeito cavalheiro da côrte; talvez que não pensasse uma palavra do que acabava de dizer, ou fosse antes o melindre do meu genio que tomasse em despeito o que só era um effeito da amizade.

Com tudo, não quero applicar estas palavras como uma justificação, do que de certo o sr. visconde não precisa.

N'estas memorias, os factos vão como succederam; as intenções... não quero entrar n'essa analyse tão difficil, e espinhosa; as intenções sabe-as Deus!

Sendo o sr. visconde de Rilvas um dos mais delicados cavalheiros, e sem duvida um dos mais amaveis, talvez que essa amabilidade um tanto inclinada aos usos do seculo de Luiz XV, me fizesse comprehender das suas maneiras aquillo que não passava de simples galanteio.

Digitized by Google

CAPITULO VII

A sr.ª D. Antonia P. — O sr. Tavares dignissimo prior de S. Izabel. — O sr. conde de Paraty. — Algumas palavras sobre o sr. duque de Saldanha. — Epoca dos trabalhos eleitoraes. — Deve sim ou não ter farda? — O sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello. — El-rei D. Pedro v. — O corretor Guimarães. — O sr. Silva, brozeado. — Difficuldades. — O sr. João Maria de Figueredo Frescata, e as duas lettras do sr. conde Lucotte. — Ultima palavra sobre Georgetta. — Ultima palavra sobre os poetas. — Reflexões.

Havia dois ou tres dias que o sr. Sant'Anna e eu estavamos indifferentes.

D. Antonia P*** que sabia quanto eu era susceptivel, e como soffria quando tinha algum desgosto, veiu fazer-me companhia; mas as suas palavras e os seus esforços não poderam conseguir allivio algum aos meus pezares, por isso communiquei-lhe o desejo de confiar ao coração de um ministro de Deus o que se passava no meu.

D. Antonia P*** tinha grande amizade e relações com o sr. Tavares, dignissimo prior da freguezia de S. Izabel, e por isso apresentou-o em minha casa.

Passados tres ou quatro dias sabia o sr. Tavares tudo que eu soffria, e todos os tormentos que existiam no meu peito.

Em vista d'isso, não só me prometteu a sua amizade, como tambem a sua protecção, para me ajudar a sair dos crueis embaraços que me prendiam.

Effectivamente o sr. Tavares, e o sr. conde de Paraty, estando ambos sentados na minha sala, prometteram-me arranjar a minha transacção com o banco.

O sr. conde de Paraty, n'essa occasião fez-me, algumas arguições que facilmente se adivinharão; não respondi porque eram demais as minhas lagrimas.

Digitized by Google

Dias depois escrevi uma carta ao sr. prior; carta forte, mas necessaria. Necessaria para o sr. conde de Paraty comprehender que eu não era uma *Lucrecia Borgia*, nem uma *Magdalena arrependida*. Podia pois o sr. conde perder as idéas; da vangloria de ter feito uma conversão, pois que eu seria sempre o que eu sempre fui: Josephine Neuville, que n'este mundo nunca temeu senão uma coisa: offender a Deus.

O sr. conde de Paraty é porém um affavel cavalheiro, estimado de todos que o conhecem, e a gente pobre d'esta freguezia não lhe chama senão o seu anjo tutelar.

No tempo em que durou a colera e a febre amarella, fez se o sr. conde admiravel e querido. Nunca se dirigiam a elle que não o encontrassem prompto a valer, com a sua bolsa e os seus auxilios.

Fosse a que horas fosse, de dia ou de noite, que lhe mandassem dizer que um infeliz gemia no soffrimento carecendo de soccorros, chovesse ou fizesse um sol abrazador, lá ia até á cabeceira do leito dar consolações e prestar valimento.

Era nobre, era rico, mas os pobres achavam n'elle um irmão e um amigo desvelado

Pela sua admiravel philantropia, o sr. conde de Paraty dá uma sublime prova da caridade evangelica, e teria sido uma providencia se muitos fidalgos no seu caso tomassem os seus nobres exemplos.

O sr. Tavares é o pastor em quem o sr. conde descança, para que se não dê um gemido na sua freguezia sem que elle o saiba, e dê remedio ao seu alcance a todos os males a que está sujeita a humanidade.

Tenho saudades d'aquelles quinze ou vinte dias que durou o meu conhecimento com o sr. prior Tavares; das historias que elle me contava, e dos casos passados na sua infancia.

Acabavamos de tomar o chá, e eu tinha sempre immenso prazer de o ouvir fallar; esquecia as minhas dô-

Digitized by Google

res, os meus soffrimentos! e vendo-me com um ministro de Deus, rodeada de tanto socego, longe das intrigas do mundo, lembrava-me do meu querido *Sacré-Coeur*, das conversas e conselhos do meu confessor.

—Vê?!... dizia-me o sr. Tavares apontando-me para o relogio de parede.

—Sim, vejo, respondia eu; mas tambem vejo que ainda faltam alguns minutos.

—Então ás dez horas é que me deixa ir embora?

—Até essa hora é meu prisioneiro, respondia eu rindo

Quando o sr. prior me fallava no duque marechal de Saldanha, de quem elle era o parceiro favorito das damas e do gamão; quando fallava da ex.ma sr.a D. Eugenia de Saldanha, conhecia se perfeitamente quanto seu extremoso coração era dedicado a essa illustre familia.

Feliz duque de Saldanha, que sabe inspirar sentimentos tão nobres e tão verdadeiros.

O distincto *Villars* da nossa epoca n'este paiz; o velho guerreiro sempre junto do throno durante quatro reinados; o ministro sempre amigo do bem, e da liberdade da sua patria; o zeloso commandante em chefe do exercito, energico e providente em favor dos seus soldados, que o teem acompanhado ao campo da gloria; o mordomo-mór sempre desejoso de servir o rei e o paiz; goza, apezar dos inimigos que o procuram derrotar pelos fins da politica, a maior estima e consideração dos verdadeiros portuguezes

O dia em que o nobre marechal desembainha a espada e levanta a sua voz chamando ao combate, paizanos, e tropa se juntam voluntariamente ao seu brado de guerra.

O maior dia de ventura que teve o heroico general foi em 1850 a sua entrada em Lisboa.

Nunca um rei portuguez teve uma recepção tão brilhante e tão espontanea. De vinte em vinte passos, no

Digitized by Google

caminho em que tinha de passar o vencedor, via se um arco triumphal.

As janellas armadas, os vivas rompiam de todos os lados, e corôas de ricas flôres se atiravam sobre a fronte veneravel do veterano glorioso.

A' noite, o theatro em que comparecia estava cheio de espectadores; as vozes de viva o nobre marechal Saldanha eccoavam com estrondo.

A cidade illuminada, os theatros adornados, e os hymnos ao invicto eram cantados pelas companhias antes do espectaculo.

Não consta que chegasse a alcançar tão enthusiasticas sympathias o mais valoroso heroe portuguez.

Em quanto aos elogios que o sr. prior fazia da ex.ma sr.a D. Engenia Saldanha, condessa de Tavarede, eu sabia que eram justamente merecidos, porque tinha conhecimento da perfeita educação, dos talentos, e outros dotes preciosos d'alma que adornam esta senhora. E' uma das senhoras aqui de Lisboa que eu mais estimo, tanto pela sua bondade, como pelos desgostos que tem soffrido.

Sinceros desejos tenho de a saber feliz.

O sr. prior dizia que me tinha amizade, que se interessava pela minha posição, e que para tranquillidade da minha vida trataria de fazer uma transacção com as minhas inscripções.

.....

Havia tres dias que o sr. Sant'Anna me tinha escripto, e que eu lhe respondera.

Um dia, talvez que á sexta carta já o criado não podesse andar, e então o sr. Sant'Anna veiu pessoalmente. Acreditei ainda tudo que elle me disse, e fizemos as pazes.

Não o devia acreditar, me dirão; é verdade. Mas as illusões é que fazem a felicidade n'este mundo.

Eu ainda era crente, e acreditei no amor que elle me jurava, tão verdadeiro, e tão sincero!

Digitized by Google

Ai! das infelizes creaturas que já não podem nutrir illusões. E' um estado comparavel á morte, e esta é mil vezes preferivel a essa existencia narcotica.

Um dia deixou o sr. prior de vir a minha casa Escrevi-lhe para saber se estava doente, e não recebi resposta.

Escrevi-lhe para me informar do meu negocio, não me respondeu.

Tornei a escrever para indagar o motivo d'aquelle silencio, nada me respondeu.

Escrevi a D. Antonia P***, e no outro dia recebo a sua visita. Mostrou-me uma carta do sr. prior, que lhe era dirigida, dizendo que não podia responder-me, nem tratar dos meus negocios.

—Depois de tão grande promessa, porque é esta singular resolução? perguntei eu a D Antonia.

—E' porque elle já sabe. respondeu ella, que fez as pazes com o Sant'Anna.

—Mas o que tem uma coisa com a outra? tornei a perguntar.

—E' bem claro, me respondeu ella; o Sant'Anna tem dado batidas, e batidas muito fortes no prior de Santa Izabel, e este não quer de maneira alguma achar-se em contacto com elle.

—Mas uma pessoa, disse eu, que quer fazer um obsequio, e diz que a sua religião e o dever mandam consolar os afflictos, não devia olhar para uma coisa tão mundana. Demais, se o sr. Tavares não cumprir a palavra que me deu, dá-me o direito de pensar que elle não queria fazer-me esse obsequio senão com a idéa de se vingar das accusações do jornalista, e eu, cara amiga, não quero ser o instrumento de vingança para ninguem, principalmente nas mãos de um ecclesiastico que deve banir esse grande peccado. Se o sr. prior deseja fazer o que me prometteu por bondade, muito que bem; toda a minha vida lhe ficarei agradecida; porém com o intento de uma separação entre mim e o sr.

Digitized by Google

Sant'Anna não teremos nada feito, porque desprezo esse jogo improprio d'um caracter respeitavel. Bem sabe, querida amiga, que as minhas relações com o sr. Santa Anna não são para toda a vida; isto deve acabar como principiou, mas o meu dever agora mais do que nunca é deixar correr o tempo.

—Tudo isto são exaltações, me respondeu D. Antonia; o prior está prompto a tudo, mas não com o Santa Anna cá; e bem vê que a M.me é que precisa d'elle, e não elle da M.me.

—Engana-se, respondi eu logo; eu dependo d'elle para um obsequio, e elle necessita de mim para uma vingança, e para isso, cara amiga, não me disponho a servil-o.

Então começou D. Antonia a querer recitar-me capitulos, capitulos, e capitulos de bellas phrases; mas viu que eu não mudava de resolução, ficou mal comigo, e foi-se embora até hoje.

Como não fui capaz de uma villania, deixaram-me soffrer sem dó dos meus desgostos e das minhas lagrimas.

Tudo isto se passava pelo capricho de uma creatura que deve pôr em pratica exemplos de religião!!!

Dirão talvez: é porque elle não queria que tivesse relações; mas não era assim, visto o que muitas vezes me disse:

«Uma senhora joven não pode passar o tempo sem amar, mas seja esse amor empregado n'uma pessoa que ajude e zele a sua casa.»

Por essa doutrina, o amor com dinheiro era perdoavel; mas um sentimento sincero e verdadeiro era um peccado sem remissão.

Oh! meu Deus! meu Deus! quem pode comprehender o mundo!! cada um com a sua idéa, cada um com a sua doutrina! o verdadeiro, é seguir a nossa consciencia, porque essa foi-nos concedida por Deus, e as leis são impostas pelos homens.

. . . . . .

Digitized by Google

Os meus desgostos por causa do sr. Sant'Anna iam em augmento, e eu soffria! soffria por ver o egoismo de um homem que não pensava senão em si; e as minhas lagrimas eram motivo para elle me perguntar:

—Porque estás a chorar?

Eu que já conhecia o orgulho d'aquelle caracter tinha tomado o partido de nunca me queixar.

A's vezes, dizia elle:

—Tu choras porque julgas que eu gosto da .. Já te disse Josephina, o que tinha a dizer-te sobre essa amizade.

—Mas quem lhe falla n'isso?! respondia eu. Não sabe que uma mulher do meu caracter não pode nunca ter ciumes; ou quando chega esse resentimento é por alguma coisa que vale mais do que ella! Por todas as historias e anecdotas que sei, seria não ter dignidade alguma, se fosse susceptivel do mais leve ciume. Não me abaixo a tanto. Se me vê chorar é porque estou mortificada de ver a minha casa no estado em que está, os desgostos que me causam os meus credores, e a pena de nunca poder conservar bons criados; aqui não ha socego, e por tanto nenhum pára. Quem trabalha precisa de descanço, e aqui com o seu systema nunca o ha.

Estes dialogos puxavam palavras de parte a parte, o que occasionava ás vezes grandes discussões.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Os meus desgostos augmentavam cada dia, augmentavam muito mais do que antes de conhecer o sr. prior Tavares

Foi n'essa epoca que principiaram os trabalhos eleitoraes.

Nunca tinha dito ao sr. Sant'Anna qual era a minha religião politica.

Mulheres não devem ter religião politica, dirão certos homens que querem que a Providencia seja só prodiga com a intelligencia e concepção d'elles, destinan-

Digitized by Google

do-nos á servirmos de *monos de palha*, diante dos quaes satisfazem as suas vanglorias e basofias.

Nós pobres mulheres não somos aptas para coisa alguma; somos uns entes creados para a escravidão, alvó constante da irrisão e orgulho dos homens! um triste vegetal é consideravelmente mais importante e valioso, um insecto é sem duvida mais forte do que nós!

Se eu tivesse que estar um dia inteiro sentada com uma agulha na mão a coser, parece-me que quando chegasse á noite achar-me-hia morta, tendo-me estalado o sangue nas veias.

E estaria dias e dias sentada n'uma escrevaninha a escrever, porque ahi a minha penna e a minha razão dariam todas as explicações do que minha alma sentisse; ahi deixaria correr livremente todas as idéas, que me tivessem passado pela mente.

Deve-se comprehender ao menos, que nem todas as mulheres podem passar a sua vida diante do toucador e em cogitações, como essas da excentricidade de modas, e da princeira das operas, sem até conhecerem que quando vem a despontar o dia, é mais uma representação que o mundo lhe dá N'essa representação immensa, todos que tem a força de valor e de perseverança devem saber que não se pode procurar melhor drama ou comedia como no theatro variado e diverso da politica.

Ahi as lutas são fortes e energicas; só n'essas lutas está satisfeita uma alma cheia d'animo e arrojo, por que combate no seu verdadeiro elemento.

Eu adorava o partido da regeneração porque era o mais forte e energico. e por isso o mais competente a tornar Portugal mais illustre e grandioso.

Estando ainda em Bruxellas, já me enthusiasmava por a politica fallando ao sr. conde d'Azinhaga, irmão do immortal vencedor de Torres Vedras.

Chego a Lisboa, triumpha a regeneração! D'algum modo concorro para o bom exito d'umas eleições, e con-

Digitized by Google

fesso: aquella anciedade que me inspirava, era porque desejava ver este paiz tornar-se grande com as grandes idéas, feliz com o progresso e movimento do commercio e da industria, que só podia fazer sair d'uma triste apathia esta terra em gerencia de homens de espiritos inertes e mesquinhos, somnolentos e sem idéas.

Essa anciedade satisfez a minha alma.

Hoje os desgostos mataram-me *quasi*; porém acho em mim bastante força para deixar sair ainda um grito do peito, que repetiria um ecco em todos os peitos portuguezes.

Saldanha entregando a sua demissão, foi nobre e grande! Mas este homem não deve morrer senão no poder, porque só ahi elle poderá ouvir ainda os louvores d'um povo agradecido.

Principiaram as eleições e eu principiei a temer que o unico partido que eu via capaz de trabalhar pela gloria de Portugal, ficasse vencido pelas colligações dos que se juntaram para o abater.

E não é de justiça, não era agradavel ver triumphar um partido que só deseja a prosperidade do Estado?!

Com que fervor eu pedia a Deus a felicidade de Portugal, d'esta minha tão cara adoptiva patria!!!

Um dia, depois de sentir abrazar-me n'estas considerações, ergui-me, e conheci em mim o ardor e a coragem de uma mulher que tinha no peito bastante resolução para affrontar tudo.

Este partido que levantava o estandarte da salvação de Portugal não podia ser outro senão o meu, e vêl-o triumphar era toda a amplidão dos meus desejos.

Algumas horas depois de eu acabar de pensar n'essas eleições, entrou em minha casa D. Antonia P***

—Sei que tem bastantes conhecimentos, disse-lhe eu abraçando-a; sei que é toda affeiçoada ao ministerio Saldanha; pois somos eguaes nas mesmas crenças, e por

Digitized by Google

isso devemos ligar-nos para o triumpho d'este ministerio.

—Que tem, disse ella olhando para mim, que tem a minha querida *patriota*? continuou ella rindo, d'onde lhe veiu hoje essa influencia, essa exaltação?

—De duas unicas circumstancias, respondi eu; uma d'ellas guardo-a, pois que é só meu segredo; a outra, eu lh'a digo: sabe que os partidos ligaram-se todos para derrotar os regeneradores; a gente d'essa guerra emprega meios baixos e vis, e que de nada mais se importa que do alcance de um miseravel fim! Os homens de bem conservam-se n'um campo claro e descoberto, talvez que sejam por isso vencidos... Eu quero hoje mesmo ter listas em meu poder; amanhã são as eleições, vou a casa de algumas pessoas que não querem votar de modo algum, *mas eu fallarei*, e quero ver se esses homens hãode ter menos enthusiasmo do que uma senhora; quero experimentar se elles vendo ao que me arrisco, hãode conservar-se em casa descançados deixando a patria em jogo e...

—Eu não respondo senão que se aprompte, que eu já volto.

Dizendo isto, D. Antonia P*** abraçou-me e saiu.

Quando voltou, já eu estava de chapeo na cabeça, tendo caido um grande veo pelo rosto, e não fiz mais do que embrulhar-me n'um chale.

Mandei o criado buscar uma traquitana, e apenas chegou mettemo-nos logo n'ella, dizendo ao boleeiro o nome de uma rua, e o numero de uma porta, depois partimos ao galope dos dois phtysicos cavallos.

Fomos a tres casas, e não encontrando as pessoas que procurava, fiquei meia desgostosa.

Os ethycos cavallos tornaram a galopar, até que finalmente encontrámos um *cidadão eleitor* que se admirou de me ver em sua casa, sobre tudo áquellas horas, e a quem eu disse para cortar o seu espanto, apresentando D. Antonia P***

Digitized by Google

—Eis aqui minha mãe adoptiva.

Não procurei voltas, nem meios caminhos, fui logo continuando:

—São amanhã as eleições; sei qual é o seu partido, sei que tem força o seu voto, porque decide de uns poucos, venho pois saber se vota ou não vota.

—Fiz protesto de não entrar n'estas eleições; mas não sabia, proseguiu elle, que v. ex.ª é tão regeneradora, e tao serviçal pela politica. N'esta terra não se comprehende essas paixões femininas, e só a França foi capaz de sustentar uma M.me de Chevreuse! Sinto bastante não lhe poder mostrar o meu desejo de a servir; mas aqui estão estas cartas, continuou elle revolvendo uma immensidade de papeis que estavam sobre a banca, são todas cartas de amigos que me pedem que vote, e a todos recusei, porque n'estas eleições não appareço.

Insistir era ser importuna; devia satisfazer-me a resposta cheia de confiança e de franqueza que me dava aquelle cavalheiro, a quem disse levantando-me para sair:

—Pois bem; d'esta vez perdôo lhe ficar assim n'essa indifferença; mas dou-lhe esse perdão, esperando que me dará a sua palavra no caso de votar, de ser pela regeneração.

—Dou-lhe a minha palavra de honra, affirmou elle; e como poderei eu recusar esse pedido, quando M me Josephina m'o pede, e quando a regeneração tem a felicidade de possuir tão bons emissarios?!

Fomos a casa de mais cinco pessoas, que tive a felicidade de as decidir a votar, e para ter a certeza que as minhas listas fossem deitadas na urna, fiz-lhe um signal. e reconheceram-se.

Quando voltava para casa, ao chegar ao largo do Rato, reconheci á claridade do gaz de uma loja, uma pessoa que devia votar.

Digitized by Google

Fiz parar a traquitana, e pedi mais aquelle voto. A lista foi acceita, e obtive mais um!

Era isto tudo o que eu, pobre e simples creatura, podia fazer pelo partido, que abraçara. Se eu fosse de outro sexo, teria sacrificado espontaneamente o meu sangue, e a minha vida.

Nunca tinha dito ao sr. Sant'Anna qual era a minha opinião politica, porque sabendo qual era a d'elle, pelo meu silencio evitava as contradicções, para o que sempre trabalhei.

Confessando, ou elle se teria zangado, ou me chamaria creança, que era o seu argumento forte, quando não queria discutir comigo; ou então, no ultimo caso, terme-hia dito: — És uma tola, porque uma mulher querer possuir opinião politica, é ser tola!

N'este caso não me teria calado, e far-lhe-hia recordar aquelle soberbo dito de M.me de Stael a Napoleão no banho «O genio não tem sexo» Não buscaria isto por mim, mas só para mostrar quanto M.me de Stael tinha razão em o dizer.

Deus quando creou o mundo não disse ao homem: Vae, e só a ti será permittido conhecer o bem e o mal do teu paiz, em quando que a mulher será destinada a fiar eternamente ao canto de uma casa!

Mas Deus não fez isto: deu a egualdade de entendimento a ambos as sexos, e pelo começo do mundo se vê que Eva foi mais perspicaz do que Adão.

Depois d'esse logro do pomo, é que os homens quizeram decretar a sua superioridade, lançando no olvido o erro do seu primeiro pae.

É verdade que ha tanto n'um sexo como n'outro intelligencias tão annuviadas, que ás vezes só servem para o trabalho material. Mas quem pode negar que uma mulher, quando tem alguma intelligencia, é quasi sempre muito mais energica, muito mais clara, muito mais fina que a do homem?!

Se o sr. Sant'Anna fosse um homem que me ti-

Digitized by Google

vesse amado verdadeiramente, não teria passado para o seu lado politico por que isso era eu ser *um renegado*; mas collocar-me-hia n'um ponto neutral, ter-lhe-hia feito com isso um grande sacrificio; mas não teria alimentado aquella especie de traição, visto a maneira por que nós viviamos.

A conservação d'esta crença era contra as suas idéas, mas reflectia-se n'ella a minha consciencia.

Abandonada a mim mesma, aquella exaltação fez-me encarar só a felicidade d'esta terra.

Debaixo da gerencia do ministerio Saldanha, vi deslisar suavemente o bem, e a gloria da patria do meu coração.

Um ministerio grandioso e elevado, um ministerio que quizesse levantar Portugal, tanto tempo curvado e abatido pela mão dos Cabraes, á altura de uma das primeiras nações, teria que fazer sacrificios e sacrificios grandes, porque se não faz um palacio sem primeiro contruir os alicerces. Embora! que valem os sacrificios d'alguns annos, se Portugal acordasse depois do seu somno lethargico com a fama de um dos primeiros paizes; que elle, mais do que nenhum outro, tem direito e vantagem para alcançal-a, tanto pela sua magnifiça situação no oceano, como pelo seu terreno fertil, e admiravel docilidade do seu povo?!

Oh! Portugal! tu podias reinar e és subjugado! Podias dar ordens, e és tu que as recebes! Podias ser um estado independente e brioso, e tens que te curvar!!! Virá o tempo da tua gloria preterita, porque és digno de possuir monarchas de tamanho expediente como aquelle que D. Diniz, e D. Manuel tão distinctamente empregaram a beneficio da cultura d'esta formosa nação.

Mas ninguem que vive n'este seculo pode applaudir os que te amaram como eu, que heide lá na Eternidade agradecer a Deus o ter feito a terra do meu coração um dos mais bellos paizes do mundo.

Digitized by Google

Não sou portugueza, mas se soubesses, patria querida, quanto te quero, e os sacrificios que seria capaz de fazer por ti, oh! então hav ias de considerar-me tua verdadeira filha !

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

—Sai deputado! disse um dia o sr. Sant'Anna, cheio de jubilo e de contentamento.

—Dou-lhe os meus sinceros parabens; lhe respondi.

Cinco ou seis dias depois, ainda não fallava n'outra coisa.

—Vou mandar fazer uma farda; que te parece?

—Se quer que lhe diga a verdade, respondi francamente uma farda é uma especie de libré; e eu acho que um deputado para discutir os interesses, e o bem estar do seu paiz, não precisa d'essa mascarada, mas sim precisa de conservar sentimentos elevados, e ter só um ponto de vista — a felicidade do seu paiz.

No dia seguinte ao d'essa conversação, estava eu bastante incommodada, o que não impediu que o moderno deputado fallasse nas côrtes, e nos seus futuros collegas, de combater este e aquelle; emfim, estava tão influido que pondo-se em frente do espelho de um grande toucador, ensaiou attitudes parlamentares.

N'esta situação parece que ia ouvir as tremendas palavras: — Senhor Presidente! e dispuz-me logo a pegar na campainha para chamar á ordem.

Apezar do meu estado, soltei uma tremenda gargalhada.

O sr. Sant'Anna voltou-se, e perguntou-me:

—Que tens tu?

—Nada... vê que estou a rir!

—Ah! estás zombando comigo... disse elle, já com a voz ao *nord-ouest*.

—Estou a rir sr. Sant'Anna, não me será permittido? perguntei eu rindo cada vez mais.

Digitized by Google

—Tu és uma creança, murmurou elle sorrindo-se; não percebes que estou a brincar?

—Continue, disse eu; sr. presidente...

—Vá ao diabo! gritou elle já com o dentes meio cerrados.

—Basta, não te zangues, disse eu estendendo lhe a mão; movimento, que tinha o poder de fazer parar a tempestade.

Apezar do seu genio e do seu caracter, quem souber conhecer o sr. Sant'Anna, e *tiver paciencia*, acha-o docil; conhecendo eu isto, heide supportal-o, até me faltar a prudencia, e um bello dia partindo-se o laço, acabar-se-hia tudo para sempre, porque tornando-se a atar ficará o defeito do nó; e um nó é o symbolo do primeiro peccado.

Realmente a ambição de ser deputado faz virar a cabeça a muita gente.

Quantas pessoas haverá que possuam um excellente fundo d'alma, mas que desde o momento de se precipitarem na politica ficam transfiguradas, porque n'esse campo o caracter soffre ás vezes o transtorno de ficar as avessas, sem o publico jámais poder atinar com o seu verdadeiro lado.

Quasi todos os homens politicos ou diplomaticos são mais ou menos *jesuitas*.

Ha certamente algumas excepções, mas essas são rarissimas; tão raras que mais se devem honrar esses poucos que apparecem, como caracteres privilegiados por Deus, para sairem sem mancha do arido e espinhoso caminho da politica.

Quantas pessoas viram no projecto do ministro Fontes, d'esse ministro d um expediente desinvolto a toda a prova; um dos talentes mais brilhantes do parlamento, que possue sobre tudo uma alma tão nobre, aonde existem as mais bellas qualidades; nos projectos, pois, de esse grande ministro, certas pessoas viram a brecha pela qual dariam entrada em busca d'uma posição, não so-

Digitized by Google.

cial (como era a ambição de Jerôme Paturot,) mas sim de uma posição lucrativa.

O sr. Fontes, esse ministro que reune as idéas grandiosas e efficazes, ao bem e a vantagem da sua patria, tem sabido sempre conservar o seu caracter honrado e brioso. Ao receber as injurias de seus inimigos que buscavam derrotal-o empregando o sophisma, a mentira a villeza, e muitas vezes a infamia, apresenta-se sereno e tranquillo em face do parlamento, e ahi com a fronte erguida, cheio de orgulho e altivez, porque tem a consciencia pura) esmaga com a eloquencia da sua palavra, e os documentos na mão, todos os seus contrarios. Ninguem que seja verdadeiramente bom portuguez, pode negar a este illustre ministro o merecimento dos seus actos de administração publica.

Mas o que serve um cáracter d'estes, um caracter capaz de fazer ensoberbecer outra nação que o possuisse; o que serve um caracter, digno de ir a par com os de Richelieu, de Mazarin, e do grande Colbert, que até á sua morte sustentou a honra da França sem mancha; não caindo ella na sua decadencia que tanto deslustrou o fim do reinado de Luiz XIV, senão depois da morte d'esse ministro Colbert, d'esse grande homem.

Aqui no meu querido Portugal, n'esta pobre terra, não se comprehendem ainda caracteres de tão grande elevação; porque Portugal, esse infeliz Portugal, retalhado, cortado, rasgado por tantos partidos diversos, por tão differentes e desorganisadas lutas, não pode *ainda* senão soffrer e esperar...

O ministro Fontes seria capaz das obras mais grandiosas n'uma terra que o soubesse apreciar.

Esse grande genio politico, no ambito das suas idéas se podesse dispôr sósinho, depois do rei, do poder governativo, aos vôos sublimes da sua imaginação, mais d'uma vez salvaria o paiz.

E' elle o ministro que encetou corajoso a difficil tarefa de em pouco tempo enriquecer o paiz com tele-

Digitized by Google

graphos electricos, e caminhos de ferro, esses caminhos tão uteis para o commercio. A este ministro, se deve o ter despertado o lethargo da immobilidade em que jazia o velho Portugal.

Os projectos todos grandiosos d'esse illustre ministro, nas obras todas de aproveitamento e civilisação, eram já um immenso passo para o renascimento d'uma epoca explendida, de gloria e ventura para este bello paiz, levantado ha um seculo das ruinas pelo braço potente do marquez de Pombal.

Para fazer cair o ministerio, para derrotar o ministro Fontes (que tanta inveja causava), era necessario empregar meios, illudir o povo, mostrar razões para se acreditar uma escravidão, e a bocca do inferno vomitando columnas de fogo que incendiariam a liberdade dos portuguezes.

Pobre e credulo povo! não sei o que te faz recuar no momento de avançares com firmeza o passo que deve engrandecer-te!

Um justo orgulho offendido fez tomar a nobre resolução ao ministerio, de ir levar o poder ás mãos do sr. D. Pedro v.

El-Rei ainda como creança, e apenas assentado no throno, acceitou Acceitando essa demissão, é, pode dizer-se, um acto de quasi absolutismo.

Quererá porventura o neto de D. Pedro IV, que jurou solemnemente manter a constituição no seu reinado, essa constituição que importou tanto sangue e trabalho aos fieis servidores que ainda hoje rodeiam os degraus de seu throno erguido pela liberdade; quererá D. Pedro v, joven rei de tanta illustração, de tantas esperanças para o povo portuguez, e de tanta curiosidade para a Europa, que observa os seus movimentos com olhares d'aguia, quererá elle porventura despedaçar a carta, e tornar-se em Portugal um pequeno Napoleão?

Deixemos ao tempo o que só o tempo nos pode mostrar.

Digitized by Google

Sem intenção me fui encaminhando no labyrintho da politica, eu que jurei quando comecei a escrever estas minhas memorias, que não fallaria n'essas polemicas!

Todo o peccado, pelo qual se tem uma sincera contricção, tem direito a misericordia; é esse o motivo que me faz pedir perdão d'este escorregar de penna.

Já que fallei d'El-Rei D. Pedro v, direi o que penso d'elle.

Portugal teve sempre reis valentes, monarchas cheios de intelligencia, principes gloriosos, mas nunca teve um chefe com tanta illustração como o joven D. Pedro, o digno herdeiro da corôa da virtuosa rainha D. Maria II.

Na crise epidemica que está reinando, no fim d'este triste anno de mil oitocentos e cincoenta e sete, este principe deu o exemplo da maior coragem, deixando-se ficar na cidade, em quanto todos fogem d'ella, e ministrando pelas suas proprias mãos a caridade aos indigentes, o conforto aos enfermos, e o amparo aos desvalidos.

O Rei D. Sebastião não foi mais corajoso em crise identica, do que o nosso magnanimo rei D. Pedro v.

Como é possivel citando aqui o nome do sr. D. Pedro v, guardar silencio sobre suas augustas irmãs?

Alguem pode porventura, olhando para a sr.ª D. Maria Anna, e para a sr.ª D Antonia, ficar insensivel a tantos encantos e attractivos, deixar de admirar a brilhante educação que a sua augusta mãe quiz com todo o esmero dar aos filhos que deixou á patria?

Bragança-Gotta é do mundo inteiro a familia real, que inspira mais admiração.

N'esse ramo se acha reunida a grandeza com a nobreza, a delicadeza e bom nome á educação e á lealdade.

Sobretudo o que será mais grato aos olhos de

Digitized by Google

Deus é os sublimes dotes d'alma, e os instinctos generosos do coração.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Seguimos a narração da minha vida.

Fiada na palavra que me havia dado o sr. Jacinto Tavares, dignissimo prior de S. Izabel, dei a minha a alguns crédores, que vendo falhar as bellas promessas que me tinham feito, indispozeram-se comigo.

Certamente pela protecção, que eu contava do sr. prior Tavares, e do sr. conde de Paraty, podia, se ella se realisasse, julgar-me feliz; mas faltando o cumprimento d'ella, achava-me n'uma terrivel posição para com os meus crédores.

Quem era o culpado?

Não quero voluntariamente accusar ninguém. Deus conhece-o, e é quanto basta.

Como já disse, eu consagrava ao sr. prior Tavares uma sincera affeição, affeição que tanto me fazia recordar o meu querido *Sacré-Coeur*.

É innegavel que o sr. Tavares é uma pessoa digna de todo o respeito, e merecia bem a consideração e a estima de todos os seus parochianos. Além de ser bastante caritativo, reune a uma bondade extrema, os mais bellos sentimentos que o fazem tão querido e apreciado.

Eu queixei-me d'elle, pela desforra que elle pertendia tomar do *homem politico;* mas creio firmemente tambem, que entrava nas idéas do sr. Tavares o descanço que era tão preciso á minha existencia atormentada.

Se realmente posso considerar a decisão do sr. Tavares tendo esse fim, não devo de modo algum escurecer essa prova d'amizade.

Querendo evitar que os meus crédores (pela falta que havia) julgassem má fé da minha parte, escrevi

Digitized by Google

uma carta ao corretor Guimarães, para vir fazer uma avaliação dos meus trastes, e com esse sacrificio eu podia mostrar que a falsidade não vinha de mim.

Pela minha casa, que feitas e sommadas as contas de toda a mobilia me importara em muito, offereceu-me o sr. Guimarães um conto de réis!

Para isto não ha commentario possivel.

O sr. Guimarães, por este caso, deu-me a comprehender que era dos taes costumados a ver uma pessoa com o laço na garganta, esperando saltar-lhe nos hombros para tornar mais rapido o momento fatal.

Sendo a venda da minha casa um sacrificio inutil em consequencia da diminuta quantia que me offereciam, fallei a varias pessoas para levar a effeito uma transacção com as inscripções, de que eu era só usufructuaria.

Tive que ir (visto elle se achar alguma coisa incommodado) a casa do sr. Silva, *digno natural do Brazil*.

Apezar da sua côr *bronzeada e torrada* pelo sol ardente d'aquelle imperio, o sr. Silva possue bellas maneiras, e trata franca e cavalheiramente os seus negocios.

Infelizmente não combinámos, porque o meu negocio era para annos, e o sr. Silva prefere os negocios breves.

Poucos agiotas haverá que não viessem a minha casa.

Uns pediam-me cincoenta, outros cem por cento; e todos n'esse bom gosto.

Para me salvar do momento, não queria ficar o resto da minha vida presa; agradecia e recusava.

Elles, vendo que fallavam com quem não era leigo na materia, não fizeram mais diligencias.

Aqui fico eu, pois, a escrever hoje a uma pessoa, amanhã a outra. Bastava que me dissessem — fulano faz negocios, para eu pegar na penna e dirigir me logo ao sr. fulano.

Digitized by Google

Tambem me diziam que havia quem fizesse transacções, mas que não queria que se soubesse. Então escrevia a essas pessoas, pedindo-lhes o obsèquio de virem a minha casa.

Porém, se essas cartas iam parar ás mãos de parentes receiosos, ou de mulheres ciumentas, que faziam a idéa que uma senhora que dirige uma carta, é só por namoro, sem se recordarem que uma pessoa que está á testa de uma casa, tem a esse respeito certos privilegios; esses receiosos, e essas ciumentas, não as entregavam, e levavam o estupido despeito ao maior grau possivel.

Eu podia, é verdade, ter um procurador, mas fui bastante escaldada d'essa gente, para voluntariamente ir de novo involver-me em tão densa teia.

Descrever as respostas que eu recebi, seria um conto a não acabar, por isso basta dizer que tive propostas de cem por cem, e... e... e... até que um exigia um seguro de vida.

Chegou o mez de outubro, e como era de costume n'essa epoca, levei minhas filhas á feira do Campo Grande, aonde encontrámos o sr. João Maria de Figueiredo, a quem alli mesmo propuz a transacção que desejava realisar.

Teria sido uma felicidade para mim, que o sr. João Maria podesse entrar n'esse negocio.

Conhecendo o sr. João Maria desde a edade de sete annos, conservei-lhe sempre uma amizade sincera e verdadeira.

Prouvera a Deus que eu tivesse seguido os conselhos, que n'esse mez de outubro o sr. João Maria me deu.

Que de lagrimas eu teria evitado! e hoje..: não estaria minha casa quasi naufragada.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Digitized by Google

—Teria muito gosto em entrar n'essa transacção, disse-me o sr. João Maria, mas tenho tido agora muitas perdas; no entanto eu possuo duas lettras do conde de Lucotte, e como sei que é pessoa que tem jantado em sua casa, apresentado pelo sr. Sant'Anna, afianço-lhe que se elle me pagar essas lettras o seu negocio está feito.

Dias depois, veiu o sr. João Maria de Figueredo a minha casa, entregou-me as duas lettras do conde, e offereceu-me uma chave para um camarote em S. Carlos.

—Ha dois annos que não tem tido um unico divertimento, começou elle; realmente uma vida assim não é viver, e vejo-a com os olhos chorosos... aposto, continuou rindo-se, que ainda teve que mandar empenhar alguma coisa?

Ouvindo isto, as lagrimas cairam-me pelas faces, e só pude pronunciar:

—Então que heide eu fazer?! só esperar que v. ex.ª conclua a transacção que eu desejo.

—Soffre, disse-me o sr. João Maria, mas é por sua culpa, visto que muitos desgostos teem corrido pelas suas mãos.

—Oh! não diga isso, exclamei eu, tudo tem sido o destino e a fatalidade!

—Eu não lhe digo mal de ninguem, replicou elle; o nosso antigo conhecimento, e affeição sincera que lhe tenho, autorisa-me a dizer-lhe tudo. Vejo-a em difficeis embaraços, peço-lhe que acceite isto.

E entregou-me um embrulho; não desdobrei porque logo conheci que era dinheiro, mas disse-lhe com voz commovida:

—Tenho muito gosto em acceitar, porém como um emprestimo, pelo qual vou passar-lhe uma lettra, ou uma obrigação.

—Que é! que é! exclamou elle franzindo a testa e rindo-se ao mesmo tempo; se fosse no tempo em que tinha cabello louro e encaracolado, (allusão que elle fa-

Digitized by Google

zia, antes do tempo de minha tia me levar para o convento do *Sacré-Coeur*), dava-lhe duas palmatoadas.

—Então, dê-m'as; repliquei eu sorrindo e estendendo-lhe as mãos.

—Não, mas dou beijinhos n'estes dois amores, disse elle abraçando as minhas duas filhas, a quem presenteou com dez libras a cada uma, dizendo que eram para bonecas e bolos.

Fiquei pasmada de tanta generosidade. Mas tudo quanto fosse de alma grande, não era de admirar no sr. João Maria. Demais, sabia quanto elle gostava de creanças e como elle gostava de sempre as presentear; recordei-me com saudades que na minha infancia o ultimo presente que eu tive do sr. João Maria foi uma linda, e *muito grande* boneca de cera, que tanto me satisfez, que muito contente fui pôl-a a fazer companhia á minha querida Georgetta, que o conde de Lumiares me tinha offerecido.

De todas as pessoas que n'esse tempo feliz me acariciavam, o sr. João Maria está na primeira ordem.

Lembranças da infancia nunca se esquecem, e por isso sempre estimei o sr. João Maria com uma verdadeira e sincera amizade.

No momento de acceitar aquelle cartuxo com que o sr. João Maria me presenteava com tanta generosidade, senti o maldito orgulho lutar no meu coração, com as tristes difficuldades em que eu me achava, porém pensei:

Nas almas grandes, não é quem recebe e fica obrigado que tem a humiliação, mas sim quem offerece e dá.

Foi mais um obsequio que eu ficava devendo ao sr. João Maria.

Fallei ao conde Lucotte, a respeito das lettras, mas elle logo me disse *que as não pagava*.

Caindo essa esperança, tratei de fazer a transacção com outra pessoa; e eis-me a escrever novamente ás pessoas, que me diziam praticar na agiotagem.

. . . . . .

Digitized by Google

São hoje 7 de janeiro de 1857. Estou triste! Ha dias estava escrevendo n'este livro de vida quando o sr. Sant'Anna me perguntou:

—O que são esses cadernos?

—São os factos da minha vida, que menciono sem comtudo os analysar, respondi eu.

—Que creancice, exclamou elle; pois tu queres escrever as tuas memorias, sem teres escripto uma obra sequer?!

—Sim, lhe repliquei; não pertendo ter o talento de M.me de Stael, ou o desinvolvimento de M.me George Sand, porque não é meu intento apresentar um primor d'arte; quero só traçar uma exposição exacta, para minhas filhas poderem dizer um dia: Pobre mãe! quantos desgostos soffreu!

—Tudo isso é muito sentimental, redarguiu elle; mas é uma tolice, porque uma senhora tem muito em que se occupe sem escrever.

—Pois é de parecer que uma senhora não deve escrever? perguntei eu. E' de voto talvez, que uma creatura do meu sexo, só deve empregar-se a dar pontos em piugas, a coser pannos, e a remendar camisas?!!...

—Pois que! respondeu elle; uma boa dona de casa, é só no que deve pensar.

—Sim, disse eu; e os homens deviam ir todos cavar na terra, porque é verdadeiramente só o que rende. A seu ver pois, continuei eu, uma senhora nem deve saber de cór o *b*, *a*, *ba*, entendendo apenas de quantas teias são precisas para uma peça de linho: bem vê que é um disparate.

E levantando-me, guardei os cadernos, e fui sentar-me ao piano.

Este anno de 1857 principia bem triste para mim. D'aqui a pouco tempo vae fazer dois annos que conheço o sr Sant'Anna; se me perguntarem o que meu coração sente, juro que o não poderia explicar. Seria necessario uma longa analyse, e não tenho forças, nem

Digitized by Google

coragem, nem vontade de a fazer. Deixo ir tudo á mercê do destino.

Todas as mulheres, que teem alma, teem um ideal, e raras vezes o ente para quem ellas se inclinam lhes corresponde. Isto explica o meu estado Dirão: elle é poeta!

Quando eu estava no Rio de Janeiro, e que lia romances ás escondidas do meu pae, passava noites inteiras nas doces illusões que esses livros me inspiravam.

Lendo algum poeta que abria um ceo ao meu coração, aquelles versos faziam-me chorar de amor e de esperança, e exclamava com a innocencia d'aquella edade: Oh! se eu fosse amada tão extremosamente, não me importava morrer depois, porque morria feliz!!!

Mas apenas conheci o mundo, e pude apreciar cada coisa conforme o bom senso que Deus me deu, tenho pensado: *Un poete! délicieux mais à lire seulement.*

Sabem elles o que é amor? um trabalhador de phrases occupado a ajustar e a medir palavras é muito aborrecido.

Um poeta para o coração é a verdadeira poesia, como a semente é a flor!

A infelicidade faz-me ser um pouco philosophica, por isso escrevo talvez, não como uma pessoa da minha edade, mas sim como um ente que tem soffrido muito e que, descrente de illusões, vê as coisas d'este mundo com gelida indifferença, e por tanto julga-as conforme são, e pode dizer com consciencia: Os homens assimilham-se ás decorações do theatro, que devem ser vistas ao longe para fazerem effeito.

Poeta como o sr. Bulhão Pato admira-se; mas um bardo impetuoso como a furia das ondas sopradas por horrivel tempestade, em logar de elevar a alma ao ceo, comprime-a, fazendo-a arquejar de susto, como o peito de uma creança que viu apparecer-lhe um lobo.

Dirão: o teu coração está morto.

Digitized by Google

Oh! não, sinto n'elle tudo aquillo que experimentava antes de soffrer. O mesmo fogo da paixão o abraza, encerra a força de outr'ora para dar sua vida pelo ente que o comprehendesse; mas esse ente aonde está?! Devo eu ter esperança de encontrar uma creatura, que dando valor ás minhas dôres, saiba tambem avaliar o que Deus disse ao homem:

«Para viver, tu te curvarás para a terra, e para pensar, tu te elevarás até a mim!»

Uma creatura [de sentimentos tem tanta precisão da vida da alma como da vida do corpo.

Para uma senhora conservar sempre amor a um homem, deve elle ter com ella doces attenções, sacrificar um pouco a sua vaidade, o seu orgulho. Deve saber distrahir um pouco a senhora que o ama, porque se elle só se pertende divertir, deixando-a nas lagrimas das suas meditações, oh! então, cuidado, porque vem pouco a pouco a reflexão, succedem-se tambem gradualmente as comparações, descobre-se o negro e feio egoismo, e essa senhora admira-se um dia de achar no seu coração, em logar de amor, a triste indifferença!

Uma creatura que tem alma nunca é egoista! o homem que pela sua delicadeza lhe adquire a gratidão, pode contar sempre com o seu amor.

Se o homem orgulhoso e egoista quer subjugar uma senhora, se a quer dominar como uma escrava, se quer sacrifical-a, oh! então essa mulher deve ter força bastante para tomar o opio, que n'um instante faça morrer todo o seu amor.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Em outubro de 1856, soffria e chorava muito como já disse. O sr. prior Tavares, pelas suas doces palavras, fez que o meu coração ainda nutrisse a esperança da felicidade na vida. Era d'este modo que elle me dizia: «Tão nova, porque perde todas as esperanças? encontrará

Digitized by Google

uma pessoa que, comprehendendo-a, saberá apreciar tantos thesouros de alma; não ter essa fé é descrer da bondade de Deus.»

. . . . . .

Se o sr. Sant'Anna tivesse sido outro homem, poderia ter me feito feliz; mas costumado á politica, aonde muita gente por esperteza mostra o caracter ás avessas, fez com que eu desconhecesse o seu.

Hoje não sei se sou feliz ou se padeço, vivo *narcotisada*.

Este estado não pode durar... Talvez eu venha a gostar de alguem, e se eu achar n'esse o meu ideal, quero dizer, um homem de verdadeiro brio, de verdadeira honra e sentimentos, e de alma, oh! então serei ainda feliz!

Das relações que em breve vão quebrar-se entre mim e o sr. Sant'Anna, não póde ficar existindo essa amizade que é um amor sem azas; mas ficará sim uma fria, mas sincera amizade.

O fogo e a agua não podem fazer liga: um é a morte do outro. Uma creatura dedicada, e outra toda egoismo, podem comprehender-se?

Não.

Pois dois annos de sacrificios, dois annos de soffrimentos e lagrimas; basta.

Sim, hoje não sei se padeço, vivo *narcotisada*, e faço mil votos a Deus para que nunca me acorde d'este lethargo.

Digitized by Google

CAPITULO VIII

O sr. Alexandre Callaya.—Reflexão.—A sr. duqueza da Terceira.—Marechal duque da Terceira.—Ainda pequena reflexão.—O casamento é ou não é bom.—Drama de Victor Hugo.—Ainda sobre o casamento.—Sou como S. Thomé.—Forte resolução.—É preciso uma barreira.—Soffrimento.—Sou madrinha.—Exm.º sr. ministro do Brazil.—Estou doente.—Tristeza.—Terei ou não força de tomar uma resolução?

Hontem estiveram cá todo o dia o sr. Alexandre Callaya, e Maria da Gloria.

Elles veem algumas vezes acompanhar a pobre exilada que vive como ermita. Tendo elles sido apresentados em minha casa por minha tia, ficaram sempre visitando-me.

O mundo murmura muito da Maria da Gloria, porque tinha tido um principio pouco regular.

A nossa sociedade admira-se de ver uma falta n'uma pobre creatura, quando ha tantas senhoras da côrte que as commettem por viciosa leviandade

Quantas vezes do alto d'essa grandeza orgulhosa, solta a fidalga cheia de vaidade a gargalhada de escarneo, porque vê passar em frente do seu sumptuoso palacio a pobre rapariga caminhando debaixo d'agua, para ir sentar-se em casa da modista, durante o dia, tendo apenas um bocado de pão para seu alimento, ganhando com esse sacrificio cem réis diarios, para no sabbado levar o dinheiro do seu trabalho a sua mãe enferma!

Oh! essas creaturas é que são sublimes, em quanto que a senhora do *grande mundo* só merece a maior parte das vezes um profundo desprezo.

Existem certamente no amago da alta sociedade e fidalguia, algumas excepções ao que avancei. Mas essas

Digitized by Google

excepções são tão raras, que me contento por exemplo em nomear um nome, um nome illustre que deve julgar-se em tudo superior á mesma excepção se é possivel, como a estrella scintillante, que fulgura no lindo azul escuro da noite, á estrella pallida da incerta luz, que se vê no horisonte desvanecido da madrugada.

Esse nome, essa estrella resplendida e candida, é a sr.ª duqueza da Terceira!

Ninguem haverá que lendo esta pagina, e chegando a este nome não exclame: É verdade!

E é assim, porque a sr.ª duqueza da Terceira é o typo e modelo exacto da verdadeira fidalga!

Nobre de sua familia, e cunhada de S. A. R. a sr.ª infanta D. Anna de Jesus Maria, é tão nobre no seu porte, como nas suas acções. Tudo n'aquelle magnanimo coração respira virtude e nobreza!

Sem se assimilhar a essas fidalgas extravagantes que mandam hoje empenhar uma pulseira de 500$000 réis por vinte libras, para amanhã despenderem essa mesma quantia em loucas distracções; ou que soccorrem nas subscripções publicas para verem o seu nome e a sua generosidade importuna estampada nas columnas de um jornal, mas que se um pobre lhe estender a mão descarnada e tremula de frio e de fome, nunca lhe deitam uma esmola para o desgraçado comprar um pouco de pão! Vêem lagrimas e ficam insensiveis, porque essas não satisfazem um orgulho torpe, uma vaidade indigna e miseravel!

Sem se assimilhar a essas, a nobre e virtuosa duqueza da Terceira será capaz de sacrificar-se para valer ao desgraçado opprimido que soffre entre as paredes do seu desditoso albergue, unica testemunha das suas lagrimas e das suas dôres!

Ella adivinha onde reside a infelicidade; onde persegue o infortunio, vae apparece, como um anjo, e sorrindo estende aquella dextra bemfazeja, e salva o miserando, sem desejar sequer ouvir a voz do agradeci-

Digitized by Google

mento, que se desfaz em torrentes de pranto, e de preces elevadas ao ceo.

Eis a verdadeira virtude do coração, e a perfeita belleza d'alma.

Dando a esmola e recommendando o silencio!

Eis um santo exemplo da caridade evangelica; esta e é feita com os olhos em Deus; por isso Deus abençoa a sr.ª duqueza da Terceira, e o mundo a pode apresentar como a senhora que encerra em si as mais apuradas virtudes d'uma alma, que tão bem comprehende e executa a lei do christianismo.

Esta é a digna esposa do distincto marechal duque da Terceira, d'esse heroe sempre fiel e dedicado ao throno, ao seu partido, e á sua honra

Desde a minha infancia, que para a sr.ª duqueza da Terceira uma sympathia exaltada se tem convertido n'uma especie de adoração profunda, e o que talvez concorreu muito para este sentimento de respeitosa amizade, é uma lembrança.

Tempos antes de minha tia me conduzir para o *Sacré-Coeur*, recordo-me de ver a sr.ª duqueza, que ia para um baile, preparada elegantemente com um lindo vestido côr de canna, coberto de ricas e finas rendas brancas; não tenho de idéa os mais enfeites que o guarneciam, nem mesmo as flores que levava na cabeça; mas o que aviva ainda a minha memoria, como se tivesse agora diante dos olhos o aspecto sublime d'aquella engraçada figura, gentil e flexivel, é o seu divino e gracioso sorriso, acompanhado d'aquelle olhar sagaz e imperativo, não perdendo com tudo o seu ar jovial, que ao mesmo tempo se faz tão repeitoso. Altiva sem ser orgulhosa, meiga e affavel, sem deixar desvanecer a nobreza do seu porte magestoso, ha um contraste singular em todos os seus gestos, e maneiras, que attrahem e encantam.

A impressão que a sr.ª duqueza me causou fez com

Digitized by Google

que a sua imagem ficasse tão vivamente gravada em minha alma, que parece que ainda a estou admirar!

Será, além das eminentes qualidades desta senhora essa recordação que me fez sempre dedicar-lhe um culto, como a um d'esses mais perfeitos ideaes da mulher?!!!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Nas pobres creaturas de que fallei reina a virtude; em muitas fidalgas e senhoras da côrte, ha a riqueza, e a grande falta de sentimentos e honradez.

N'aquellas o amor filial e a honestidade, nas outras a falta dos estimulos do amor, e só a devasidão!

Estas deslustram muitas vezes um nome honroso que um marido confia, dando lhe a nobreza dos seus brazões, não recebendo em recompensa senão um triste ridiculo.

A traição e a falsidade deviam ser exiladas, do mundo civilisado, e irem compôr um só dominio em regiões aridas e selvagens, para d'este modo o bom ficar separado do mal.

Não é possivel.

Por isso os homens inventaram o casamento, que para certas mulheres é um manto de hypocrisia em que se involvem com a sua maldade.

Sempre quando se trata de matrimonio todos os homens se *déguisent* e muitas vezes as mulheres é que lhe dão o exemplo. E para que serve o casamento senão para uma mascara?

Veja-se o que diz Victor Hugo, esse grande talento politico, litterario, moralista e critico, no seu bello drama—Angelo— no segundo dia, intitulado o *crucifixo*. scena v, no dialogo entre as duas rivaes, Catharina a poderosa e illustre, e a Tisbe que termina por esta lhe dizer:

«E vós não valeis mais do que nós! o que nós di-«zemos em dia claro, em alta voz a um homem, vós «lh'o dizeis vergonhosamente á noite!»

Digitized by Google

«Só as horas estão trocadas!»

«Nós tomamos os vossos maridos, e vós tomaes os «nossos amantes.»

«E' uma luta. Pois bem, lutemos!»

«Ah! hypocrisia, traição, virtudes fingidas, falsas «creaturas, que vós sois! Não, por Deus! vós não nos valeis! não, por Deus! vós não nos valeis!»

«Nós não enganamos ninguem! e vós, enganaes o «mundo, enganaes vossas familias, enganaes vossos ma- «ridos; vós enganarieis a Deus se podesseis! Oh vir- «tuosas mulheres! que saem de veo á rua e vão á «egreja! Deixae logar para ellas! inclinae-vós pois! «prostrae-vos finalmente!»

«Não, não façaes logar, não vos inclineis: ide á «frente d'ellas, arrancae lhe o veo; atraz do veo ha a «mascara, arrancae-lhe a mascara; atraz da mascara ha «uma bocca que mente!»

Eis ahi, com algumas excepções, o que é a maior parte das vezes a mulher casada: *uma mascara!*

Perdoem-nos os maridos a franqueza.

Creaturas ha que se involvem no manto da hypocrisia, transformando o marido na propria capa da sua hediondez.

Diziam-me que Maria da Gloria tinha um marido bom, demasiadamente cheio de condescendencia, e que isto bastou para dar motivo a fallar-se de certo desvario com um homem de bastante talento, um illustre doido que se apaixonara por esta segunda *Laura*, a ponto de se tornar ridiculo, e isto só porque parecia amal-a!

Como se profana a divina chamma do *amor!* sem se comprehender que uma pessoa de paladar excellente possa um dia cair em censura, dando a conhecer que preferiu uma lagartixa a uma perdiz!

E ha momento em que o gosto é excentrico, e prefere unicamente pela variedade.

Mas o costume não cede, e o *mau gosto* de um dia acaba!

Digitized by Google

Ha quem diga que o amor é assim! quem goza um encanto não se deixa vencer n'um montão de semsaborias? A's vezes a mesma semsaboria entretem um enté farto de alegria e prazer; mas é um momento só, um minuto, um instante apenas! E depois esses entes arrependem-se de não terem sabido conservar bastante dignidade para esconder essa vergonhosa lagartixa.

Creaturas ha, que tantopela sua familia como pelas suas aventuras, arrastam o desprezo mais ignominioso, principalmente quando chegam a apanhar um namorado pelo pé para servir de capa!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Diziam-me pois, que o sr. Alexandre Callaya era demasiadamente condescendente, ao que eu levantava os hombros e respondia: Não sei mas parece-me que não.

E realmente nada via

Eu era um pouco como S. Thomé: primeiro ver, para poder crer!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Desde o dia 8 de janeiro de 1837 vi que era impossivel continuar uma vida de desgostos e de lagrimas.

Já por varias vezes tinha querido tomar uma resolução; por diversas occasiões os conselhos do sr. prior de S. Izabel tinham tido quasi esse poder; mas uma carta que me tocasse n'alma, fazia me derramar lagrimas, e unir as cadeias quasi quebradas.

No dia 9 de janeiro passei um desgosto tamanho, que no dia 10 jurei a mim mesma que dentro de tres mezes tudo estaria mudado.

Dizer a *elle* os motivos que a isso me levavam, era

Digitized by Google

exigir que me fizesse juramentos e protestos, era querer continuar... e isso não podia ser.

Só não tinha forças bastantes para deixar de crer n'aquellas palavras, para deixar de crer nos juramentos que esse homem fazia, e com os quaes embalava a minha tão credula confiança.

Era preciso .. preciso o que?

Uma distracção, disseram. Qual havia de ser? acceitar a côrte de alguem.

Sim; mas como sou incapaz de fazer soffrer, não devia acceitar a côrte d'um homem, que eu julgasse amar-me verdadeiramente, porque me achava n'essa crise com o coração estalado, achava-me n'um estado incapaz de fazer a felicidade de ninguem... eu vivia n'um frio scepticismo!

Fora d'aquellas illusões que dois annos me embalaram, eu estava desencantada! mais oito dias de similhante vida, e teria amaldiçoado o ceo, e até duvidado do poder de Deus! Era forçoso romper, quebrar esses laços para me conservar o que eu era: Josephina, a pobre Josephina do *Sacré-Coeur* de Conflans!

Para quebrar esses laços era preciso uma barreira, *como elle o tinha exigido*, dizendo que era o unico meio de elle deixar de crer no meu amor.

Para obter o meu socego, era necessario que eu me esquecesse de mim, era indispensavel um sacrificio.

O meio era indigno; oh! sim, é verdade! mas elle assim o tinha exigido; e eu já não podia soffrer!

Deus, que sabia as lagrimas que eu tinha vertido, as torturas que atormentavam minha alma, havia de perdoar-me, porque viver mais tempo em similhante desespero era querer arriscar-me a perder minha alma!

Tinha tentado tudo! amor, resignação, amizade, e muita paciencia, mas tudo, tudo ia morrer d'encontro áquelle gelido rochedo do mais inacreditavel egoismo!

Se para levar ávante o meu plano fosse ferir o coração d'um homem de sentimentos elevados, então

Digitized by Google

meu crime, ou minha falta seria imperdoavel aos olhos de todos Mas... eu não escolheria senão um homem, que sabendo da sua vida, eu comprehendesse que *elle* não podia ficar *blessé*.

N'este caso, era preciso muito cuidado com a pessoa, que a sorte destinava para ser meu salvador.

Duas pessoas sabia eu, que me amavam sinceramente, e uma d'ellas podia até jural-o; mas no estado em que minha alma se achava, era por certo uma vileza pôr em acção um jogo de verdadeiros sentimentos.

Este rompimento é necessario, pois que não deve esquecer-me o fim da prophecia da bohemia de Prague; vejo com terror e prazer que ella se encaminha para a realisação. Será verdade meu Deus? Espero.

Eu não amava ninguem, e soffrendo diariamente tantos desgostos, tinha dado azas ao meu coração para elle viajar longe, nas estrellas, se possivel fosse; mas o que eu não queria era que tão cedo elle me fallasse.

Todo o meu moral, estava pois n'um estado incomprehensivel.

A cada novo desgosto que vinha agglomerar-se sobre os outros já existentes, o golpe caia sobre um corpo tepido que acabava de deixar voar a alma.

Oh! o coração não soffria, porque esse ia viajando nas nuvens, nas estrellas, *no néant!*

Assim passei alguns mezes de martyrio que não era viver.

Os meus labios pallidos pareciam similhar-se aos de uma estatua de marmore; tinham assumido um constante sorriso de indifferença, e isso dizia mais que os lamentos e os suspiros.

A minha fronte annuviada encobria-se no lucto, e apezar de mil esforços, deixava impressa a funebre desesperação.

Esses desgostos em breve iam ter um fim; eu já não tinha forças para soffrer, e por isso devia ter coragem para tomar uma resolução.

Digitized by Google

Quando esses pensamentos vinham mortificar-me, recordava-me do prognostico que me tinham feito um mez depois de eu vir habitar n'esta vivenda aonde vejo o ceo, o mar, e aonde estou tão tranquilla, longe do motim da escravisada cidade.

Não seja madrinha d'esse pequeno, me disseram; quando duas pessoas se amam e vão ser compadres, acaba sempre tudo muito mal.

Como podia a minha separação acabar mal com o sr. Sant'Anna? não deviamos nós, apezar de tudo, ser sempre amigos?

Uma ridicula superstição não devia obrigar-me a deixar de concorrer a dar as aguas do baptismo a uma nova alma.

Consenti pois, e fomos padrinhos de uma bella creança, filho de um cabo da guarda municipal, e de uma rapariga que era sobrinha da Maria da Gloria.

Na egreja perguntou-me o futuro compadre, e presente defensor da patria:

- Que nome deseja que tenha o pequeno?

Levantando os olhos para o altar, um triste suspiro saiu do meu coração, e voltando-me para o sr. Antunes, disse-lhe:

— Faça todo o possivel para que se chame Henrique.

O pae da creancinha curvou a cabeça, e foi andando para a sachristia. Inclinando a minha fronte, meus labios murmuraram um pedido a Deus, para que meu afilhado tivesse o nome do meu infeliz e sempre amado Henrique.

Quando voltou o compadre para me dizer que podia ir á capella, perguntei-lhe:

— Então?

— Elle não quiz, respondeu o sr. Antunes, e exige que o pequeno se chame Jacinto Augusto, os seus dois primeiros nomes.

Não me quizestes dar essa consolação, meu Deus!

Digitized by Google

exclamei eu comigo mesma; que a vossa vontade seja feita; e fui caminhando para o altar.

De volta para casa, o sr. Sant'Anna não me disse uma unica palavra, nem eu a elle.

Recordando-me pois d'esta scena, não podia deixar de pensar: Será verdade que a superstição seja uma realidade?

Desde o dia d'esse baptisado em diante, parecia que os meus desgostos augmentavam, e eu sentia-me todos os dias peiorar de saude.

Os tristes presentimentos que vinham enluctar minha alma eram os mesmos de 1854, quando eu cai perigosamente doente. e que tendo receio da aproximação da morte, não querendo de modo algum que minhas filhas caissem no poder e dominio de minha familia, escrevera ao ministro do Brazil, afim de lhe confiar esse segredo do meu coração, que eu tanto empenho tinha em que fosse religiosamente cumprido.

S. ex.ª não me conhecia senão de nome, e de me ter visto algumas vezes no theatro; mas conhecendo que uma senhora lhe pedia protecção, não hesitou em vir a minha casa, aonde me achou de cama, com a enfermeira ao lado, e a custo podendo fallar.

Contei-lhe tudo... e elle com aquella bondade que o caracterisa, e o cavalheirismo que o faz tão respeitavel, prometteu toda a protecção para minhas filhas, no caso que eu morresse; e chegou a *jurar-me que nunca as deixaria em poder de pessoa alguma de minha familia.*

Descançada por este modo do maior cuidado da minha vida, soffri com resignação, devendo ao exm.º sr. Maciel Monteiro os maiores agradecimentos, porque desde esse dia até ao momento em que os medicos me declararam livre de perigo, não deixou s. ex.ª de mandar saber todos os dias da minha saude.

Depois da minha convalescença, e de ter voltado do campo, veiu s. ex.ª a minha casa dar-me os parabens do meu restabelecimento e salvação.

Digitized by Google

—Salvação, disse s. ex.ª, porque no estado em que eu a vi, quando me recommendou suas filhas, receei bem que não escapasse.

Foi esse dia a segunda e ultima vez, que vi e fallei a este ministro, que todos diziam tão *entreprenant*, e que para mim usou de admiravel cavalheirismo.

E' verdade que um homem de verdadeira educação, e de verdadeiros sentimentos, conhece perfeitamente as pessoas com quem trata; por isso agradeço ao exm.º sr. Maciel Monteiro por ter conhecido o meu caracter.

O exm.º sr. Maciel Monteiro (ministro do Brazil) não é só um brioso cavalheiro, como é o mais distincto e o mais generoso possivel.

Achando-me de cama, como já disse, e quasi á morte, remetteu á minha criada uma forte quantia de dinheiro, dizendo que uma pessoa que estava no meu estado devia necessariamente fazer grandes despezas, e como o sr. Fonseca estava em Paris, eu devia achar-me em grandes embaraços.

Sim, Deus sabia as difficuldades em que eu me achava, pois que tinha levado a capricho não escrever ao meu protector contando-lhe tudo.

Quando me achei restabelecida, principiaram tantos desgostos e tantos transtornos, que até hoje não foi possivel remetter ao ex.mo sr. Monteiro essa quantia emprestada.

Esta conducta honra-o tanto, e é tanto mais cavalheiresca, que tendo tido no Rio algumas questões com o meu protector, retiraram um ao outro a amizade que os ligava, ficando por isso indifferentes.

Pessoas mal intencionadas quizeram dizer que o sr. Monteiro tinha chegado a ser meu amante; eu a essa nova calumnia não podia senão responder com um sorriso de desprezo e de dó, porque era preciso essas creaturas serem bem mesquinhas para não comprehenderem a nobreza da conducta do ex.mo sr. Monteiro.

Estou persuadida que s. ex.ª nunca me teve amor,

Digitized by Google

mas sim estima, e esse sentimento não o trocava eu por nenhum outro.

Tendo eu felizmente um coração grato, como poderei nunca esquecer-me da generosidade e delicadeza de uma pessoa, de quem me preso de possuir a amizade? O seu nome nunca o heide esquecer, e tenho orgulho de dizer: quem faria o que o ex.mo sr. Monteiro teve a bondade de usar com sua patricia?

As pessoas que diffamam a nação brazileira devem considerar antes de proferirem taes aggravos que é a nação mais franca, e grande em generosidade.

Mas n'esta epoca de corrupção, quem *não* segue maximas depravadas, cae no desconceito, porque não mancha a honra na infamia.

Achando-me com os mesmos symptomas e presentimentos que em 1854, andava triste, e tão triste que muitas vezes sentada em frente do meu toucador para me pentear, triste gemido me saía do peito, ao ver assim estampada a minha figura d'outr'ora.

Passavam-se dias em que o meu unico sustento era café, e esse tinha-me posto n'um tal estado de magreza que ás vezes occorria-me a idéa de que ia finar-me n'uma phtysica.

Morrer! vou morrer, dizia eu tomando entre as mãos a minha pobre cabeça! Morrer! quando esta vida é tão necessaria a minhas filhas. Oh! não! Deus é justo e não me hade chamar para si senão quando minhas filhas, esses dois thesouros da minh'alma, estiverem já amparadas. A minha vida de constantes soffrimentos merece essa recompensa, que a Providencia Divina não me hade recusar.

Estou louca! exclamava eu, morrer! não. Soffro, é verdade, soffro muito, mas eu não terei ainda forças para vencer estas magoas?! Oh! se me faltasse essa coragem, eu era covarde, e isso nunca o serei.

Com estas lutas do soffrimento, com estes comba-

Digitized by Google

tes das lagrimas, com estes crueis martyrios, fui supportando o peso da minha angustiosa cruz.

Esta posição terrivel foi durando até á epoca do carnaval.

Oito dias antes do entrudo, achava-se o sr. Alexandre Callaya e Maria da Gloria em minha casa, e toda a tarde estiveram a influir-me para ir com elles á noite ver o baile na Floresta.

Eu que nunca tinha ido senão a um baile de mascaras, e esse no theatro de S. Carlos havia um anno, e que me tinha aborrecido d'um tão ridiculo semsabor divertimento, achava-me sem disposição para ir de novo a esse *brum brum brum*.

Já que fallei n'esse baile de S. Carlos, direi aqui, que tendo poucos conhecimentos, e não ousando dirigir-me a estranhos, achava-me no maior enfado possivel, quando felizmente dou com os olhos no sr. F*** C*** G*** que parecia queria conquistar um lindo dominó côr de rosa, esquecendo-se que em casa lhe ficava a mulher nos gemidos e nas dôres.

Caminhei para elle, porque uma recordação me veiu avivar certa lembrança sepultada no intimo d'alma.

—Como está o sr. J*** B***? perguntei eu.

Admirado parou um instante, olhou para mim da cabeça aos pés, como quem queria medir a altura e disse:

—Sei quem é; e em voz baixa, disse-me ao ouvido: M.me Josephina.

Não querendo mentir, apezar de estar n'um baile de mascaras, perguntei-lhe novamente:

—Como está o sr. J*** B***?

—Está sempre o mesmo, respondeu o sr. F*** C***, quasi phtysico, e apalermado, sobretudo desde que se casou com uma criada que tinha em casa.

Não respondi coisa alguma, pois que nem uma palavra poderia ter-me saido da bocca.

Esse namoro não passou d'uma creancisse, que

Digitized by Google

na edade dos treze annos eu julgára uma paixão. Porém, aquella noticia do casamento com uma criada *que tinha em casa,* trazia comsigo uma idéa tão baixa e repugnante, que senti aquella doce lembrança, que eu sempre conservara no ceo tempestuoso da minha vida como uma fraca e isolada estrella, cair precipitada na profundeza do abysmo do esquecimento.

Por isso mesmo que não fallei ao sr. J*** B*** senão uma unica vez na egreja dos inglezes, á missa do meio dia, e que de lá fomos ao cemiterio dos Prazeres, aonde me deu um raminho de triste verde cypreste, por isso mesmo, digo, formava d'elle um conceito um pouco ideal.

Mas depois d'esse baile, quando voltei para casa fui á gaveta do toucador, abri o mesmo livro que eu tinha levado á missa n'esse dia, (era o livro da minha primeira communhão,) e tirando d'elle o tal raminho de cypreste, abri a janella fronteira ao cemiterio dos inglezes, e deixei-o cair da mão, com um suspiro que saia d'alma, murmurando: Ai de ti, Josephina! hasde vir a crer que este mundo apenas é terra e pó, que o ideal é uma coisa vã, que não existe, e que mesmo quando tenta apparecer, é como o clarão que allumia em quanto o facho tem luz, e a prova é o teu infeliz Henrique!

A esta lembrança verti lagrimas de saudade, de dôr e desespero!!!

Fechando a janella, achei-me na vida real e positiva, quero dizer na vida de miseria e soffrimentos!!

Este baile de mascaras era pois o unico a que eu tinha ido (no Rio de Janeiro M.me Guido não podia tolerar similhante divertimento); porém como já disse não gostei nada.

Mas havia já dias que eu estava rodeada de tantos dissabores, que condescendi novamente em ir á Floresta.

Dezenove mezes se tinham passado em que eu era dominada e abatida por uma vontade de ferro.

Digitized by Google

Não sei porque, mas rapidamente tive um tal ou qual prazer em ter dado o meu consentimento, e como o fazia ás escondidas *d'elle*, esse prazer se tornava mais intenso.

Isto era como uma creança que depois de ter soffrido arrufos de sua mãe, achando-se sósinha em casa, vae ao quarto d'ella, e furta-lhe um bolo. A mãe volta e dá-lhe cartuchos e saccos de variados bolos, mas nenhum corresponde ao sabor d'aquelle que ella tirou.

Repugnava á minha consciencia esta saida occulta, era *quasi* um engano; mas senti enxugar minhas lagrimas, e cessar o meu escrupulo, só com a idéa da *distracção*.

Eu nunca tinha conhecido a funesta paixão — *vingança*, e esse passo que eu dava era simplesmente *une taquinerie*.

Logo que acabámos de jantar, saiu o sr. Sant'Anna, conforme era o seu costume, para voltar ás duas ou tres horas da noite.

Já não me restava nada de valor para empenhar, e não sabendo a que *agiota* me dirigisse, mandei chamar o sr. José Maria Dias Torres, com quem se tinha effectuado uma conciliação sobre as nossas antigas contas; e era elle que me emprestava, quando eu precisava algum dinheiro.

A's vezes escrevia-lhe mandando-lhe pedir dez libras; elle mandava-me duas, e vinha depois dar-me a tediosa conversação de uma hora, desculpando-se de não ter mandado mais.

—Era melhor, lhe dizia eu, v. s.ª emprestar-me quantias mais subidas, para não obrigar-me a mandar ao escriptorio tanto a miudo.

O sr. Torres respondia que não lhe era possivel mandar-me dinheiro a não ser aos poucos.

Eu estava em proximidade de realisar uma transacção, hypothecando os juros de metade das minhas ins-

Digitized by Google

cripções, afim de me poder habilitar a satisfazer todas as minhas dividas.

Ficava por tanto reduzido ao meio o meu rendimento. Era sensivel, mas por esse sacrificio alcançava o socego e a paz do meu espirito.

Foi esse sr. Torres que me emprestou o dinheiro para o preparo do seguro; logo que o recebesse de Londres, concluia eu a transacção que já estava em ajuste com o sr. Domingos José Marques Guimarães, pessoa a quem agora só devo (apezar dos seus.. . por centos) louvor ao seu cavalheirismo.

CAPITULO IX

Floresta — Sr. Alexandre Callaya, sr. Torres, sr. A. M., sr. José Lino Alves Chaves --- Dialogo --- Reflexão --- Discussão --- Delicadeza de um deputado --- Illusões --- Meu seguro de vida --- Dr. Kesller — Concluo uma transacção --- Ultimas palavras sobre o sr. Thomaz da Costa Ramos.

N'este dia de que fallo, n'este dia que trouxe a noite do baile da Floresta, não possuia eu um real em casa. Escrevi ao sr. Torres mandando buscar algum dinheiro; como já era tarde e fora da hora do costume d'ali mandar, julgando ter havido algum extraordinario, veiu elle trazer-me o que eu lhe mandára pedir.

—Fazia-me um grande obsequio, disse eu para o sr. Torres, se me fosse comprar uma mascara de veludo; receio que mandando o criado, elle compre alguma que me não agrade.

—Com muito gosto, disse elle; mas não acha que esta senhora, continuou o sr. Torres voltando se para o sr. Callaya e Maria da Gloria, devia pedir certos favores ao

Digitized by Google

exigir que me fizesse juramentos e protestos, era querer continuar... e isso não podia ser.

Só não tinha forças bastantes para deixar de crer n'aquellas palavras, para deixar de crer nos juramentos que esse homem fazia, e com os quaes embalava a minha tão credula confiança.

Era preciso .. preciso o que?

Uma distracção, disseram. Qual havia de ser? acceitar a côrte de alguem.

Sim; mas como sou incapaz de fazer soffrer, não devia acceitar a côrte d'um homem, que eu julgasse amar-me verdadeiramente, porque me achava n'essa crise com o coração estalado, achava-me n'um estado incapaz de fazer a felicidade de ninguem... eu vivia n'um frio scepticismo!

Fora d'aquellas illusões que dois annos me embalaram, eu estava desencantada! mais oito dias de similhante vida, e teria amaldiçoado o ceo, e até duvidado do poder de Deus! Era forçoso romper, quebrar esses laços para me conservar o que eu era: Josephina, a pobre Josephina do *Sacré-Coeur* de Conflans!

Para quebrar esses laços era preciso uma barreira, *como elle o tinha exigido*, dizendo que era o unico meio de elle deixar de crer no meu amor.

Para obter o meu socego, era necessario que eu me esquecesse de mim, era indispensavel um sacrificio.

O meio era indigno; oh! sim, é verdade! mas elle assim o tinha exigido; e eu já não podia soffrer!

Deus, que sabia as lagrimas que eu tinha vertido, as torturas que atormentavam minha alma, havia de perdoar-me, porque viver mais tempo em similhante desespero era querer arriscar-me a perder minha alma!

Tinha tentado tudo! amor, resignação, amizade, e muita paciencia, mas tudo, tudo ia morrer d'encontro áquelle gelido rochedo do mais inacreditavel egoismo!

Se para levar ávante o meu plano fosse ferir o coração d'um homem de sentimentos elevados, então

Digitized by Google

meu crime, ou minha falta seria imperdoavel aos olhos de todos Mas... eu não escolheria senão um homem, que sabendo da sua vida, eu comprehendesse que *elle* não podia ficar *blessé*.

N'este caso, era preciso muito cuidado com a pessoa, que a sorte destinava para ser meu salvador.

Duas pessoas sabia eu, que me amavam sinceramente, e uma d'ellas podia até jural-o; mas no estado em que minha alma se achava, era por certo uma vileza pôr em acção um jogo de verdadeiros sentimentos.

Este rompimento é necessario, pois que não deve esquecer-me o fim da prophecia da bohemia de Prague; vejo com terror e prazer que ella se encaminha para a realisação. Será verdade meu Deus? Espero.

Eu não amava ninguem, e soffrendo diariamente tantos desgostos, tinha dado azas ao meu coração para elle viajar longe, nas estrellas, se possivel fosse; mas o que eu não queria era que tão cedo elle me fallasse.

Todo o meu moral, estava pois n'um estado incomprehensivel.

A cada novo desgosto que vinha agglomerar-se sobre os outros já existentes, o golpe caia sobre um corpo tepido que acabava de deixar voar a alma.

Oh! o coração não soffria, porque esse ia viajando nas nuvens, nas estrellas, *no néant!*

Assim passei alguns mezes de martyrio que não era viver.

Os meus labios pallidos pareciam similhar-se aos de uma estatua de marmore; tinham assumido um constante sorriso de indifferença, e isso dizia mais que os lamentos e os suspiros.

A minha fronte annuviada encobria-se no lucto, e apezar de mil esforços, deixava impressa a funebre desesperação.

Esses desgostos em breve iam ter um fim; eu já não tinha forças para soffrer, e por isso devia ter coragem para tomar uma resolução.

Digitized by Google

Quando esses pensamentos vinham mortificar-me, recordava-me do prognostico que me tinham feito um mez depois de eu vir habitar n'esta vivenda aonde vejo o ceo, o mar, e aonde estou tão tranquilla, longe do motim da escravisada cidade.

Não seja madrinha d'esse pequeno, me disseram; quando duas pessoas se amam e vão ser compadres, acaba sempre tudo muito mal.

Como podia a minha separação acabar mal com o sr. Sant'Anna? não deviamos nós, apezar de tudo, ser sempre amigos?

Uma ridicula superstição não devia obrigar-me a deixar de concorrer a dar as aguas do baptismo a uma nova alma.

Consenti pois, e fomos padrinhos de uma bella creança, filho de um cabo da guarda municipal, e de uma rapariga que era sobrinha da Maria da Gloria.

Na egreja perguntou-me o futuro compadre, e presente defensor da patria:

- Que nome deseja que tenha o pequeno?

Levantando os olhos para o altar, um triste suspiro saiu do meu coração, e voltando-me para o sr. Antunes, disse-lhe:

— Faça todo o possivel para que se chame Henrique.

O pae da creancinha curvou a cabeça, e foi andando para a sachristia. Inclinando a minha fronte, meus labios murmuraram um pedido a Deus, para que meu afilhado tivesse o nome do meu infeliz e sempre amado Henrique.

Quando voltou o compadre para me dizer que podia ir á capella, perguntei-lhe:

— Então?

— Elle não quiz, respondeu o sr. Antunes, e exige que o pequeno se chame Jacinto Augusto, os seus dois primeiros nomes.

Não me quizestes dar essa consolação, meu Deus!

Digitized by Google

exclamei eu comigo mesma; que a vossa vontade seja feita; e fui caminhando para o altar.

De volta para casa, o sr. Sant'Anna não me disse uma unica palavra, nem eu a elle.

Recordando-me pois d'esta scena, não podia deixar de pensar: Será verdade que a superstição seja uma realidade?

Desde o dia d'esse baptisado em diante, parecia que os meus desgostos augmentavam, e eu sentia-me todos os dias peiorar de saude.

Os tristes presentimentos que vinham enluctar minha alma eram os mesmos de 1854, quando eu caí perigosamente doente. e que tendo receio da aproximação da morte, não querendo de modo algum que minhas filhas caissem no poder e dominio de minha familia, escrevera ao ministro do Brazil, afim de lhe confiar esse segredo do meu coração, que eu tanto empenho tinha em que fosse religiosamente cumprido.

S. ex.ª não me conhecia senão de nome, e de me ter visto algumas vezes no theatro; mas conhecendo que uma senhora lhe pedia protecção, não hesitou em vir a minha casa, aonde me achou de cama, com a enfermeira ao lado, e a custo podendo fallar.

Contei-lhe tudo... e elle com aquella bondade que o caracterisa, e o cavalheirismo que o faz tão respeitavel, prometteu toda a protecção para minhas filhas, no caso que eu morresse; e chegou a *jurar-me que nunca as deixaria em poder de pessoa alguma de minha familia.*

Descançada por este modo do maior cuidado da minha vida, soffri com resignação, devendo ao exm.º sr. Maciel Monteiro os maiores agradecimentos, porque desde esse dia até ao momento em que os medicos me declararam livre de perigo, não deixou s. ex.ª de mandar saber todos os dias da minha saude.

Depois da minha convalescença, e de ter voltado do campo, veiu s. ex.ª a minha casa dar-me os parabens do meu restabelecimento e salvação.

Digitized by Google

—Salvação, disse s. ex.ª, porque no estado em que eu a vi, quando me recommendou suas filhas, receei bem que não escapasse.

Foi esse dia a segunda e ultima vez, que vi e fallei a este ministro, que todos diziam tão *entreprenant*, e que para mim usou de admiravel cavalheirismo.

E' verdade que um homem de verdadeira educação, e de verdadeiros sentimentos, conhece perfeitamente as pessoas com quem trata; por isso agradeço ao exm.º sr. Maciel Monteiro por ter conhecido o meu caracter.

O exm.º sr. Maciel Monteiro (ministro do Brazil) não é só um brioso cavalheiro, como é o mais distincto e o mais generoso possivel.

Achando-me de cama, como já disse, e quasi á morte, remetteu á minha criada uma forte quantia de dinheiro, dizendo que uma pessoa que estava no meu estado devia necessariamente fazer grandes despezas, e como o sr. Fonseca estava em Paris, eu devia achar-me em grandes embaraços.

Sim, Deus sabia as difficuldades em que eu me achava, pois que tinha levado a capricho não escrever ao meu protector contando-lhe tudo.

Quando me achei restabelecida, principiaram tantos desgostos e tantos transtornos, que até hoje não foi possivel remetter ao ex.mo sr. Monteiro essa quantia emprestada.

Esta conducta honra-o tanto, e é tanto mais cavalheiresca, que tendo tido no Rio algumas questões com o meu protector, retiraram um ao outro a amizade que os ligava, ficando por isso indifferentes.

Pessoas mal intencionadas quizeram dizer que o sr. Monteiro tinha chegado a ser meu amante; eu a essa nova calumnia não podia senão responder com um sorriso de desprezo e de dó, porque era preciso essas creaturas serem bem mesquinhas para não comprehenderem a nobreza da conducta do ex.mo sr. Monteiro.

Estou persuadida que s. ex.ª nunca me teve amor,

Digitized by Google

mas sim estima, e esse sentimento não o trocava eu por nenhum outro.

Tendo eu felizmente um coração grato, como poderei nunca esquecer-me da generosidade e delicadeza de uma pessoa, de quem me preso de possuir a amizade? O seu nome nunca o heide esquecer, e tenho orgulho de dizer: quem faria o que o ex.mo sr. Monteiro teve a bondade de usar com sua patricia?

As pessoas que diffamam a nação brazileira devem considerar antes de proferirem taes aggravos que é a nação mais franca, e grande em generosidade.

Mas n'esta epoca de corrupção, quem *não* segue maximas depravadas, cae no desconceito, porque não mancha a honra na infamia.

Achando-me com os mesmos symptomas e presentimentos que em 1854, andava triste, e tão triste que muitas vezes sentada em frente do meu toucador para me pentear, triste gemido me saía do peito, ao ver assim estampada a minha figura d'outr'ora.

Passavam-se dias em que o meu unico sustento era café, e esse tinha-me posto n'um tal estado de magreza que ás vezes occorria-me a idéa de que ia finar-me n'uma phtysica.

Morrer! vou morrer, dizia eu tomando entre as mãos a minha pobre cabeça! Morrer! quando esta vida é tão necessaria a minhas filhas. Oh! não! Deus é justo e não me hade chamar para si senão quando minhas filhas, esses dois thesouros da minh'alma, estiverem já amparadas. A minha vida de constantes soffrimentos merece essa recompensa, que a Providencia Divina não me hade recusar.

Estou louca! exclamava eu, morrer! não. Soffro, é verdade, soffro muito, mas eu não terei ainda forças para vencer estas magoas?! Oh! se me faltasse essa coragem, eu era covarde, e isso nunca o serei.

Com estas lutas do soffrimento, com estes comba-

Digitized by Google

tes das lagrimas, com estes crueis martyrios, fui supportando o peso da minha angustiosa cruz.

Esta posição terrivel foi durando até á epoca do carnaval.

Oito dias antes do entrudo, achava-se o sr. Alexandre Callaya e Maria da Gloria em minha casa, e toda a tarde estiveram a influir-me para ir com elles á noite ver o baile na Floresta.

Eu que nunca tinha ido senão a um baile de mascaras, e esse no theatro de S. Carlos havia um anno, e que me tinha aborrecido d'um tão ridiculo semsabor divertimento, achava-me sem disposição para ir de novo a esse *brum brum brum*.

Já que fallei n'esse baile de S. Carlos, direi aqui, que tendo poucos conhecimentos, e não ousando dirigir-me a estranhos, achava-me no maior enfado possivel, quando felizmente dou com os olhos no sr. F*** C*** G*** que parecia queria conquistar um lindo dominó côr de rosa, esquecendo-se que em casa lhe ficava a mulher nos gemidos e nas dôres.

Caminhei para elle, porque uma recordação me veiu avivar certa lembrança sepultada no intimo d'alma.

—Como está o sr. J*** B***? perguntei eu.

Admirado parou um instante, olhou para mim da cabeça aos pés, como quem queria medir a altura e disse:

—Sei quem é; e em voz baixa, disse-me ao ouvido: M.me Josephina.

Não querendo mentir, apezar de estar n'um baile de mascaras, perguntei-lhe novamente:

—Como está o sr. J*** B***?

—Está sempre o mesmo, respondeu o sr. F*** C***, quasi phtysico, e apalermado, sobretudo desde que se casou com uma criada que tinha em casa.

Não respondi coisa alguma, pois que nem uma palavra poderia ter-me saido da bocca.

Esse namoro não passou d'uma creancisse, que

Digitized by Google

Ha quem diga que o amor é assim! quem goza um encanto não se deixa vencer n'um montão de semsaborias? A's vezes a mesma semsaboria entretem um enté farto de alegria e prazer; mas é um momento só, um minuto, um instante apenas! E depois esses entes arrependem-se de não terem sabido conservar bastante dignidade para esconder essa vergonhosa lagartixa.

Creaturas ha, que tantopela sua familia como pelas suas aventuras, arrastam o desprezo mais ignominioso, principalmente quando chegam a apanhar um namorado pelo pé para servir de capa!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Diziam-me pois, que o sr. Alexandre Callaya era demasiadamente condescendente, ao que eu levantava os hombros e respondia: Não sei mas parece-me que não.

E realmente nada via

Eu era um pouco como S. Thomé: primeiro ver, para poder crer!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Desde o dia 8 de janeiro de 1857 vi que era impossivel continuar uma vida de desgostos e de lagrimas.

Já por varias vezes tinha querido tomar uma resolução; por diversas occasiões os conselhos do sr. prior de S. Izabel tinham tido quasi esse poder; mas uma carta que me tocasse n'alma, fazia me derramar lagrimas, e unir as cadeias quasi quebradas.

No dia 9 de janeiro passei um desgosto tamanho, que no dia 10 jurei a mim mesma que dentro de tres mezes tudo estaria mudado.

Dizer a *elle* os motivos que a isso me levavam, era

Digitized by Google

exigir que me fizesse juramentos e protestos, era querer continuar... e isso não podia ser.

Só não tinha forças bastantes para deixar de crer n'aquellas palavras, para deixar de crer nos juramentos que esse homem fazia, e com os quaes embalava a minha tão credula confiança.

Era preciso . . preciso o que?

Uma distracção, disseram. Qual havia de ser? acceitar a côrte de alguem.

Sim; mas como sou incapaz de fazer soffrer, não devia acceitar a côrte d'um homem, que eu julgasse amar-me verdadeiramente, porque me achava n'essa crise com o coração estalado, achava-me n'um estado incapaz de fazer a felicidade de ninguem... eu vivia n'um frio scepticismo!

Fora d'aquellas illusões que dois annos me embalaram, eu estava desencantada! mais oito dias de similhante vida, e teria amaldiçoado o ceo, e até duvidado do poder de Deus! Era forçoso romper, quebrar esses laços para me conservar o que eu era: Josephina, a pobre Josephina do *Sacré-Coeur* de Conflans!

Para quebrar esses laços era preciso uma barreira, *como elle o tinha exigido*, dizendo que era o unico meio de elle deixar de crer no meu amor.

Para obter o meu socego, era necessario que eu me esquecesse de mim, era indispensavel um sacrificio.

O meio era indigno; oh! sim, é verdade! mas elle assim o tinha exigido; e eu já não podia soffrer!

Deus, que sabia as lagrimas que eu tinha vertido, as torturas que atormentavam minha alma, havia de perdoar-me, porque viver mais tempo em similhante desespero era querer arriscar-me a perder minha alma!

Tinha tentado tudo! amor, resignação, amizade, e muita paciencia, mas tudo, tudo ia morrer d'encontro áquelle gelido rochedo do mais inacreditavel egoismo!

Se para levar avante o meu plano fosse ferir o coração d'um homem de sentimentos elevados, então

Digitized by Google

meu crime, ou minha falta seria imperdoavel aos olhos de todos Mas... eu não escolheria senão um homem, que sabendo da sua vida, eu comprehendesse que *elle* não podia ficar *blessé*.

N'este caso, era preciso muito cuidado com a pessoa, que a sorte destinava para ser meu salvador.

Duas pessoas sabia eu, que me amavam sinceramente, e uma d'ellas podia até jural-o; mas no estado em que minha alma se achava, era por certo uma vileza pôr em acção um jogo de verdadeiros sentimentos.

Este rompimento é necessario, pois que não deve esquecer-me o fim da prophecia da bohemia de Prague; vejo com terror e prazer que ella se encaminha para a realisação. Será verdade meu Deus? Espero.

Eu não amava ninguem, e soffrendo diariamente tantos desgostos, tinha dado azas ao meu coração para elle viajar longe, nas estrellas, se possivel fosse; mas o que eu não queria era que tão cedo elle me fallasse.

Todo o meu moral, estava pois n'um estado incomprehensivel.

A cada novo desgosto que vinha agglomerar-se sobre os outros já existentes, o golpe caia sobre um corpo tepido que acabava de deixar voar a alma.

Oh! o coração não soffria, porque esse ia viajando nas nuvens, nas estrellas, *no néant!*

Assim passei alguns mezes de martyrio que não era viver.

Os meus labios pallidos pareciam similhar-se aos de uma estatua de marmore; tinham assumido um constante sorriso de indifferença, e isso dizia mais que os lamentos e os suspiros.

A minha fronte annuviada encobria-se no lucto, e apezar de mil esforços, deixava impressa a funebre desesperação.

Esses desgostos em breve iam ter um fim; eu já não tinha forças para soffrer, e por isso devia ter coragem para tomar uma resolução.

Digitized by Google

Quando esses pensamentos vinham mortificar-me, recordava-me do prognostico que me tinham feito um mez depois de eu vir habitar n'esta vivenda aonde vejo o ceo, o mar, e aonde estou tão tranquilla, longe do motim da escravisada cidade.

Não seja madrinha d'esse pequeno, me disseram; quando duas pessoas se amam e vão ser compadres, acaba sempre tudo muito mal.

Como podia a minha separação acabar mal com o sr. Sant'Anna? não deviamos nós, apezar de tudo, ser sempre amigos?

Uma ridicula superstição não devia obrigar-me a deixar de concorrer a dar as aguas do baptismo a uma nova alma.

Consenti pois, e fomos padrinhos de uma bella creança, filho de um cabo da guarda municipal, e de uma rapariga que era sobrinha da Maria da Gloria.

Na egreja perguntou-me o futuro compadre, e presente defensor da patria:

- Que nome deseja que tenha o pequeno?

Levantando os olhos para o altar, um triste suspiro saiu do meu coração, e voltando-me para o sr. Antunes, disse-lhe:

— Faça todo o possivel para que se chame Henrique.

O pae da creancinha curvou a cabeça, e foi andando para a sachristia. Inclinando a minha fronte, meus labios murmuraram um pedido a Deus, para que meu afilhado tivesse o nome do meu infeliz e sempre amado Henrique.

Quando voltou o compadre para me dizer que podia ir á capella, perguntei-lhe:

— Então?

— Elle não quiz, respondeu o sr. Antunes, e exige que o pequeno se chame Jacinto Augusto, os seus dois primeiros nomes.

Não me quizestes dar essa consolação, meu Deus!

Digitized by Google

exclamei eu comigo mesma; que a vossa vontade seja feita; e fui caminhando para o altar.

De volta para casa, o sr. Sant'Anna não me disse uma unica palavra, nem eu a elle.

Recordando-me pois d'esta scena, não podia deixar de pensar: Será verdade que a superstição seja uma realidade?

Desde o dia d'esse baptisado em diante, parecia que os meus desgostos augmentavam, e eu sentia-me todos os dias peiorar de saude.

Os tristes presentimentos que vinham enluctar minha alma eram os mesmos de 1854, quando eu cai perigosamente doente. e que tendo receio da aproximação da morte, não querendo de modo algum que minhas filhas caissem no poder e dominio de minha familia, escrevera ao ministro do Brazil, afim de lhe confiar esse segredo do meu coração, que eu tanto empenho tinha em que fosse religiosamente cumprido.

S. ex.ª não me conhecia senão de nome, e de me ter visto algumas vezes no theatro; mas conhecendo que uma senhora lhe pedia protecção, não hesitou em vir a minha casa, aonde me achou de cama, com a enfermeira ao lado, e a custo podendo fallar.

Contei-lhe tudo... e elle com aquella bondade que o caracterisa, e o cavalheirismo que o faz tão respeitavel, prometteu toda a protecção para minhas filhas, no caso que eu morresse; e chegou a *jurar-me que nunca as deixaria em poder de pessoa alguma de minha familia.*

Descançada por este modo do maior cuidado da minha vida, soffri com resignação, devendo ao exm.º sr. Maciel Monteiro os maiores agradecimentos, porque desde esse dia até ao momento em que os medicos me declararam livre de perigo, não deixou s. ex.ª de mandar saber todos os dias da minha saude.

Depois da minha convalescença, e de ter voltado do campo, veiu s. ex.ª a minha casa dar-me os parabens do meu restabelecimento e salvação.

Digitized by Google

—Salvação, disse s. ex.ª, porque no estado em que eu a vi, quando me recommendou suas filhas, receei bem que não escapasse.

Foi esse dia a segunda e ultima vez, que vi e fallei a este ministro, que todos diziam tão *entreprenant*, e que para mim usou de admiravel cavalheirismo.

E' verdade que um homem de verdadeira educação, e de verdadeiros sentimentos, conhece perfeitamente as pessoas com quem trata; por isso agradeço ao exm.º sr. Maciel Monteiro por ter conhecido o meu caracter.

O exm.º sr. Maciel Monteiro (ministro do Brazil) não é só um brioso cavalheiro, como é o mais distincto e o mais generoso possivel.

Achando-me de cama, como já disse, e quasi á morte, remetteu á minha criada uma forte quantia de dinheiro, dizendo que uma pessoa que estava no meu estado devia necessariamente fazer grandes despezas, e como o sr. Fonseca estava em Paris, eu devia achar-me em grandes embaraços.

Sim, Deus sabia as difficuldades em que eu me achava, pois que tinha levado a capricho não escrever ao meu protector contando-lhe tudo.

Quando me achei restabelecida, principiaram tantos desgostos e tantos transtornos, que até hoje não foi possivel remetter ao ex.mo sr. Monteiro essa quantia emprestada.

Esta conducta honra-o tanto, e é tanto mais cavalheiresca, que tendo tido no Rio algumas questões com o meu protector, retiraram um ao outro a amizade que os ligava, ficando por isso indifferentes.

Pessoas mal intencionadas quizeram dizer que o sr. Monteiro tinha chegado a ser meu amante; eu a essa nova calumnia não podia senão responder com um sorriso de desprezo e de dó, porque era preciso essas creaturas serem bem mesquinhas para não comprehenderem a nobreza da conducta do ex.mo sr. Monteiro.

Estou persuadida que s. ex.ª nunca me teve amor,

Digitized by Google

mas sim estima, e esse sentimento não o trocava eu por nenhum outro.

Tendo eu felizmente um coração grato, como poderei nunca esquecer-me da generosidade e delicadeza de uma pessoa, de quem me preso de possuir a amizade? O seu nome nunca o heide esquecer, e tenho orgulho de dizer: quem faria o que o ex.mo sr. Monteiro teve a bondade de usar com sua patricia?

As pessoas que diffamam a nação brazileira devem considerar antes de proferirem taes aggravos que é a nação mais franca, e grande em generosidade.

Mas n'esta epoca de corrupção, quem *não* segue maximas depravadas, cae no desconceito, porque não mancha a honra na infamia.

Achando-me com os mesmos symptomas e presentimentos que em 1854, andava triste, e tão triste que muitas vezes sentada em frente do meu toucador para me pentear, triste gemido me saia do peito, ao ver assim estampada a minha figura d'outr'ora.

Passavam-se dias em que o meu unico sustento era café, e esse tinha-me posto n'um tal estado de magreza que ás vezes occorria-me a idéa de que ia finar-me n'uma phtysica.

Morrer! vou morrer, dizia eu tomando entre as mãos a minha pobre cabeça! Morrer! quando esta vida é tão necessaria a minhas filhas. Oh! não! Deus é justo e não me hade chamar para si senão quando minhas filhas, esses dois thesouros da minh'alma, estiverem já amparadas. A minha vida de constantes soffrimentos merece essa recompensa, que a Providencia Divina não me hade recusar.

Estou louca! exclamava eu, morrer! não. Soffro, é verdade, soffro muito, mas eu não terei ainda forças para vencer estas magoas?! Oh! se me faltasse essa coragem, eu era covarde, e isso nunca o serei.

Com estas lutas do soffrimento, com estes comba-

Digitized by Google

tes das lagrimas, com estes crueis martyrios, fui supportando o peso da minha angustiosa cruz.

Esta posição terrivel foi durando até á epoca do carnaval.

Oito dias antes do entrudo, achava-se o sr. Alexandre Callaya e Maria da Gloria em minha casa, e toda a tarde estiveram a influir-me para ir com elles á noite ver o baile na Floresta.

Eu que nunca tinha ido senão a um baile de mascaras, e esse no theatro de S. Carlos havia um anno, e que me tinha aborrecido d'um tão ridiculo semsabor divertimento. achava-me sem disposição para ir de novo a esse *brum brum brum*.

Já que fallei n'esse baile de S. Carlos, direi aqui, que tendo poucos conhecimentos, e não ousando dirigir-me a estranhos, achava-me no maior enfado possivel, quando felizmente dou com os olhos no sr. F*** C*** G*** que parecia queria conquistar um lindo dominó côr de rosa, esquecendo-se que em casa lhe ficava a mulher nos gemidos e nas dôres.

Caminhei para elle, porque uma recordação me veiu avivar certa lembrança sepultada no intimo d'alma.

—Como está o sr. J*** B***? perguntei eu.

Admirado parou um instante, olhou para mim da cabeça aos pés, como quem queria medir a altura e disse:

—Sei quem é; e em voz baixa, disse-me ao ouvido: M.me Josephina.

Não querendo mentir, apezar de estar n'um baile de mascaras, perguntei-lhe novamente:

—Como está o sr. J*** B***?

—Está sempre o mesmo, respondeu o sr. F*** C***, quasi phtysico, e apalermado, sobretudo desde que se casou com uma criada que tinha em casa.

Não respondi coisa alguma, pois que nem uma palavra poderia ter-me saido da bocca.

Esse namoro não passou d'uma creancisse, que

Digitized by Google

pio, na *Agulha Medica*, o sabio dr. *Lima Leitão* imputava aos medicos a morte da rainha, chamando-lhes publicamente assassinos, e convidando-os a declararem-se sobre as operações que tinham posto em pratica.

E' escusado dizer que o dr. Kesler era um d'esses medicos que soffreram calados estas asserções; e eu tremi lembrando-me d'isto, porque desde então os nomes d'esses homens ficaram-me gravados na memoria, e nunca mais os pude ouvir pronunciar.

Quando a companhia Albion me deu a carta para eu me apresentar em casa do sr. Kesler, foi um dos sacrificios da minha vida, tanto maior que cinco ou seis mezes antes ouvira contar esta celebre historia.

Uma senhora portugueza, ou brazileira, que ja tinha fallado uma occasião ao sr. Kesler, desejou fazer um seguro de vida. Em consequencia foi á companhia, e lá deram-lhe uma carta para o referido doutor. Com essa carta apresentou-se pois, no momento que o criado lhe abriu a porta para entrar na magnifica bibliotheca que elle possue, viu pela porta que estava aberta da sala um vulto escuro que soltando um guincho, se escondeu sem que podesse ver-se-lhe a cara, e saber se era bonita ou feia.

Um minuto depois entra na bibliotheca o sr. doutor com os cabellos arrepiados, as faces roxas, e com voz sobresaltada, pergunta-lhe:

—O que temos? o que me quer?

A estas interrogações desencadeadas entendeu a senhora que nada devia responder, e só lhe entregou a carta.

—Isto não é possivel, não é possivel, e não quero; disse elle afinal.

—Porque? perguntou a portadora.

—Porque a senhora está muito doente.

—Eu doente, sr. Kesler! exclamou ella.

—Sim, a senhora está doente e muito doente.

Digitized by Google

—Então devo confessar-me e cuidar na morte?! perguntou ella mais e mais admirada.

—É verdade respondeu elle, com todo o laconismo.

—Admira-me muito isso, sr. doutor, e o medico de minha casa, pessoa respeitavel e de credito na sciencia, achar-me de perfeita saude, e sinto que isto assim é, porque como bem, e durmo muito melhor ainda.

—Nada d'isso vale; eu digo que está doente, muito e muito doente!

Ella cruzou as mãos, fitou os olhos n'elle, e guardou silencio.

Assim ficaram de olhos fitos um no outro por espaço de alguns minutos.

—Então para que quer esse seguro? perguntou afinal o doutor.

—Eu lh'o digo com franqueza, respondeu ella, desejo com esse seguro e uns titulos da minha casa, levantar um emprestimo de dez contos de réis, para pagar aos meus credores, e eu poder viver tranquilla e desembaraçada.

—Sabe que não está agora bonita! ha um anno era *très gentille*.

—É provavelmente por isso, sr. Kesller, que ha um anno era v. ex.ª *très aimable* e agora...

—Agora o que? perguntou elle com intensa curiosidade.

—Agora, sr. Kesller, respondeu ella sorrindo e levantando se para sair; agora reconheço que a minha vinda a sua casa estorvou-o no agradavel têtê-à-têtê em que v. ex.ª se distrahia, e essa interrupção é que deu a v. ex.ª a amabilidade que hoje possue.

—Não, não é isso, disse elle todo atrapalhado, é que...

Ella não o deixou concluir, e comprimentando-o, saiu dando ordem ao seu cocheiro que a conduzisse para sua casa, onde ao chegar encontrou algumas vi-

Digitized by Google

sitas, a quem contou este *lindo conto* que se acabava de passar.

As pessoas que estavam na sua sala deram-lhe de conselho que não fizesse caso do dr. Kesller, nem das suas palavras, visto que elle era um homem de manias, e de pancada forte, para que não encontra na sciencia com que a natureza o dotou receita possivel para se curar.

Sabendo pois esta historieta, foi com bastante receio que me afoitei a ir a casa d'esse *querido* medico do sr. D. Fernando.

Digo receio, porque tremia de ir achar este *complaisant* doutor. n'um d'esses seus momentos de mania, ou como se diz vulgarmente, *de pancada na mola*.

Felizmente não aconteceu assim, e depois de trocarmos algumas palavras, deu-me uma carta para a companhia.

Parece que este manuscripto era todo em meu favor, pois que poucos dias depois recebia eu o meu seguro, e pude concluir a transacção que já estava em ajuste com o sr. Domingos José Marques Guimarães.

No dia em que eu devia assignar a escriptura e receber o dinheiro, foi o sr. Sant'Anna no caleche comigo para a cidade.

—Tu não vês, Josephina, me disse elle com ternura, que o que eu posso fazer em teu favor é para mim um grande prazer?! Hoje não vou ás côrtes, e eu tinha a palavra!!! mas receei que te enganassem, e comigo podes estar descançada que ninguem ousa illudir-te.

Chegámos a casa do capitalista. Apeámo-nos do trem. Subimos a escada. Trocámos algumas palavras. Fez-se a escriptura, e recebeu-se a quantia de quatro contos e quinhentos mil reis.

Quando voltámos a minha casa, achámos o sr. Alexandre Callaya e Maria da Gloria.

Digitized by Google

—Estou hoje rico! exclamou o sr. Sant'Anna estendendo as notas sobre a secretaria.

—Sempre concluiu a transacção? perguntou-me o sr. Callaya.

—Graças a mim; interrompeu o sr. Sant'Anna, que contava e recontava o dinheiro.

Fui sentar-me ao pé d'elle para fazer os massos destinados a differentes pessoas a quem eu desejava pagar primeiro.

—Aqui não se mexe; gritou elle, pondo-se em pé e estendendo as mãos sobre o dinheiro.

Admirei-me d'aquella *brusquerie*; é verdade que aquelle genio e aquella cabeça é uma especie de catavento, que se volta á mercê do ar.

Nada respondi, voltei as costas a elle e ao dinheiro, principiei a conversar com a Maria da Gloria, sobre umas pulseiras que ella estava fazendo.

O que eram quatro contos e quinhentos mil réis, para eu ficar em contemplação diante d'elles?!!

Para mim o oiro tem e não tem valor.

Desde a minha saida *do Sacré-Coeur*, conservei sempre uma imagem que uma das freiras, M.me de Taisseau, me deu. Essa imagem está no meu livro de preces, e representa um babu cheio de peças de oiro, e tão abundante d'ellas, que é tal a altura que o não deixa fechar. Em cima, por entre nuvens transparentes, apparece uma cruz no centro de um resplendor.

Por baixo da imagem lê-se o seguinte:

«L'or ne fait pas le bonheur, c'est la vertu.»

Esta imagem fez-me sempre ser philosopha em questão de dinheiro, por isso que elle nunca teve influencia sobre mim; vivo feliz com elle ou sem elle. Reconheço que é um metal necessario á existencia, e eis ahi tudo. Sei tambem que é um objecto que faz alguns homens praticar acções que vis gallegos não commetteriam

Digitized by Google

Metal que faz desvairar as mulheres sem sentimentos, unicamente para terem luxo!

Metal que faz vender muitas vezes a alma pelos caprichos do corpo.

Oh! infamia de que o oiro é causa! oiro, tu és quasi sempre a miseria do mundo!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

O sr. Sant'Anna pediu-me o livro dos assentos das contas dos meus crédores, e depois de o examinar separou quinhentos mil réis de que fez um masso que metteu na algibeira, dizendo-me:

—Guarda o resto para se pagar aos crédores; eu levo estes quinhentos mil réis, tiro uns cem mil réis que tu agora me deves, e o resto eu t'o guardo; conheço o teu genio, se te deixo aqui esse dinheiro, és capaz de o emprestar, e até mesmo de o dares, se alguem aqui vier chorar, e á uma por duas, estás sem vintem. O dinheiro que fica cá fechado não lhe mexas, não pagues a ninguem, porque sou eu que heide fazer esses pagamentos.

Olhando para o sr. Callaya, vi-o admirado, e Maria da Gloria estava com o seu sorriso sardonico escripto nos labios.

Veiu o criado chamar-nos para o jantar, e apenas acabámos, o sr. Sant'Anna saiu immediatamente.

—Que tal! exclamou Maria da Gloria, hoje vae elle jogar e amanhã dir-lhe ha que perdeu.... que lhe empreste mais.... e assim levará tudo.

—Não; disse eu levantando me por um movimento arrebatado; amanhã ficarei sem um real em casa! Fiz o sacrificio da metade do meu rendimento para pagar aos meus crédores, e amanhã eu lhes pagarei. Aproveito esta occasião para me separar para sempre do sr. Sant'Anna, não pelo espalhado que por ahi

Digitized by Google

corre, de levar o meu dinheiro, o que é uma grande falsidade, visto que a nossa posição sempre se conservou independente um do outro. Se algumas vezes elle me emprestava, ou eu a elle, assim que nos era possivel, religiosamente pagavamos a quantia em divida.

E' preciso separarmo-nos porque eu tenho genio orgulhoso de mais, para elle, indomavel egoista.

Ha um veneno para o qual a receita é facil, e que tem um effeito infallivel; esse veneno é o egoismo, o culto do *Eu!*

O egoismo que é contrario a todos os sentimentos, que é a negação completa da verdadeira amizade, é o veloz mensageiro de todos os males, e os sete peccados mortaes não são á sua vista mais do que uma perola, uma joia qualquer.

Não se pode tirar partido d'uma creatura assim; o unico meio é uma separação eterna.

No dia seguinte ao da transacção com o sr. Domingos José Marques Guimarães, ás nove horas da manhã, veiu a minha casa o sr. José Maria Dias Torres, dizendo que sabia da transacção que eu tinha feito, e que desejava receber o pagamento da sua divida.

Antes de lhe apparecer tinha eu dito ao sr. Sant' Anna:

—Acho que seria bom pagar a conta toda a esse homem.

—Tu estás doida? respondeu elle, olhando fixamente para mim.

—Não, sr. Sant' Anna, mas esse Torres é o credor que eu prefiro ver-me livre primeiro do que os outros. Deve considerar, que me vejo livre d'um apouquentador, e mesmo eu, pagando-lhe agora, fica-me essa porta aberta para qualquer afflicção em que me ache. Este homem, apezar de tudo, fez-me grandes obsequios, e pagando-lhe agora a sua divida toda, é para elle, (visto ser um homem que não vive senão para o dinheiro) é para elle, digo, um meio de o recompensar.

Digitized by Google

—Tudo isto são bonitas historias que elle te contou para te apanhar o dinheiro todo, e depois nunca mais te emprestava um real; finalmente, *eu não quero* que se pague mais do que eu disser, entendeste?

Quando o genio dominador apparecia, o melhor partido era calar-me, e foi o que eu fiz.

O sr. Sant'Anna, fallou ao sr. Dias Torres, e disse-lhe:

—Se o dinheiro chegasse, receberia hoje toda a sua divida; porém como M.me Neuville tem uma conciliação com v. s.ª para pagamentos determinados, estão em primeiro logar umas lettras que andam por fora, pois é justo que ella satisfaça a sua assignatura. Aqui tem, continuou o sr. Sant'Anna contando cento e cincoenta mil réis, do quarto pagamento da prestação conciliada. Aqui está mais, proseguiu elle contando outro masso de notas, o dinheiro que v. s.ª emprestou a M.me Neuville para ella receber o seu seguro de vidas.

—Mas, oh! sr. Sant'Anna, exclamou o sr. Torres, eu devo ser pago primeiro de que todos, e Madame tinha-m'o promettido.

—Promettido! se lhe chegasse o dinheiro; replicou o sr. Sant'Anna.

—Porém, a minha conta devia ser satisfeita em primeiro logar; balbuciou o sr. Torres.

Vendo que o caso podia chegar a uma altura como anteriormente tinha presenceado quando se soube a noticia do meu legado, e que o sr. Dias Torres queria obrigar-me a assignar-lhe uma conta, sem eu a poder examinar, n'esse dia em que o sr. Torres confessou tudo quanto um homem que tivesse um pouco de sangue nas veias nunca devia confessar; para evitar pois uma scena desagradavelmente similhante, fiz recordar ao sr. Sant'Anna que na sala estava uma pessoa á espera de cobrar uma lettra minha.

Digitized by Google

Despedindo o sr. Torres, foi comigo á sala terminar com mais um agiota.

Depois de resgatada mais esta divida, deu-me o sr. Sant'Anna o dinheiro para eu pagar ao sr. Thomaz da Costa Ramos.

Assim que chegou o trem que eu mandara vir, fui ao escriptorio do sr. Ramos entregar-lhe dois contos e duzentos mil réis, que elle me tinha emprestado.

Não posso deixar de aqui dizer, que apezar do conselho (circumspecto), o sr. Ramos é um perfeito cavalheiro, admiravel nas suas contas pela justiça e consciencia com que as trata.

A sua bondade leva o a fazer todos os serviços que lhe são possiveis, mas que infelizmente não são conformes aos seus desejos; porque achando-se o sr. Thomaz da Costa Ramos involvido na empresa dos caminhos de ferro do Barreiro, tem grande parte dos seus capitaes ahi empregados; bem como n'uma companhia de aguas, que se chegar a ter effeito será uma obra de magnifica utilidade para Lisboa, visto que o seu fim especial é introduzir agua em todas as propriedades.

Terminadas todas as minhas contas com este cavalheiro, não tenho senão de ficar-lhe sinceramente agradecida por me ter evitado de pedir reforma para as minhas lettras que estavam no Banco.

N'essa epoca paguei tambem varias contas, e como o dinheiro não me chegasse para saldar as minhas dividas nas casas Lombré e Elisa, dei á primeira, por ser a divida mais antiga, cem mil réis, por conta, e á segunda cincoenta mil réis.

Aproveito a occasião para dizer duas palavras sobre a casa Lombré. E' o estabelecimento de modas mais respeitavel que ha em Lisboa.

Lembra-me agora de repente um caso, que não quero deixar de mencionar, e por isso o escrevo já.

Em 1854 ou 1855, houve em Lisboa uma actriz ou

Digitized by Google

dançarina, que fez furor por ter passado de repente d'uma mina de carvão a ser protegida pelos raios benefícos d'uma estrella scintillante.

Oito dias durou na capital o infallivel *zum zum*, e não se ouvia dizer senão que M.elle *** tinha trepado arrojada a *escadaria* do ceo.

M.me *** de um estabelecimento bem conhecido tendo eu ido um dia comprar, não me lembro o que, disse-me n'uma d'aquellas orgulhosas confidencias que transportam as almas pueris:

—Não sabe? M.elle *** é minha prima, e minha prima direita!

—Ah! exclamei eu.

—E' como lhe digo, prima, e prima direita!

—E só agora é que a conheceu? perguntei cheia de curiosidade.

—Eu sabia, respondeu ella, que tinha uma prima, e que essa prima era bonitinha, mas com certeza só me certifiquei ha dias.

—Dou-lhe os parabens; disse eu.

—Agradeço por ella replicou M.me *** porque realmente é agora a mulher mais feliz que existe no mundo. Ella domina a *estrella*, e se quizesse casava-se... mas a minha querida prima quer provar o desinteresse do seu amor... accrescentou M.me *** dando um tom quasi sentimental a estas ultimas palavras.

—Pode-se provar o desinteresse, interrompi eu; mas quando se ama verdadeiramente, o coração fica satisfeito de poder estar certo do objecto que inspirou esse sentimento. Bem sabe que essa fortuna a que M.elle *** chegou é tão ephemera que o mais leve sopro de brisa a dobra e quebra. Creio que essa brisa ha de vir, se M.elle *** se apresentar em scena com certas joias tão conhecidas. A estrella pode ser constrangida mesmo a desviar-se de si, e então coitada! achar-se-ha outra vez ás escuras... e tudo por ter querido brilhar com ador-

Digitized by Google

nos tão luzentes, que mais poderosa estrella virá a fazer arrancar da sua cabeça . . .

—D'isso não tem minha prima receio. . . respondeu M.me ***; ella sabe dominar bem o seu cometa. . . Nunca a viu?

—Quem? perguntei eu.

—Minha prima; respondeu M.me ***

—Não, disse eu; mas já que m'a gaba tanto irei uma noite ao theatro para a ver.

Effectivamente poucos dias depois fui ao theatro e pude admirar essa perola decantada que tanto poder tinha sobre tão altas estrellas.

D'ahi por diante, sempre que fallava a M.me ***, levava ella mais de sessenta e cinco minutos a contar-me as obras de sua cara prima.

Pouco tempo depois, fusilou um relampago, o trovão ribombou com horrivel estampido, seguiu-se um tremor de terra, a estrella scintillante abriu-se, e uma das suas proprias faiscas acabou por destruir aquelle imperio apregoado!

Com effeito M.elle *** tinha caido no abysmo; tanto maior a queda, quanto mais foi a altura a que ambicionou elevar-se.

Tinha vindo para uma praia, appareceu um tubarão e levou-a pela barra fóra

Triste destino, o de tão grande imperio!

Então d'essa epoca em diante, M.me *** já me não fallava de sua prima direita; tinha-a perdido do modo porque a encontrou!

Admirada um dia d'esse profundo silencio, depois de tantas acclamações, perguntei a M.me *** o motivo d'aquella modorra.

—Ora! exclamou ella, eu não lhe fallo n'essa rapariga, porque ella me enganou completamente; serviu-se do nome de minha familia, fez-me acreditar . . . finalmente, ella não é minha prima.

. . . . . .

Eis ahi como são em todas as coisas d'este mundo!

Na opulencia, quasi dominando uma vontade que domina, era um anjo, uma belleza, uma santa, e queriam o seu parentesco!

Decaida, já não era nada, nem bonita sequer, nem prima em grau de direita... era só uma tola, nada mais.

Isto infelizmente não acontece só com as actrizes, dançarinas, ou mais insignificantes creaturas, pois que a historia nos dá o exemplo de reis desthronados, a quem até negavam as honras que se concede ás mais simples creaturas.

Quem bem comprehender este mundo, tambem o deve saber desprezar.

Sigamos agora as minhas memorias.

Como eu ia dizendo, a casa Lombré é a casa mais respeitavel que ha em Lisboa, tanto pelo seu bom credito, como pela consciencia que existe nas suas contas.

Desde a minha chegada a Lisboa tenho tido contas com esta casa, e nunca tive o mais pequeno dissabor.

Este estabelecimento não é como *muitos outros* que ha por ahi, que vendem um objecto por cem mil reis, e depois quando apresentam a conta, vem pelo dobro ou triplo.

Se alguem faz reparo do *engano*, passam a divida ao procurador instigando-o para que faça embargos e outras desfeitas.

A casa Lombré está superior a todas pela honradez e clareza das suas contas, e boa fé com que uma pessoa é sempre tratada.

D'este estabelecimento não se contam anecdotas, nem historias, e outras curiosidades talvez escandalosas.

Em 1854 quando eu estava a morrer, que todas as pessoas a quem eu devia andavam como lobos esfaimados, a casa Lombré conservou-se sempre silenciosa e digna com ella sempre foi.

Digitized by Google

«M.me Josephina vae morrer, lhe iam contar, mas nós compramos a sua conta.»

«Se ella morrer perderemos, paciencia, davam sempre em resposta; mas não queremos que uma senhora em quem temos toda a confiança, nos possa accusar de faltarmos a um dever para com ella.»

A casa Lombré é pois um estabelecimento serio, e incapaz de abusar dos seus freguezes.

Do emprestimo que me fez o sr. Domingos José Marques Guimarães, dei á casa Lombré cem mil réis á conta da minha divida; e fui depois terminar o pagamento do emprestimo contrahido com o sr. Thomaz da Costa Ramos para pagamento das minhas lettras existentes no Banco.

CAPITULO X

Principio de uma scena.—Desafogo d'alma.—Segunda e ultima vez á Floresta.—Uma mascara mysteriosa.—Passeio n'uma quinta.—Minha boa Candida.—O sr. Manuel de Jesus Coelho.—Saio da minha casa.—É nervoso.—Choro.—Cintra e o convento dos capuchinhos.—Fria reflexão.—Escrevo para Lisboa.—Resposta assustadora.—Os juizes enganados fazem uma injustiça.—Sou victima de uma vingança.—Tenho coragem.—Retrato de minha mãe.—Querem as batatas.—Rua do Ferregial.—O sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães.—7 de maio de 1857.—Ultima palavra sobre o sr. Sant'Anna.—Deixo para sempre a rua do Ferregial.

—Preciso de dinheiro para dar ao criado para ir amanhã ás compras; disse eu á noite ao sr. Sant'Anna, quando elle veiu de fora.

—Pois dá-lh'o; respondeu elle.

—Não tenho senão mil e seiscentos réis; respondi.

Foi tão grande o sobresalto d'esta noticia, que tendo

Digitized by Google

na mão o relogio ao qual estava dando corda, atirou com elle para o meio da casa.

—Não tem! exclamou elle olhando fixamente para mim.

—É verdade que não tenho, disse eu.

—Pois o dinheiro que estava na gaveta, e em que eu te *prohibi* de mexer?...

—Esse dinheiro, respondi eu, foi a custo de metade do meu readimento que o obtive; fiz esse sacrificio para poder pagar aos meus credores. A quantia que o sr. Sant'Anna levou, disse-me que era para haver sempre dinheiro em casa, eis o motivo por que lhe peço agora algum.

—Tu estás doida! tu pagaste!? Com que hasde agora comer? O dinheiro faltava-me, tinha umas contas a pagar, e por isso já me não resta nada. Mas como tu queres sempre fazer tudo á tua vontade sem me consultares, arranja-te como quizeres; eu não tenho nada, se precisas dinheiro manda empenhar alguma das tuas joias.

—Isso é uma brincadeira, porque eu não heide passar a minha vida n'esses embaraços; desempenhar hoje, e amanhã mandar empenhar outra vez, se o sr. Sant'Anna me tivesse dito que levava esse dinheiro porque queria pagar as suas contas, então estava prevenida, e teria pago menos. Porem disse que m'o levava para guardar, e era por esse motivo que eu julguei poder dispor mais largamente . .(1)

—Tu es tola! exclamou elle.

—Bem o sei, sr. Sant'Anna, e ha muito tempo; mas pouco falta para deixar de o ser.

(1) Elle dizia isto, não porque fosse verdade, mas como sabia que eu tendo dinheiro em meu poder, o que tratava logo era de pagar, chegando a ficar sem real, tendo depois que soffrer para o governo da casa, por isso digo que essas palavras que elle me dizia não eram verdadeiras, porque pouco tempo depois de ter voltado de Cintra, essa quantia me foi religiosamente restituida sem lhe faltar um ceitil.

Digitized by Google

—Que queres tu dizer com isso?

—Quero dizer que seis semanas antes do entrudo, tomei uma resolução que em breve porei em pratica.

—Tu não és capaz de tomar resolução; e de mais, tu não podes viver sem mim; e se isso acontecer, não passarás de ser M.me Josephina Neuville, e eu serei sempre o deputado Sant'Anna e Vasconcellos! e talvez um dia ministro!!

—Sim, interrompi eu sorriando, ninguem tira a v. ex.ª as suas *grandes honras*; mas a mim tambem ninguem me tira a paz da minha consciencia, e a confiança que tenho em Deus.

Realmente é uma coisa incrivel a presumpção d'este homem que julgava fazer-me sua escrava! que não considerava que a tristeza que dois annos nutria em minh'alma pela desillusão de todas as minhas esperanças, era como uma doença que se eu não lhe désse um prompto remedio, poderia causar-me a morte.

Quem ignora que uma idéa produz muitas vezes a mesma desorganisação que um veneno?!

Eu até á epoca do carnaval tinha feito algumas queixas ao sr. Sant'Anna do seu egoismo, e da maneira de tratar minhas filhas, e os criados; mas cada vez a sua conducta a este respeito se exhibia sem melhorar.

Desde o mez de fevereiro, em que eu tomei uma resolução irrevogavel, nunca mais me queixei nem lhe disse nada.

Les immuables douleurs n'exhalent aucun cri.

Porém de dia para dia conhecia que era forçoso uma roptura; e terei eu coragem para isso?

Sim, pois dois annos de soffrimentos e lagrimas era bastante.

Os ferimentos dos espinhos que eu recebi d'esse conhecimento do sr. Sant'Anna, ainda estão assignalados.

Amor, gloria, ambição, tudo é ephemero e funes-

Digitized by Google

to. São alguns astros egualmente perfidos, tendo apenas nomes differentes.

A morte é uma sombra de fumaça onde a chamma se submerge suffocada, não podendo romper.

Devia separar-me, ter forças para salvar os meus sentimentos antes que elles fossem de todo calcados aos pés; e não devia esperar que minha alma profundamente ferida se indignasse, acabando por amaldiçoar um homem que tinha amado.

A impostura é inteiramente estranha á minha alma, por isso não sei esconder a verdade.

Conheci o amor, os seus doces encantos, e os seus amargos tormentos.

Acreditando n'uma affeição mentida que me juravam ser verdadeira, de que lado parte o crime?

Na minha confiança, ou no abuso que fizeram d'ella?

Por um negro egoismo, fizeram-me soffrer cruelmente, mas não me lamento porque esse desengano deu-me experiencia.

Saberei salvar-me d'uma tyrannia tão barbara; deveria talvez odiar esse homem, mas nem para isso tenho forças.

Deixarei sempre existir um raio de amizade, não d'essa amizade sublime que é similhante ao amor sem azas, mas sim da singela amizade que é um fraco symbolo de uma luz que teve vida e foi brilhante.

A illusão de todas as minhas esperanças ficará reduzida á poeira que depois de calcada hade extinguir-se.

Dizer que as esperanças de felicidade para o meu coração se apagaram para sempre, seria mentira, porque sem esperanças não se pode existir, visto que ellas são a parte mais grandiosa das illusões, e para as almas sensiveis consideram-se indispensaveis, porque no dia em que ellas nos faltassem, só acharíamos socego e tranquillidade no tumulo!

. . . . . .

Digitized by Google

Um dia mandei buscar uma chave de camarote para a Floresta, e ahi fui com minhas filhas, o sr. Alexandre Callaya, e Maria da Gloria. Mas n'esse dia fui menos feliz do que no outro em que eu ia mascarada, porque apenas descemos do trem e entrámos na Floresta, a primeira pessoa que encontrámos foi o sr. Sant'Anna, que dirigindo-se a nós, exclamou:

—Então aqui! o que é isto?

—Venho distrahir-me; respondi eu.

—Volte já para casa com suas filhas, disse elle baixando a voz.

—Sim, depois de ver isto; e com toda a placidez fui andando para o camarote.

Dez minutos depois, veiu elle e disse-me:

—Então volta ou não volta para casa?

—Ainda não; respondi com descuidado socego.

Quando elle viu que eu me assentava no camarote e que tirava as capas das minhas filhas, disse olhando fixamente para mim:

—Já para casa, senão faço aqui um escandalo.

—E' livre, pode fazer o que quizer, como eu sou livre para me deixar ficar; respondi eu.

—Bem, bem, eu já volto, gritou elle; e saindo atirou com a porta.

A esse estrondo todos voltaram a cabeça para o camarote.

O sr. A*** M.*** que estava defronte, assim que o viu sair, veiu comprimentar-nos, e ficou conversando com o sr. Alexandre Callaya.

Minutos depois, uma voz pediu para que lhe abrissem a porta; vimos então entrar um mascarado de uma altura e magreza espantosa.

O seu dominó era preto e encarnado, distinctivos de Lucifer.

—Dou-lhe um conselho, M.me Neuville, disse a mascara; retire-se antes que o Sant'Anna faça alguma das

Digitized by Google

suas: elle já não está muito macio; e este aviso que lhe faço é para lhe evitar mais algumas lagrimas.

—Mais lagrimas?! porque, eu choro? perguntei rindo.

—Agora não; mas já chorou bastante, talvez mais do que devia, continuou o desconhecido; não fique aqui, senão passa algum desgosto.

—Seguir um conselho, disse eu, sem saber quem m'o dá, não o faço; ainda que não estou em Veneza, ha tanto de que me possa receiar.

—Pois olhe; disse elle voltando-se e tirando a mascara, que tornou a pôr n'um instante.

Levantei-me como se o poder de uma grande mola tivesse jogado em mim.

Fiquei realmente admirada, pois na pessoa que me aconselhava dando-se a conhecer, encontrei quem não podia de modo algum ser-me suspeito, e portanto pedi ao sr. Callaya de ir ver aonde estava o sr. Sant'Anna, afim de podermos sair sem receio.

Voltou, dizendo com voz suffocada que sahissemos depressa, porque a tempestade andava já muito carregada, e se nos demorassemos mais, surgiriam os relampagos e trovões.

O tempo que gastamos para pôr as capas ás duas meninas, a descer a escada e a entrarmos no trem, foi muito menos do que este que levo a narrar o caso.

Chegamos a casa.

Estavamos ao abrigo, senão do desgosto, ao menos do escandalo!

Já tinha dormido algumas horas, quando acordei ao estrondoso motim que estrugiu toda a propriedade.

Puxei o cordão da campainha para vir a criada, a quem perguntei o motivo de similhante alarido.

—E' o sr. Sant'Anna que entrou agora com tres sujeitos, mas elle...

—Temos cá gente de fora, disse-me o sr. Sant'Anna, que n'este mesmo momento entrava no quarto; man-

Digitized by Google

dei apromptar o chá e algumas coisas mais para cear; agora levanta-te para ires lá dentro.

Já algumas vezes tinha acontecido o sr. Sant'Anna trazer *alguns dos seus am gos* a horas improprias, e obrigar-me a levantar para fazer as honras da casa. —

Todas as vezes lhe advertia que me desgostava similhante procedimento; porém, n'esse dia achei que não devia discutir, porque estava proximo o final dos desgostos.

Silenciosa, levantei-me, e fui para a casa de jantar, onde vi tres caras que me eram totalmente estranhas.

Ahi demorei-me duas ou tres horas a ouvir fallar, berrar, e zurrar!

Quando me lembro, meu Deus, de tudo quanto soffri, não posso deixar de exclamar:

E' infinita a minha paciencia!

. . . . . .

Dois dias depois, fui n'um calechi com minhas filhas e Maria da Gloria passear á quinta do duque de Cadaval, aonde encontrámos o sr. A*** M***.

Andámos tres horas a conversar, a apanhar flores, e elle a jurar um amor eterno.

Elle era a pessoa que ajudava a salvar-me dos desgostos que eu passava!

Elle parecia de uma similhança incrivel com o meu sempre amado e chorado Henrique! eu tinha pois a esperança de o poder amar se elle o merecesse.

—Oh! jure que não faz as pazes com esse homem; disse elle, quando eu ia a entrar para o calechi.

—Juro! respondi eu.

—D'esta vez é verdade, ajuntou Maria da Gloria.

Os cavallos do trem partiram a todo o galope.

No dia seguinte principiou a minha correspondencia com o sr. A*** M***.

—Parece-me que a tua doença é fingida, disse-me um dia o sr. Sant'Anna; pois tu que nunca eras doen-

Digitized by Google

te estás agora ha seis semanas sempre incommodada, e não podes conversar sequer um momento comigo?!

—Effectivamente estou doente, disse eu, e bem vê que não como nada.

—Mas bebes café, porque é uma coisa que *não quero* que bebas, pois que te prejudica a saude.

—Porque me hade julgar um espirito tão contraditorio? bebo café porque é a unica coisa que tomo com prazer.

—Então se está doente, mande chamar um medico, disse elle com voz de semi-trovão.

—Não mando chamar um medico, respondi eu, porque elle nada entenderia do que soffro, e porque os medicos e a sciencia geralmente não teem remedio possivel para curar o moral.

—Então vá ao diabo! replicou elle com voz estridente.

— Ao diabo, não senhor, disse eu; mas ao ceo, ha dois annos que tenho merecido o seu caminho.

—A senhora está agora sempre doente; disse elle á Candida, minha criada predilecta, e unica testemunha dos meus tormentos; que o vinha chamar para almoçar.

—Hade ser hoje o dia! exclamei eu para a Candida, assim que elle voltou as costas.—Diga ao Antonio (criado da casa) que vá á cocheira, e me mandem já já um caleche.

—Veja lá bem, minha senhora; disse a pobre mulher com as lagrimas nos olhos.

—Tem-me visto soffrer bastante, murmurei eu com voz suffocada; afianço-lhe que hoje é mais facil morrer do que ficar em minha casa.

—Um phosphoro, Candida, bradou o sr. Sant'Anna.

Entrando no quarto, poz o chapeo na cabeça e accendendo o cigarro, disse-me:

—Adeus.

—Adeus, sr. Sant'Anna; pude responder com voz meia suffocada.

Elle saiu, e eu levantei-me.

Em poucos momentos minhas filhas e eu estavamos vestidas.

Digitized by Google

Para o meu plano era preciso dinheiro, e eu não o tinha; por isso mandei metter a caixa do meu faqueiro de prata dentro de um sacco, e munindo-me tambem de uns brincos, e de umas pulseiras, disse eu para a Candida:

—Tenho dinheiro, vou para o campo, e tudo fica acabado entre mim e o sr. Sant'Anna.

—Mas a senhora deve dizer-nos para onde vae; advertiu a pobre criada vendo que eu descia a escada.

—Pois bem, eu o digo; mas juram que não o dizem a ninguem? Vou para Cintra, mas se *elle* perguntar, respondam que não sabem Já lhe dei uma carta, amanhã leve-a ao sr. Manuel de Jesus Coelho

N'essa carta dirigia-me ao sr. Manuel de Jesus Coelho, pedindo-lhe que fizesse comprehender ao sr. Sant'Anna que não podendo soffrer mais, não me queixava e que me separava para sempre; que elle conhecia bastante o meu caracter para saber que a resolução que eu tomava, era irrevogavel.

Entrei no caleche com minhas filhas e a pequena, criada d'ellas; dei ordem para irmos á rua do Ferregial a casa do sr. Callaya e de Maria da Gloria.

Ao chegar perto das côrtes vejo o sr. Sant'Anna; elle conheceu-nos e mandou parar o trem.

—Então que é isto? exclamou elle; está quasi a morrer, não pode fallar, e vae passear?

—Bem sabe, respondi eu, que as pessoas nervosas precisam muitas distracções; em casa recordo-me de quanto tenho soffrido!

—Soffre o que? o que soffres tu? perguntou elle.

E sem me dar tempo de lhe responder, gritou quasi:

—Aonde vae agora?

—A' rua do Ferregial, respondi eu.

—Sempre á rua do Ferregial; eu já te disse que *não quero* que vás lá; se tu não sabes, eu t'o digo agora: aquella mulher . . . . . .

. . . . . .

Digitized by Google

—Eu não pertendo saber nada do que lhe diz respeito. Bem sabe que não sei nada d'ella, nem do sr. Callaya. Foram apresentados em minha casa por minha tia, (1) e eu não os conhecia. Se a Maria da Gloria é realmente vil e desprezivel, no dia em que eu tiver as provas, quebrar-se-ha este conhecimento, e não tornarei a pôr os pés n'essa casa. Como por ora não tenho provas, vou.

—Pois sim, tudo isto é bello, mas dá ordem para voltar para casa, disse o sr. Sant'Anna.

—Se eu agora mesmo saí de lá!!

—Vá ao diabo! gritou elle, e foi andando para cima, em quanto o caleche corria pela rua abaixo.

Assim que entrei em casa de Maria da Gloria, disse para o sr. Callaya:

—Offereceu-me de me arranjar dinheiro quando eu quizesse dando algum penhor, aqui lhe trago um faqueiro, e mostrei-lhe o sacco que tinha posto sobre uma cadeira, uma velha que lá servia, que Maria da Gloria dizia ser sua criada, e que dois mezes depois soube que era sua propria mãe!!

—Quanto quer? perguntou-me o sr. Callaya.

—O mais que puder obter; disse eu.

Em quanto ia apromptar-se para sair, contei a Maria da Gloria a firme resolução em que definitivamente me achava a respeito da minha separação do sr. Santa Anna.

—Eu não acredito ainda, disse ella com aquelle sorriso que tanto a faz parecer com um morcego, apezar de ella ser engraçada e bonitinha.

Duas horas depois, appareceu o sr. Callaya com o sr. A*** M***

(1) Deve-se notar aqui que minha tia foi tambem quem em 1854 introduziu em minha casa M.elle Agostinha Saignard. Por consequencia, já se vê quanto em tudo devo ser grata a minha tia.

Digitized by Google

—Então fugiu da sua casa? disse-me este ultimo apertando-me as mãos com alegria.

—E' verdade, respondeu por mim Maria da Gloria, e ha mais tempo que ella deveria ter tomado esta resolução: ha muito que lh'o aconselho.

—Então o que querem fazer? perguntou o sr. Callaya, olhando para Maria da Gloria, como um cãosinho que espera as ordens de seu dono.

—Vamos para Cintra, disse ella; hoje não porque já não ha tempo; mas Mme Josephina fica com as suas meninas em minha casa esta noite, amanhã partimos para Cintra, e depois de amanhã tu vens ter comnosco, *Alixande.*

—Cae bem, exclamou o sr. A... M..., porque parto para o Porto.

Eu já o sabia pelas cartas que tinha recebido d'elle, e por tanto não me admirei.

Porém Maria da Gloria fez muitas exclamações, muitos ah!! e muitos oh!! parecendo-lhe incrivel que duas pessoas que mostravam gostar uma da outra, achando-se em liberdade, não aproveitassem; coitada! ella não sabia, *nem podia comprehender*, que para alcançar a ventura perfeita, é preciso a serenidade em que possam descançar os sentimentos affectuosos que nos partem do coração.

—Agora que está tudo decidido, disse-me Maria da Gloria, vamos depressa para sua casa, porque são horas de jantar, e *elle* deve estar lá. Assim que elle saír, voltamos aqui.

Quando chegámos a minha casa, veio o sr. Saul'Anna esperar-nos no meio da escada, e com voz de Jupiter, bradou:

—Então que é isto? ha duas horas que estou aqui a esperar!

—Peço perdão, mas demorei-me mais do que eu esperava; disse eu.

—Não sou seu criado para estar aqui á sua espera! gritou elle com mais força.

Digitized by Google

A' vista de tão despotica arrogancia, senti todo o fel, que durante dois annos elle pouco a pouco tinha reunido no meu coração, senti, digo, transbordar-se.

—E' uma vez meu criado; eu bastantes vezes tenho sido sua criada!

E tirando meu chapeo, atirei com elle para cima do sophá!

—Então que é isto? que é isto? gritou elle; queres que eu...? e fixou-me de certa maneira significativa.

Aquella nova grosseria fez acalmar o sangue que me fervia nas veias e senti com o desprezo voltar todo o meu sangue frio.

Vendo que lhe não dava resposta, puxou a campainha, e disse para a criada que appareceu·

—O jantar para a mesa. . .

Foi a ultima vez que jantámos juntos.

Eu permanecia n'um frio silencio; mas pensava sobre aquelles dois annos que me tinham custado tanto e não podia deixar de dizer que a minha existencia estava quebrada.

Poderia ainda ter tido uma flamma em favor do objecto que amara, mas agora meu coração estava inteiramente mudado. Quando morre a esperança, desapparecem os derradeiros clarões produzidos pela effervescencia do amor.

Passando-se dois annos d'intimidade, chegando a um rompimento serio, nada mais tem o poder de fazer brilhar de novo uma luz que acabou de reflectir como o ultimo raio d'uma estrella do ceo!

Se por acaso o coração não fica morto de todo, e se acorda, é sobre outro objecto que elle deposita a sua felicidade, as suas illusões!

E' assim que nos fez a caprichosa natureza!

O sr. Sant'Anna vendo o meu silencio, que offendia o seu orgulho despropositado, conhecendo bellamente o meu genio, queria ver se podia obter que uma grande trovoada se levantasse, porque depois succederia a chuva, e em seguida o tempo sereno.

Digitized by Google

Eu porêm conhecendo tudo isto, e conhecendo mais ainda o meu coração, não quiz que a tempestade tivesse logar, por isso não me offendi com as suas palavras, com os seus gestos grosseiros, com os seus olhos que pareciam saltar fora das orbitas, nem com aquelle alargar das azas do nariz, que lhe davam uma expressão furibunda.

A sua palidez era extrema. Mau indicio!

Permaneci o mais insensivel que foi possivel; mas vendo que elle principiava de implicação com minhas filhas a ponto de bater nas mãos da mais pequena, creança que todos adoravam; vendo esta nova injustiça, senti as palmadas que elle dava na menina retinirem no meu coração, ao passo que as lagrimas saltaram repentinamente sobre o prato.

Então vendo isto, perguntou me:

—Porque chora?

Se eu lhe dissesse que era por aquellas pancadas dadas em minha filha ficava satisfeito, e isto podia arrastar comsigo o principio d'uma scena; para evitar pois qualquer explicação, respondi:

E' nervoso.

Elle deu um pequeno pulo na cadeira, rangeu os dentes, deitou-me um olhar despeitado, mas não disse uma palavra.

Felizmente acabou-se o jantar, e aquelle orgulhoso dominador exclamou:

—Eu venho hoje tarde.

—Adeus, sr. Sant'Anna; murmurei eu.

Chamei minhas filhas e disse para ellas:

—Digam adeus ao sr. Sant'Anna.

Elle fitou-me d'uma maneira singular, mas não disse nada e saiu.

Eu cumpria o meu dever; tudo estava terminado.

Quando senti fechar a porta da rua, caí sobre um sophá, suffocando com o lenço as minha lrgrimas.

Digitized by Google

«Meu Deus! murmurei eu; e é esta a despedida de uma vida de dois annos!

—E' essa sua coragem? perguntou-me o sr. Callaya.

—Oh! ella não tem coragem; prosegui Maria da Gloria.

—Não lhe dou resposta, interrompi eu, porque a senhora *não me pode comprehender*. Mas o sr. Callaya deve ainda saber ler n'um coração, para entender que se não quebram relações de dois annos sem grande soffrimento.

Agora que eu via que tudo devia para sempre acabar-se entre mim e o sr. Sant'Anna, era agora que eu conhecia, que eu comprehendia a força de amizade que este homem soube adquirir do meu coração. O que eu julgára que era apenas uma fraca linha, pelos soffrimentos que me causava aquelle genio, que um dia parecia o de um demonio, e outro o de um anjo, os desgostos causados por aquelle egoismo que matava o mais excellente coração, essa linha, julgava-por isso poder quebral-a facilmente, e enganava-me! enganava-me, porque ella se tinha refundido n'um fio de ferro!

Tinha amado esse homem com todo o desespero do soffrimento, queria que elle fosse para o meu coração um balsamo que suavisasse a dôr que experimentara. Confesso, amei-o com todo o desespero do remorso, a ponto de lhe dar minha vida se elle m'a pedisse!

A minha dignidade, e o socego interior da minha casa, faziam que entre mim e elle houvesse uma separação, e essa separação devia ter logar.

Eu ia soffrer o que soffri quando o principiei a amar, porque o fiz com remorsos!

E agora, ainda que me custasse a morte, havia de separar-me d'elle...

A luta que entre o meu dever e o meu coração se ia passar era horrivel, e só Deus a saberá!

As lagrimas, só elle lhes dará valor...

Digitized by Google

A força que será necessaria para resistir ao meu soffrimento, só nos olhos de minhas filhas e na religião eu a poderei achar, e onde tel-a? A cruz da redempção tinha sido mil vezes mais pesada, e Christo conduziu-a ao Golgotha para nos salvar.

Vou soffrer, soffrer muito; mas por fim, Deus bom e misericordioso terá dó e compaixão de mim!

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

O sr. Alexandre Callaya vendo as lagrimas deslizarem-se por minhas faces, acudiu dizendo-me com voz commovida:

—Deve pensar que essas relações foram a sua desgraça! deve meditar nos desgostos que passou para finalmente!...

—Oh! o que eu soffro, sr Callaya! tudo poderia ter esquecido, mas pancadas em minhas filhas... isso não, nunca! de ninguem!

—Pois não temos tempo a perder, disse Maria da Gloria, porque elle póde voltar; e sinto o cafeche que pára á porta. Dê as ordens aos seus criados, e partamos quanto antes, para chegarmos cedo a Cintra.

N'um instante tudo ficou decidido que nem em conselho d'estado, e entrámos no trem, que em breve nos levou á rua do Ferregial.

O sr. Callaya teve de sair depois para fallar a um homem que o esperava desde as cinco horas. Quando voltou já era tarde, e decidiu-se que só iriamos para Cintra no dia seguinte 3 de maio.

Effectivamente ás dez horas do dia immediato, entrámos n'aquella bella villa; ao apear-nos disse Maria da Gloria:

— A estas horas está o sr. M*** na altura... na altura... e ficou engasgada sem poder terminar.

—Na altura de que? perguntei eu; será do cabo de S. Vicente?

Digitized by Google

— E' isso mesmo, disse ella; sempre me esqueço d'este nome!

Desatei uma gargalhada vendo que ella queria fallar em geographia, e não percebia a minha zombaria, dizendo passar o vapor que ia para o Porto no cabo de S. Vicente, e caminhando o barco em tres ou quatro horas aquellas leguas.

—Porque se ri? perguntou ella.

— E' porque os vapores que vão para o Porto sempre naufragam n'esse cabo, respondi eu; o que mostra que S. Vicente não é advogado dos *Tripeiros*, nem de quem se digna ir visital-os.

Ella não percebeu nada; mas sempre quando se fallava na sua presença de alguma coisa que difficilmente podia comprehender, zangava-se, cantarolando alguma modinha, o que provava a delicadeza e esmero da sua apuradissima educação.

No mesmo dia em que chegámos a Cintra fomos aos capuchinhos. Depois de visitar esses nichos aonde os santos frades dormiam, descemos para a quinta, e emquanto o velhinho explicava tudo a Maria da Gloria, disse-me o sr. Callaya:

— Não esteja assim tão triste, M.me Josephina, deve considerar que esse rompimento é o socego das suas meninas, e a sua tranquillidade.

— E' verdade, respondi eu; e as lagrimas caiam-me pelas faces.

— Mas não deve chorar, continuou o sr. Callaya, rapaz que apezar de alguns erros imperdoaveis, possuia bom coração, e algumas qualidades.

— Não chore, proseguiu elle; deve ter consolação em pensar quanto o sr. M.*** a ama, e que ao voltar do Porto, tendo um perfeito conhecimento d'elle, tambem o amará.

—Não sei. respondi eu; mas receio o contrario; sem duvida que uma apparencia brilhante tem sempre um certo prestigio aos olhos de uma senhora, e mesmo é

Digitized by Google

necessario que ella não julgue tudo philosophicamente. Mas ella deve estimar mais o merecimento do que a apparencia; como deve preferir ser boa, a parecer agradavel. Uma senhora que tem um pouco de espirito, deve ter horror á frivolidade, á mentira, ao egoismo, e finalmente a tudo que estreita a nobreza do coração, e abaixa a dignidade do caracter.

—Vejo que não ama, e que nunca amará M.***; disse-me o sr. Alexandre Callaya.

—Porque? perguntei eu. Bem sabe que apenas o conheço; agora pelas cartas que vae escrever-me, é que o poderei julgar, e entender por ellas se o virei a amar!

— Não é possivel, tornou elle; não poderá nunca amar senão um homem superior, e M.*** é só um bom rapaz.

—Quando elle voltar do Porto, disse eu, é que lhe direi com sinceridade se as nossas vidas se podem unir, porque isso que acabou agora de dizer, que eu não podia amar senão um homem superior, é verdade. Sei que elle teve durante oito annos intimas relações com D. A.*** que se tem compromettido e sacrificado; elle deve-lhe pois, senão amor, ao menos reconhecimento e gratidão, e por isso não lhe deve dar o pungente dissabor de amar outra mulher. Se elle me tivesse conhecido primeiro do que a D. A.*** então o caso mudava de figura; porém, assim, elle deve viver só para essa mulher. Elle diz que D. A.*** pode ser sua mãe, é verdade; mas elle antes de lhe fazer a côrte, porque não reparou n'essa differença de edade? Se é esse um motivo para a não poder amar com as illusões da mocidade, é ao menos uma razão para lhe ter amizade, e respeital-a bastante para não dizer as infamias que diz d'essa mulher, pois que assim elle dá uma tristissima idea do seu caracter e da sua honra.

O sr. Alexandre estava calado, e creio mesmo que não ouviu uma unica palavra de que eu acabava de pronunciar, pois tal era o sentido que prestava ao ca-

Digitized by Google

minho que havia tomado *Maria da Gloria* e *o burriqueiro*.

Chamei minhas filhas, *gritamos* por Maria da Gloria, e descemos aquelles elevados montes tomando o caminho do hotel, aonde chegamos para jantar.

No dia seguinte escrevi para Lisboa afim de mandar buscar á casa Lombré um chapeo d'abas largas, para poder andar por aquellas montanhas.

Aproveitando a occasião mandei dizer a minha casa que só voltaria do campo oito dias depois.

Seriam sete horas da manhã do dia seguinte, quando chegou de Lisboa o homem que eu tinha mandado, e me deu uma carta do meu criado Antonio.

—Então não trouxe a caixa? perguntei eu ao burriqueiro.

—Não, minha senhora, só esta carta.

Não sei porque, senti minhas mãos tremerem, e abrindo o papel, qual foi o meu espanto vendo que me davam parte da entrada em minha casa, do juiz eleito e officiaes de justiça, guarda, cabos de policia, e beleguins, por despacho de juiz, a requerimento urgente, pretextando uma fuga, do sr. José Maria Dias Torres.

—Isto é impossivel; di se eu para Maria da Gloria.

—O seu criado que lh'o manda dizer é porque é verdade, respondeu ella.

Sentindo rodar um trem, corremos á janella. Era o sr. Alexandre Callaya.

Quando chegou perto de nós, disse com voz tremula:

—Vamos, vamos já para Lisboa.

—Mas então houve isto, sr. Callaya? perguntei eu; como é possivel uma coisa destas, se eu tenho uma escriptura publica, uma conciliação feita com esse homem, para lhe pagar dous e cincoenta mil réis todos os semestres, quando recebo da Junta do Credito Publico?! Nunca faltei a nenhuma prestação, a prova é que

Digitized by Google

ha cinco dias ainda lhe paguei cento e cincoenta mil réis conforme a nossa conciliação; é pois impossivel que o sr. Torres por esta acção tão indigna como injusta, tão infame como abusiva, quizesse perder o agradecimento que o meu coração lhe tinha pelos obsequios que me fez.

—Não é impossivel, não, me disse o sr. Callaya; porque elle requereu aos juizes pretextando que a M.me tinha fugido, e por isso lhe levaram toda a sua mobilia de casa para o deposito.

—Mas isso é uma infamia! exclamei eu, enganar os juizes, aproveitar as leis de um paiz para satisfazer uma vingança! Elle não ousa tomar satisfação ao homem que o vi ipendiou, e por isso deixa recair sobre mim todo o furor da sua colera; que miseria! Pois bem, continuei eu depois de um minuto de silencio, esse homem quer a guerra, teremos a guerra! elle não sabe que por bem fazem tudo de mim; mas por mal, nada, nada absolutamente! Vamos almoçar, e depois immediatamente para a cidade.

Assim foi. Nós vinhamos pelo caminho reparando no silencio uns dos outros. Este silencio entristecia minhas filhas e a cara do sr. Callaya era realmente a d'um desenterrado.

E' preciso dar alegria, disse eu comigo, e principiando a cantar uma simples melodia, acabei com uma aria da Norma.

O sr. Alexandre Callaya olhava para mim, e vendo-me rir do seu espanto, então sorriu um pouco.

—Que coragem! exclamou elle por fim.

—Pois assim é que deve ser, respondi eu, o embargo que o sr. Torres fez é um desaforo, é uma miseria, uma infamia. Porém como eu vejo um inimigo de frente, não tenho receio, o medo é só d'aquelles que encolhem as unhas á similhança dos gatos, para arranhar e ferir n'um momento de distracção. A coragem que eu tenho não é de admirar, estou no meu di-

Digitized by Google

reito, esta terra não é um sertão! Ha leis, pois são essas que hão de decidir para castigar essa mesquinha creatura de soberbo nome *Torres!* Elle para satisfazer uma vingança, mente aos magistrados, e obriga-os quasi a um acto despotico e absurdo; e eu para os castigar e desaffrontar-me, levo o meu direito aos tribunaes aonde farei cair a mascara a esse hypocrita delegado, para sua eterna vergonha.

Quando chegámos a minha casa, ainda ahi se achavam alguns officiaes de justiça, que a maior parte das vezes são os satellites da injustiça.

Ao entrar da porta, disse-me um d'esses homens:

—Não se pode entrar.

—O que?! disse eu.

—Não se pode entrar; replicou elle.

—Pois eu não posso entrar em minha casa? perguntei rindo-me.

—Não.

—Vou ao consul, e veremos então, disse eu.

—Vá; foi a segunda resposta.

—E' melhor deixar entrar esta senhora, disse o sr. Callaya, porque se ella fôr ao consul, podem depois os senhores passar mal.

—Deixe entrar; deixe entrar; gritou uma voz esganiçada á porta de cima.

—Podem entrar; disse o beleguim que nos vedava a passagem.

—Muito obrigado, senhor meu guarda portão; disse eu abaixando a cabeça e subindo a escada a rir.

Quando entrei, vi aquelles homens olharem para mim espavoridos, e um d'elles aproximando-se disse-me:

—Estamos admirados da energia de v. ex.ª

—A' vista d'uma maroteira d'estas, quem é que não hade ter energia? Eu não venho buscar coisa alguma, continuei eu para aquelles homens; mesmo seria um

Digitized by Google

pouco difficil, porque não vejo nada. Exijo sómente um retrato.

—O de v. ex.ª já foi; respondeu uma voz.

—Tambem não é o meu que eu quero, repliquei voltando-me para o lado d'onde partia o ecco da voz. E' o retrato de minha mãe, que exijo.

—O de sua mãe, tenho-o aqui, disse um d'aquelles honrosos empregados, mas não lh'o posso dar porque...

Interrompendo-o, disse:

—Pois não sabem que não podem levar retratos?t

—Podemos; responderam-me.

—Não senhores; podem quando os retratos teem ricas molduras, mas não uma gravura illuminada, por isso peço e exijo o retrato de minha mãe, que o não quero profanado dando entrada no deposito,

—Dá esse retrato; bradou a voz d'um d'aquelles, chamado Carvalho.

Foi-me entregue o retrato,

Toda aquella scena exaltara-me tanto, que assim que tive o retrato nas minhas mãos, arrancando o quadro e deitando-o para o chão, exclamei:

—Quero só o retrato!

Quando iamos descendo a escada, disse o sr. Callaya para o tal Carvalho:

—Vejam, não se esqueçam de deixar ficar alguma coisa; até pódem tirar as batatas do quintal.

—Já o quizeram fazer, respondeu o meu criado Antonio; mas o sr. juiz eleito não o consentiu.

Soltando uma estrepitosa gargalhada, bradei:

—Pois quizeram levar as batatas! Ora ainda bem, continuei eu para o sr. Callaya, ainda bem que veiu esta caricata nova para me fazer esquecer a zanga que tive do retrato.

Chegámos á rua do Ferregial.

Uma hora depois entrava o sr. Sant'Anna.

Digitized by Google

—*Que vous m'avez fais souffrir, Joséphine*, disse elle apertando-me as mãos.

—Pois pensa que eu não soffri tambem? respondi eu; mas era necessario, por isso tomei essa resolução.

—Tudo foi uma creancice da sua parte, redarguiu elle; mas que me fez soffrer muito, ao ponto de eu... eu chorar!... como o fiz diante do Manuel de Jesus Coelho.

—Creancice não é, é uma resolução irrevogavel! Soffreu, quero acredital o, mas eu soffri dois annos! e soffri calada! verti muitas lagrimas! o seu orgulho queria sempre quebrar o meu; por isso dois annos vivi nas maiores torturas, até que não pude mais!... Foi bom tudo acabar agora, pois que ao menos acaba ficando-lhe com uma amizade eterna!

—Se querem decidir hoje alguma coisa não teem tempo a perder, porque o deposito fecha d'aqui a uma hora; disse o sr. Callaya entrando e interrompendo o nosso dialogo.

—Não, hoje não se pode fazer nada, replicou o sr. Sant'Anna; já dei os passos necessarios; mas o que podemos ainda fazer, é ir ao escriptorio do meu amigo Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

—Vamos; disse eu com alegria.

—Conhece-o? perguntou-me o sr. Sant'Anna.

—Só de nome; respondi.

Durante o caminho que fizemos da rua do Ferregial á rua nova do Almada, fui pensando:

«Até que finalmente vou conhecer esse doido cheio de talento e de manias, esse homem admiravel, conhecido por tantas maluquices e excentricidades, esse irmão do sr. José Estevão, digno deputado e primeiro orador do paiz, orador bem comparado ao immortal Cicero.»

Não sei porque tinha ouvido fallar tanto n'elle, e no sr. José Estevão durante a grande enfermidade que tive em 1854, que me interessava o seu conhecimento. Ouvira então contar pela bocca da ultima enfermeira

Digitized by Google

que tive, e que foi tambem a que tratou do sr. José Estevão, quando elle esteve perigosamente doente, tantas e tantas coisas intimas d'esses dois irmãos, que não podia deixar de estimal-os e admiral-os juntamente.

Foi n'esse dia 7 de maio de 1857 que entrei pela primeira vez no escriptorio do sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães, confiando a esse illustre advogado todos os meus interesses; jurando me elle que antes de um mez teria tudo fora do deposito, visto não existirem leis que podessem coadjuvar o sr. Torres na maroteira que me tinha feito.

Foi pois no dia 7 de maio de 1857, que fallei pela ultima vez ao sr. Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos.

Tudo entre nós estava para sempre terminado.

Eu tinha soffrido bastante!!

A vida de dois annos de lagrimas estava para sempre acabada!

Meu coração soffria!!

Não se quebra uma intimidade tão longa, embora tempestuosa e martyrisada, sem se ter bastante coragem, grande força de resignação, a ponto da alma ficar quasi sem alento! Soffria muito, e Deus o sabe!

N'uma idéa, n'um só pensamento achei o conforto que me era necessario.

«Este homem nunca me teve amor!»

Estas palavras que passaram a meus ouvidos, como pelo effeito d'uma varinha magica, foram o balsamo que me incutiu coragem.

Nunca me teve amor, nunca amou, nunca hade amar ninguem!

Entre o seu coração, e o seu affecto, está um obstaculo invencivel — *o seu egoismo!*

Poderá ainda fazer acreditar que ama, isso póde, porque a mim tambem m'o fez acreditar, a mim, que sou das mais scepticas a esse respeito.

Acreditei é verdade, mas não foi por muito tempo.

Digitized by Google

D'essa epoca em diante é que fiz então a anatomia d'aquelle caracter bom, mas que um profundo egoismo, e um orgulho desmedido, arruina e perde.

Depois de ter fallado no sr. Sant'Anna, de ter escripto o seu caracter, como elle realmente é, resta-me desenhar o seu caracter como homem politico; esse é o d'um ente verdadeiro, e incapaz de atraiçoar a sua patria e o seu partido, seja por que somma fôr!

Assim como disse sem rebuço a verdade sobre o seu incomparavel egoismo, digo tambem o que é exacto e incontestavel, a respeito da honradez do seu caracter como homem publico.

O sr. Sant'Anna, como eu já o disse, é similhante a uma creança para quem souber e tiver paciencia de o querer levar.

Fallando-se-lhe como se diz vulgarmente ao seu coração, tem-se obtido tudo.

Uma creatura que não tiver orgulho, hade ser muito feliz como elle, que sonha dia e noite o modo de abater o orgulho dos outros.

Para isso, é preciso uma creatura que dependa tanto d'elle, que se não importe de servir-lhe de escrava e capacho. (1)

Em quanto ao boato espalhado de que elle me desfrutava, gozando-se do meu dinheiro, é uma calumnia.

Quem o conhecer bem, ter-lhe-ha feito justiça não acreditando esses boatos.

Por estas memorias se justifica que eu já tinha dividas, antes de elle vir a minha casa. Depois aquelle atrazo que tanto me embaraçou quando tive de pagar os direitos de transmissão concorreu progressivamente para o estado de difficuldade que me persegue.

(1) Acho que devo pôr aqui esta nota: a 12 de 1857 achou o sr. Sant'Anna na filha do sr. Villar de Perdizes com quem se casou uma perola, pois que essa senhora reune as mais eminentes qualidades á mais sublime dedicação.

Digitized by Google

Effectivamente, algumas vezes tive o gosto de emprestar ao sr. Sant'Anna algum dinheiro, ao que elle muitas vezes retribuia, emprestando-me tambem.

De parte a parte, a nossa posição sempre se conservava na independencia um do outro.

Entre nós, contrahimos dividas e essas dividas eram religiosamente pagas.

E não era de justiça, vivendo como viviamos, que nos ajudassemos nas nossas finanças, um ao outro?

Como se tem visto, os nossos genios sempre em opposição declarada, sempre em guerra como duas potencias fortes, os nossos orgulhos não permittiam favores que podessem abater um, elevando o outro.

N'estes combates se vinha ao campo qualquer d'estas balas era logo correspondida com uma de egual calibre.

Como homem politico, o sr. Sant'Anna em todo o tempo que escreveu no *Portuguez*, na questão de finanças, foi aonde mostrou mais desinvolvimento.

Embora pouco justo nas offensas ao ministerio, foi energico nos seus artigos, que sairam a publico bem fundamentados, e de um argumento muito feliz.

Dias depois d'aquelle memoravel e completo desfecho aos meus dissabores, recebo pelo correio um jornal do dia 8 de maio.

Admirada corro com a vista todas as columnas, até que vejo no noticiario estas famosas linhas:

«Um espectaculo desu ado:

«Hontem ás dez horas da noite, passava pela rua do Chiado um prestito desusado e que attrahia por isso a attenção geral.

«Uma chusma de gallegos conduzia a mobilia completa de uma casa, acompanhada por officiaes de diligencias e por municipaes. A mobilia era rica e de muito gosto. Cadeiras, fauteuils, sophás, etagers, chinoiserias, serpentinas ainda com os cotos das velas, piano etc etc. tudo ahi ia ás costas dos gallegos.

«Muita gente seguia o prestito, e as janellas abriam-

Digitized by Google

se, e não poucas pessoas appareciam attrahidas pelo borburinho e tropel da gente.

«A todos causava estranheza similhante espectaculo a taes horas da noite; nós, que n'essa occasião desciamos pela rua do Chiado, tambem nos admirou ver aquelles trastes acompanhados por municipaes. Julgámos ao principio que seria algum roubo, e como somos curiosos, para nos tirarmos da duvida dirigimo-nos a um individuo decentemente vestido e que parecia ser homem serio o qual estava parado, observando o caso.

—Sabe dizer-nos o que significa isto? perguntámos nós.

—Os trastes que ahi vão foram penhorados a uma dama estrangeira; respondeu-nos o tal individuo.

—Mas então a penhora fez-se de noite?

—Não senhor, fez-se de tarde; mas como a dama estava ausente em Cintra, foi necessario entrar á força na casa, precedendo autorisação judicial, e com assistencia da autoridade administrativa: foi por isso indispensavel redigir uns poucos de autos da diligencia, o que a demorou até estas horas.

—Mas porque se empregou tanta violencia?

—É uma violencia usada em taes casos; allegou-se a ausencia, ou perigo de fuga, isto não sei eu bem como foi, e procedeu-se á penhora.

—Se não sou importuno desejava que me dissesse, se o sabe, quem mandou fazer a penhora.

—Ouvi dizer que fôra um tabellião que emprestara dinheiro á dama, ou que comprara uma divida d'ella.

—Pois ha tabelliães usurarios?!

—Estão no seu direito, negociando á sua vontade.

—Assim será; mas parece-me que um tabellião não deve figurar em transacções d'esta ordem, especialmente quando tem um caracter usurario.

—A lei não o prohibe, mas a moralidade, o respeito que deve inspirar um official de fé publica, não permit-

Digitized by Google

tem que o tabellião seja agiota; sabe quem é o tabellião?

—Sei; digo-lh'o, mas não o divulgue.

Com effeito, disse-nos o nome do tabellião; é escusado porém que os leitores o saibam, porque não interessa a historia.

Despedimo-nos então do nosso informador, agradecendo-lhe a sua cortezia.

O prestito seguiu para o deposito publico, onde a mobilia devia ter entrado.»

Recebi tambem o *Portuguez* do dia 13, contendo o seguinte artigo:

«Que tabellião!»

«O *Jornal do Commercio* de sabbado, narrando a passagem de uma mobilia de gosto, que ás 10 horas da noite caminhava para o deposito, a embargo de um tabellião, admira-se que tambem senhores d'estes cargos se tornem usurarios, e isto sendo pouco minucioso, porque o autor da noticia apenas tivera tempo de indagar o motivo do pomposo acompanhamento dos moveis.»

«Nós, porém, bem informados da questão, vamos pôl-a em pratica porque offerece algum interesse, prevenindo as pessoas de boa fé, contra esses agentes sem consciencia, que apparecem subtilmente com boas palavras e obras, para depois levarem o fructo da sua miseravel agiotagem.

«A dama, a quem se refere o *Jornal do Commercio*, fizera ao tabellião o contrato de pagar de seis em seis mezes, uma prestação, para amortisar o capital da sua divida, e com effeito o sr. Dias Torres, que assim chama quem occupou o logar de delegado, e hoje exerce este outro, recebeu as trez primeiras prestações, e a outra vencia-se para o S. João d'este anno.

«Tendo se, porém, a dama retirado a passar oito dias em Cintra, o tabellião requer ao juiz um embargo, pretextando uma fuga da parte da sua devedora, e não sa-

Digitized by Google

bemos com que testemunhas, justificou esta falsa asserção, a que o juiz deferiu.

«Consta-nos que o tabellião sabia perfeitamente que a dama tinha ido para Cintra, e tambem que dias antes tendo ella comprado um faqueiro de prata ao sogro do dito tabellião, este lhe escreveu immediatamente pedindo-lhe o faqueiro em paga da sua divida; exigencia tão miseravel que todos certamente recusariam.

«N'isto o usurario jurou vingar-se; aproveitando-se da ausencia da sua devedora, entrara lhe em casa, e violando o contrato a que se achava ligado, executou o torpe absurdo projecto, de pôr a mobilia toda no meio da rua, pertendendo tambem as grades de madeira do jardim, e segundo nos consta, as batatas do quintal!

«Ao olhar d'aguia do dito tabellião, escaparam ainda uma estatua da cascata, e os peixinhos do tanque!

«Livre-se, pois, o publico de ter contratos com um homem d'estes que estando ligado a receber prestações, enganou o juiz com uma falsidade, para realisar um intento vergonhoso.

«A dama vae provar como era falsa a fuga de que a julgaram culpada, e nos tribunaes terá o tabellião de responder pelas perdas e damnos, que sem duvida hão-de ser grandes.

«E são homens d'estes que occupam no paiz os logares de importancia! São consciencias d'estas, que buscam para ornamento da magistratura!

«Os homens de bem são destituidos de todo o favor; os d'esta qualidade são accumulados de cargos, acreditam-se e obsequeiam se!»

Recebi depois tambem o *Jornal do Commercio* do dia 14 que dizia:

«Abusos da justiça.»

«São geraes as queixas pelos vexames que se estão praticando com os embargos ou arestos nos tribunaes de primeira instancia d'esta cidade.

«Este meio é concedido pela lei para segurança dos

Digitized by Google

crédores, unicamente nos casos em que se prova a certeza da divida, falta de bens de raiz, e suspeita de fuga; por ser odioso, só por excepção deve empregar-se, e é por isso que os juizes, honestos e escrupulosos não são faceis em os decretar.

«Em Lisboa está porém acontecendo o contrario; fazem-se embargos todos os dias, procura-se para isto um certo juiz e um certo escrivão, que parece serem os privativos d'estes processos; perguntam-se testemunhas de salto, e até se diz que ás vezes, em casa do escrivão e sem a presença do juiz. Decretado o embargo, procuram se certos officiaes de diligencias, os quaes mediante uma ritribuição mais avultada, invadem a casa do cidadão, lançam mão dos seus moveis, causando-lhe grandes prejuizos e despezas. E para estes vexames bastam os depoimentos de testemunhas que Deus sabe com que verdade depõem.

«O que aqui dizemos é uma verdade sabida de todas pessoas que frequentam o foro.

«Convencemo-nos de que basta esta prevenção para que o abuso cesse; porém se continuar teremos, contra nossa vontade, de tornar bem, publicos certos facto que sabemos e os que forem occorrendo, e não occultaremos os nomes dos que costumam figurar n'estas violencias e em tão escandalosos vexames judiciaes.

«O facto do embargo que ha dias noticiamos comprova o que deixamos dito. O tabellião credor sabia perfeitamente que a devedora não fugia; que não havia circumstancia que fizesse suppor a falta do pagamento, e apezar d'isso arranjou as testemunhas necessarias; fez o embargo com inaudita violencia e apparato desusado, deixando os moveis á chuva, do que resultou estragarem-se.

«Se houvesse mais escrupulo não se teria praticado similhante vexame.

«Outro abuso que existe no tribunal da Boa Hora; é que os empregados de justiça raras vezes se regulam pela tabella dos salarios; por qualquer acto do seu of-

Digitized by Google

ficio exigem o triplo ou quadruplo do que legalmente lhes pertence:

«Os officiaes de diligencias são os mais exigentes, nenhum faz uma citação ou penhora pelo salario da tabella; o que elles, com incrivel descaramento proclamam. Os juizes teem conhecimento d'estes abusos, a elles cumpre dar-lhes remedio.

«Tambem a este respeito possuimos grande copia de factos, que publicaremos, se não houver emenda, com os nomes dos individuos que n'elles tomam parte.

«Podem estar certos que seremos inexoraveis! é preciso que a justiça não seja um vexame, mas uma protecção».

E finalmente recebi o *Portuguez* do dia 19 de maio, aonde achei na correspondencia, o seguinte:

«Um tabellião de Lisboa.

Lisboa 17 de maio de 1857.

— Sr. redactor.

«Responder ao sr. José Maria Dias Torres, que n'este jornal de 15, inseriu as mais escandalosas embofias, deve parecer pueril, e com tudo é necessario, desprezando tanta picardia, observar as asserções d'este doutor, ex-delegado, e actual tabellião, que tem indispensavelmente pelas incontroversias que se encontram na sua correspondencias, a ingenuidade de quem parece não ter ido a Coimbra, porque admira que sendo tão bom agiota não tenha alguma reminiscencias de logica, e creio até que de algumas das partes da grammatica, visto a maneira porque redige o artigo.

«Diz o tabellião, que pertendia desmentir o caluminiador, e conseguiu-o tanto, como provará á sua devedora a quantia de que se disse credor, sendo o proprio a confessar que fôra obrigado por falta de provas ao abatimento de 136$000 rêis. Accrescenta que fôra chamado como advogado por parte de M.me Josephina, quando isto é uma evidente falsidade de que sou testemunha.

Digitized by Google

«O sr. Dias Torres foi offerecer-se á dama que o não conhecia, e que teve a imprudencia de se confiar das suas boas palavras e promettimentos, que protestaram assegurar-lhe a herança dos 40 contos de réis, promptificando-lhe voluntariamente alguns dinheiros, que Madame nunca teve a curiosidade de acceitar, e não á força como indigna e miseravelmente o tabellião publicou, dizendo que lhe chegaram a tirar 500 réis do bolso!

«A linguagem mostra bem uma certa avidez da parte d'este agiota, que levou a calumnia até este lastimavel grau! Esta asserção mentirosa e infamante não tem analyse, merecia corrigir-se de outra maneira.

«Os bons intentos, as generosidades, esse monte de serviços sem interesse proprio, que apregoa em seu desdoiro vergonhosamente esse fanfarrão de obsequios, que não merece exercer o logar que occupa, fizeram-se na mira do recebimento dos 40 contos, o que antes devera ter confessado, e não com aquella pureza de alma e magnanimidade de acções que se desconhecem no caracter d este sofrego agiota. Offereceu-se incontestavelmente, não diga que o chamaram, não busque a falsidade quando pertende accusar os verdadeiros de calumniadores.

«Toda a correspondencia do sr. Dias Torres o condemna de principio ao fim, e comprova a agiotagem de que anda fazendo victimas os incantos que o acreditam.

«O tabellião tem a temeridade de confessar que estava ligado a receber uma prestação em cada semestre de 150$000 réis, e o juro de 5 por cento, em quanto não pagasse 1:200$000 réis, e depois de se lhe não ter faltado a nenhuma d'essas prestações, como não é capaz de provar o contrario, requer ao juizo, dizendo que a devedora vae fugir, que perde o seu dinheiro; que é uma burla manifesta porque a dama de quem é credor tinha ido para Cintra, havendo recebido algum

Digitized by Google

juro das inscripções, que o tabellião diz ser sua garantia, como se o pagamento estivesse ligado a esse compromisso ou clausula.

«A devedora podia receber das inscripções o juro que pertendia, e não lhe pagar senão quando tivesse chegado o dia determinado da prestação.

«N'isto não houve burla, sr. dr. das conveniencias, houve uma insaciavel cubiça, uma voracidade incrivel!

«Confessa mais ainda este tabellião agiota, que para este fim (o do emprestimo) promptificara pelo seu muito amor á tranquillidade e interesse da sua antiga devedora, umas 5) libras. (Isto depois de soffrer o grave desgosto da sua primeira divida ter levado o corte de 136$000 réis, de que muito se queixára, e cuja perda era do seu dinheiro desembolsado!

«Como o sr. Torres se dera mal nos seus negocios com esta dama! Recebeu na occasião de se effectuar o emprestimo (seu segundo contrato com M me Josephina) uma certa quantia e que tambem teve a innocencia de confessar; mas como a sua avareza não estava sufficientemente satisfeita, exigiu miseravelmente, (como o affirmou) o celebre faqueiro de prata, que lhe tinha dado no goto, e que a dama fôra comprar ao sogro, isto pelo meio de uma carta muito attenciosa, propondo-se a perder 200$000 réis!

«Ora esta é que é a verdadeira questão.

«Como este apreciavel doutor e estimavel tabellião é muito puro de consciencia e tem na alma as famosas intenções de um outro Jacques Ferrand, faz negocios e empresta dinheiro só para perder avultadas quantias . . Realmente é admiravel este modo de negociar... Porém, o que admira sobre maneira é que não estando provada a fuga, como o sr. Torres embargou a mobilia! Ora . . como! se aqui não houve mais do que a recusa do faqueiro que brilhou tanto aos olhos do tabellião, agiota consciencioso, e que só trabalha para

Digitized by Google

adquirir licitamente para suas filhas o que pode alcança .

«Estas são as suas expressões; pertendeu ver se pelo sentimental, e fallando das filhas, enternecia o publico para que tivesse dó . . da sua miseria!

«Vejam que alminha tão boa atravessa escrupulosamente este mundo de traficancias e embustes! que consciencia tão pura e livre de peccado!

«Mas no meio d'estas santidades, nãe se esqueceu de se desculpar da asserção feita pelo apparato desusado de que se serviu, e declara que era indispensavel pelas pessoas com quem havia de lutar.

«Este combate effectuou se com a ausencia da devedora, e com as argolas da porta.

«O tabellião por modestia não quiz dizer que buscou grande numero de tropa para fazer maior o vexame, pela vingança mesquinha e insolente da dama não lhe querer dar para pagamento da divida o faqueiro de prata que era tão lindo! . .

«Em todas as palavras se conhece o despeito d'esta miseravel picardia, chegando ao arrojo inaudito de pintar falsamente um estado de nudez a que a devedora não chegou, porque em sua casa tinha ainda objectos de valor, que querendo desfazer-se d'elles, bastariam para livrar-se d'essa indigencia descripta mentirosamente, até receber o seu legado

«Saiba pois o tabellião, que a devedora não nega a sua divida, nem foge por similhante motivo, como teve a audacia de o querer fazer acreditar; mas protesta não pagar, até que em juizo lhe responda pelas perdas e damnos causados porque vae justificar com exorbitantes e incontestaveis provas, a falsidade d'essa vil accusação, e de algumas injurias tambem.

«O processo já foi instaurado, e lá no tribunal competente ajuizarão os factos e as consciencias.

O tabellião não chegou a possuir o faqueiro, mas ima-

Digitized by Google

ginou o intento das batatas do quintal e o das grades do jardim!

«Parece incrivel que até similhante ponto quizesse estender o sudario vergonhoso das suas villezas, até n'isto demonstrou que só era o culpado, porque pertendia uma desforra, e não a falta do pagamento por vencer.

«Ninguem veiu a publico defender o sr. Torres, foi elle o proprio que fez a sua apologia condemnando se mais.

A mim poderá alguem censurar-me, mas nem eu só tomei a peito esta questão, a imprensa debaixo de toda a imparcialidade commentou-a tambem, e a imprensa devia fazel-o. Embora lá vá o tempo em que os nossos cavalheiros tinham por santo dever o defender uma dama aggredida, a imprensa não consentirá jamais, que um homem abuse da confiança de uma senhora, e a affronte porque não cedeu a uma torpe cubiça.

«E é o sr. Torres o escolhido para exercer o encargo de tabellião!

«Deixem soltar o vôo d'essa ave perigosa, e consintam que a magistratura tenha por ornamento mais esse personagem.

Para justificar a devedora, basta dizer que não faltou aos seus pagamentos; para condemnar o crédor, basta dizer que um agiota nunca leva em mira fazer obsequios, tem sempre na idéa o .. o seu interesse unicamente.»

De v. etc. etc.
F. S.

Além destes jornaes que me chegaram á mão, alguns havia mais, e com especialidade a *Revista Universal*, dava tambem o caso a publico, admirando-se do escandalo

Disseram-me que esse sr. Torres escrevera contra mim, porém esse jornal nunca veio ter á minha mão, e eu não queria descer a mandal-o buscar, porque ás

Digitized by Google

vezes ha insultos tão baixos e tão ignobeis, que vale mais uma pessoa deixal os cair com desprezo no lodaçal d'onde sairam, porque d'esse modo á similhança d'uma bala elastica, vão saltar á cara de quem os lança.

Por as linhas que eu lja nas folhas periodicas, que me mandavam, conheci que se em Lisboa havia gente para fazer desfeitas torpes, e juizes para coadjuvarem similhantes abusos e injustiças, tambem havia quem tivesse bastante coragem para pegar na penna e castigar severamente a immoralidade do facto, defendendo quem era innocente, e desmascarando sem dó, o ultrajante e os complices d'elle.

Na conformidade das promessas do eminente advogado Antonio Augusto Coelho de Magalhães, e das promessas do sr. Severo pessoa a quem devo as maiores finezas pela maneira com que tratou d'este negocio, não se poupando a nenhum incommodo o sr. Severo Junior, conhecido pelo seu genio impetuoso, e pela honradez do seu caracter, tornou-se para mim crédor de eterna gratidão pelos obsequios que em tal caso me prestou na conformidade pois, d'essas promessas, voltava eu para minha casa, visto que a minha mobilia tinha saido do deposito e regressava tambem a ella.

Um mez tive que estar fora da minha casa, e esse tempo foi o mais insupportavel que passei na minha vida.

Esse mez estive em casa do sr. Alexandre Callaya, e de Maria da Gloria: Ahi tudo me repugnava: A vida d'esse casal, algumas das visitas antipathicas que iam áquella casa, e principalmente uma rapariga intima amiga, e antiga *correligionaria* de Maria da Gloria, a respeito da qual só fiquei bem sciente de certos factos, quando voltei para minha casa.

Antes d'isso, porém, já me revoltava a sua indigna conducta, pois que estava recebendo os beneficios d'um homem *casado*, que faltava talvez ao necessario a sua mulher e a seus filhos, para sustentar o luxo que essa

Digitized by Google

creatura lhe exigia, recompensando lhe isto, a partilhar com certo rapaz do *tom* os sacrificios do pobre credulo!

E ainda que fosse a força de amor, ou outro qualquer motivo devia saber afastar-se d'uma situação que a submergia n'um charco immundo.

Essa mulher dizia que não podia viver sem esse homem!

Isso é bello e grande, e até sublime no coração d'uma mulher; mas se o amava, porque não deixou o luxo e as modistas, invejas e caprichos, a sua lealdade e independencia, que faz sempre toda a mulher que quer provar que o seu amor é verdadeiro.

Margarida Gauthier no momento em que se dispoz a acceitar o seu amante, desprezava com sublime energia os montes de oiro que outro homem lhe offerecia. E ella trocou o fausto simplesmente pelo amor do seu apaixonado.

Sacrificios assim, revelam o amor, e tornam a mulher sublime.

Mas essa mulher não estava n'esse caso, e dizia que o seu amor não a podia afastar d'aquelle homem, por isso que o amor obriga aos maiores sacrificios.

Tal bocca infame proferindo isto, profanava a mais completa e divina das palavras.

Oh! essa mulher devia calar-se quando não quizesse confessar que n'ella o que só dominava era o vicio, e a perfidia! . . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Foi pouco tempo depois do embargo que o sr. Torres mandou fazer sobre a minha mobilia, que uma historia quasi principiada no Rio de Janeiro queria ver se obtinha principio e fim em Portugal.

Esta historia é uma infamia, e eu devia levantar ao

Digitized by Google

menos uma das pontas ao veo com que desejo encobril-o.

Mas não, as leis humanas obrigam-me a sepultar essa infamia, esse ultraje incrivel, de que farei um mysterio, o unico que se encontrará n'estas memorias.

Os srs. Sant'Anna e Vasconcellos, Antonio Augusto Coelho de Magalhães sabem se é o meu rigoroso dever ou não, guardar sobre esse mysterio um silencio sepulchral.

Se eu quizesse commetter esse crime, a minha situação mudaria, e estava livre de mandar todos os dias empenhar o que tenho; mais antes mil vezes todos os sacrificios, do que um crime! antes esperar que todos os recursos me faltem de todo, e tomar por ultimo expediente fazer um appello aos corações generosos, a quem a humanidade aconselhará que salvem uma mulher que esgotará todos os meios, que se arrastará aos maiores sacrificios mas que nunca commetterá uma acção contra a sua consciencia.

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Um mez depois de ter regressado de Cintra, deixava a habitação de Maria da Gloria, e jurei de nunca mais pôr lá os meus pés.

Repugnava-me ir para um hotel, fui para caza de essa gente, que apezar de virem quasi todos os dias a minha casa, eu não os conhecia ainda.

Porém quando o véo caiu, esse conhecimento não me podia convir.

Não acontece quando uma pessoa está no campo, ter de repente vontade de ir passear só? De sentir na solidão a doce brisa que respira entre a verdura, e que nos vem beijar as faces? Ouvir distante os murmurios d'um rio? e os olhos levantados admirando as brilhantes estrellas que fulguram n'um coo azul e sem nuvens?

Digitized by Google

Oh! de certo, é esse um prazer sublime!

Caminha se por meio de escuro bosque, por entre verdes ramagens, ao clarão d'um meigo luar, e o espirito entretido esquece-se do mundo positivo, transporta-se ás regiões do idéal, em que a alma se eléva toda a Deus! e as lagrimas rebentam dos olhos com jubilo, e n'um gozo infinito.

Assim se caminha sem ver o terreno que se pisa, sem saber o espaço que se vence; é porque a alma ali só existe.

Ao sair d'este encantado lethargo, o animo desfallece, os pés pisam agudos espinhos, e fica-se atormentada como acontece no fim d'um sonho em que tudo é doirado e illusorio!

CAPITULO XII

Final. — Plano. — Ultima saudade ás minhas amigas. — Pequena, mais sublime poesia de lord Byron. — Arremate.

Remato pois estas Memorias, não devendo comtudo fechal-as sem deixar n'ellas algumas palavras de agradecimento ás pessoas com quem tenho tido contas desde a minha chegada a Lisboa, sobretudo em especial á casa Lombré, estabelelecimento muito digno por todos os sentidos; de um commercio leal, honradez, probidade, e merecedora de todo o conceito e confiança.

E a casa de modas em Lisboa frequentada pelas pessoas mais sisudas da verdadeira sociedade, e que não consta ter ainda apresentado duas contas a um freguez, com duas sommas diversas, aonde parece que uma especie de juros faz crescer as parcellas, visto que a primeira diminue da segunda.

Em todo o periodo que fiz gasto da casa Lombré, nunca achei abuso nas sommas.

Digitized by Google

Succedeu muitas vezes terem-lhe ido propôr a venda da minha conta, e ella nunca acceitou.

M.me Ponete que está á testa do armazem, merecera de S. M. a sr.ª D. Maria II uma decidida sympathia, de que realmente foi digna, porque se não poupa para agradar tornando-se querida das pessoas que tratam com ella.

Este dote privilegiado não é facil de encontrar-se n'outro qualquer estabelecimento, em que ás vezes á propria grosseria afugenta os compradores.

Para fazer justiça á casa Lombré basta dizer-se que não tem demandas, e que os seus freguezes se uma vez succede não poderem pagar, estão livres de verem á porta um *beleguim*, com mandados de penhoras e de embargos.

Se tenho, por infelicidade minha, tido contas com algumas pessoas de má fé, em compensação encontrei tambem pessoas de toda a honradez, sendo uma d'essas o sr. João Soares Zagallo, com armazem de moveis na rua Nova Carmo, pessoa de toda a confiança e probidade.

Os seus preços são algum tanto altos, porém sabe-se que tudo quanto sae da sua loja é bom, solido, e o mais bem trabalhado possivel.

A delicadeza que este artista usa com os seus devedores, faz que sempre lhe tributem sinceros agradecimentos.

O sr. dr. M.*** A.*** é que me obteve não sei se por elle, ou por alguem do seu conhecimento seiscentos mil réis sobre uma lettra com a minha unica assignatura. A esta evidente prova de confiança, heide sempre conservar-me grata, por me julgar incapaz de commetter um abuso, e não erraram por mais avultada que fosse a quantia.

Este doutor espiritualista critico, é temivel nas suas empresas, e muitas pessoas de um nome conhecido,

Digitized by Google

soffreram resignadas o golpe de uma setta mais ou menos ajuda.

Arrematarei pois aqui estas Memorias do primeiro periodo da minha vida, esperando talvez no segundo que me não resta menos que contar se a paciencia me não faltar, e se os curiosos não receberem mal esta sincera confissão em dois volumes.

Se os meus queridos leitores e leitoras commomovidos de algum interesse por esta sua muito humilde serva, quizerem saber novas minhas, podem indagar como existo n'este mundo.

Mal pelos bens materiaes, mas descançada e feliz, porque tenho a consciencia em paz, e a esperança em Deus!!

Estes dois beneficios do ceo dão força e coragem.

Eu que não queria sair do *Sacré-Coeur*, que desejava consagrar a minha existencia a Deus, farei de conta que esta casa aonde habito é um pequeno *Sacré-Coeur*, sem capella, e sem freiras, é verdade, mas tão sujeita ás inspirações divinas, que lá nos elevava a Deus, como a sinceridade da prece tão filha de um amor profundo ás coisas sagradas.

Era assim no *Sacré-Coeur* de Conflans, e no da rua de Varennes.

Eu que ambicionava a vida de tranquillidade perpetua das minhas queridas damas d'aquella santa instituição, como sou agora tão feliz como ellas?!!

Soffri muito, é verdade, passei por bem crueis tempestades da vida; mas estou (espero eu) no porto do salvamento.

As religiosas amavam a Deus! Mas quem as amava a ellas? Algumas pensionistas como eu então!

Quanto sou mais feliz do que ellas! amo a Deus de todo o coração, e para ser amada tenho as minhas filhas!

E' verdade que sei, que muito bem conheço que sou ainda nova para fazer protesto de morrer para o

Digitized by Google

amor, e como não juro senão quando tenho a intima certeza de cumprir; nada juro ainda, mas digo que fugirei quando sentir que meu coração intenta accordar do meigo lethargo em que existe.

Terei receios de amar é verdade, porém se houver uma creatura no mundo que me diga:—amo-a!— e que respeitando o affecto que sempre heide conservar a Henrique, comprehende quanto meu coração soffreu por esse terrivel golpe que passei, que saiba amar como se ama uma p' bre flôr, cuja a existencia depende da execução dos seus caprichos, porque se vê quasi vergada para o chão, e só mão delicada poderá erguel-a e sustental-a; oh! então, sim, essa creatura, amal-a-hei com todo o extremo do sentimento da ternura. Então poderei fallar-lhe livremente de Henrique, sem que venha converter em crime esse amor puro e santo.

Uma creatura que reunindo á alma verdadeiros sentimentos, possa dar um valor devido aos terriveis dissabores da minha vida; oh! a um ente assim, parece-me que dedicaria, não só o affecto, mas excederia á paixão do amor reunido ao desespero.

O mundo, a sociedade dirá:—E louca.

E eu responderei: o mundo é parvo, a sociedade é má!

Certamente eu nunca serei mais philosophica de que J. J. Rosseau que diz:

«Se Deus, dando as paixões ao homem, quizesse ao mesmo tempo que elle as soffocasse, Deus seria contraditorio querendo e não querendo... O que Deus quer que um homem faça, não lh'o manda dizer por outro homem, escreve-lh'o no fundo d'alma.»

Isto é bem verdade. Deus será o meu amor sublime! minhas filhas, um amor d'alma, um amor materno!

Resta o amor exaltado e romantico, e como esse não existe senão n'algumas cabeças, se acaso me sentir animar na luta d'esses sentimentos tempestuosos, *comba-*

Digitized by Google

terei; abrirei um livro, verei o retrato do Tasse ou do meu querido Lord Byron, e essas cabeças tão sympathicas d onde sairam versos tão sublimes me consolarão (espero eu) do *neant* da existencia.

Os versos d'esses dois grandes e verdadeiros amantes serão para mim uma pergunta, e eu lhe responderei.

Eis pois a minha vida, os meus planos combinados, e depois de ter soffrido tanto, posso dizer finalmente:

— Estou feliz, visto que estou descrente, e continuarei, se o phantasma de França, e a coruja de Lisboa, não intentarem alguma nova machinação contra a minha tranquillidade.

Recordar-me-hei sempre das seis amigas da minha vida:

M.me de Broin, dama religiosa do *Sacré-Coeur*, linda e candida flor, involta em negra veste, transportando a sua branca alma ao ceo! Flor mimosa perdida para o mundo e existindo sómente para as regiões celestiaes! Cabeça romantica, coração exaltado, mas tudo para Deus! para Deus unicamente!!

M.elle Louise *** que, pensionista como eu, estava no *Sacré-Coeur*, adorada por todas as suas companheiras, querida das *damas* e de todos que podiam admirar as suas virtudes; mas que o destino fez voar ao ceo, como só vôa um anjo!

M me Qall, que se ainda existe, me guardará a mesma recordação que eu tambem lhe conservo, pois que foi sempre para mim amiga verdadeira e mãe extremosa.

Frederica, a minha querida Frederica, que foi reunir-se a Luiza, para supplicar juntamente a Deus, protecção e misericordia para a sua Josephina.

Pilarcita Guido, filha do ministro de BuenosAyres (no Rio de Janeiro) que talvez no meio das suas grandezas já se não lembre de mim; eu que guardo no cora-

Digitized by Google

ção a sua imagem, como a doce recordação de uma flor mimosa!

Emilia Pereira da Costa, virtuosa senhora, amiga sincera que tive em Lisboa, e que a fatalidade quiz, poucos mezes depois de eu aqui estar, fazer subir a etherea mansão e reunir-se com Frederica e Luiza, para assim como tres anjos pedirem por mim perdão ao Creador, e protegerem de lá minhas duas filhas, para quando eu deixar tambem de existir e Deus me dar forças de abandonar a vida, e eu levar a consolação de ver minhas filhas amparadas, e livres para *sempre* de *toda* a minha familia.

Eis em toda a plenitude o meu futuro:

Adorando a Deus, amando minhas filhas e cuidando da educação d'ellas, pois que a educação é o mais bello dote que uma mãe pode dar; tive a felicidade de encontrar a sr.ª D. Guilhermina Ferreira, pessoa muito de bem, e que por isso a sorte perseguiu, sendo seu marido victima de uma atroz injustiça, e achando só na resignação de sua esposa o consolo dos seus amargurados dissabores.

A mestra de piano é D. Delfina Adelaide Moreira, que eu tive egualmente a felicidade de encontrar; é uma menina de dezenove annos muito prendada, sendo seu pae empregado no Paço.

Ainda bem nova, possue já um talento que demonstra que se quizer applicar-se, poderá ser uma brilhante prosora.

A estas duas senhoras peço do intimo d'alma de continuar a sua amizade a minhas queridas filhas, no caso que Deus me chame brevemente para si.

Digo pois:

Eis a minha vida.
Adorando a Deus
Amando minhas filhas.
Indagando de Petrarcha e do Tasso.
Conversando com Lamartine.
Imaginando com Lord Byron.

Digitized by Google

Contando com Victor Hugo.

Chorando abraçada a um retrato!

E philosophando com alguns autores alemães, pois esses são os verdadeiros phylosophos.

Peço perdão lá no céu ao sr. J. J. Rosseau de dizer esta verdade.

Serei feliz se por acaso a sorte não fizer o meu futuro adverso; no meio d'esta paz domestica, podem aïnda bellos dias sorrir-me.

«Ter fé, e esperar! Diz Alexandre Dumas, terminando um dos seus bellos romances.

Recordo-me agora d'esta bella poesia do immortal Lord Byron, e a qual eu dedico á memoria do meu sempre chorado Henrique:

«Ils disent que le bonheur c'est l'esperance; mais le veritable amour attache plus de prix au passé, et la memoire reveille les penseés qui nous sont cheres: écloses les premiers, elles sont les dernieres a se flétrir.

Et tout ce que la memoire aimé d'e plus n'est ce que l'esperance a caressé longtemps; et tout, ce qu'adora et perdit l'esperance s'est absarbé, daus la memoire.

Helas! tout cela n'est qu'illusion: l'avenir nous seduit de loin: nous ne pouvous plus être ce que nous regrettons et n'osons penser a ce que nous sommes.»

Depois de citar as divinas palavras do famoso lord inglez, que tão bem comprehendia a alma, que mais poderá dizer a pobre annotadora de reminiscencias, que se não tem a perspicacia dos elevados talentos do grande poeta, conheceu e partilhou dos mesmos sentimentos que lhe fizeram entender a alma; e cada uma das linhas de qualquer d'estas paginas, pode attestar se teve coração para saber o que ella é, e para poder pensar o que ella vale!

FIM DO ULTIMO VOLUME

Digitized by Google

INDICE

CAPITULO I. Sr. J. L Lassence—Sr. Alfredo Martin mettido n'um hospital de doidos—Rilhafolles — Sr. Lassence parte—Sr. Martin volta para casa—M.me Levaillant está doente—Duas lagrimas por ultima despedida—Presentimento—Um relogio parado—Ultimo passeio—Henrique está doente—Ultimas palavras de um adeus eterno—Fatal relogio—Morreu! 3

CAP. II. M.elle Malvina—Sr Manuel Pinto da Fonseca—As flores em redor de um tumulo—Vou ao theatro—Sr. Fonseca e um beijaflor—Juram-me vingança—Annunciam-me uma belleza, e vejo uma pulga industriosa—Portugal refugio ás seducções — Oitocentos mil réis—Sr. Fonseca vae a Paris — Apuros —Sr. João Caetano de Oliveira Bastos---O meu retrato---Estou doente---O sr. Fonseca no Lazareto---Sr. José Candido d'Assumpção --- M.me Levaillant ---Cartas anonymas---As grisettes em alvoroto — Agostinha Saignard---Sr. Veigas---Sr. doutor Bernardino Antonio Gomes—Meu confessor o dignissimo sr. prior dos Martyres—Presentes para mim que nunca me vieram á mão---Os brilhantes---Engano de um passeio 21

CAP. III. Chegamos a Bellas—Sei o mysterio de uma historieta---Agostinha não me convem---Franca explicação com o sr. Assumpção---Quinta do conde de Pombeiro---Entramos em Lisboa á hora da missa do gallo---O sr. Fonseca está doente---Celebres livros dos recibos---Os passaros fazem barulho---Um regedor em resultado de umas argoladas---Decisão do sr. José Lino Alves Chaves---O sr. Assumpção perde a cabeça---Terceira penultima carta do sr. Fonseca---O sr. Chaves promette-me a sua amizade---O sr. Chaves exelama: Victoria. 45

CAP. IV. O sr. Bastos principia a mostrar os seus dentes---O sr. Chaves salva-me de um lobo---Venho morar para a rua do Loreto n.° 72---Quero que uma carta seja entregue—Embaraços---Marquez de. . . não ---O sr. Serra apresenta-me o sr. Sant'Anna---D. An-

Digitized by Google

tonia Gertrudes Pusich---O sr. José Maria Dias Torres---Primeira explicação---Carta anonyma---Mysterios das Ave-Marias, revelados pola sombra de Belzebuth ---Já tarde me recordo da buenadicha, que me leram na Bohomia---Ultimas palavras sobre M.me Levaillant---Primeiro desengano 64

CAP. V. O sr. visconde de Thamneberg.—Era hotel, ou hospedaria? — Vida d'alma n'um retrato. — Pensamentos no meio de uma insomnia.—Santa Cecilia está deshonrada.—Tirar a medalha, não.—Idas a Cintra. —O que são os ciumes.—Morte do sr. Manuel Pinto da Fonseca.— O sr. D. Francisco de Judicibus, e o seu amigo José Maria Dias Torres. — O sr. José Ferreira da Silva faz-me um embargo por elle, e por minha tia.—O official agiota, João Caetano de Oliveira Bastos, faz-me um embargo. — Vê-se as leis de um paiz.---Canto no meio das marteladas. ---Cubiça que causa um legado.---O Achilles e o delegado ---O sr. doutor Barradas 89

CAP. VI. Penuria---Celebres almofadas---Uma senhora com fama de generosa---Bella acção do sr. Fidié---Grandes apuros --- Rifa---O sr. T*** Reflexões --- Recebo o meu legado ---Linda vivenda --- O sr. Manuel de Jesus Coelho---O sr. Raymundo de Bulhão Pato --- O sr. L. A. Rebello da Silva--- O sr. doutor Thomaz de Carvalho--- O sr. Antonio Rodrigues Sampaio ---O sr. Latino Coelho --- O sr. José Maria do Casal Ribeiro---O sr. Antonio de Serpa---O sr. Mendes Leal --O sr. Lopes de Mendonça --O sr. José Estevão Coelho de Magalhães --- O sr. João Lobo. . . 106

CAP. VII. Felicidade n'um retrato --- Triste mez de janeiro de 1857---Duas lettras minhas no banco--- O sr. Augusto Xavier da Silva---O sr. Thomaz da Costa Ramos--D. Fernando Regente---O sr. visconde de Rilvas ---Os archeiros---A sr.ª viscondessa de Rilvas, e a sua interessante filha 129

CAP. VIII. A sr.ª D. Antonia P.---O sr. Tavares dignismo prior de Santa Izabel---O sr. conde de Paraty--- ---Algumas palavras sobre o sr. duque de Saldanha--- Epoca dos trabalhos eleitoraes --- Deve sim ou não ter farda? ---O sr. Antonio Maria de Fontes Pereira

Digitized by Google

de Mello---El-rei D. Pedro v---O corretor Guimarães ---O sr. Silva, bronzeado---Difficuldades---O sr. João Maria de Figueiredo Frescata, e as duas lettras do sr. conde Lucotte --- Ultima palavra sobre Georgetta --- Ultima palavra sobre os poetas---Reflexões 146

CAP. IX. O sr. Alexandre Callaya, --- Reflexão. --- A sr.ª duqueza da Terceira. --- Marechal duque da Terceira. --- Ainda pequena reflexão. --- O casamento é ou não é bom. --- Drama de Victor Hugo, --- Ainda sobre o casamento. --- Sou como S. Thomé. --- Forte resolução. --- E' preciso uma barreira. --- Soffrimento. --- Sou madrinha. --- Exm°. sr. ministro do Brazil. --- Estou doente. --- Tristeza --- Terei --- ou não força de tomar uma resolução. 173

CAP. X. Floresta — Sr. Alexandre Callaya, sr. Torres, sr. A. M. sr. José Lino Alves Chaves — Dialogo — Reflexão — Discussão — Delicadeza de um deputado — Illusões — Meu seguro de vida — Dr. Kesller --- Concluo uma transacção --- Ultimas palavras sobre o sr. Thomaz da Costa Ramos. 188

CAP. XI. Principio de uma scena. — Desafogo d'alma. — Segunda e ultima vez á Floresta. — Uma mascara mysteriosa. — Passeio n'uma quinta. — Minha boa Candida. — O sr. Manuel de Jesus Coelho. — Saio da minha casa. — È nervoso. — Choro. — Cintra e o convento dos capuchinhos. — Fria reflexão. — Escrevo para Lisboa. — Resposta assustadora. — Os juizes enganados fazem uma injustiça. — Sou victima de uma vingança. — Tenho coragem. — Retrato de minha mãe. — Querem as batatas. — Rua do Ferregial. — O sr. Antonio Augusto Coelho de Magalhães. — 7 de maio de 1857. — Ultima palavra sobre o sr. Sant'Anna. — Deixo para sempre a rua do Ferregial. 215

CAP. XII. Final --- Plano --- Ultima saudade ás minhas amigas. --- Pequena mais sublime poesia de lord Byron. --- Arremate 252

Digitized by Google

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,.. ..... 22:000
Encadernada..... 27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Têm completos 3 vol, em papel..... 11:600
Encadernados..... 13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... 200

M. M. B. DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol 4:320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2:880

LIMA LEITÃO

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr..... 1:200

REBELLO DA SILVA

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr..... 960
A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... 480
Othello ou o Mouro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. 300

MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360
Homem de Oiro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr 300
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400
Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol 8.º fr..... 300
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480
Cantiços. 1 vol. 8.º fr..... 720
Alva Estrella, d. em 5 actos.... 300

F. SOARES FRANCO

Sermões, 2 vol. 8.º fr. contendo 24 Sermões..... 960

ANTONIO DE SERPA

Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr..... 400
Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio... 6:750
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720
Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr..... 400

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 3.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr..... 600
Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.... 360
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos. 1 vol 8.º fr..... 400
O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... 160
A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol 8.º fr..... 160

A. CEZAR DE LACERDA

Um Risco, c. em 2 actos 160
Scenas de familia, c. em 2 actos. 320
A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240
A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... 360
Uma Lição de florete, c. d. em 3 actos..... 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... 300

Digitized by Google

Coração de ferro, d phantastico em 5 actos..... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... 120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... 160
As joias de familia c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, 1 vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma Victima, d. original em 3 actos..... 160
Dôr e Amor. c d. em 3 actos... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto..... 80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... 160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... 100

I. M FEIJOO

Camões do Rocio. c. em 3 actos. 300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos..... 240
Pedro Cem, c. em 5 actos 300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... 300

E. BIESTER

Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... 480
A Redempção, c d. em 3 actos. 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea..... 200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... 120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos..... 160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... 260

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras c. d. em 3 actos. 360
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d em 3 actos..... 360
Os Dissipadores, c. em 4 actos.. 400
E melhor não experimentar, c. em 1 acto..... 200
Memorias do Coração..... 240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo..... 240
O Marido no Prégo, c. em um acto..... 160
Já não ha tolos!.. c. em um acto..... 80
Não desprese sem saber, c. em um acto..... 120
O Colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... 200
O Juizo do Mundo, c. d. em 3 actos..... 240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... 200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. 200
A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos..... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... 200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN

A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos..... 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza... 1:800

J. C. DOS SANTOS

O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... 240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... 200
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... 200
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... 180
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... 180
Uma chavena de chá, c. em um acto..... 120
Convido o coronel!!... c. em um acto..... 100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, 1 vol..... 360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... 160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto 100
Não envenenes tu, a mulher quiproquo em 1 acto..... 120
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto..... 100

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

A Coróa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda— Les quatre fils Aymon..... 320
A Costureira, c. em um acto.... 100
Erros da Mocidade, c. em 3 actos. 160

Digitized by Google

MANUEL ODORICO MENDES

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.° fr. (com estampas lytographadas)..... 3:000

JULIO CESAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... 140
O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... 200
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... 120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto 160
Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80
Nem todo o mato é oregãos, c. em 1 acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte, drama em 3 actos. 220
O Arrependimento salva, drama em um acto..... 100
Fernando, comedia-drama em 4 actos..... 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um Bico em Verso, scena comica..... 60
O Principe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... 100
Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... 80

JOSÉ BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos..... 180
As duas paixões, c. em 1 acto.. 120

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed..... 720
Cirurgia e medicina 1 vol 360
Camões o Jão, scena dramatica. 100
Addições ao Manual do Tabellião..... 200
Rudimentos de economia politica, para uso das escolas..... 200
Monitoria secreta ou instrucções secretas dos padres da companhia de Jesus..... 80
E' já ministro? aventuras de um Anastacio..... 80
O Mentor da mocidade..... 120
Ensaios poeticos..... 60
Um viagem á Inglaterra, Belgica e França..... 120
Anjo, Mulher, e Demonio, c. d. em 2 actos..... 200
Amor e Amizade, c. em um acto. 80
O amor e o Dever, c. em 3 actos. 240
Amor virgem n'uma peccadora, c. em um acto..... 160
A Cruz, drama em 5 actos..... 320
29 ou Honra e Gloria, comedia de costumes militares em 3 actos..... 300
Tudo no mundo é comedia, c. em 3 actos..... 200
A Conversão d'um Ágiota, c. em 2 actos..... 160
Graziella, drama em um acto.. 100
Os dois irmãos drama em 4 actos. 200
Guia do povo para escolher uma medicina, 1 vol 8.° fr..... 400
As Primaveras—Poesias por Casemiro Abreu, 2.ª ed. 1 vol... 500
Brios Militares, c. d em 1 acto, por J. A. A. Machado..... 100
Origem, e ortographia da Lingua Portugueza, por Duarte Nunes de Liaõ Nova ed. em 1864. 1vol.. 500
Memorias da minha vida, recordações das minhas viagens; por Josefina Neuville. 2 vol 1200
Dois contos por dia, comedia em 3 actos..... 160

NO PRELO

A Conquista das Amazonas, comedia-drama em 2 actos.
A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos.
A creação e o Deluvio, ou o paraizo perdido, peça biblica em 1 quadro e 3 actos.
Deus nos livre de mulheres, c em um acto, ornada de coplas.
Contos de toda a especie.
A caixa de Pandora.
Tres grandes genios.

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

JUL 6 - 1949

Digitized by Google